



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI
MESTRADO EM PSICOLOGIA

MAICON DA SILVA MOREIRA

**A MEMÓRIA SOCIAL DA RELIGIÃO EVANGÉLICA EM PARACAMBI ENTRE
OS ANOS DE 1970 A 2000**

Seropédica, RJ
2019

MAICON DA SILVA MOREIRA

**A MEMÓRIA SOCIAL DA RELIGIÃO EVANGÉLICA EM PARACAMBI ENTRE
OS ANOS DE 1970 A 2000**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, conferido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Área de Concentração em Psicologia.

Orientador: Prof^o Dr^o Ronald Clay dos Santos Ericeira

Seropédica, RJ
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI
MESTRADO EM PSICOLOGIA

MAICON DA SILVA MOREIRA


Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23/01/2019.

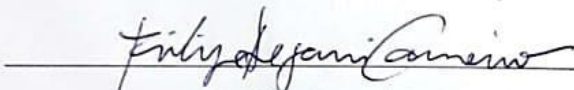
BANCA:



Ronald Clay dos Santos Ericeira, UFRRJ
Presidente



Dr.^a Rosa Cristina Monteiro, UFRRJ
Membro interno



Dr. Filipe Degani Carneiro, UNISUAM
Membro externo

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M835m Moreira, Maicon da Silva, 1986-
A Memória Social da Religião Evangélica em
Paracambi entre os anos de 1970 a 2000 / Maicon da
Silva Moreira. - 2019.
189 f.: il.

Orientador: Ronald Clay dos Santos Ericeira.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Pós Graduação em Psicologia, 2019.

1. Memória Social. 2. Paracambi. 3. Religião
Evangélica. 4. Histórias de Vida. I. Ericeira, Ronald
Clay dos Santos, 1977-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós Graduação em
Psicologia III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, que apesar de não ter estudado e, por isso, não ter conquistado títulos acadêmicos, sempre me incentivou e continua a me incentivar a trilhar este caminho de superação que é estudar em um país tão desigual.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Adonai, o criador de tudo, que de forma muito particular está sempre comigo;

À minha esposa Micheli, por todo amor expresso através de seu cuidado. Obrigado por ter vivido comigo as angústias do fim deste curso, pelos incentivos, pela compreensão de minha ausência. Obrigado por tudo. Eu te amo!

Ao meu filho João Pedro por trazer um novo sentido a minha vida. Papai te ama!

Aos meus familiares (irmãos e sobrinhos) pelo incentivo e palavras confortantes em momentos difíceis ao longo do curso;

A meu orientador Ronald Ericeira por todo apoio, incentivo, cuidado, disponibilidade e parceria durante todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa. Eu não me tornei um Guimarães Rosa, mas aprendi muito com você. Acredite!

Ao corpo docente do PPGPSI/UFRRJ pela troca de conhecimento e respaldo na construção teórico-metodológica deste trabalho;

Aos amigos da turma de mestrado Marco de Oliveira, Clara Diniz, Conrado Padula, Renata Reis, pelas trocas, companheirismo e auxílios em momentos difíceis;

Aos demais amigos do mestrado pela convivência amistosa ao longo do curso;

Aos participantes das entrevistas pela disponibilidade e carinho que demonstraram ao longo dos encontros. Sem dúvida alguma vocês são as joias deste trabalho. Muito obrigado!

Aos professores Rosa Monteiro e Filipe Degani por proporcionarem reflexões e excelentes sugestões na banca de qualificação e na defesa da dissertação. Muito Obrigado!

RESUMO

MOREIRA, Maicon da Silva. **A Memória Social da Religião Evangélica em Paracambi entre os anos de 1970 a 2000.** 2018. P. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

Este trabalho teve o intuito pesquisar a memória social da religião evangélica da cidade de Paracambi, objetivando analisar quais os fatores contribuíram para que a religião evangélica alcançasse maioria de adeptos/fiéis no decorrer do século XX, especificamente entre as décadas de 1970 a 2000. A delimitação temporal se deve ao fato de a cidade ter passado por transformações sociais, econômicas e também religiosas nesse período histórico. Utilizamos como referência teórica a teoria de memória social, sobretudo, na perspectiva de memórias comuns de Celso Sá e memórias subterrâneas de Michael Pollak. Como método de pesquisa nos valem de narrativas orais, por meio de histórias de vida temática. Concluímos que a expansão da religião evangélica na cidade se deu por fatores econômicos e também pelo surgimento de um movimento religioso evangélico chamado Paracambi Para Cristo.

Palavras-chave: Memória Social; Paracambi; Religião Evangélica; Histórias de Vida;

ABSTRACT

MOREIRA, Maicon da Silva. **The Social Memory of the Evangelical Religion in Paracambi between the years of 1970 and 2000.** 2018. P. Dissertation (Master in Psychology). Institute of Education, Department of Psychology, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

The purpose of this study was to investigate the social memory of the evangelical religion of the city of Paracambi, in order to analyze which factors contributed to the evangelical religion reaching the majority of adherents/believers throughout the 20th century, specifically between the 1970s and 2000s. The temporal delimitation is due to the fact that the city has undergone social, economic and also religious transformations in this very historical period. We use as theoretical reference the Theory of Social Memory, especially in the perspective of common memories of Celso Sá and underground memories of Michael Pollak. As a research method we use oral narratives, through thematic life histories. We conclude that the expansion of the evangelical religion in the city was due to economic factors and also to the emergence of an evangelical religious movement called Paracambi Para Cristo.

Keywords: Social Memory; Paracambi; Evangelical religion; Life stories;

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Religiões em Paracambi-RJ (IBGE, 2010)

Tabela 2 - Percentual de Igrejas por Bairro

Tabela 3 - Denominações mais antigas

Tabela 4 - Percentual por Denominação

Tabela 5 - Percentual de Igrejas Missionárias e Pentecostais

Tabela 6 - Percentual de Igreja Pentecostal

Tabela 7 - Percentual de Igreja Missionária

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Série histórico das religiões no Brasil.

Gráfico 2 - Percentual de Evangélico em Paracambi.

Gráfico 3 - Mudanças no campo religioso no Brasil.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Bairros da cidade de Paracambi visitados durante a cartografia.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Antiga Fábrica de Tecidos Brasil Industrial.

Imagem 2 – Procissão em homenagem a padroeira Nossa Senhora da Conceição (padroeira dos operários)

Imagem 3 – Procissão de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da fábrica e dos operários da antiga Companhia têxtil Brasil Industrial.

Imagem 4 – 1ª Igreja da cidade – Igreja Congregacional de Paracambi-RJ. Fundada em 1898. Rua Dr. Nilo Peçanha, nº 222, Centro, Paracambi-RJ.

Imagem 5 – 1ª Igreja Batista em Paracambi – Fundada em 1945 – Rua Dr. Nilo Peçanha, nº 61, Centro, Paracambi-RJ.

Imagem 6 – Igreja Metodista – Fundada em 1954 – Rua Dominique Level, nº 175, Centro, Paracambi-RJ.

Imagem 7 – Assembleia de Deus Alfa & Ômega – Fundada em 1995 – Rua Prefeito Hélio Ferreira, nº 874, Lages, Paracambi-RJ.

Imagem 8 – Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Rua Otto dos Santos, s/n, Lages, Paracambi-RJ.

Imagem 9 – Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Deus Proverá – Rua Almir Alves de Souza, nº 80, Lages, Paracambi-RJ.

Imagem 10 – Igreja Adventista da Promessa – Rua Dep. Romeu Natal, nº 764, Lages, Paracambi-RJ.

Imagem 11 – Arte Visual do Movimento Paracambi Para Cristo.

Imagem 12 – Ex-prefeito André Ceciliano recebendo a chave simbólica da cidade por pastores evangélicos.

Imagem 13 – Evento do Movimento Paracambi Para Cristo.

Imagem 14 – Marcha Para Jesus.

Imagem 15 – Mensagem bíblica escrita em local de grande visibilidade na cidade (morro).

Imagem 16 – Folder de divulgação do Evento Semana Evangélica de 2018.

Imagem 17 – E-mail: Proposta do Evento Semana da Comunhão Cristã.

Imagem 18 – Planejamento Semana Evangélica de 2001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A Teoria da Memória Social	19
Método de Pesquisa	26
Objetivos de Pesquisa	29
Geral	29
Específicos	29
CAPÍTULO 1 – Paracambi: da Fábrica para o Hospício	30
1.1 - O Panorama Nacional e Fluminense	30
1.2 - O Panorama Regional	32
CAPÍTULO 2 – O campo religioso e seus desdobramentos a partir de XVII	47
2.1 – O conceito de campo para Pierre Bourdieu	47
2.2 – O Fenômeno Religioso	50
2.2.1 – A Religião Cristã	52
2.3 – O Protestantismo	55
2.3.1 – Protestantes ou Evangélicos	60
2.3.2 – Os Evangélicos no Brasil	62
CAPÍTULO 3 – O Campo Religioso em Paracambi	70
3.1 – A presença Católica em Paracambi	71
3.2 – A Religião Evangélica em Paracambi	78
3.3 – Cartografia do Campo Religioso Evangélico em Paracambi	80
3.3.1 – Dados quantitativos da cartografia	82
3.3.2 – Dados qualitativos da cartografia	87
CAPÍTULO 4 - Memórias dos evangélicos em Paracambi	94
4.1 – Os interlocutores	95
4.2 – Histórias de Vida dos Evangélicos em Paracambi	97
4.3 – O início na vida religiosa	99
4.3.1 – Conversão e Batismo	100
4.4 – A vida como Evangélico	111
4.4.1 – Atividades na igreja	111
4.4.2 – Experiências Místicas	113
4.4.3 – Movimento Paracambi Para Cristo (PPC)	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
Referências Bibliográficas	136
Anexos	142
Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE)	142
Anexo II – Parecer Comitê de Ética da UFRRJ	144
Anexo III – As Histórias de Vida dos Evangélicos de Paracambi	145

Introdução

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo o estudo da memória social do campo religioso evangélico/protestante¹ da população da cidade de Paracambi, especificamente entres os anos de 1970 a 2000, a fim de compreender quais fatores contribuíram para que este segmento religioso² alcançasse o maior número de adeptos na cidade, contrariando o restante do país de maioria católica.

O município de Paracambi se localiza no interior do Estado do Rio de Janeiro, fazendo parte da região metropolitana conhecida como Baixada Fluminense³. Situada entre as montanhas que o separam do mar, ele fica entre o início da Região Serrana e a região da Costa Verde. Geograficamente situado em um vale, o município faz fronteira com as cidades de Japeri, Engenheiro Paulo de Frontin e Seropédica, onde está instalado o campus principal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Paracambi também é fim de curso para a linha do trem, que faz o percurso Central do Brasil X Japeri, com extensão ferroviária que finda em Paracambi. A emancipação política da cidade se deu no ano de 1960, quando houve o desprendimento territorial definitivo das cidades de Itaguaí e Vassouras, tornando-se então em um município autônomo.

A característica atual do município ainda é de uma cidade do interior, com tímido desenvolvimento econômico e lugar de pouco movimento urbano. Com 80 km de distância da Cidade do Rio de Janeiro, Paracambi demonstra comportamento urbano diferente dessa cidade e das demais que ficam em seu entorno, pois nela não há *boates*, danceterias, casas de *shows*, parques, *shopping Center*, teatros, etc. A propósito, na cidade, ainda há poucos barzinhos, pizzarias e restaurantes e são esses estabelecimentos que formam o ‘pacote’ de distrações do lugar, juntamente com uma sala de cinema que voltou a funcionar há mais ou menos cinco anos.

¹Os termos protestante e evangélico se referem a multiplicidades de igrejas ou denominações que remetem à reforma protestante. Conceitualmente protestante é utilizado para designar as igrejas históricas, as primeiras a chegarem ao Brasil no século XIX, e já o termo evangélico, este passa a ser mais utilizado à medida que o movimento de pentecostalismo se inicia no país. Sendo assim, no Brasil, a distinção empregada para esses termos se limita à análise acadêmica, posto que empiricamente os próprios adeptos da religião se intitulam protestantes e evangélicos ao mesmo tempo. Por este motivo, nesta pesquisa, utilizaremos ambos os termos como sinônimos.

²A religião Cristã Protestante, também chamada de religião evangélica, teve origem na Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero e João Calvino no século XVI (DEGANI, 2013).

³ A Baixada Fluminense é uma região do Estado do Rio de Janeiro que abrange os municípios: Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim e Magé. (<http://baixadafacil.com.br/historia-da-baixada>).

O interesse por estudar a cidade e, especificamente seu campo religioso, surgiu em decorrência de minha observação do cotidiano do lugar, pois ao longo dos anos frequentando igrejas evangélicas locais, identifiquei existir uma singularidade envolvendo o “universo evangélico” se comparado com as demais religiões presentes no território. Então, com o passar do tempo eu pude perceber que, para além de ser mais uma religião na cidade, as igrejas evangélicas se destacavam numericamente e isso impactava também em esfera mais ampla, ou seja, no contexto social citadino.

Após longo tempo refletindo sobre o que foi exposto acima, enveredei-me na literatura sobre a história da cidade, a fim de encontrar possíveis explicações para as singularidades atuais do lugar, sobretudo, o alto número de fieis evangélicos. Para minha surpresa, em nenhum dos textos encontrados havia o enfoque da pesquisa sobre a religião. Apenas um autor, o sociólogo Paulo Keller (1997), dissertou sobre a religião católica no contexto envolvendo a vida dos operários fabris da cidade, pois seu objeto de estudo era entender o cotidiano desses operários. Outrossim, autores como Natal & Natal (1987), Ramos (2004) e Ciavatta (2007) também realizaram pesquisas sobre a cidade. Porém, nenhum deles com enfoque na religião e também na conjuntura contemporânea do município.

Curiosamente, o sociólogo Keller (1997) disse ter havido no início do século XX, alguns conflitos entre os operários católicos e os evangélicos, e também entre estes e a administração da Fábrica Brasil Industrial. Nesses relatos, o autor enfatiza a visão que existia acerca dos evangélicos na época: o segmento religioso não era legitimado e representava a desorganização da ordem social instituída localmente. Com exceção desses relatos, não existe mais nenhuma referência na literatura sobre os evangélicos em Paracambi.

A descoberta desses conflitos e a ausência de detalhes sobre os evangélicos na literatura pesquisada nos fez pensar o campo religioso paracambiense como um lugar com muitos conflitos ao longo do século XX, entre as várias religiões que o compõem. Sobre isso, podemos citar Bourdieu (2003), em sua análise sociológica das estruturas sociais, em que o autor sugere a existência nos campos sociais de um poder considerado simbólico, quase invisível no mundo social e fortalecido quando ignorado.

Esse poder simbólico quando reconhecido é aquele que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que são sujeitos a ele ou que o impõe (BOURDIEU, 2003). Além disso, o poder simbólico é posto em prática de forma sutil e quase imperceptível em vários campos sociais.

Este estudo se debruça na análise do campo religioso de Paracambi, tendo como enfoque a compreensão das alterações nos segmentos religiosos com mais adeptos, ou seja, a mudança majoritária do catolicismo para a religião evangélica. Acreditamos que entender este processo pode contribuir para compreendermos o comportamento de parte da população do município na atualidade.

Com efeito, também em decorrência desse estudo preliminar (NATAL&NATAL, 1987; KELLER, 1997; RAMOS, 2004; CIAVATTA, 2007), percebemos a presença religiosa na região desde antes de ela se constituir enquanto cidade, além de ainda ter sido importante na composição social do lugar ao longo dos anos. Ademais, podemos também afirmar que historicamente a religião atravessou a existência de dois espaços disciplinares⁴ no lugar, a saber: as Fábricas de Tecidos e os Hospitais Psiquiátricos. Estas instituições juntas contribuíram para o desenvolvimento econômico e social do território e marcaram o discurso científico sobre a cidade, pois todas as produções acadêmicas envolvendo o território paracambiense se relacionam com esses dois espaços.

Com relação às fábricas, podemos dizer que elas foram responsáveis pela concentração de pessoas na região hoje compreendida como o município de Paracambi. Na cidade, houve a instalação de três dessas fábricas de tecidos e nelas os moradores investiram as suas vidas: eles trabalharam, estudaram, se divertiram. Sendo assim, ambas as fábricas foram muito mais que apenas locais de trabalho para seus operários, elas foram um meio de vida, uma forma de organizar o contexto social no qual eles estavam inseridos, por isso, seguiam sua ordem vigente.

Notadamente na Fábrica de Tecidos Brasil Industrial, instalada na região em 1870, o domínio imposto pela liderança à classe operária produzia controle social de forma sutil, estabelecendo a disciplina que garantia a ordem vigente desejada pelos diretores/presidentes. A fábrica fornecia a seus operários uma vila de casas e ali eles eram disciplinados conforme interesse dessa gestão, pois tinham hora para acordar e para dormir, tinham que se vestir de acordo com o que era definido por essa liderança, estudavam na escola disponibilizada por ela e também vivenciava sua fé a partir da crença incentivada e legitimada pelos gestores (patronato) fabris, no caso, a religião católica. Essa fábrica esteve em funcionamento por um século e encerrou suas atividades no final do século XX.

⁴Espaço disciplinar é um conceito de Michel Foucault (1926/1984) da obra “Vigiar e Punir” utilizado por nós e será explicado mais à frente.

Nesses termos, podemos sinalizar que o contexto fabril de Paracambi nos remete ao que Foucault conceitua de poder disciplinar: “*A vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar*” (FOUCAULT, 1987, p. 147).

Por sua vez, os hospitais psiquiátricos entraram em cena em um momento diferente em Paracambi, pois a cidade já estava organizada urbanística e geograficamente de acordo com a configuração atual ou pelo menos próximo do que existe hoje, e passava por transformações na esfera social e econômica. O primeiro hospital psiquiátrico (Casa de Saúde Doutor Eiras) foi implantado na cidade na década de 1960, e o segundo hospital (Hospital Paracambi) nos anos de 1970. Eles foram também opção de trabalho em determinado momento da história da cidade e configuravam a existência física da segregação entre os considerados bons e os maus, sendo esses últimos, por exemplos, os pacientes psiquiátricos que eram encarcerados e excluídos da sociedade.

Estruturado historicamente através do modelo biomédico e sendo resultado da segregação social da humanidade, o hospício que configura um modelo de internação, segundo Foucault, permite eliminar aqueles que são heterogêneos ou nocivos, assim como possibilita a separação espontânea dos “a-sociais” (FOUCAULT, 2010). Nessa visão, o hospício cumpriu sua função de segregar pessoas e o louco, que sempre ameaçou a ordem, foi colocado entre paredes para garantir que sua diferença não implicasse em perturbação dos ditos sãos.

[...] O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo (FOUCAULT, 1987, p.143).

Assim, Foucault (1987) também aponta que o poder colocado em prática na “sociedade disciplinar” era sutil e executado a partir da disciplina nos espaços fechados, fabricando corpos dóceis e submissos por meio das regras instituídas. O poder na sociedade disciplinar também se aplica ao hospício, pois nele “o louco” perde sua identidade, tornando-se dócil e se distancia da esfera social, permanecendo em constante vigilância, assim como os operários nas fábricas.

A partir da década de 1970, a participação dos hospitais na esfera econômica da cidade foi impulsionada pela crise envolvendo as indústrias da região, incluindo as fábricas de tecidos. Este processo fez dos hospitais atores fundamentais no enredo chamado “Indústria da Loucura” (GULJOR, 2013) que garantiu a cidade o posto do lugar no país com o maior

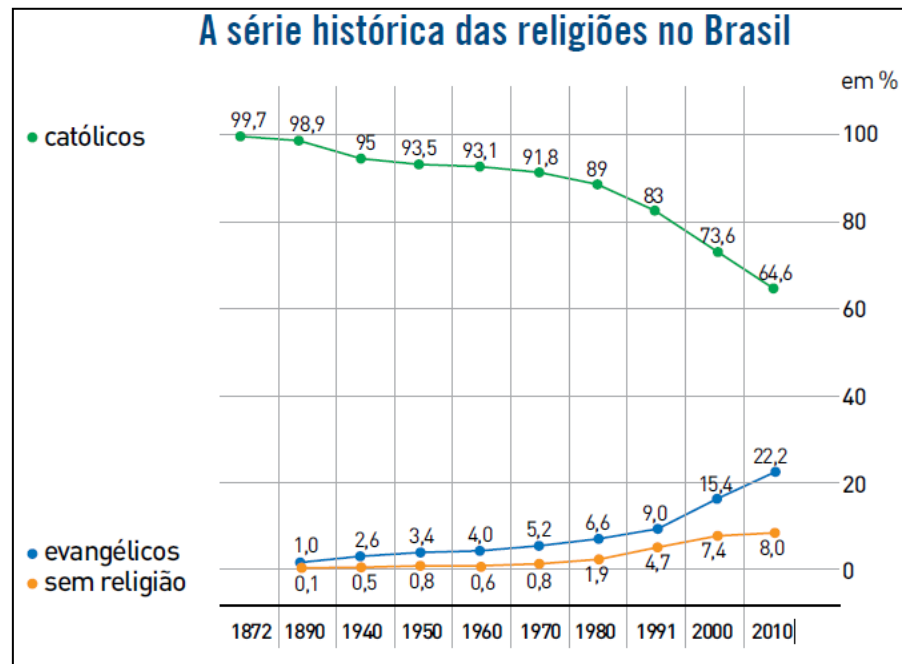
número de benefícios psiquiátricos pelo INSS. Sendo assim, compreendemos que os hospitais psiquiátricos são lugares importantes para a memória da cidade na mesma proporção que as fábricas de tecidos.

Referente à inclusão das fábricas e dos hospícios como objeto de reflexão neste trabalho, é necessário esclarecermos que os dois espaços marcaram a literatura da cidade e a religião católica se fez presente em ambos os locais. Podemos dizer que as fábricas de tecidos reforçaram a presença católica na região e fizeram dela mecanismo de controle de sua estrutura social. Por seu turno, os hospitais tinham forte presença do catolicismo, inclusive, sua administração era realizada por freiras. No entanto, a instalação dos hospitais aconteceu em um período de muitas transformações na sociedade paracambiense, inclusive religiosa, conforme refletimos ao longo deste trabalho.

Especificamente quanto à religião, o Brasil, que é um país historicamente católico, tem sofrido nos últimos anos uma grande mudança no cenário nacional. Na análise dos dez anos que se passaram entre o censo do ano 2000 e o do ano de 2010, o percentual de católicos diminuiu enquanto a população que se autodeclara evangélica aumentou. O percentual de evangélicos do censo de 2010 no Brasil equivale a 22,2% da população totalizando 26,2 milhões de protestantes no país⁵. Como podemos observar no gráfico abaixo, que retrata os dados sobre religiões do último Censo (IBGE, 2010), os evangélicos são o segmento religioso que mais cresceu nos últimos anos.

⁵Reportagem do site <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html> . Acessada em 23/04/2016.

Gráfico 1 - Série histórico das religiões no Brasil



Fonte - Adaptação da reportagem do Jornal O Globo - 30/06/2012.

Concernente à religião em Paracambi, desde os primeiros povoados no local ela esteve presente, mesmo antes de o território se transformar na cidade de Paracambi. Antes das transformações territoriais, parte das terras que atualmente pertencem à cidade compunha no passado a cidade de Itaguaí e sua formação se deu desde o início às implicações religiosas oriundas da igreja católica que geria a antiga fazenda de Santa Cruz (MOREIRA, 2005).

Além disso, as obras mais tradicionais que trabalharam a história do município (NATAL&NATAL, 1987; KELLER, 1997; RAMOS, 2004; CIAVATTA, 2007), relatam de forma incipiente, direta ou indiretamente, fatos envolvendo a religião católica e sua interação na formação da cidade, sobretudo no contexto fabril do final do século XIX e início do século XX, compreendendo-a como parte da heterogeneidade da formação do mundo do trabalho dos antigos operários e moradores de Paracambi. Neste contexto, o catolicismo também é evidenciado como instrumento de resistência dessa mesma população que, conforme já falamos, tinha sua vida organizada socialmente a partir da ordem vigente instituída pela gestão das fábricas.

As transformações no campo religioso da cidade ao longo do tempo e o crescimento da religião evangélica nos fazem refletir sobre o avanço do protestantismo no mundo segundo a visão de Max Weber (1904-2001). É evidente para nós a impossibilidade de transportarmos

toda a teoria do autor para o contexto pesquisado, porque tratamos de contextos diferentes. Entretanto, ela serve para nos fazer pensar principalmente os conflitos entre os “católicos e protestantes” ao longo das mudanças ocorridas na história da cidade.

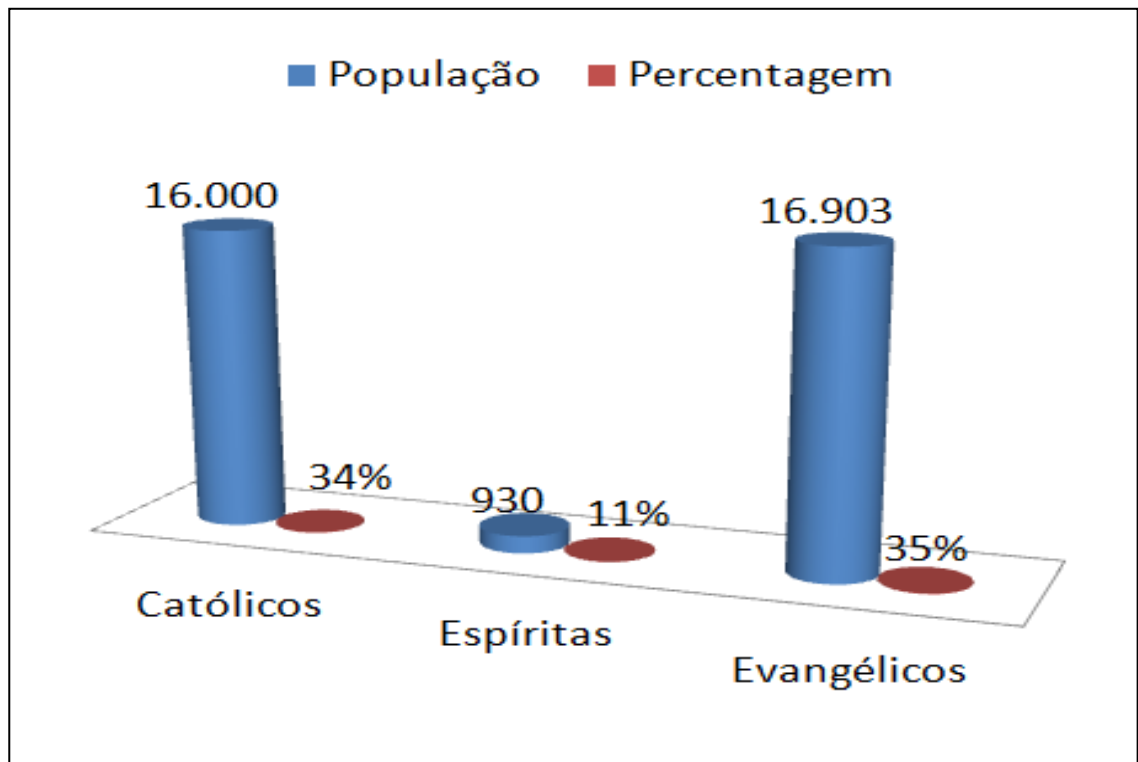
Para Weber (1904-2001), o protestantismo foi mais que um segmento religioso, na verdade, ele esteve atrelado ao desenvolvimento do sistema capitalista no ocidente e isso se deu por diversos motivos, dentre eles, destacamos: sua educação mais técnica; as ocupações voltadas para o campo comercial; a atração pelos trabalhos nas fábricas ocupando cargos de mão de obras especializadas e funções administrativas; e o apego ao trabalho como forma de aproximação com Deus. Em contrapartida, os católicos, preferiam uma educação mais humanista se distanciando do trabalho capitalista, além de preferirem práticas mais tradicionais ou estáveis (WEBER, 1904/2001, p.13/19).

Fazendo um paralelo entre o que diz Weber e o contexto pesquisado por nós, podemos pensar que o mercado de trabalho na cidade de Paracambi por muito tempo (ao longo do século XX) foi propício para o advento do catolicismo. Isso porque as fábricas proporcionavam estabilidade e a vida social seguia um movimento tradicional (casa, família, igreja, emprego), correspondente ao momento histórico da época. Em contraste, os evangélicos também presentes no mesmo contexto, apesar de pouco evidenciados na história, contrapunham a ordem vigente, pois suas práticas de fé esbarravam com os costumes tradicionais vivenciados na época, como por exemplo, o ato de guardar o domingo como “o dia do senhor” e também realizar seus cultos de forma diferente das missas católicas.

Atualmente, o percentual de evangélicos em Paracambi fica em torno de 50%⁶ da população cristã, como mostra a imagem a seguir. Esse dado é relevante, pois há na cidade o histórico de legitimidade social da religião católica e também esse indicador de evangélicos é superior ao percentual nacional (22,2%) conforme o gráfico já apresentado (IBGE, 2010). Assim, entendemos que embora o percentual de evangélicos em Paracambi coincida com o processo de expansão dessa religião no país, o indicador da cidade é mais que o dobro do percentual nacional, o que nos fez cogitar existirem outros fatores locais que justifiquem essa maioria evangélica tão acentuada.

⁶<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paracambi/panorama>. Acessada em 23/04/2016.

Gráfico 2 - Percentual de evangélicos em Paracambi.



Fonte - Censo de 2010 - IBGE.

Pensando a respeito das especificidades da religião evangélica em Paracambi na atualidade, após a leitura da literatura, enfatizamos haver um grande silêncio sobre a religião evangélica no lugar. O único dado identificado referente aos evangélicos, como mencionado anteriormente, foi a obra do sociólogo Paulo Keller (1997), na qual o autor relata alguns conflitos ocorridos entre os adeptos ao catolicismo e os evangélicos no início do século XX. De lá para cá, não houve nenhuma menção ao segmento religioso em questão.

Destarte, tendo em vista que todo o material desenvolvido sobre a cidade pautava-se no catolicismo como sendo religião oficial, enquanto que os evangélicos eram caracterizados como marginalizados no contexto fabril, bem como a ausência de material produzido que explicasse ou fizesse menção ao processo de difusão da religião evangélica na cidade; percebeu-se então uma lacuna para pesquisa acadêmica que se transformou em nosso principal objetivo de análise que foi compreender quais os fatores contribuíram para que a religião evangélica se tornasse o segmento religioso com o maior número de adeptos na cidade.

Além dessa questão inicial, outros alvos também foram incluídos a fim de melhor compreendermos o fenômeno, a saber: analisar as características históricas e sociais do

processo de difusão do protestantismo em Paracambi; relacionar a dinâmica religiosa com fatores econômicos e históricos da cidade, notadamente a partir da década de 1970 com a crise do fechamento das fábricas e o desenvolvimento da cultura manicomial; e identificar nas narrativas mnêmicas os fatores determinantes para a expansão do protestantismo em Paracambi.

Assim, nosso trabalho se propôs analisar memórias do campo religioso evangélico, já que através de narrativas orais nós encontramos uma possibilidade de conhecermos mais sobre os evangélicos em Paracambi e também os possíveis fatores envolvendo o processo de difusão dessa religião na cidade.

Com o intuito de ampliar as discussões sobre o problema de pesquisa apontado neste estudo e organizar o conteúdo dissertado, didaticamente nossa pesquisa está constituída por esta introdução, quatro capítulos e as considerações finais. Na introdução, situamos o leitor sobre o problema de pesquisa e as motivações para sua realização, além de dissertarmos sobre a teoria da memória social, a metodologia empregada e os objetivos de pesquisa (geral e específico); No primeiro capítulo, familiarizamos o leitor com a história da cidade; No segundo capítulo, dissertamos sobre a religião e o campo religioso, detalhando o conceito criado por Bourdieu; No terceiro capítulo, aprofundamos a discussão do campo religioso pesquisado, ou seja, a religião evangélica em Paracambi, além de apresentarmos os dados da cartografia; No quarto capítulo, trabalhamos as narrativas orais colhidas por meio das entrevistas com os interlocutores; e por fim tecemos as considerações finais do trabalho.

A Teoria da Memória Social

A decisão por trabalhar com a teoria da Memória Social se deu em virtude de dois aspectos: o primeiro pelo fato de não existir textos publicados sobre os evangélicos em Paracambi, o que impossibilita a realização de uma pesquisa bibliográfica; o segundo aspecto, se refere à compreensão da teoria em si, pois acreditamos no pressuposto cunhado por Halbwachs (1968/2006) de que as lembranças são coletivas e que recorreremos aos testemunhos de outras pessoas para reforçar ou enfraquecer as nossas lembranças (HALBWACHS, 1968/2006, p.29-30). Portanto, a teoria se adequa à metodologia empregada, assim como aos nossos interesses acadêmicos.

Pioneiros na sistematização da ideia de uma memória coletiva, Maurice Halbwachs e Frederic Bartlett são autores cujas contribuições e originalidades são tidas como base para

releituras até os dias atuais (SÁ, 2005, p. 63). Apesar de suas teorias não terem relação direta, pois o primeiro falava da memória a partir da tradição durkheimiana, compreendendo o sujeito como sendo efeito do comportamento social e tendo limitada sua liberdade pessoal; e o segundo, partindo de uma visão psicossocial, desenvolveu conceitos como o de convencionalização social, que se refere à transformação que um sistema cultural sofre ao ser transferido de um grupo ao outro ou as transformações que um conteúdo mnêmico recebe ao ser exposto em uma nova cultura, ambos reconheciam a importância do social para a construção e funcionamento do pensamento e memória (NAIFF & SÁ, 2007).

O conceito de memória coletiva foi utilizado pelo sociólogo Maurice Halbwachs, no início do século XX (SÁ, 2005; GORDAR, J E DOBELEI, V, 2005) que propôs a interpretação da memória não como processo individual, mas sim, como aspecto coletivo, pois para este autor é com base na memória de outras pessoas que construímos a nossa. Os testemunhos não são suficientes para que uma lembrança seja mantida na memória, pois a lembrança é do grupo e, para que ela se mantenha viva, é necessário haver um acordo entre os fatos rememorados por membros do grupo, a fim de que a lembrança seja recordada em uma base comum (HALBWACHS, 1968/2006).

Segundo Santos (2003), para Halbwachs, a memória nem é individual e nem vinculada ao passado, mas sim, resultados de representações coletivas produzidas no presente e o indivíduo só se lembra de seu passado, na proporção em que se coloca sob o ponto de vista das correntes de pensamentos do seu grupo social (SANTOS, 2003, p. 21; 35). Sendo assim, o passado pode ser uma construção da representação do que se viveu e daquilo que se vive no presente, tornando a pesquisa em memórias um instrumento para compreensão das realidades sociais.

A visão de Halbwachs (1968/2006), consoante já frisado, recebeu influência das teorizações de Durkheim que discutia a questão do predomínio do fato social sobre a esfera individual. Nesses termos, o que difere a obra de Halbwachs com as pesquisas de outros autores como Bergson (1959), que também trouxe grande contribuição para o entendimento sobre a memória, é o fato de Halbwachs ter analisado não a memória em si, mas sim “os quadros sociais da memória” (BOSI, 1994). Para Halbwachs, todos os contextos da vida social deviam ser interpretados como fatos sociais, como, por exemplo, preços, crenças, práticas de consumo, religião, dentre outros, e a consciência do grupo seria resultado das representações coletivas (SANTOS, 2003).

Para Halbwachs (1968/2006), apesar de ser o indivíduo o detentor da lembrança, esta por sua vez, sempre está em constante interação no grupo ao qual esse indivíduo faz parte. Independente de se estar sozinho ou acompanhado, a lembrança sempre será coletiva: “*Não é preciso que os outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem*” (HALBWACHS, 1968/2006, p.30). Além de sempre estarmos acompanhados por alguém através da memória, pois ela é elaborada nos vários grupos a que fazemos parte, segundo Bosi: “*A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo*” (BOSI, 1994, p. 54).

Em Halbwachs, a memória não tem demarcações de tempo como na história, e ela se estende até onde atinge determinado grupo ou até quando esse determinado grupo permanece vivo (HALBWACHS, 1968/2006). Ademais, segundo o autor, nossa memória se apoia na história vivida e não na história aprendida. A história vivida para ele é como um panorama vivo e natural propício para basear pensamentos e conservar e reencontrar o passado (HALBWACHS, 1968/2006).

Por sua vez, o psicólogo inglês Frederic Bartlett (1886/1969) entendia a memória como atributo do sujeito em interação, envolvendo no processo a imaginação, percepção, e pensamento construtivo. Por isso, este autor inaugura a perspectiva psicossocial da memória (SANTOS, 2003). Bartlett, em suas pesquisas, entendeu haver a *matéria da recordação*, que tem relação com o conteúdo lembrado e a importância social da lembrança, e o *modo da recordação*, que significa o como se lembra, que é pessoal, ou seja, subjetivo (BOSI, 1994, p. 65). Diferentemente de Bartlett, Halbwachs compreendia a memória apenas pelo viés social desconsiderando aspectos subjetivos do homem.

É interessante também citar que a percepção, para Bartlett (1959), diferentemente da forma como a psicologia trabalha costumeiramente o conceito, é entendida pelo psicólogo como sendo rememoração. Para este teórico, nós só armazenamos aquilo que tem significado para nós e esse “significado” refere-se a conteúdos já assimilados em nossa memória e damos interpretações subjetivas a esses conteúdos, à medida que preenchemos as lacunas do esquecimento. Esses conteúdos, previamente internalizados por processos de socialização e que influenciam nosso processo de memorização, são chamados por Bartlett de esquemas, os quais possibilitam que as novas percepções sejam utilizadas e reutilizadas, mas tendo sempre como referência o padrão cultural anteriormente estabelecido (SANTOS, 2003).

As concepções de Bartlett sobre memória ao mesmo tempo convergem e se afastam das ideias de Halbwachs, pois Bartlett compreende a lembrança como tendo influência da subjetividade, enquanto que Halbwachs exclui essa possibilidade. No entanto, a importância de Bartlett para os estudos de memória social se equivale a Halbwachs, à medida que ele também considera o aspecto social como elemento participante da construção da memória, mas não se limita a ele, pois a memória é interpretada por este autor a partir da relação indivíduo – meio.

Na atualidade, os estudos em memória social são realizados por autores de diversas áreas e não somente pelos já citados, tornando heterogêneo esse campo de estudo. Assim, existem muitas vertentes do que seria a memória social e essa característica não a desqualifica enquanto teoria social.

De fato, o que existe como campo de estudo da memória social é uma complexa zona de interseções múltiplas, ou seja, uma terra de ninguém, no sentido de que nenhuma das perspectivas que aí habitam prevalece sobre as demais no estabelecimento de uma linguagem hegemônica (SÁ, 2005, p. 64).

Nessa mesma linha de pensamento, para Gordar e Dobelei, a memória social é polissêmica e essa característica não a torna objeto controverso, mas sim, um importante padrão diante do autoritarismo conceitual. Assim, diferentes campos do saber que pesquisam memória são confrontados com questões que ultrapassam seus limites de conhecimento, dando início, então, a formação da memória social enquanto campo teórico específico (GORDAR & DOBELEI, 2005).

Celso Sá (2007) esclarece que existem princípios unificadores do campo da memória social e propõe uma visão geral da teoria para os profissionais da área da Psicologia Social. Segundo esse autor, o primeiro princípio unificador seria o caráter construtivista da memória social que não a interpreta como reprodução das experiências passadas, mas sim como uma construção abarcada pelo presente, pela sociedade e pela cultura. O segundo princípio explica que embora boa parte do que se recorda seja influenciada pelos grupos, pela sociedade, por recursos culturais, ainda assim são as pessoas que lembram. O terceiro princípio unificador defende a memória como resultado da interação e da comunicação entre os sujeitos, por isso para construir, para manter e para atualizar a memória social é necessária a influência mútua entre os sujeitos. O quarto princípio unificador diz que não há como separar memória social e pensamento social, pois o que se sabe do passado está sempre entrelaçado com aquilo se sabe sobre ele. O quinto princípio fala que interesse e sentimento são importantes para construção

da memória social, pois eles influenciam os conteúdos que a memória exhibe em um ou outro momento/lugar (SÁ, 2007).

Os princípios unificadores que Sá (2005) aponta são importantes para a compreensão da participação subjetiva dos sujeitos no processo de lembrar e fortalece a concepção de que a Psicologia tem muito a contribuir com as pesquisas em memória social. Todavia, o autor também propõe uma classificação que abrange as perspectivas teórico-conceituais do campo da memória social, sendo definidas seis classes principais que ele faz questão de colocar no plural em virtude da variedade de fenômenos e objetos estudados pela psicologia social (SÁ, 2005). A seguir, explicamos resumidamente essas classificações:

- a) Memórias pessoais: estão vinculadas à história de vida subjetiva de cada indivíduo. Apesar de individuais, essas memórias são compreendidas como resultado dos processos sociais nos quais o indivíduo se insere;
- b) Memórias comuns: são aquelas compartilhadas por certo número de indivíduos, mas que não interagem a ponto de a mesma ser elaborada pelo grupo como sendo memória coletiva, por isso, conceitua-se como memórias comuns. O autor menciona, segundo Jedlowski (2000), para quem este tipo de memória é cada vez mais presente na sociedade em decorrência dos meios de comunicação que têm proporcionado homogeneização das memórias;
- c) Memórias coletivas: são memórias propriamente ditas no termo cunhado por Maurice Halbwachs, ou seja, memórias elaboradas através da interação dos grupos sociais. O termo coletivo costumeiramente é substituído por social em virtude da amplitude que este segundo condiciona.
- d) Memórias históricas: caracterizada pela interface do conceito de memória com a história. As memórias históricas se dividem em memórias documentais e memórias orais.
 - Memórias documentais: estão disponíveis em diversos meios e formatos, desde documentos oficiais a revistas e jornais velhos, bem como fotografias. Todavia, o documento em si só se torna “memória documental” quando utilizado para rememoração, do contrário, é apenas um documento.
 - Memórias orais: se caracterizam pelas escritas recentes das chamadas histórias orais, portanto podem ser chamadas de memórias da história. São utilizadas em virtude da ausência de fontes documentais e tem sido aplicada para explorar

àqueles que por muito tempo não foram objetos da história oficial, portanto, não estão inclusos nos materiais publicados cientificamente;

- e) Memórias práticas: se manifestam na forma performática através do corpo humano, sejam por meio de rituais ou práticas corporais. O autor cita um exemplo para este tipo de memória que se traduz no ato de se ajoelhar que não significa propriamente dito um ato declarativo de submissão, mas sim uma forma de através do corpo o sujeito se apresentar com sua predisposição para se submeterem a algo.
- f) Memórias públicas: podem ser consideradas como memórias políticas, ou seja, memórias que estão disponíveis a todos no sentido democrático. São usadas pelo meio de comunicação de massa, tornando público aquilo que pode ser lembrado, assim como esquecido. Sá (2005) cita que esta classificação foi publicada por Jedlowski explicando a utilização da memória pública como meio de desenvolver a responsabilidade coletiva e a mobilização em defesa dos direitos humanos.

Após a descrição acima, algo precisa ficar claro: Sá (2015) menciona que a lógica taxionômica apresentada não pode ser levada a cabo, pois o conceito de memória social é amplo, complexo e as classificações se entrelaçam. Assim, essa classificação contribui para o melhor entendimento dessa teoria, mas tais categorias não são excludentes entre si, pois a memória social é formada por memórias pessoais e comuns, assim como, as memórias comuns e pessoais são fragmentos de memórias sociais, e assim sucessivamente nos demais tipos.

Em decorrência disso agregamos a essa classificação o conceito de memórias subterrâneas de Michael Pollak (1989). Segundo este autor, o que Halbwachs chama de memória social é na verdade memória nacional, pois seria o discurso hegemônico ou a memória oficial transcrita e repassada de geração em geração por meio da História. Por sua vez, as memórias subterrâneas seriam aquelas deixadas de lado ou foram silenciadas, por pertencerem às camadas excluídas da sociedade, portanto, mal quista em uma amplitude social mais hegemônica e conservadora.

Por serem reprimidas, as memórias subterrâneas não são encontradas em fontes documentais, como em livros históricos, por exemplo, mas são acessadas por meio de pesquisas com narrativas orais, tal como estamos empreendendo neste estudo. Assim, ao emergir do espaço subterrâneo, essas memórias reivindicam suas posições e seu espaço frente às narrativas contadas oficialmente.

Outro aspecto enfatizado por Pollak (1989) é a diferença entre esquecimento e silêncio: “*O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente ao excesso de discursos oficiais*” (POLLAK, 1989, p. 5). Portanto, quando um determinado conteúdo não surge nos fragmentos de memórias de um grupo, isso não significa que ele foi esquecido por eles, mas sim, pode estar em silêncio, aguardando o momento certo ou uma oportunidade para emergir e contrastar a memória oficial.

Cabe também clarear que da classificação empregada por Sá (2005), utilizamos nesta pesquisa a concepção de memórias comuns. Isso porque os participantes do estudo são moradores da cidade de Paracambi, porém não interagem ou compõem o mesmo grupo, a fim de elaborarem os acontecimentos como uma memória coletiva, segundo as concepções tradicionais de Halbwachs (1968/2006). Como mencionado, as memórias comuns tornam-se mais acessíveis contemporaneamente, em virtude do movimento de informações que perpassa a sociedade.

Outrossim, também nos valem do conceito de memórias subterrâneas cunhado por Pollak, pois ao entrevistarmos moradores da cidade de Paracambi e utilizarmos suas narrativas orais para compreendermos o campo religioso da cidade, estamos dando voz a uma camada da sociedade esquecida, ou, nos moldes de Pollak, subterrânea. Ao proporcionarmos a emergência das memórias dos evangélicos, estamos confrontando a memória oficial da cidade ou trazendo uma nova forma de interpretar o contexto social em questão.

Do ponto de vista epistemológico da História, área também com interesse nas discussões acerca da memória, inclusive, nas aproximações e nos distanciamentos entre ambas as teorias, há autores como Le Goff, que compreendem a memória coletiva como característica de povos que antecederam a escrita, tendo seu desenvolvimento culminado em uma ciência contemporânea, no caso, a História (LE GOFF, 1990, p. 431-438). Contrapondo essa visão, para Halbwachs (1968/2006), História e Memória são conceitos que não se confundem, ou seja, são diferentes. O autor diz que a História é uma compilação de fatos que ocupam espaço em nossa memória e esta em si é uma corrente de pensamento contínua. A memória é viva, está em constante construção, ou seja, em movimento.

Aqui é necessário frisarmos que nosso objeto de pesquisa se pauta em memórias e não em histórias, embora seja possível encontrar similaridades entre ambos os campos de conhecimento, e também de nos utilizarmos de informações históricas ao longo da dissertação. Todavia, é pertinente ficar claro que todo o conteúdo apresentado neste estudo a

partir das lembranças dos participantes, são fragmentos de memórias em constante movimento, portanto, se configuram partes de uma corrente de pensamentos sobre o segmento religioso pesquisado.

Ademais, esta pesquisa se traduz como resultado da análise do pesquisador sobre os fenômenos observados. Isto é, os participantes são considerados interlocutores, pois contribuem com a pesquisa à medida que nos fornecem seus fragmentos de memórias para criarmos com eles um novo enredo, envolvendo a religião evangélica em Paracambi. Nossa interpretação das memórias se faz necessária, pois conforme Sá (2005) a memória coletiva não segue uma lógica racional tampouco linear, por isso, às vezes, é necessário juntar informações desconexas do passado para melhor entender os fatos. Do mesmo modo, segundo (ERICEIRA, 2006, p.34): “... *trabalhar com memórias é lidar com lacunas, com os vaivéns de pensamentos, com os silêncios de momentos dolorosos e a seleção das narrativas das ocasiões prazerosas*”. Portanto, os conteúdos apresentados são resultados da análise e interpretação das narrativas, da pesquisa bibliográfica e do processo cartográfico.

Método de pesquisa

Um problema sozinho não pode culminar em uma investigação científica, porque para tornar-se uma pesquisa, é necessário também um método de investigação que dê conta da análise proposta pelo pesquisador. De acordo com Moura (2005, p. 8), o método de pesquisa deve ser coerente com a fundamentação e a análise da literatura. Sendo assim, por não haver material produzido sobre nosso problema de pesquisa oriundo de fontes documentais, utilizamos o método de história de vida para através das memórias dos entrevistados compreendermos o campo religioso da cidade.

A abordagem qualitativa de história de vida não é recente nas pesquisas das ciências sociais e humanas, ela teve seu início academicamente através da escola de Chicago nos Estados Unidos da América (EUA), no início do século XX (SPINDOLA; SANTOS, 2003, P.121; TINOCO, 2015, p. 3).

O método escolhido se justifica, pois através do mesmo conseguimos perceber não somente detalhes do entrevistado, mas também compreender as regras e funcionamento do grupo social (TINOCO, 2015, p.4). Segundo Pereira de Queiroz (1988, p. 20), o interesse do pesquisador está em apreender alguma coisa além do caráter individual do que é narrado pelo entrevistado e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence.

Conceitualmente, Tinoco compreende o método história de vida por duas formas: total ou temática ou parcelar (TINOCO, 2015, p. 5). Ao se utilizar do método de história de vida total, o pesquisador tem acesso a detalhes da vida dos entrevistados de forma mais abrangente, o que difere da história de vida temática que trabalha com um recorte da vida do depoente.

Para Pereira de Queiroz, toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos. Isso significa que, ao narrar sua história, o entrevistado está depondo sobre o que já presenciou, experimentou ou conheceu. A autora concebe a técnica de depoimento como sendo menos ampla que a de história de vida, uma vez que os depoimentos são objetivos e conduzidos especificamente pelo pesquisador em busca do essencial para sua pesquisa (PEREIRA DE QUEIROZ, 1988, p.21). A concepção de Tinoco sobre uma história de vida temática se assemelha a de Pereira de Queiroz (1988) em relação aos depoimentos.

Nesse estudo, utilizamos a técnica que Tinoco (2015) chamou de história de vida temática e Pereira de Queiroz chamou de depoimentos, ou seja, uma abordagem mais direcionada a um tema em específico. Pautado nisso, esclarecemos que nosso estudo se caracterizou por ser qualitativo, exploratório e empírico, porque explorou a memória do campo religioso da cidade de Paracambi através de memórias de voluntários entrevistados e se pautou em leituras de textos publicados cientificamente sobre o tema, bem como realizou pesquisa de campo para ampliar nossa análise.

Convém esclarecer que a realização da pesquisa se deu em quatro etapas: No primeiro momento nós nos aprofundamos na literatura teórica de memória social e também nos textos publicados sobre a cidade. No segundo momento, de forma complementar, nós fomos a campo para realizamos o processo cartográfico. No terceiro momento, buscamos coletar o máximo de informação nos encontros com os participantes, ou seja, o momento foi para a reconstrução das memórias dos interlocutores. E no quarto e último momento, nós analisamos todo o conteúdo apreendido ao longo da pesquisa, sempre fazendo referência ao texto e ao contexto pesquisado.

As reconstruções das histórias de vida se deram a partir das entrevistas com os interpretes, que nos detalharam seu conhecimento e suas experiências acerca da religião evangélica na cidade de Paracambi. Colhemos as histórias de vida de forma livre, evitando interferências nas narrativas dos participantes. Todavia, quando o informante desviava o foco do depoimento, ou seja, falava de assuntos que não tinham relação com a religião, havia nossa interferência por meio de perguntas abertas e em muitos casos também fechadas.

O encontro com os interlocutores se iniciou antes mesmo da data marcada com eles. Seguindo a orientação de Bosi referente ao relacionamento construído entre pesquisador e depoente, antes mesmo do dia da entrevista fizemos questão de mantermos contato, seja por telefone, seja por mensagem de texto, para criarmos um *rapport* e isso contribuir no processo de rememorar. Segundo Bosi (1994) “[...] *lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho*” (BOSI, 1994, p. 55). Logo no primeiro encontro, foi entregue um exemplar do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e explicadas todas as informações aos participantes. Além disso, em todos os encontros, utilizamos um gravador de voz e após a entrevista o conteúdo foi transcrito pelo pesquisador.

Ao longo das entrevistas, percebemos nas narrativas muitas lembranças confusas e nosso objetivo não foi avaliar a veracidade delas, mas sim, identificar pontos de convergência que indicasse um ponto a mais na construção do discurso. Nossa prática se sustentou no pressuposto de que o depoimento de um informante-chave não segue uma linha objetiva, muito porque as narrativas orais tornam comuns os vaivéns de pensamentos (ERICEIRA, 2005).

Após as entrevistas, foi realizada a análise das narrativas, interpretando o conteúdo elaborado através do referencial teórico mencionado. A análise se deu a partir da identificação de pontos de saturação nas narrativas dos interlocutores que, segundo Tinoco, se constituem por repetições de ideias e posições (TINOCO, 2015). Os pontos de saturação funcionam como base para selecionarmos as categorias a serem analisadas na pesquisa, ou seja, a categorização foi realizada por meio do processo de definição das ideias que simbolizaram os fatos lembrados por diversos participantes (saturados) no desenrolar dos discursos. Através das categorias construímos pontos de discussões, além de dissertarmos descritivamente sobre as lembranças rememoradas e entrelaçamos as narrativas com o referencial teórico, desviando o aspecto biográfico da atividade para nos aproximarmos de um cenário propício à análise psicossocial das memórias coletadas.

Quanto ao perfil dos participantes da pesquisa, as entrevistas foram realizadas com cinco pessoas idosas e de meia idade que tiveram contato direto com a religião evangélica na cidade. Compreendemos as pessoas de meia idade como sendo aquelas que estão entre 35 e 45 anos de idade, e os idosos aqueles que possuem mais de 65 anos de idade. Ao todo entrevistamos cinco interlocutores, sendo duas mulheres e três homens.

Concluindo este tópico, para encontrarmos os participantes adequados à pesquisa, trabalhamos semelhante à técnica conhecida como “bola de neve” ou “*snowball*”, dada também como estratégia por conveniência, que seleciona um informante-chave dentro do perfil desejado, nomeado de semente, e após sua participação auxilia na localização de outros participantes dentro do mesmo perfil (VINUTO, 2014, p.203).

Objetivos de Pesquisa

Geral:

- Analisar a memória social da religião protestante da população de Paracambi, a fim de compreender quais fatores contribuíram para que ela se tornasse o segmento religioso com o maior número de adeptos na cidade.

Específicos:

- Analisar as características históricas e sociais do processo de difusão do protestantismo em Paracambi;
- Relacionar a dinâmica religiosa com fatores econômicos e históricos da cidade, notadamente a partir da década de 1970 com a crise do fechamento das fábricas e a desenvolvimento da cultural manicomial.
- Identificar nas narrativas mnêmicas os fatores determinantes para a hegemonia do protestantismo em Paracambi.

Capítulo 1 Paracambi: Da Fábrica para o Hospício

1.1 - O Panorama Nacional e Fluminense:

Pesquisar e escrever sobre a memória de Paracambi⁷, para compreender um grupo específico presente na formação social da cidade, no caso os evangélicos, é voltar ao passado da história do Brasil, especificamente do Estado do Rio de Janeiro, a fim de analisar aspectos que ainda não foram explorados na literatura.

Para colocar este trabalho em prática, se faz necessário pensar em hipóteses diferentes das levantadas até então por outros pesquisadores, e buscar por vestígios que contribuam para compreensão do comportamento humano religioso no lugar. Seria esmiuçar o conteúdo disponibilizado por outros pesquisadores e conseguira contribuição de quem vive ou viveu tal realidade para construir cientificamente um panorama do contexto social.

O início da história de Paracambi, de acordo com a historiografia da cidade (NATAL & NATAL, 1987; KELLER, 1997; RAMOS, 2004; CIAVATTA, 2007), remonta ao período conhecido historicamente como Brasil Império que atravessou século XIX, iniciado com o reinado de D. Pedro I (1798-1834) e terminado com o reinado de D. Pedro II (1825-1891). O Segundo Reinado no Brasil, período de governo do imperador D. Pedro II, foi marcado por transformações sociais, políticas e econômicas e iniciado com a coroação do imperador através da aprovação do projeto da Lei da Maioridade, também conhecido como Golpe da Maioridade (1840), permitindo que ele assumisse o trono aos 14 anos de idade. A coroação do novo imperador teve como objetivo centralizar o poder, uma vez que desde a abdicação de seu pai, D. Pedro I, o país vivia em crise política e com surgimento de vários movimentos contestatórios e revoltas civis.

Em decorrência do advento do capital industrial em quase todos os continentes, o Império herdou uma crise econômica e este processo fez com que houvesse mudança no modelo econômico até então de base escravista, contribuindo para o aquecimento do comércio interno, impactando a economia e o contexto social.

Com o surgimento da economia industrial, um novo fenômeno torna-se presente no cenário do Império, aos poucos a economia deixa de ser agrária e passa a ser comercial e urbana. Historicamente, o Brasil teve sua economia pautada no contexto rural e isso se deve ao fato de Portugal ter utilizado a colônia apenas para fins exploratórios, priorizando a

⁷ Paracambi é uma palavra de origem indígena e significa “Macaco Pequeno ou Rio Macaco”.

extração de bens naturais em detrimento do crescimento econômico de cidades (HOLANDA, 1936/1995).

O período de fortalecimento de produção do café (segunda metade do século XIX) contribui sobremaneira para o fortalecimento da cidade enquanto novo modelo de vida no país, em comparação à forma até então predominante, o rural. Segundo Holanda: “As cidades, que outrora tinham sido complementos do mundo rural, proclamaram finalmente sua vida própria e sua primazia” (HOLANDA, 1936/1995, p. 172). A terra neste período deixa de ser o modo de vida para tornar-se o meio de vida, fonte de renda, os centros rurais transformam-se em colônias das cidades.

Em 1888, ocorre no país a Abolição da Escravidão⁸, e em 1889, a Proclamação da República do Brasil. Tais fatos são importantes econômica e socialmente, pois o fim da escravidão significa o rompimento de um modelo econômico presente no país desde o início de sua colonização e suas consequências sociais ainda hoje são sentidas por camadas da população no país. Segundo Sérgio Buarque de Holanda:

Se a data da Abolição marca no Brasil o fim do predomínio agrário, o quadro político instituído no ano seguinte quer responder à conveniência de uma forma adequada à nova composição social. Existe um elo secreto estabelecendo entre esses dois acontecimentos e numerosos outros uma revolução lenta, mas segura e concertada, a única que, rigorosamente, temos experimentado em toda a nossa vida nacional (HOLANDA, 1936/1995, p. 171).

A indústria maquinofatureira nasce no Brasil concomitantemente ao apogeu da produção cafeeira, e segundo Prado Junior, inicialmente esbarram com questões que dificultam o seu estabelecimento. Há deficiência de fontes de energia, falta de uma siderúrgica e carência de mercado consumidor, agravada também pela ausência de transportes que pudessem ligar os vários pontos do país que é amplo (PRADO JUNIOR, 1945/2006). No entanto, houve também vantagens, como, por exemplo, em decorrência da crise econômica tornou-se mais barato incentivar a produção nacional, produzir material necessário, no caso o algodão, e por fim a mão de obra barata. Em decorrência da necessidade de produção de algodão, a maquinofatura no Brasil se inicia com as indústrias têxteis (PRADO JUNIOR, 1945/2006) e as linhas férreas ao mesmo tempo em que proporcionaram crescimento da produção cafeeira, também contribuíram para seu declínio.

⁸ A Inglaterra foi o país que encabeçou o movimento contra o tráfico negreiro e em 1807, aboliu o tráfico em suas colônias. Sob sua influência todos os países escravistas do mundo aderiram ao movimento e Portugal e Brasil foram os que mais resistiram (PRADO JUNIOR, 1945/2006, p. 105).

A Primeira e a Segunda Guerra Mundial também foram importantes para o fortalecimento da indústria no Brasil, pois empresas estrangeiras se instalaram no país (PRADO JUNIOR, 1945/2006). Apesar do apogeu das indústrias estrangeiras, as indústrias nacionais no decorrer da história passaram por momentos de ascensão e declínio e muitos deles devido às próprias guerras que tornavam escassos os produtos importados, exigindo produção nacional para suprir a necessidade.

Quanto à cidade do Rio de Janeiro, desde a chegada da família real portuguesa, ela foi considerada Capital Imperial, recebendo investimentos para suprir as necessidades da corte que tinha migrado de Portugal para o Brasil. Durante o período do Segundo Reinado, a cidade passou por transformações urbanísticas importantes, como por exemplo, a construção da linha férrea D. Pedro II (1858), ou seja, aos poucos sua característica rural foi sendo alterada constituindo-se urbanisticamente para mais tarde se consolidar como uma capital urbana.

Os anos subsequentes à implantação da República do Brasil foram prósperos para as indústrias, pois com a mudança do governo houve maior incentivo à produção nacional, em comparação com o governo monárquico conservador. No primeiro censo realizado em 1907, no país existiam 3.258 estabelecimentos industriais, sendo 33% deles localizados no Distrito Federal (Rio de Janeiro – capital da república), acrescido de 7% do Estado do Rio de Janeiro, 16% localizados em São Paulo e 15% no Rio Grande do Sul (PRADO JUNIOR, 1945/2006, p.197).

Boa parte das transformações citadas anteriormente sobre o movimento migratório do campo para a cidade foi vivenciado em território carioca. Além disso, não havia na época facilidades suficientes para duplo domicílio, ou seja, morar na cidade e no campo. Sendo o campo o local onde o sustento era extraído, a cidade se esvaziava e a vida no campo, ou seja, nas grandes fazendas, tornava-se intensa (DELGADO DE CARVALHO, 1990).

1.2 - O Panorama Regional

Sobre a cidade de Paracambi, é fundamental conhecer sua formação territorial para compreensão histórica do município, pois a cidade não surgiu de forma isolada, mas sim, de recortes de outras localidades, ou seja, de territórios que com o passar do tempo foram recebendo novas demarcações e assim estabelecendo novas fronteiras.

Apesar de haver mais pesquisas envolvendo as fábricas de tecidos, a literatura pesquisada (NATAL&NATAL, 1987; KELLER, 1997; RAMOS, 2004; CIAVATTA, 2007)

trabalha os fatos históricos da cidade de forma dispersa, ou seja, dando pouca atenção à compreensão da formação territorial inicial do município. Não obstante essa dispersão na literatura, ela nos possibilita interpretar o estabelecimento inicial de pessoas na região como fato anterior às fábricas de tecidos e caracterizado pela junção de dois territórios já com fronteiras delimitadas no Estado do Rio de Janeiro. Esse fato apresenta mais particularidades acerca dos acontecimentos anteriores às instalações fabris na região e corrobora para a interpretação de comportamentos sociais já existentes no lugar, principalmente relacionados à religião.

Há convergência entre os autores citados no parágrafo anterior de que a cidade de Paracambi foi formada da junção do 7º (sétimo) distrito de Vassouras e do 3º (terceiro) distrito de Itaguaí, tornando-se, então, parte da história dessas outras duas cidades. Dividida por um rio, chamado de “Rio dos Macacos”, existia do lado esquerdo da cidade a parte industrial, de posse da atual Itaguaí, e do lado direito, à área comercial, de posse da cidade de Vassouras. Itaguaí e Vassouras compunham no passado as terras da antiga Fazenda Nacional de Santa Cruz, administradas pelos padres jesuítas antes de serem expulsos da colônia. Em nota sobre a monografia de Viana, Keller informa que as terras da antiga Fazenda Imperial abarcavam a zona rural do bairro de Santa Cruz e demais cidades vizinhas, como, por exemplo, Paracambi, Vassouras, Itaguaí, Rio Claro, Nova Iguaçu, Piraí, Barra do Piraí, Paulo de Frontin e Mendes (KELLER, 1997, p. 23).

Por sua vez, Moreira (2005) diz que parte da Zona Sul Fluminense e a Zona Oeste do Rio de Janeiro compunha a antiga Fazenda de Santa Cruz, incluindo neste território a cidade de Itaguaí, Paracambi, Nova Iguaçu, Barra do Piraí, Volta Redonda, Piraí, Vassouras, Mendes e Paulo de Frontin. Quanto à cidade de Itaguaí, no passado, ela tinha uma vasta municipalidade, abrangendo várias cidades vizinhas, como, por exemplo, Seropédica (antes Nossa Senhora da Conceição do Bananal), as freguesias de Mangaratiba (atualmente sede de município), Marapicu (depois parte de Nova Iguaçu), Santa Cruz (localizada no município do Rio de Janeiro) e Paracambi (ex- povoado São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages – Primeiro povoado da região de Paracambi) (MOREIRA, 2005).

Sendo a região de Paracambi dividida pelos distritos de Vassouras e Itaguaí, existia na região dois povoados, quais sejam: Macacos e São Pedro e São Paulo. Macacos situava-se onde hoje é o centro da cidade, próximo da antiga Fábrica de Tecidos Brasil Industrial e parte de Vassouras. Já o povoado São Pedro e São Paulo seria mais próximo da cidade de Itaguaí, por isso, situa-se no caminho entre Paracambi e Seropédica.

Ramos (2004), em seu livro organizado a partir de relatos de moradores da cidade, citou o comentário de América Ferreira Zanella, moradora da cidade entrevistada por um dos colaboradores do livro, e este é interessante à medida que se torna uma fonte primária através das memórias da depoente e serve para reafirmar o início da existência do povoado pouco mencionado na literatura.

[...] Meu avô, Sr. Pedro Jose Soares, nasceu no povoado de Macacos, que se chamava São Pedro e São Paulo, tal povoado era localizado hoje no quartel. Filho do dono da “Fazenda dos Soares” com uma escrava, recebeu o mesmo nome do pai. Com nove anos trabalhou como pedreiro na construção da Fábrica Brasil Industrial, desde seu alicerce. Seus construtores eram Ingleses e Franceses. Daí é que veio a Olaria da Fazenda do Sabugo, onde eram produzidos os tijolos para a Fábrica.” (RAMOS, 2004, p.23).

Em 1820, São Pedro e São Paulo (Paracambi) foi reconhecido como povoado de Itaguaí (NATAL & NATAL, 1987) e, em 11 de fevereiro de 1822, Itaguaí alcançou sua municipalidade (MOREIRA, 2005), fato esse ocorrido 138 (cento e trinta e oito) anos antes de Paracambi se tornar um município independente, que ocorreu somente em 08 de agosto de 1960. Ramos (2004) menciona que, em 1911, Paracambi, ainda dividida entre Itaguaí e Vassouras, era conhecida como 3º (terceiro) Distrito de Itaguaí chamado de Paracambi e o 7º (sétimo) Distrito de Vassouras como sendo vila e chamada de Macacos. Em 1915, o 7º (sétimo) Distrito passou a chamar-se Vila de Paracambi e posteriormente Vila Taireté (RAMOS, 2004).

Mesmo antes de haver a instalação de fábricas de tecido na região de Paracambi, o povoado de Macacos já era utilizado como rota de passagem da produção agrícola das cidades de Vassouras e Valença (KELLER, 1997), cidades essas que junto com Paracambi e outras cidades do entorno fazem parte da região fluminense do Estado do Rio de Janeiro, denominada de Vale do café.

Além de lugar de passagem, Macacos também recebeu a instalação de uma linha férrea (1861) que fazia conexão a cidade à estação de Belém, atual Japeri, que era estação terminal da estação D. Pedro II, atual Central do Brasil, situada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o povoado de Macacos, ao longo do tempo se apoiou na economia de base capitalista e industrial, enquanto que o povoado São Pedro e São Paulo permaneceu como sendo agrícola, o que pode ter contribuído para seu esvaziamento.

Referente à economia, no decorrer da história da cidade, existiram em Paracambi vários estabelecimentos que contribuíram economicamente para o desenvolvimento da cidade

e, levando em consideração as pesquisas existentes com enfoque específico nas fábricas de tecidos, compreendemos haver muitas informações ainda desconhecidas sobre a cidade.

Em relação a esses estabelecimentos, identificamos alguns na literatura, como, por exemplo: a Fábrica de Tecidos Brasil Industrial (1870); Fábrica de Dinamites (1886) que depois se tornou uma cervejaria; Companhia Tecelagem Santa Luísa (1891); Fábrica de papelão e Juta (1924) que depois se tornou a Fábrica de Tecidos Maria Cândida (1927); Fábrica de Parafusos Benfica Ltda (1950); Siderúrgica Lanari S/A (1954); Hospitais Casa Saúde Dr. Eiras (1960); Indústria de Arame Paracambi (1962); *Crown* Embalagens de *Whisky* (1979); Fábrica de Bijouterias Nicola Alfano (data de início desconhecida); Hospital psiquiátrico Paracambi (1979); fazenda do Sabugo, dentre outros de menor impacto econômico. É interessante frisar não haver detalhes sobre todas as empresas citadas e isso reforça a ênfase nas pesquisas acadêmicas, envolvendo as fábricas de tecidos e o hospital psiquiátrico.

Como visto, podemos dizer que economicamente Paracambi possuiu diversos empreendimentos que serviam como opção de trabalho para os moradores. Algumas empresas são mais presentes na literatura, provavelmente por terem sido pioneiras no processo de desenvolvimento da localidade e por terem oferecido maior número de oportunidades profissionais para a população, como é o caso da Fábrica de Tecidos Brasil Industrial. No entanto, é importante frisar que de todas as outras empresas citadas anteriormente, a que possuímos mais conteúdo para detalhamento é a Fábrica Brasil Industrial¹⁰. Isso se deve também ao fato de ela ter atravessado o século XX em funcionamento.

Dois aspectos são interessantes para fazer refletir a cerca da história da cidade. O primeiro é o fato de ela ter ficado marcada historicamente por sua tradição na produção têxtil. O segundo se refere ao investimento em saúde mental. Como mencionado na introdução deste trabalho, a cidade teve a instalação de três fábricas de tecidos e dois hospitais psiquiátricos que juntos impulsionaram a economia do lugar durante muitos anos.

Cabe-nos aqui mencionar as fábricas de tecido por sua importância e também por terem sido objetos de estudo de outros pesquisadores, o que de fato, garante acesso a textos acadêmicos já produzidos para análise. Todavia, não faremos distinção entre as fábricas, pois há mais semelhanças que diferenças em seus modos de funcionamento.

A Fábrica de Tecidos Brasil Industrial foi instalada no povoado de Macacos em 1870, junto à estação de trem construída em 1861, e teve início de suas atividades em 1871. É certo que a instalação da fábrica mudou o rumo dos povoados próximos a ela, como é o caso do

povoado São Pedro e São Paulo, que deixou de existir tendo seus moradores migrados para o então povoado de Macacos, distante seis quilômetros, situado onde hoje é considerado centro da cidade de Paracambi. É importante compreender o processo migratório do povoado São Pedro de São Paulo para o povoado de Macacos também como uma referência para a prática católica da população, inclusive, a igreja Católica Matriz construída no centro de Paracambi recebeu como Padroeiro São Pedro e São Paulo.

Imagem 1 - Antiga Fábrica de Tecidos Brasil Industrial.



Fonte - Acervo pessoal de Paulo Keller - Extraído de CIAVATTA (2007).

Sobre o porte do empreendimento fabril, Keller (1997) relata a fábrica como tendo importância na economia fluminense, sendo considerada a primeira grande fábrica de tecidos de algodão do Brasil.

Segundo SUZIGAM (1986:134):

Foi só a partir de 1870, entretanto, que a indústria têxtil de algodão desenvolve-se na cidade e província do Rio de Janeiro. Por volta de 1884, dez fábricas haviam sido instaladas [...] A maior era a Fábrica Brasil Industrial, instalada em 1872 em Macacos, equipada com 24.000fusos e 400 teares, empregando 400 pessoas e movia por 350 H.P. de energia hidráulica. Essa foi a primeira grande (e até 1880 a maior) fábrica de tecidos de algodão do Brasil. [...] Com esses investimentos, a cidade e a província do Rio de Janeiro tornaram-se o principal centro da indústria têxtil de algodão do Brasil (SUZIGA, 1986, p. 134 apud KELLER, 1997, p. 32).

Keller também compreende as duas visitas do Imperador D. Pedro II como fato explicativo para a importância da Companhia na época. O Imperador D. Pedro II visitou a fábrica de tecidos pela primeira vez em julho de 1879, acompanhado da família imperial e pela segunda vez em 1885, para reinauguração da fábrica devido à ocorrência de um incêndio (KELLER, 1997).

Esse incêndio é relatado por Ciavatta e Natal & Natal, como um acidente ocorrido em 1873, acarretando na paralisação da Fábrica Brasil Industrial por tempo determinado (CIAVATTA, 2007; NATAL & NATAL, 1987). Em contraste, nos escritos de Keller encontramos a informação de que um projeto inicial da empresa não foi avante, mas não há explicação para tal motivo (KELLER, 1997).

A Companhia de Tecelagem Santa Luisa foi instalada, em 1891, no bairro Cascata, antes tido como um povoado da Freguesia de São Pedro e São Paulo do Município e Itaguahy. Havia uma relação entre a instalação dessa fábrica com a fábrica já instalada anos antes (Brasil Industrial) e prova disso é o vínculo entre o diretor da Brasil Industrial como acionista da Tecelagem Santa Luisa (KELLER, 1997).

A S/A Fabrica de Tecidos Maria Cândida, foi instalada em 1924, no lugar onde funcionava a Tecelagem de Santa Luisa, ou seja, segundo Keller (1997), alguns investidores se juntaram e compraram os prédios, as casas da gerência, casas da vila operária, etc. Detalhe, 25% das ações ficou com José Barreiro Guedes e o restante das ações equivalente a 75% foi dividida entre acionistas da Sociedade SOTTO MAIOR & CIA (KELLER, 1997). Quanto à produção, essa fábrica iniciou suas atividades com 100 (cem) teares produzindo 145 (cento e quarenta e cinco) metros de tecidos de simples contextura e alguns anos mais tarde, em 1937, a fábrica já produzia 175.000 metros de tecidos (NATAL & NATAL, 1987).

Para Keller, as fábricas de tecidos em Paracambi (Companha Têxtil Brasil Industrial, Campanha Tecelagem Santa Luisa e S.A Fábrica de Tecidos Maria Cândida) configuram o padrão de “Fábrica com vila operária” que estiveram em ascensão no Brasil desde o século XIX até a metade do século XX (KELLER, 1997). O autor analisou a experiência do operariado no contexto de apogeu das fábricas, compreendendo os aspectos sociais fortalecedores da industrialização no território.

Apesar de Paracambi ter recebido a instalação de três fábricas de tecidos e na literatura elas terem sido mencionadas como grandes empreendimentos, em hipótese alguma o território pode ser considerado como sendo de uma grande cidade, como era o caso da capital do país Rio de Janeiro⁹ contemporânea ao período histórico mencionado até aqui neste trabalho. Presumimos que a partir da implantação da primeira fábrica de tecidos no povoado de

⁹ A cidade do Rio de Janeiro foi capital do país até 20 de abril de 1960, pois em 21 de abril deste ano a capital foi transferida para então recém-criada Brasília, projeto do presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976). Em 1960 os povoados de Paracambi e Taireté se desprendem definitivamente de Itaguaí e Vassouras tornando-se um Município independente chamado Paracambi.

Macacos, logo após a instalação da linha ferra (1861), o local que antes tinha apenas paisagens rurais, passou então a ter novas características apresentando-se também como um local urbano¹⁰. Segundo Froehlich et al., no Brasil, a expansão da urbanização se deu de forma acelerada ao longo do século XX, e partir do século XIX até a década de 1970 do século XX, com a introdução do transporte ferroviário, iniciou um movimento passando a falar amplamente em modernização do rural (FROEHLICH, MONTEIRO e ERICEIRA (2017, p. 159).

A Fábrica de Tecidos Maria Cândida e a Fábrica de Tecidos Brasil Industrial tinham as mesmas características em relação ao cotidiano do operariado, pois ambas as companhias ofereciam meios para sobrevivência, como, por exemplo, vila de casas, armazéns, igreja, clubes para atividades culturais, etc. No entanto, havia diferenças no que tange à proporção dos serviços disponíveis, pois a fábrica instalada no bairro Cascata era bem menor que a Fábrica Brasil Industrial, logo, a quantidade de casas e de alguns aparatos presentes eram em menor proporção. O pesquisador Lopes Leite compreende a rede de serviços disponibilizados pelas fábricas nas vilas operárias como sendo aparatos institucionais (hospitais, igrejas, cinema, teatro, parque, parques de diversão), e com esta visão o sociólogo Keller compreende as características do entorno da fábrica e da vida do operariado na vila (LOPES LEITE, 1988, p 169 apud KELLER, 2006, p. 4).

Das três fábricas de tecidos de Paracambi relatadas por Keller (1997), a primeira a se instalar na cidade foi a Brasil Industrial, também a de maior porte. De acordo com mesmo autor, a fábrica foi construída no local, pois o mesmo era servido de estrada de ferro e também por haver diversas quedas d'águas, o que de fato mais tarde acabou por ser utilizada pelas fábricas de tecidos para abastecimento de energia elétrica.

Como mencionado anteriormente, as fábricas de tecidos em Paracambi, segundo Keller (1997), são tidas como no padrão “Fábrica com Vila operária” e proporcionavam um novo modo de vida aos funcionários por conta da característica de interação direta entre o operariado e a liderança da empresa. Segundo Leite Lopes: *“as fábricas com vila operária, formam um padrão específico de relações de dominação; são fábricas que subordinam diretamente seus trabalhadores para além da esfera da produção”* (1988:16 apud KELLER, 1997, p. 13). Em virtude de a vila operária ter sido construída ao redor da fábrica, o lugar passou a representar

¹⁰ Nossa compreensão de local urbano dar-se pela concepção dos autores FROEHLICH, MONTEIRO e ERICEIRA (2017), que entendem território urbano como aquele formado por configurações híbridas de espaços urbanos e de espaços rurais com respeito às práticas ambientais e sociais.

muito mais que apenas uma moradia próxima do local de trabalho. Naquele lugar, ocorriam as interações sociais, inclusive, as religiosas, e todas elas mediadas pelo trabalho e muito influenciadas pelo poder do patronato industrial.

É interessante citar o período de instalação da fábrica e seus primeiros anos em funcionamento como marcado por muitas transformações sociais em nosso país, pois com dezoito anos de funcionamento da fábrica é que ocorre o fim da escravidão (1888) e após mais um ano a implantação da República do Brasil (1889)¹¹. A fábrica iniciou suas atividades com capacidade para funcionar com 400 (quatrocentos) teares, porém, em virtude da falta de mão de obra, parte dos teares ficou parada e, aos poucos, à medida que a companhia recebia novos operários, mais teares iniciavam suas atividades. De início apenas trabalhavam funcionários estrangeiros contratados da Inglaterra e alguns nacionais, com o passar do tempo também alemães vindo de Santa Catarina (KELLER, 1987, p. 37). Detalhe, na fábrica não houve mão de obra escrava na produção de tecidos.

A construção da vila operária em torno da fábrica teve objetivo único: resolver o problema de escassez de operários na época. Keller relata haver a providência de casas já em 1886 e em 1888 ter sido realizadas obras de saneamento na vila (KELLER, 1997, p. 47). O processo de expansão da vila operária culminou na formação da avenida dos operários que com o avanço de sua construção foi aos poucos se distanciando da entrada da fábrica. Em relatório da prefeitura de Itaguai, de 1955, consta a informação de que havia 341 prédios de propriedade da fábrica, incluindo na contagem as casas dos profissionais da administração e os operários (KELLER, 1997, p. 48).

Ao longo de sua história, a Brasil Industrial teve vários diretores a frente de sua administração, mas os contemporâneos ao período de apogeu da fábrica com vila operária foram Dominique Level (1889-1917) e Antonio Botelho Junqueira (1928-1955), conhecidos respectivamente como Coronel Level e Sr. Junqueira (KELLER, 1997, p. 43). A partir de relatos de algumas pessoas entrevistadas por Keller, compreendemos que a liderança da fábrica interferia não somente na vida profissional dos operários da fábrica, mas também daqueles que moravam na vila operária.

[...]Botelho Junqueira, [...] ele via dentro da casa da gente um homem sem camisa ele mandava parar o bonde, ia lá e pedia para botar a camisa. Nós não podíamos

¹¹Os dois fatos históricos foram citados, pois acreditamos que o contexto social da cidade poderia ter seguido outros rumos se eles não tivessem ocorrido. Por exemplo, não há relato de que a fábrica foi construída por escravos, mas através da historiografia sabemos que eles não foram contratados como operários na fábrica. Também é importante sinalizar que a Proclamação da República impulsionou o desenvolvimento industrial no país, em comparação com o apoio monárquico que era mais conservador.

trabalhar com vestido decotado, de alça, vestido acima do joelho. Não era permitido, se a gente fosse, chegava no portão o guarda fazia a gente voltar e botar uma roupa (KELLER, 1987, p.50).

Havia no contexto social fabril um entrelaçamento nas relações profissionais e pessoais entre os funcionários das fábricas e a liderança local. Esse processo interferia no cotidiano dos operários em várias instâncias da vida, como visto no relato acima.

Destacamos para esta pesquisa que a religião foi um aspecto que recebeu influência de lideranças da fábrica, que estimulavam práticas religiosas católicas. Isso de acordo com Keller é considerado como ambíguo e contraditório, pois se de um lado legitimava a ordem estabelecida, por outro significava a expressão de resistência, sentimento e cultura operária (KELLER, 1987, p. 74).

Segundo relato em Ciavatta:

“A Fábrica Brasil Industrial foi construída por um grupo de franceses e ingleses. E Dominique Level permaneceu mais aqui em Paracambi, morou aqui muitos anos. A esposa dele era muito católica, foi ela quem pediu que fizesse a igreja. Ela tocava órgão lá. Ela ensinou minha a tocar órgão. E cantava no coro. Até depois que Auristela [sua irmã] casou, nós ainda cantávamos; depois que deixamos, outras pessoas chegaram. Nós cantávamos no coro, e essa missa foi da Dona Leopoldina Level” (ZANELLA, 2007, apud CIAVATTA, 2007, p. 49).

O poder da liderança local se estendia do ambiente de trabalho para o cotidiano e isso pode ser identificado pela forma como o controle era imposto aos que trabalhavam e moravam na vila operária das fábricas. O poder do patronato era visível em ambas as vilas operárias em Paracambi, ou seja, na Fábrica de Tecidos Brasil Industrial e na Fábrica de Tecidos Maria Cândida. As casas alugadas não podiam sofrer nenhum tipo de alteração na estrutura, nem mesmo trocar as cores das paredes era permitido. Havia segurança na vila que perdurava a noite toda e acionava o toque de recolher, ou seja, quando dava 22h todos os moradores deviam entrar para suas casas e manterem as portas fechadas. Apesar desse controle rigoroso na época do diretor Dr. Junqueira, nem sempre o rigor foi visto como algo negativo e em parte devido aos serviços oferecidos aos operários (KELLER, 1997; CIAVATTA, 2007).

Em Ramos (2004), encontramos o seguinte relato de um morador da cidade, antigo funcionário da Fábrica Brasil Industrial:

Na primeira vez que eu trabalhei na fábrica Brasil Industrial em 1944 o dono era Dr. Junqueira, um homem muito carrancudo. Quando eu faltava ao serviço, ele mandava seu capanga ir até minha casa e se eu não estivesse, deixava recado para eu ir trabalhar quando chegasse era a “lei do cão” (RAMOS, 2004, p. 20).

A vila da fábrica era o lar dos operários e o comportamento paternalista da direção da empresa posto em prática por meio da rede de aparatos institucionais, garantiu o controle da vida dos moradores na vila. No entanto, a cidade que se constituiu durante muito tempo sustentada pelo desenvolvimento econômico pautado no modelo de vilas operárias inglesa do século XIX, vive seu apogeu na década de 1950, e daí em diante, em um processo moroso, inicia o declínio do modelo patronal em vigor até então.

Keller (1997) menciona três possíveis causas para o enfraquecimento do modelo “fábrica com vila operária”. 1) Quando a cidade alcança sua municipalidade (1960) o comportamento paternalista que impunha o controle se enfraquece em virtude do surgimento do poder público local, inclusive, após a emancipação da cidade, algumas partes do território da própria fábrica passou a pertencer à prefeitura. 2) A venda das casas da vila da Brasil Industrial na década de 1970. 3) A criação de um sindicato para representação da categoria dos operários em 1966 (KELLER, 1997). Em 1984, a Fábrica de Tecidos Brasil Industrial encerrou suas atividades deixando ainda em funcionamento a Fábrica de Tecidos Maria Cândida que em 2008 também teve o mesmo destino de sua antecessora.

Atualmente quem chega ao centro da cidade de Paracambi se depara logo de início com a “Avenida dos Operários” que foi parte da vila dos operários. Marcada por suas grandes árvores, casas da época da vila operária e algumas delas com a arquitetura original preservada, e movimento de pessoas em geral, na maioria das vezes estudantes, acaba por ser junto com o prédio da antiga fábrica um meio de rememoração dos tempos em que os funcionários e moradores por ali passavam, indo e voltando do trabalho. Trata-se de uma rua extensa, muito conhecida na cidade, de importância para o comércio e chegada até o prédio da antiga fábrica, que hoje abriga várias instituições educacionais formando o complexo “Fábrica do Conhecimento¹²”.

Além das fábricas de tecidos, a Siderúrgica LANARI, instalada na cidade em 1954, também foi responsável pela empregabilidade de parte da população até a década de 1970, quando decretou falência. Em decorrência do fechamento dessa Siderúrgica e do declínio das fábricas de tecidos, um novo processo se instaura no contexto econômico da cidade chamado

¹² O prédio da antiga Fábrica de Tecidos Brasil Industrial, no ano 2001, foi comprado pela Prefeitura da cidade, no governo do ex Prefeito André Ceciliano, e transformado em um polo educacional oferecendo educação pública para a população interna e externa. No local foi implantado o Instituto Superior de Tecnologia (IST), a escola de música Vila Logos, o Consórcio de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), o Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante (CETEP) e o Centro Federal de Educação Tecnológica (IFRJ).

por Luiz Cerqueira (1984) de “indústria da loucura¹³” (GULJOR, 2013, p. 148). Apesar de não muito divulgado, a Siderúrgica LANARI ou Aço fino como é comumente conhecida pelos moradores de Paracambi, também teve representatividade econômica na cidade, conforme podemos perceber no relato seguir, disponível em Ramos (2004):

Toda vez que a Lanari entrava em crise Paracambi também entrava, como os comerciantes que tinham que aceitar os vales dos empregados para as compras da semana ou do mês. Pior mesmo ficou quando a LANARI fechou, eu estava lá e não esqueço até hoje a tristeza que foi. Empregados desesperados, comerciantes atônitos. Depois do desaparecimento da LANARI vários comerciantes também quebraram. Algum tempo depois vários desempregados mais antigos ficaram doentes, alguns entraram em depressão e uns outros até chegaram a tratamento psiquiátrico (RAMOS, 2004, p. 19).

Econômica e politicamente falando, as décadas de 1960 e 1970, representaram mudanças significativas no contexto social para o território pesquisado, envolvendo o alcance da municipalidade, perdas de postos de trabalho e a instalação de duas instituições de saúde que mais tarde tornaram-se opções de emprego para a população.

Em 1960, a cidade de Paracambi, ainda parte de Itaguaí através do terceiro Distrito chamado de Paracambi e Vassouras através do sétimo Distrito denominado Taireté, alcançou a sua municipalidade por meio da união desses dois distritos. Em 8 de agosto deste mesmo ano foi sancionada a lei 4426, tornando a cidade um município da região fluminense, tendo como primeiro prefeito Délio Bazilio Leal.

Em junho de 1963, se instalou na cidade o Hospital Casa de Saúde Dr. Eiras, filial da matriz situada no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro; e na década de 1970, também o Hospital Paracambi. Estes hospitais psiquiátricos em Paracambi tinham a capacidade para 2.550 leitos e 150 respectivamente. Ambos eram privados, mas mantinham convênio com o sistema único de saúde (SUS) para atendimento da população em geral. O Hospital Dr. Eiras, em específico, possuía uma estação de trem em frente, o que facilitava o acesso de quem vinha da cidade do Rio de Janeiro para trabalhar e visitar os internos. O Hospital Paracambi foi instalado no bairro Cascata em Paracambi, mesmo bairro da Fábrica de Tecidos Maria Cândida, logo era mais distante do centro de Paracambi e da cidade do Rio de Janeiro.

¹³ GULJOR (2013) explica em sua tese que este termo foi cunhado por Luiz Cerqueira em 1984, e se refere à ampliação de leitos privados implantados pelo INAMPS. Também menciona que Delgado citou o termo em sua dissertação de mestrado em 1983, referindo-se ao quadro psiquiátrico de assistência em Paracambi no período pós-fechamento de uma siderúrgica na década de 1970.

Quanto aos dois hospitais, compreendemos que eles também fazem parte da história da cidade e foram importantes para o contexto social e econômico, pois os moradores fizeram deles opção de trabalho e também utilizaram seus serviços psiquiátricos, ocasionando um processo de psiquiatrização da população deixando o lugar marcado pelo discurso psicológico (GULJOR, 2013). Sendo assim, compreendemos parte da história da cidade na intercessão entre desses dois contextos, o fabril e o hospício, e ambos marcaram a vida dos moradores do lugar e foram fatores de produção de subjetividades envolvidos no contexto social da época.

Sobre a indústria da loucura em Paracambi:

Gradativamente ocorre a decadência das indústrias têxteis e o hospício passa a ocupar o lugar de grande empregador (800 empregos diretos) e de maior contribuinte tributário (35% da receita municipal) na década de 1990. Os trabalhadores que antes mantinham em funcionamento os fornos da siderúrgica passam a alimentar a indústria da internação, do benefício-doença, como solução para seus conflitos sociais e existenciais. Um importante número de trabalhadores locais também passa a integrar o corpo de funcionários da instituição, principalmente aqueles com nível de escolaridade de ensino médio e fundamental. Alguns funcionários da instituição residiam em casas no interior da área física do hospital (GULJOR, 2013, 148).

Podemos compreender que toda uma cultural fabril se desfaleceu dando lugar a uma nova forma de encarar o sustento movido por uma área profissional diferente da que fora presente durante muito tempo na cidade, marcando a partir daquele momento um novo discurso no território e projetando a cidade com a alcunha de a “cidade dos loucos”. Guljor (2013) menciona que assim como Barbacena, Paracambi também viveu a criação da cultura manicomial através da indústria da loucura e isso pode ser compreendido pela forma que o hospital foi apropriado pela população e também pela instalação de outro hospital psiquiátrico que, apesar de ter menor porte, também apresentou característica interessante a nível nacional, como o fato de ser o único hospital privado credenciado ao SUS para atendimento em hospital-dia no início de 1979 (GULGOR, 2013, p. 152).

Além dos funcionários que viviam nas casas no interior do hospital Dr. Eiras, residiam freiras que tinham como responsabilidade o cuidado com os internos e desempenhavam funções religiosas e assistenciais, chefiavam a enfermagem, almoxarife e rouparia, permanecendo no hospital até a década de 1990. Essas freiras são da congregação de Santana e iniciou as atividades no hospital Matriz em Botafogo em 1917 (GOULJOR, 2013, p. 148; NATAL & NATAL, 1987, p. 55). A influência do catolicismo através das freiras é notória no hospital e podemos observar pelas atribuições que elas desempenhavam frente à administração da Casa de Saúde e também pela organização do hospital, pois todos os pavilhões do lugar receberam nomes de santos da igreja católica, a saber: São Carlos, São

Miguel, São Joaquim, São Pedro, São Paulo, Santa Rosa, Santana e Nossa Senhora Aparecida (NATAL & NATAL, 1987, p. 57).

É interessante refletir acerca das festividades que aconteciam durante o período da vila operária na Fábrica de Tecidos Brasil Industrial, porque após a instalação da Casa de Saúde Dr. Eiras, o hospital também passou a receber festejos em datas específicas como é o caso das festas juninas, desfiles cívicos e carnaval. A população se integrou ao hospital de forma que tais festas eram realizadas dentro do próprio hospital e tinha a participação dos internos. A administração do hospital incentivava os internos a participarem das festas, como, por exemplo, no carnaval através das fantasias para os pacientes (NATAL & NATAL, 1987).

O Hospital Casa de Saúde Dr. Eiras, assim como as Fábricas de Tecidos Brasil Industrial e Maria Cândida, tornou-se, através do trabalho, um local de interação e de produção cultural. A população convivia com o hospital como se o lugar fosse, inclusive, local de lazer, pois era comum, aos domingos, dias de visitas, os moradores se utilizarem do espaço aberto do local para realizarem piqueniques em família, ou seja, na cidade a disciplina fez parte da vida social, tanto no âmbito fabril como no hospitalar, porém enquanto na fábrica os operários seguiam as disciplinas, nos hospícios eles conviviam com aqueles que também eram expostos à disciplina, e quando um morador da cidade se tornava funcionário do hospital, reproduzia também a ótica disciplinar nos internos.

O Hospital Paracambi que tinha como atividade não só a internação, mas também Hospital-Dia e atendimento ambulatorial foi o meio pelo qual a população conseguia auxílio doença junto ao INSS. Isso aconteceu porque o fechamento da Siderúrgica LANARI ocorrida sem registro de falência, fez com que muitas pessoas não tivessem se quer o encerramento do contrato de trabalho na carteira profissional, o que impossibilitava o reinício da vida profissional (DELGADO, 1983, apud GULJOR, 2013, p. 152-153). Somamos a este processo o agravamento do período de declínio das fábricas de tecidos que também contribuíam para o aquecimento do mercado profissional na cidade e conseqüentemente a indústria da loucura foi utilizada como alternativa para resolver o problema financeiro dos trabalhadores fabris.

Guljor (2013) também cita baseada em Delgado (1983) que 70% da clientela de semi-internação do Hospital Paracambi era oriunda da siderúrgica LANARI e que este número era alto devido às condições de trabalho que a mesma oferecia a seus funcionários (GULJOR, 2013, p. 153).

O Hospital Casa de Saúde Dr. Eiras de Paracambi foi considerado o maior hospital psiquiátrico privado da América Latina (GULJOR, 2013). Além de local para tratamento de

saúde, ele também serviu para atendimento a uma população destituída de poder contratual e à margem da sociedade.

A Casa de Saúde Dr. Eiras tinha muitos pacientes de longa permanência, sendo muitos com mais de doze meses de internação e por causa da imagem de referência de Paracambi no atendimento ao portador de doença mental, muitas famílias se mudavam para a cidade fazendo com que o número de atendimentos aumentasse (GULJOR, 2013). Além disso, em 1970, foi instalado na cidade mais um hospital psiquiátrico e devido ao processo de psiquiatrização da população a cidade ficou conhecida, consoante já mencionado, como “*a cidade dos loucos*” (GULJOR, 2013, p.39-40).

Devido a um movimento iniciado pelos trabalhadores de nível médio do Hospital Casa de Saúde Dr. Eiras e a reforma psiquiátrica, a instituição entrou em processo de avaliação de suas atividades já na década de 1990 e finalizou o atendimento em março de 2012. O Hospital Paracambi também passou por questões parecidas e, em 2015, foi administrado pela prefeitura da cidade por seis meses, tempo este necessário para a transferência dos pacientes para outras unidades de serviços ou para localização dos familiares dos mesmos.

Para finalização das atividades do hospital Casa de Saúde Dr. Eiras, unidade Paracambi, houve a formulação de uma nova rede para atendimento psicossocial na cidade que envolveu trabalho conjunto entre o governo Municipal, Estadual e Federal, pois foi necessária a criação de redes de saúde mental nos municípios circunvizinhos, tendo em vista que a cidade abarcava toda a região em atendimento de saúde mental. Segundo Guljor: “*O fechamento dessa instituição psiquiátrica [...] se configurou como impulsionador de estruturação de uma rede complexa de cuidado em saúde mental*” (GULJOR, 2013, p.31).

O processo de desinstitucionalização do Hospital Casa de Saúde Dr. Eiras, filial Paracambi, teve como particularidade não só a criação da rede de atenção psicossocial interna e externa e a capacitação dos profissionais que passaram a trabalhar na rede, mas, também, várias atividades como o projeto “Cinema na Praça”, que funcionou como dispositivo para desconstrução da ótica manicomial, apresentando a possibilidade de se conviver com a loucura na esfera social e não somente trancafiada no hospício. Com essa atividade junto à população, a ideia era construir novas possibilidades de utilização do espaço disciplinar, neste caso o hospício, diminuindo a angústia da cidade com o fechamento de mais uma instituição que lhe servia como opção de trabalho.

Diante dos fatos históricos analisados através da literatura da cidade, e considerando a característica religiosa atual do município, ou seja, a maioria numérica de evangélico-

protestante, pensamos que o processo de crescimento da religião evangélica em Paracambi se deu em decorrência de questões econômicas. Assim, nos demais capítulos, sobretudo no que trabalha as narrativas orais, pretendemos confirmar esta hipótese.

Capítulo 2 O campo religioso e seus desdobramentos a partir do século XVII

Neste capítulo, realizamos uma discussão sobre o conceito de campo religioso na perspectiva de Pierre Bourdieu, uma vez que ele nos auxilia a ampliar nossa visão sobre o contexto social no qual nos inserimos como pesquisadores, ao mesmo tempo em que contribui para problematizarmos a experiência religiosa dos habitantes da cidade de Paracambi-RJ como sendo um campo religioso com características particulares.

Ademais, discorreremos também sobre a esfera religiosa, enfatizando a trajetória histórica do cristianismo, começando por sua base católica, e concluímos o texto dissertando sobre a religião evangélica no Brasil e sua ascensão no país.

2.1 O conceito de campo para Pierre Bourdieu (1930-2002)

Bourdieu foi um sociólogo francês com notoriedade teórica e acadêmica no decorrer do século XX. Filósofo por formação, este autor dissertou sobre a sociedade a partir da ótica da dominação, trabalhando com uma perspectiva simbólica dos processos ditos sociais. Dessa forma, Bourdieu não deixou de reconhecer uma base estrutural¹⁴ da sociedade – conforme tradição sociológica francesa fortemente conhecida – mas dá ênfase ao processo de introjeção da estrutura pelo indivíduo, que em sua visão, se dá de forma simbólica, relacional e estruturante (BOURDIEU, 2003).

Sobre a utilização da palavra “campo” no senso comum, notamos o costume de profissionais e pesquisadores em se intitular especialistas de determinados “campos de atuação”. Essa é uma prática aceita e muito difundida socialmente no ocidente e, apesar de não ter vínculo direto com as conceituações Bourdieusianas, pode ser utilizadas para representar, grosso modo, o que vem a ser “campo” na perspectiva do autor.

Quando um profissional se intitula especialista em determinada área, entende-se que ele tem o domínio teórico e prático das atividades que executa profissionalmente. Dessa maneira, podemos supor que as regras, o conhecimento e tudo o que movimenta o campo de atuação desse profissional é de seu conhecimento. Todavia, apesar de ele ter total domínio de

¹⁴Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo bastante estrutural e defendia uma visão determinista dos processos sociológicos. Para ele, o homem é resultado da sociedade em que faz parte e esse processo se dá de forma coercitiva, o fazendo seguir determinados comportamentos socialmente aceitos e definidos anteriormente e externamente a ele. Esses comportamentos seriam fatos sociais e na visão durkheimiana, este é o objeto de estudo da sociologia (DURKHEIM, 2011).

sua atividade profissional, o mercado que é competitivo recebe inúmeras outras pessoas também especialistas ou se preparando para tornar-se especialistas no mesmo campo de atuação e, em virtude disso, a relação entre eles, especialista e aprendiz de especialista, pode conflitar-se, pois eles lutam para definir quem tem mais conhecimento ou deve ser considerado “o melhor”. Assim, o especialista no referido campo de atuação por ser reconhecido como referência em sua área, será o responsável por definir o que é certo ou errado dentro de seu campo.

A teoria do campo de Pierre Bourdieu funciona metaforicamente como a situação narrada acima e, segundo Montagner (2010), o conceito foi difundido por Bourdieu após a criação do conceito de *habitus*¹⁵, mas passou a ser utilizado de forma autônoma em relação ao primeiro conceito. Montagner diz que a utilização do campo serve para realizar análise de um determinado espaço social e quando este ainda não é definido, um novo campo pode ser inaugurado para análise.

Partindo das teorizações de Bourdieu (2003), podemos compreender o campo como um espaço social de cunho abstrato e relacional, com características específicas, de forma autônoma, estruturado por práticas que seus participantes, chamados agentes, subjetivamente introjetam e/ou reproduzem. Esse campo é marcado por lutas e conflitos em prol do alcance do poder e é caracterizado por posições hierárquicas e por estruturas afins, ou seja, ideias ou características que dão forma para o campo.

Toda a sociedade para Bourdieu é estruturada a partir de seus vários campos (econômico, religioso, linguístico, acadêmico, artístico, etc.) e a constituição de cada um deles, especificamente, se dá por meio dos agentes (instituições e indivíduos) que dão forma às práticas executadas internamente. Esses comportamentos praticados no campo, muitas vezes, são perpetuados sem questionamentos e esse movimento foi chamado por Bourdieu de “doxa” (BOURDIEU, 2003, p. 16). No entanto, quando tais práticas não são aceitas, conflitos podem aparecer e acarretar mudanças na estrutura do campo. Assim, a configuração de um campo se dá por meio de estruturas estruturantes, pois a estrutura social (o *habitus*) é organizada socialmente e oferecida a seus agentes que absorvem de forma estruturante (subjetivamente), concordando ou modificando tais ideias ou comportamentos.

¹⁵ *Habitus*, para Bourdieu, é o conjunto de práticas e ideologias características de um grupo. Funciona como se fosse um sistema de disposição socialmente construído e disponibilizado para os agentes que formam um campo social. Os comportamentos, as crenças, a forma de pensar sobre o que acontece na sociedade e sobre a sociedade seriam *habitus* introjetados subjetivamente em cada participante de um campo social. Assim, *habitus* seria a forma dos participantes de um determinado campo introjetarem (cognitivamente) as práticas disponibilizadas no campo e externalizá-las através de seu comportamento (SETTON, 2002).

Além disso, um campo pode possuir inúmeros outros campos internos, seriam como campos menores ou subcampos, pois eles representariam a junção de membros com ideias afins, diferenciando-se de outros participantes/instituições do mesmo campo. Para exemplificar, poderíamos citar a junção de pastores ou padres como um campo de sacerdotes dentro do campo religioso, assim como segmentos religiosos diferentes, católicos, espíritas, protestantes, candomblecistas, etc., todos formando subcampos do campo religioso.

Sobre a concepção de campo religioso para Bourdieu: (2003):

[...] um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (os grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por uma nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais. As posições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevaletente de dominação. O alvo explicativo consiste em abranger as configurações particulares que o campo religioso assume em diversas formações sociais, tendo sempre como quadro de referência o campo de forças propriamente religiosas no interior do qual se defrontam os representantes religiosos dos grupos dominantes e dominados, e cuja dinâmica depende das transformações por que passa a estrutura social, seja pelo surgimento de novos grupos com interesses determinados, seja pela ruptura ou crise do sistema de dominação, seja pelas novas alianças entre grupos e/ou frações que detêm o papel hegemônico (BOURDIEU, 2003, p.27).

O campo religioso, então, é caracterizado pelo enfrentamento entre os seus agentes que se estruturam homogeneamente, heterogeneamente, hierarquicamente e entre dominadores e dominados. No núcleo desses enfrentamentos, está uma espécie de capital simbólico, que é objeto de desejo de todos os membros do campo. Assim, no campo religioso, podemos identificar a existência de lutas constantes entre os vários credos em busca da legitimidade da verdade de Deus e em busca de acúmulo de capital simbólico (poder, prestígio, número de fiéis, reconhecimento, etc.). Acrescentamos também que, no campo religioso, as práticas instituídas pelos agentes especialistas materializam a legitimação do sagrado por meio de divindades, crenças, dogmas, ritos, etc.

Para finalizarmos, esclarecemos que todo campo é organizado a partir das relações existentes entre seus membros (instituições e agentes) e eles não possuem o mesmo valor dentro da organização, por isso, a hierarquia. Os participantes especialistas são considerados dominadores em seu campo, eles detêm o poder, ditam as regras socialmente (definem o que é sagrado ou profano, por exemplo) e lutam para permanecer conquistando os títulos, troféus e tudo que o campo oferece a eles (BOURDIEU, 2007). Em virtude disso, enfatizamos ser o campo religioso homogêneo, heterogêneo e relacional, devido às múltiplas práticas, formas e instituições em que se estruturam as experiências religiosas. A seguir discorreremos,

especificamente, sobre o conceito de religião e mais adiante adentramos com maior ênfase ao segmento religioso pesquisado neste trabalho, os cristãos evangélicos.

2.2 O Fenômeno Religioso

“A religião fala sobre o sentido da vida”.
Rubens Alves

Desde tempos remotos, o homem sempre buscou formas de se conectar a algo superior e transcendente. Durante muito tempo, essa conexão se deu por meio da natureza, pois era nessa relação homem-ambiente que se percebia o sentido da vida, em virtude dos fenômenos naturais incontroláveis e também dos suprimentos que garantiam a sobrevivência humana (ar, água, luz, alimentos, etc.). Com o passar do tempo, o vínculo do homem com a natureza foi aos poucos sendo modificado e ele passou a ter o controle de muitos de seus fenômenos. Deste modo, desenvolveram formas de superar desafios existentes até então em seu modo de vida e, conseqüentemente, deixou de ser nômade, passando a se aglomerar em determinados espaços geográficos, dando origem a uma forma de organização social que, ao longo do tempo, foi se modificando até chegar aos moldes atuais chamada de sociedade.

Da mesma forma que as sociedades, as religiões passaram por muitas transformações, tornaram-se experiências complexas, muitas vezes racionalizadas e, apesar de, ao longo do tempo, elas terem apresentado decréscimo de adeptos, ao redor do mundo e inclusive no Brasil, ainda é grande o número de pessoas que se envolvem com práticas religiosas de diversas orientações, mesmo já existindo também número considerável de pessoas se autodeclarando ateias¹⁶ (IBGE, 2010).

A complexidade da “religião” para o ser humano também é evidente tanto no senso comum quanto no campo científico, vemos conceitos como espiritualidade e religiosidade muitas vezes sendo utilizados como sinônimos de religião, quando na verdade não o são. Apesar disso, é sabido que cada área de conhecimento tem sua concepção acerca do que vem a ser “religião”, porém, não existe um significado único para o termo, apesar de o dicionário Michaelis (2018), mencionar religião como: *“Convicção da existência de um ser superior ou*

¹⁶ Segundo o dicionário Michaelis, ateia significa “Que ou quem não crê na existência de Deus”. <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ateu/>. Acesso em: 23.05.2018.

*de forças sobrenaturais que controlam o destino do indivíduo, da natureza e da humanidade, a quem se deve obediência e/ou submissão*¹⁷.

A definição acima relaciona a religião como uma experiência pessoal correspondente a um credo subjetivo, uma vez que cada pessoa pode crer em algo diferente e isso não desmerece nenhuma experiência religiosa em si. Esse entendimento sobre a religião ainda pode ser considerado amplo e talvez atravessado do que vem a ser religiosidade e espiritualidade, portanto, mais adiante explicaremos resumidamente também esses dois conceitos.

Gomes (2014) relata que a origem da palavra religião é derivada do latim (*religio* e *ligare*) e significa ligar de novo, conectar o homem a Deus. No entanto, fala também que o conceito de religião remete à ideia de institucionalização, ou seja, à prática de socialização hierarquizada entre participantes de um determinado grupo. Então, a religião é concebida a partir de atividades institucionais incluindo ritos, dogmas, hierarquias, etc. Ela se diferencia dos conceitos de espiritualidade e religiosidade em virtude de sua característica tipicamente extrínseca, ou seja, social.

Em Émile Durkheim (1858-1917), a religião é compreendida como um fato social e isso explica sua presença em todas as sociedades. Para o sociólogo, a religião se configura entre a diferença do que é “Sagrado e Profano”. Assim, a existência de um Deus não é necessária para que haja uma religião, pois existem religiões sem Deus. Então, seguindo este raciocínio, o autor ratifica não existir religiões falsas, tendo em vista que todas correspondem às condições da existência humana, sendo todas elas representações coletivas. (DURKHEIM, 1996).

Quanto ao conceito de religiosidade, segundo Gomes (2014), esta se refere às práticas e expressões de quem é religioso e pode estar ou não relacionada com uma instituição religiosa. Posto isso, podemos compreender e diferenciar religiosidade de religião, pois enquanto a religião está conectada ao contexto social e institucional, a religiosidade tem significado subjetivo relacionado aos costumes, hábitos, condutas, etc. que cada pessoa experimenta dentro ou não de uma religião institucionalizada.

Já a espiritualidade seria uma experiência mais íntima de cada um e não possuiria vínculo com religiões ou a religiosidade. Segundo Koenig (2012), a espiritualidade seria a busca de cada sujeito por um propósito ou sentido de vida, podendo ser alcançada através da

¹⁷<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/religi%C3%A3o/>. Acesso em: 23.05.2018.

natureza, das relações sociais, do divino, da arte. Para Gomes (2014), a espiritualidade é inerente ao ser humano:

“A espiritualidade é a dimensão peculiar de todo ser humano e o impulsiona na busca do sagrado, da experiência transcendente na tentativa de dar sentido e resposta aos aspectos fundamentais da vida. A espiritualidade não é monopólio das religiões ou de algum movimento espiritual. Ela é inerente ao ser humano. É a dimensão que eleva a pessoa para além de seu universo e a coloca frente as suas questões mais profundas, as que brotam da sua interioridade, no anseio de encontrar resposta às perguntas existenciais...” (GOMES, 2014, p. 109).

Nesse sentido, a espiritualidade é diferente de religião, assim como da religiosidade. A espiritualidade representa o elo do ser humano com algo além de si e, por este motivo, não necessita de uma prática ou costume, como também uma instituição fazendo intermédio entre a pessoa e essa instância superior. Além disso, a religiosidade poderia significar a institucionalização da espiritualidade.

Diante do que foi explanado acima, o conceito mais apropriado para compor nossa pesquisa é o conceito de religião, uma vez que não trabalhamos com os sentidos subjetivos que a fé tem para cada sujeito, mas sim, a memória social da religião enquanto organização social e institucional.

2.2.1 A Religião Cristã

Historicamente, a garantia ao direito ao culto cristão surgiu a partir do ano 313 D.C. Com o passar do tempo, foi se transformando em religião oficial do Império Romano. Posteriormente, este segmento religioso se difundiu no oriente e no ocidente europeu e, mais tarde, espalhou-se para todo o mundo, como por exemplo, no continente americano (VERDETE, 2009). A conduta missionária da Igreja Católica e sua influência na organização social da sociedade fizeram dela uma das maiores instituições religiosas já existentes, resistindo frente a outras religiões e mantendo-se como um Estado independente na Itália¹⁸.

O cristianismo baseia-se na concepção de fé de que Jesus de Nazaré, conhecido como Cristo, é Deus, veio a terra por misericórdia de Deus para com os homens e morreu para salvar a humanidade de seus pecados¹⁹. Os preceitos da religião estão no livro “A Bíblia

¹⁸ Durante muitos séculos a igreja católica e o Estado italiano viveram conflitos por conta da demarcação do território religioso no centro da Itália. O Vaticano, como o conhecemos, é na verdade uma Cidade-estado, fundado após a assinatura do Tratado de Latrão entre a Igreja Católica e o governo fascista italiano em 1929.

¹⁹ O texto bíblico do livro do Evangelho de João, no capítulo 3, versículo 16, explana a tese central pelo qual permeia a fé cristã que é o amor incondicional de Deus e seu plano de salvação por intermédio de Jesus Cristo:

Sagrada”, uma coletânea composta por 66 livros²⁰ cuja narrativa de acontecimentos remonta à época de Jesus e também antes dele (AC e DC²¹), por isso, a divisão entre Antigo Testamento e Novo Testamento, sendo o Novo Testamento a parte da coletânea onde constam os livros sobre as histórias da vida de Jesus Cristo.

Os livros da Bíblia explicam, a partir da visão teológica e criacionista, a natureza do homem e sua relação com uma força superior a ele, no caso Deus. Os livros iniciais da coletânea que formam o “Antigo Testamento” somam o total de 39 livros e narram histórias antigas das quais muitas revelam fenômenos da natureza e a relação deles com a divindade. Já os livros finais da bíblia, conhecido como “Novo Testamento”, somam 27 livros e são narrativas mais recentes historicamente, tendo seu foco na pessoa de Jesus Cristo, explanando sobre sua trajetória, experiências com seus seguidores (discípulos) e os acontecimentos sem explicação científica, também conhecidos pelos fieis como milagres.

A Bíblia se estrutura não somente como um livro de fé, mas também como modeladora do comportamento humano. Isso acontece porque além dos dez mandamentos²², o personagem Jesus Cristo significa a materialização de Deus em forma humana e isso expressa para os fieis o modelo de homem a que se deve seguir no decorrer da vida. Dessa forma, o comportamento do homem ao longo da história foi e é influenciado pelos códigos impressos pela teologia cristã.

Então, alicerçado na figura de Jesus, o cristianismo concebe simbolicamente o sentido da vida pautada no “sagrado e no profano”, na “salvação e na perdição”. Isso ocorre, pois a igreja, enquanto instituição que se diz legimitada para falar em nome de Deus, determina para seus fieis o que vem a ser sagrado na vida e, do mesmo modo, o profano. Logo, ela disseminou e dissemina o conhecimento sobre “santidade e o pecado”, sendo a santidade a prática que leva o homem à salvação, enquanto que o pecado à perdição. Assim, a igreja influenciou várias gerações ao longo dos séculos, perpetuando a ideia do que é certo e errado no comportamento humano, separando os adeptos de seus preceitos dos não adeptos (podendo este professar ou não outra religião).

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

²⁰ A Bíblia Sagrada existe em duas versões conforme a vertente cristã católica e evangélica. A versão com 66 livros, conforme citado no texto, trata-se da vertente protestante. Na bíblia católica, diferente da bíblia protestante, existem os livros chamados “deutero-canônicos” compondo parte do Antigo Testamento. Os fieis protestantes não reconhecem a inspiração divina de tais escritos.

²¹ Antes de Cristo e Depois de Cristo.

²² Os dez mandamentos pode ser encontrado no Antigo Testamento no livro de Êxodo, capítulo 20, versículo 02 ao 17 e no livro de Deuteronômio, capítulo 05, versículo 07 ao 20.

Durante a Idade Média (séculos V-XV), período marcado pela forte experiência do homem com a religião cristã intermediada pela Igreja Católica, a vida tinha como referência a visão teológica e a organização social era influenciada diretamente pela igreja que também representava o Estado (VERDETE, 2009). Os que se intitulavam ateus eram poucos na época, porque ao assumir uma visão de mundo diferente da igreja as pessoas sofriam perseguições. Segundo Rubens Alves:

“Houve tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Tão raros que os mesmos se espantavam com a sua descrença e a escondiam, como se ela fosse uma peste contagiosa. E de fato o era. Tanto assim que não foram poucos os que foram queimados na fogueira, para que sua desgraça não contaminasse os inocentes” (ALVES, 1999, p. 9).

Além disso, a religião cristã na Idade Média imprimiu a ideia de que a igualdade entre os homens seria alcançada num futuro cuja realidade poderia se concretizar em outro mundo (JACÓ-VILELA, 2001). Isso reificava a ordem produtiva estabelecida a partir da visão teológica e o controle dos comportamentos a partir da ótica da purificação difundida pela Igreja.

Na igreja medieval, foi comum a prática de vendas de indulgências, tornando-se uma moeda de troca em prol da salvação dos homens cristãos. Além disso, esta prática também permitiu a igreja enriquecer e com isso investir em muitas de suas viagens missionárias em prol do evangelismo. Atualmente, muito se fala na semelhança entre a postura de líderes religiosos “pentecostais” e a prática de indulgência da Igreja Católica, como se o mesmo ato tivesse retornado com outros moldes, porém mantendo a mesma característica de venda da salvação através das doações feitas pelos devotos a igreja.

Na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, período correspondente aos séculos XIV e XVI, a Igreja Católica se envolveu em diversos conflitos relacionados à sua postura enquanto mediadora de fé e representante do Estado²³. Além disso, ocorreu o que os historiadores no século XIX chamaram de Renascimento (XIV-XVI), um movimento cultural e científico com forte apelo ao retorno das práticas pagãs greco-romanas. Assim, ele representou um momento de mudança no modo de vida da sociedade e suas consequências são notórias contemporaneamente (ZANDONAI, 2016).

Em decorrência do movimento Renascentista que valorizava o pensamento científico, vivemos a era da racionalidade humana e os fundamentos da vida, antes explicados unicamente pelo viés teológico, passaram também a ser compreendidos empiricamente. Esse

²³ Para aprofundamento da leitura sobre esses conflitos, veja Verdete (2009) referenciado no final deste trabalho.

movimento não fez a sociedade abandonar as práticas religiosas, mas sim atenuá-la e, em decorrência disso foi dada a ela novos significados adequando suas experiências às necessidades que a nova forma de viver exigiu, tornando, inclusive, a experiência religiosa complexa como a conhecemos hoje.

Sobre o processo histórico de formação do sujeito moderno, segundo Jacó-Vilela (2001):

“O mundo, então, não tem mais a fixidez do universo feudal. Os limites do indivíduo são expandidos, dependem de ‘suas obras’, seu trabalho nesse mundo criado para seu uso. A Igreja não mais o restringe, da mesma forma que as redes de relações em que estavam imbricado; as restrições agora são internas, frutos de sua relação solitária, sem mediação, com Deus” (JACÓ-VILELA, 2001, p. 26).

Então, o homem do Renascimento, aos poucos, assume a responsabilidade na compreensão de sua fé e, por isso, buscou conhecer os ensinamentos da bíblia, desprestigiando o papel intermediador da igreja católica em suas práticas religiosas. Assim, as influências humanistas e racionalistas do Renascimento, afastando-se do modo de compreensão da vida pautado unicamente na visão teológica, contribuíram para o surgimento das novas ramificações do cristianismo. Daí surge o movimento conhecido como Reforma Protestante ou Igreja Protestante que explicamos no tópico a seguir.

2.4 O Protestantismo

Durante muito tempo e em diversas ocasiões, a Igreja Católica vivenciou momentos de instabilidade no que tange à centralidade de sua organização. Desde o final da Idade Média, vários fatores contribuíram para o advento e sucesso do movimento conhecido como Reforma Protestante. Para exemplificar, podemos citar o surgimento dos Estados Nacionais e as nações europeias, o que acarretou complexa descentralização e redução do poder do imperador, além do surgimento de conflitos entre Estado e Igreja. Também houve confronto entre reis, crise no clero, desmoralização do papado e o surgimento de uma Grande Cisma em decorrência de visões teológicas distintas, assim como, práticas doutrinárias²⁴ divergentes.

Do mesmo modo, embora a Reforma Protestante seja conhecida como movimento homogêneo e organizado entre os fundamentalistas de suas ideias, o qual os mais conhecidos

²⁴ Entende-se por práticas doutrinárias um conjunto de ideias básicas ensinadas em um sistema filosófico, religioso, político, econômico, etc. que são ensinadas e transmitidas aos participantes de um grupo.

são Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564), na verdade, a “Reforma²⁵” não deixa de ser também mais um episódio separatista dos muitos que a igreja vivenciou ao longo de seus aproximados dois mil anos. Ademais, apesar de ser muitas vezes apontada como responsável pela formação do homem moderno e as grandes transformações da modernidade, conforme mencionado anteriormente, tudo o que aconteceu no entorno desse movimento deu-se de forma gradativa e não impositiva e também por influência das mudanças que a própria sociedade e a igreja vinham passando na época. Sobre esse período histórico e as mudanças ocorridas na sociedade anteriormente a Reforma Protestante, relata Leonard (1981):

“” O que é necessário fazer para ser salvo?” A este apelo a Igreja havia, até então, respondido com suas absolvições e a graça de seus sacramentos. Mas no momento em que os fieis sentiam mais aguda sua necessidade, metade dessa igreja havia desaparecido, principalmente na sua hierarquia – desde a Santa Sé, sucessivamente desmoralizada pelo Grande Cisma, pela crise conciliar, pela atividade sobretudo política e pela vida quase sempre escandalosa dos papas no período que se seguiu, até os prelados e abades, preocupados quase exclusivamente com questões seculares. Consideremos também o número reduzidíssimo de sacerdotes seculares, a desconsideração dos monges imiscuídos na vida secular, a destruição de um grande número de igrejas, causada pelas guerras, o que resultou em diminuição dos ofícios religiosos e empobrecimento da vida sacramental, para o qual o sacerdote é necessário e da qual possui, se assim podemos dizer, o monopólio. As profundas necessidades religiosas da época deveriam, portanto, em muitos casos, ser satisfeitas sem a assistência sacerdotal, espontaneamente, através de devoções, livros de orações, que haviam sido colocados à disposição dos fieis, principalmente dos pais de família, mas em cujo o controle esses sacerdotes interviam suficientemente. Formava-se, assim, uma piedade individualista e leiga, que se entretinha nos cultos domésticos alimentando-se na bíblia, ou pelo menos em fragmentos bíblicos – constituindo pura lenda o fato de que a Igreja tenha constantemente mantido seus fieis afastados das Sagradas Escrituras. Assim, nasceu antes da Reforma, o clima espiritual que deveria assegurar o seu sucesso” (LÉONARD, p. 27, 1981).

Em decorrência dos acontecimentos narrados e o surgimento do movimento reformador na Europa, a Igreja Católica deixou de ser a única instituição religiosa cristã, passando a dividir esse posto com mais duas instituições. Para Mendonça (2005) o protestantismo faz parte dos três principais ramos do cristianismo, pois a igreja cristã passou a ser dividida como: Igreja Católica Romana, Igrejas Orientais ou Ortodoxas²⁶ e Igrejas Protestantes (MENDONÇA, 2005).

²⁵ O termo Reforma Protestante é utilizado no singular como referência ao fato histórico envolvendo Martinho Lutero. No entanto, reconhecemos existir reformas, posto que vários movimentos aconteceram com objetivos semelhantes e em locais diversos na Europa, como, por exemplo, Lutero, na Alemanha, Calvino, na Suíça, Henrique VIII na Inglaterra.

²⁶ As igrejas orientais possuem características próximas das igrejas católicas romanas, porém divergem delas, grosso modo, no que tange à autoridade Papal. Na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa não reconhece a autoridade suprema do Papa e reivindica o título de instituição anunciada por Jesus, assim como, afirma ser os seus líderes sucessores dos apóstolos de Jesus.

Aqui cabe uma reflexão acerca das mudanças ocorridas no campo religioso cristão, pois o surgimento de um novo segmento dentro do cristianismo, para além do contexto histórico, caracteriza-se a partir de Bourdieu por lutas internas, ou seja, por conflitos dentro do próprio campo pelos agentes que o formam. Assim, o surgimento do protestantismo representaria uma das mudanças na estrutura do campo religioso cristão e esse processo se estruturou por meio dos muitos embates e discordância dentro do próprio campo.

Fazendo um paralelo entre esses embates internos e as reflexões de Bourdieu (2003) sobre sua teoria, percebemos ser a Reforma uma luta dos agentes do campo em confronto para legitimar a sua verdade de fé e, portanto, deter o poder simbólico presente no movimento religioso, definir um novo padrão de conduta sobre o que é certo ou errado (Sagrado e Profano), criar novas práticas religiosas, etc. Além disso, o surgimento de um novo segmento dentro do cristianismo representa a ruptura no campo religioso, pois esta só ocorre a partir da dimensão coletiva.

Retomando nossa discussão sobre o protestantismo, em relação às Igrejas Cristãs Protestantes, elas são aquelas cuja organização se deu em decorrência desse movimento reformador ocorrido na Igreja Católica²⁷ no século XVI, conhecido como Reforma Protestante, (MAFRA, 2001; SANTOS, 2011; CAMPOS, 2011; DEGANI-CARNEIRO, 2013). Desse modo, o protestantismo enquanto movimento pode ser compreendido como um processo heterogêneo, visto que ocorreu de forma dispersa, com organizações isoladas, mas com ideias semelhantes entre vários grupos de locais diferentes na Europa.

Várias igrejas/denominações²⁸ se originaram do movimento reformador²⁹ e elas ficaram conhecidas na literatura como igrejas históricas ou tradicionais, são elas: Batista, Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Luterana, Anabatistas, Anglicana e Adventista (IBGE, 2010; SANTOS, 2011). Todas essas instituições reivindicavam, cada uma a seu modo, a liberdade religiosa em detrimento do controle exercido pela igreja católica na época. Além disso, podemos dizer que na figura dessas igrejas, o protestantismo se difundiu no

²⁷ Ressaltamos que tal processo aconteceu através de algumas pessoas da Igreja em si e não toda a organização religiosa.

²⁸ O termo denominação é utilizado para referenciar as várias igrejas que constituem o cristianismo, principalmente, as que compõem o segmento protestante/evangélico. É importante esclarecer que a Reforma Protestante não foi um movimento único, homogêneo, na verdade ele se constitui de vários movimentos, em locais diferentes, com personagens diferentes, mas com objetivos semelhantes entre si.

²⁹ Dois personagens são fortemente conhecidos na história da Reforma Protestante, o primeiro é Martinho Lutero (1483-1546), alemão, padre agostiniano responsável por pregar as 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. O segundo, João Calvino (1509-1564), francês, humanista, inicialmente, seguidor de Lutero e mais tarde também contribuiu para a formação de uma doutrina específica dentro do segmento protestante.

mundo, dando início a uma diversidade de instituições religiosas que atualmente são denominadas de formas distintas, mas, mantêm, histórica e doutrinariamente, resquício da “Reforma” no modo de operar suas práticas religiosas.

Aqui é importante esclarecer, conforme menciona Mendonça (2005), que a Igreja Anglicana³⁰ apesar de historicamente ter se comportado de forma semelhante às igrejas reformadoras, recusa o título de Igreja Protestante e se denomina unicamente Igreja Anglicana. Da mesma forma que a Igreja Anglicana, a Igreja Batista também resiste ao título de protestante por questões históricas³¹ (MENDONÇA, 2005). No entanto, seguindo os preceitos deste autor, neste trabalho, ambas serão concebidas também como igrejas protestantes.

Muito se discute sobre as mudanças surgidas no comportamento do homem e na sociedade como um todo após o movimento reformista da igreja, isso porque os protestantes ao propagarem sua teologia da salvação pautada unicamente na experiência pessoal do devoto e não na compra de indulgências, propiciaram o surgimento de um novo homem frente às práticas cristãs. Nessa linha de pensamento, Mendonça (2005) concebe o cristão protestante como:

“... o homem que se sente liberto por Cristo, segue exclusivamente a bíblia “como única regra de fé e prática”, cultiva uma ética racional de desempenho para contribuir para a glória de Deus e vive moralmente segundo os “dez mandamentos” e os padrões da moral burguesa vitoriana” (MENDONÇA, 2005, p. 51).

Então, ao se converter ao protestantismo, o homem mudava seus hábitos religiosos, sendo um deles e talvez a mais importante, no que tange às diferenças entre o fiel católico e o fiel protestante, é o fato de conhecer os ensinamentos da bíblia a ponto de não depender mais do intermédio de um sacerdote ou instituição. Desse modo, a religião protestante incutiu no homem a necessidade de uma racionalização de sua fé, uma autoanálise resultante da liberdade de seu novo modo de vida e a manutenção da busca pela santidade justificada pelo sagrado. Em virtude disso, é comum encontramos a ideia que a Reforma foi um dos movimentos fundamentais para a emergência da Modernidade e do indivíduo Moderno (JACÓ-VILELA, 2001).

³⁰ Essa igreja mantém características próximas à Igreja Católica ao mesmo tempo em que também tem características da igreja protestante. Como especificidade do segmento, podemos citar o batismo de crianças, a cultura iconoclasta (nem todo o segmento concorda), a consagração de mulheres a cargos de liderança, governo episcopal, centralidade da eucaristia, ordem do culto, não celibato clerical, etc. Assim, como inclui no segmento protestante a Igreja Anglicana.

³¹ Você encontra essas explicações históricas em: Investimento evangélico em Psicologia no Brasil: a Psicologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil na segunda metade do século XX. (DEGANI-CARNEIRO, Filipe, 2017).

Sob o mesmo ponto de vista, o sociólogo Max Weber (1864-1920), em sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (1904-2001)” – analisa e discute a relação entre a religião protestante e o advento do capitalismo. O autor estudou os países protestantes, no que tange à economia e à sociedade, sobretudo o pensamento calvinista, e compreendeu que a partir dela a sociedade se estruturou e desenvolveu um novo espírito, uma nova forma de encarar o mundo que contrapunha o modelo comportamental até então difundido pela igreja católica.

Weber (2001) observou que em algumas regiões onde a doutrina calvinista se fortaleceu, como por exemplo, Estados Unidos da América (EUA), Inglaterra e Suíça, existiu ali o desenvolvimento de um espírito capitalista organizado através de um mercado com maior abertura para o capital e para o comércio. Os fieis do calvinismo acreditam na predestinação de certas pessoas à salvação e o enriquecimento seria uma das formas de demonstração dessa escolha divina. Assim sendo, teria sido o modelo calvinista um dos principais responsáveis pela mudança comportamental relacionada ao capital, ao trabalho e o lucro.

Para Weber (2001), a moral protestante calvinista não produziu o capitalismo, mas sim, o modelou. O trabalho a partir da Reforma deixou de ser encarado como uma atividade comum para significar proximidade/experiência com Deus, ele se torna uma dádiva de Deus, por isso, quanto mais se trabalha mais se produz, mais se enriquece e assim mais se agrada a Deus.

Então, a conduta do homem pós-reforma em relação ao trabalho passa a ter não somente a motivação para sobrevivência, mas segue influenciada pela ideia de que ele deve ser realizado de forma árdua, honesta e disciplinada, ou seja, de forma produtiva. Ademais, em decorrência da Reforma, o enriquecimento passou a ter um novo significado socialmente, ele é representado como uma espécie de resposta ou benção de Deus para com o homem que, conseqüentemente, o almejava e se esforça para alcançá-lo através do trabalho. Segundo Weber:

“Assim, a riqueza seria eticamente má apenas na medida em que venha ser uma tentação para o gozo da vida no ócio e no pecado, e sua aquisição seria ruim só quando obtida com o propósito posterior de uma vida folgada e despreocupada. Mas como desempenho do próprio dever na vocação, não só é permissível moralmente, como realmente recomendada” (WEBER, 2001, p. 77).

Isto representa uma mudança de paradigma se comparado ao comportamento dos fieis católicos que eram mais conservadores em suas práticas econômicas. Assim, na concepção

weberiana, a contribuição do movimento reformador da igreja para a formação da sociedade não estava somente na esfera material, mas também subjetiva, pois houve uma mudança no modelo de pensamento do homem sobre as experiências e o sentido da vida.

O homem protestante busca então seguir uma vida conforme os preceitos bíblicos. Assim, construiu uma cultura própria, formou códigos e modos de ser que contrapunha o modelo cristão católico. Dessa forma, na atualidade, podemos dizer que suas práticas são demasiadamente diferentes dos costumes católicos e há um aumento exponencial do número de seus adeptos, fazendo do protestantismo um movimento religioso complexo, sobretudo, no Brasil.

2.4.1 Protestantes ou evangélicos?

Antes de dissertarmos sobre a religião protestante/evangélica no Brasil, cabe a nós uma discussão relevante para a compreensão do fenômeno religioso cristão protestante no país. Afinal de contas, protestantes e evangélicos são a mesma coisa?

O questionamento acima surge em decorrência de nossa experiência empírica, pois comumente o termo “evangélico (a)” é a forma utilizada para referenciar as igrejas protestantes no Brasil. Desse modo, ambos os termos são empregados e difundidos socialmente como sendo palavras sinônimas, representando um grupo homogêneo de sujeitos (SANTOS, 2011).

Apesar de as igrejas protestantes serem reconhecidas como evangélicas, em termos conceituais acadêmicos, não podemos afirmar que protestantes e evangélicos são de fato sinônimos, em virtude de se constituírem historicamente de forma diferente e também por serem organizados em grupos denominacionais diversos, ou seja, são processos heterogêneos. O elemento comum encontrado para ambos os termos é a prática religiosa atribuída ao ato de evangelizar e propagar os textos bíblicos do Novo Testamento como verdade de fé (MAFRA, 2001).

Assim sendo, como mencionado anteriormente, chamamos de protestante o segmento religioso cristão derivado do movimento reformista ocorrido na igreja católica em pleno século XVI, através das várias igrejas históricas/tradicionais. Tal movimento tinha como pressuposto o ato de protestar contra as práticas da igreja católica consideradas inadequadas aos conteúdos bíblicos segundo a visão dos reformadores; por este motivo, o termo “protestante” é utilizado para referenciar às igrejas envolvidas neste processo.

Ainda sobre a origem do termo protestante, existe também a concepção histórica que remonta à segunda Dieta de Spira (1529), quando em assembleia os príncipes decidiram que a religião oficial do Sacro Império Germânico seria o catolicismo; essa atitude contrariou a primeira Dieta (1526) em que havia se definido a autonomia para cada príncipe decidir qual religião seria oficializada em seu território. Em decorrência disso, os líderes luteranos fizeram um protesto formal e daí surgiu o termo “protestante”.

Já o termo evangélico é mais recente historicamente, possui significado amplo e tornou-se um identificador abrangente das igrejas históricas protestantes (MAFRA, 2001). Ele pode ser compreendido a partir de dois vieses. Inicialmente, podemos mencionar ser o evangélico um movimento de desdobramento do protestantismo, porquanto aqui parece ser explicativo e não conclusivo, como acontece na maioria dos casos em que ocorrem fragmentações de grupos, nem todos os hábitos, costumes e crenças são preservados em sua totalidade, assim ocorre no meio evangélico em comparação com os protestantes. Além disso, analisando conceitualmente, identificamos que a categoria “evangélico” se diferencia de protestante, pois remete ao ato de evangelizar, ensinar, divulgar uma informação para alguém (MAFRA, 2001), assim como também serve para se distinguir dos cristãos católicos e espíritas. Os evangélicos também se diferenciam dos protestantes, pois são extremamente difusos e sua configuração não tem uma instituição associada, como acontece com os protestantes e as igrejas históricas/tradicionais. Em relação aos evangélicos, segundo Mendonça: “*O movimento, pois é de fato movimento e não igreja...*” (MENDONÇA, 2006, p. 94).

Na literatura pesquisada, identificamos também duas concepções dessemelhantes sobre o significado de evangélico. A primeira é citada por Mafra (2001) e está ligada à teologia norte-americana do “Destino Manifesto”, cuja ideologia pautava-se na propagação do evangelho em territórios não cristãos protestantes (MAFRA, 2001). A segunda é explicada por Mendonça (2006) através do uso do termo evangélico por Lutero ao se referir às novas igrejas cristãs; e também ao movimento evangélico conservador inglês em prol do fortalecimento do evangelho e em detrimento do retorno do poderio da igreja católica.

Não obstante a discussão acima, é oportuno salientar que, embora estejam todos dentro do mesmo segmento religioso cristão, a distinção entre ser protestante e ser evangélico pode ser sinalizada em termos conceituais e de prática religiosa. Entretanto, empiricamente, essas distinções se dissipam também pelo fato de os próprios seguidores dessa religião empregarem

ambos os termos de forma intercambiável, classificando-se coletivamente como um único segmento religioso.

Destarte, podemos concluir que no contexto brasileiro, o entendimento de que todo cristão não sendo católico ou espírita pode ser considerado evangélico e da mesma forma protestante, pois segundo Mendonça: “*Assim não sendo católico todo cristão é evangélico*” (MENDONÇA, 2006, p. 93). Por esse motivo, pautados nessa característica que permeia esse campo religioso, reiteramos que neste trabalho os termos protestante e evangélico como sinônimos.

2.4 Os Evangélicos no Brasil

Em termos históricos, os primeiros investimentos religiosos protestantes no Brasil ocorreram através dos franceses e holandeses, respectivamente, nos séculos XVI e XVII. Todavia, foi somente no século XIX que missionários se estabeleceram no território e deram início a movimentos religiosos, sendo a maioria deles membros de igrejas históricas. Isso ocorreu em virtude da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808, pois este fato reverberou inúmeras mudanças a nível nacional, dentre elas, a sistemática expansão religiosa no país (RIBEIRO, 1973).

A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil foi um marco para o desenvolvimento do território brasileiro, sobretudo, no Rio de Janeiro, que segundo Ribeiro significou uma revolução sócio-econômico-cultural (RIBEIRO, 2008), pois nunca na história das Américas uma metrópole monárquica europeia havia se mudado para uma cidade em território de sua colônia, transformando-a em capital de seu Império como aconteceu no Brasil em 1808. A cidade do Rio de Janeiro foi durante treze anos a capital portuguesa (DELGADO DE CARVALHO, 1990).

Com a transformação do Rio de Janeiro em capital do Império Português, várias medidas foram tomadas pelo governo para reorganizar o espaço, tendo em vista a inexistência estrutural em âmbito social, cultural e econômico, resultado de uma colonização com objetivos unicamente políticos e militares. Desse modo, após 1808, a estratégia de colonização brasileira teve que ser revista para focar também a colonização demográfica, uma

vez que chegaram a cogitar, inclusive, o fim da Monarquia Lusitana, sendo o Brasil considerado um possível substituto³² (PRADO JUNIOR, 2006).

Especificamente em relação às mudanças surgidas após a chegada da Família Real Portuguesa, podemos citar a implantação do aparelho estatal, os investimentos na reestruturação urbanística da cidade, como já mencionado, a tolerância a uma comunidade Anglicana na cidade do Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2008, apud PRIEN, H-J, 1948) uma igreja protestante, assim como os acordos realizados entre Portugal e Inglaterra em 1810, consentindo, inclusive, a liberdade de culto religioso até então restrito somente aos cristãos católicos. Sobre essa permissão religiosa realizada pelo Príncipe Regente D. João VI, ainda que possa ser considerada uma atitude flexível e avançada para época, também deve ser analisada sob o viés econômico, em decorrência das negociações entre Portugal e Inglaterra. Também é importante enfatizar que, apesar de permitido, o culto protestante não foi autorizado acontecer da mesma forma que os cultos católicos, na verdade, existia uma série de limitações nessas experiências³³ (MATOS, 2010; RIBEIRO, 2008; LÉONARD, 1981).

Com a Proclamação da Independência do Brasil, em 1822, um número maior de missionários começou a estabelecer trabalhos religiosos no país, marcando o que é conhecido na literatura acadêmica de “protestantismo de imigração” e de “protestantismo de missão”.

O protestantismo de imigração representou o grupo religioso que tinha por objetivo estabelecer-se em determinado território a fim de colonizá-lo, ou seja, seu propósito não estava relacionado ao ato de propagar sua fé religiosa em si, mas sim organizar uma comunidade autônoma, que agregaria somente os que professassem a mesma crença religiosa. Os protestantes de imigração começaram a se estabelecer no Brasil após 1810. Cabe ainda destacar que esse grupo contribuiu para criar condições favoráveis para a penetração do protestantismo de missão no país (MENDONÇA, 2005; MATOS, 2010; DEGANI-CARNEIRO, 2013).

Segundo Ribeiro (2008), o protestantismo de imigração ocorreu devido ao processo migratório que marcou o século XIX, acontecendo como uma dupla diáspora, caracterizado pelo elemento étnico e religioso. Além disso, o autor menciona que as primeiras colônias

³² A possibilidade de acabar com a Monarquia de Portugal e em decorrência criar uma nova no Brasil, fez com que a estratégia da colonização se alterasse. Antes da chegada da Família Real Portuguesa no Brasil (1808), a colonização tinha por objetivo a exploração das terras, porém em decorrência do fato citado, houve a necessidade de reorganizar o espaço para instalação da população imigrante.

³³ A liberdade de culto aos protestantes era limitada, já que veio acompanhada de proibições como: atos proselitistas, críticas contra a religião oficial, interdição da arquitetura em formato de igreja, inclusive, e não autorização do uso de sinos (MATOS, 2010; LÉONARD, 1981).

protestantes a se estabelecerem no país foram as alemãs, ainda em 1817, em Nova Friburgo no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2008).

Por seu turno, os diversos protestantes de missão chegaram ao país ávidos em propagar suas respectivas crenças religiosas, isto é, tinham o intuito primordial de difundir a mensagem do evangelho cristão ao maior número de pessoas. Várias igrejas históricas iniciaram atividades missionárias no Brasil a partir dos meados do século XIX, como, por exemplo, a Igreja Anglicana, primeira denominação a realizar culto no Brasil após os acordos entre Brasil e Inglaterra em 1810 (MENDONÇA, 2005) e a Igreja Congregacional, primeira igreja brasileira não sujeita a junta missionária³⁴ (1858) e, além da Congregacional, as Sociedades Bíblicas Britânicas, Estrangeiras e Americanas também investiram em atividades missionárias (MATOS, 2010; DEGANI-CARNEIRO, 2013).

Cabe aqui realizarmos um apontamento sobre a expansão do protestantismo no Brasil, utilizando como referência o processo político do século XIX. Deste modo, se o acordo feito entre Portugal e Inglaterra em 1810 garantiu a possibilidade de cultos aos protestantes, mesmo que de forma limitada como já mencionado neste trabalho, propiciando o movimento imigratório; no ano de 1890, quando o Brasil tornou-se um Estado laico, é que as portas tornaram-se abertas para o movimento missionário no país. Assim, em decorrência deste último movimento, é que a expansão religiosa protestante seguiu o rumo de crescimento exponencial a partir do meado do século XIX, atingindo seu apogeu ao logo do século XX (SOUSA, 2012).

Em efeito, ao longo do século XX, o Brasil vivenciou o fortalecimento e a formação de um protestantismo próximo da experiência norte-americana (MENDONÇA, 2005). O mesmo autor fala que nos Estados Unidos houve um fator teológico no desenvolvimento do protestantismo que, embora contraditório para o próprio segmento religioso em si, impactou também o protestantismo no Brasil. Trata-se da questão abolicionista da escravidão que dividiu a igreja americana e fez surgir a racionalização da escravidão a partir do princípio bíblico “daí a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus”. Assim, grosso modo, a igreja não se envolveria com o movimento, respaldada na concepção de que a influência dela se limitava ao âmbito espiritual e às questões materiais e políticas ao Estado.

³⁴ Junta Missionária foi a organização de grupos protestantes/evangélicos com o propósito de propagar o evangelho em vários lugares, tanto no Brasil (Junta de missões Nacionais), como em outros países através do envio de missionários (Juntas de Missões estrangeiras).

O protestantismo para se estabelecer no Brasil comportou-se da mesma forma, ou seja, a igreja não se comprometia ou pelo menos se mantinha afastada das questões de ordem social e política (MENDONÇA, 2005). Este afastamento, inicialmente, proporcionou ao segmento religioso uma prática de isolamento da sociedade, transmitindo e cultivando a expressão de que “crente não deve se meter em política” (MENDONÇA, 2005 p. 48). Embora ainda comum de se ouvir, a crença nessa expressão tem perdido força, pois diferente do século XIX e do século XX, notadamente, hoje, os protestantes se envolvem com essas questões, formando, inclusive, a chamada bancada evangélica.

Ainda sobre o século XX, este é também descrito pela inserção de um novo fenômeno religioso, o Pentecostalismo. Oriundo dos Estados Unidos ele é marcado, sobretudo, pela experiência subjetiva com o “Espírito Santo³⁵” e a “glossolalia³⁶”, logo sendo menos racional e mais emotivo. Além disso, é também caracterizado pelo aspecto popular e carismático (MENDONÇA, 2006; BITTENCOURT FILHO, 1994; FRESTON, 1994; DEGANI-CARNEIRO, 2013).

Sobre esse fenômeno no Brasil, Freston (1994) o compreende a partir da divisão em três ondas historicamente datadas. Desta forma, didaticamente, o autor selecionou os marcos do movimento ao longo do século XX e o interpretou, estruturando-o através de um esquema com rupturas e continuidades.

A primeira onda do pentecostalismo tem início na década de 1910 com a chegada ao Brasil da igreja Congregação Cristã do Brasil (São Paulo - 1910) que deu origem a maior denominação cristã do país: a Igreja Assembleia de Deus (Belém - 1911). A Assembleia de Deus obteve um crescimento geográfico gigantesco no país, enquanto que a Congregação Cristã permaneceu tímida. Isso aconteceu porque a cultura que se desenvolveu internamente na Congregação Cristã não foi informal e flexível quanto a da segunda igreja pentecostal do país, no caso a Assembleia de Deus (MAFRA, 2001). De acordo com Matos (2010), essas duas denominações dominaram o campo pentecostal por quarenta anos.

³⁵ O batismo com o Espírito Santo é um divisor de águas entre as igrejas tradicionais e as pentecostais. Este segundo grupo acredita na manifestação do Espírito Santo tal como é relatado em algumas passagens na bíblia: Mateus 3:11-12 – “Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno de lavar as sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele traz a pá em sua mão e limpará sua eira, juntando seu trigo no celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga”. Atos dos Apóstolos 1:5: “Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo” (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

³⁶ Segundo SILVA (2012), o fenômeno de glossolalia marcou a difusão do Cristianismo a partir da experiência dos antigos cristãos na festa de Pentecoste. A glossolalia possibilitou aos fiéis falarem línguas estranhas e interpretá-las segundo dom divino.

A segunda onda iniciaria por volta da década de 1950 ou 1960 e é marcada por seus efeitos urbanísticos (São Paulo) e pela formação de uma sociedade religiosa em massa que possibilitou irradiar/fragmentar a igreja protestante. Nessa segunda onda surgiram as seguintes denominações: Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). Para Mafra (2001), o que essas três denominações têm em comum é o a reposição do apego e o fascínio dos fieis pelos líderes do movimento (MAFRA, 2001).

A terceira onda do pentecostalismo inicia em torno da década de 1970, com inovação e inserção social e é também conhecida como neopentecostal. Ela começa e se firma no Rio de Janeiro, tendo como referência a Igreja Universal do Reino de Deus.

Para Freston (1994), essa terceira onda é marcada mesmo pelo surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e da Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), que mudam drasticamente o comportamento evangélico no país. Diferentemente da Assembleia de Deus que mantinha comportamento flexível frente as suas práticas missionárias e de evangelização, as igrejas do período conhecido como neopentecostal são extremamente organizadas e partem de seus templos para os meios de comunicação (rádio e TV), como é o caso da Universal do Reino de Deus liderada pelo Bispo Macedo³⁷. Além disso, recebe visibilidade social no país em 1989, período após a retomada da democracia brasileira e culturalmente depreciam as religiões de origens africanas e o catolicismo (MAFRA, 2001).

Segundo Almeida (2006): “... o pentecostalismo extrapola suas fronteiras institucionais assim como incorpora o mecanismo de funcionamento de religiões fora do Campo Cristão” (ALMEIDA, 2006, p. 111). Portanto, para este autor, há no pentecostalismo uma circulação de ideias e práticas religiosas sem apego fronteiriço institucional. Desse modo, ele critica a visão esquematizada cunhada por Freston (1994) sobre o pentecostalismo, através de rupturas e continuidade, pois entende não ser a forma mais adequada para explicar o movimento, uma vez que não identifica, nos últimos anos, esse comportamento social no movimento religioso. Na visão de Almeida (2006), o mais apropriado seria trabalhar com a ideia de “circulação e flexibilidade”. O termo circulação remete ao movimento de ideias e práticas religiosas, enquanto que o termo flexibilidade é empregado para se referir à abertura que há referente aos vínculos institucionais (ALMEIDA, 2006).

³⁷ Mafra relata que a trajetória religiosa de Edir Macedo foi atravessada por diferentes culturas religiosas, pois o mesmo nasceu em família católica devota, teve experiência de iniciação no candomblé e também passou pelo pentecostalismo clássico (MAFRA, 2001). Talvez esse conjunto de experiências religiosas heterogêneas do líder da Igreja Universal, tenha contribuído para formação da cultura da própria denominação que, muitas vezes, é apontada como uma igreja diferente do movimento evangélico/protestante.

Para Bittencourt Filho (1994), o pentecostalismo é o atual grande fenômeno religioso brasileiro. Esse autor menciona existir no Brasil o que ele chama de Pentecostalismo Autônomo (PA), designação utilizada para distinguir a experiência brasileira (PA) do Pentecostalismo Clássico (PC) de origem americana. Apesar da diferença entre essas duas experiências, o mesmo afirma ser o Pentecostalismo Autônomo um desdobramento do Pentecostalismo Clássico.

É relevante também mencionar que para Bittencourt o PA se estrutura na tríade: cura, exorcismo e prosperidade, e esses três aspectos suprem algumas carências de partes da população sobre inúmeros serviços. Assim, sobre a cura ele explica: “*A cura viria ao encontro do conjunto de enfermidades físicas e psicossomáticas, num país no qual o atendimento médico passa por uma crise crônica...*” (BITTENCOURT, 2006, p. 24). Por sua vez, o exorcismo enquanto uma prática mística faz uma ligação entre a vida e a fé, além de proporcionar confronto com as religiões de matrizes africanas.

O exorcismo seria um autêntico “dar nomes aos bois”. Seria resposta a problemas desde desemprego até crianças nascidas com lesões irreversíveis. O grande inimigo e causador dos males passa a ter nome, com a vantagem adicional de que agora se dispõe de um poder maior para enfrentá-lo”. “A ênfase no exorcismo alimenta a “guerra santa”, conquanto a identificação dos “demônios” com os orixás e divindades do Candomblé e Umbanda representa um mecanismo de desmoralização dessas religiões [...] (BITTENCOURT, 2006, p. 26).

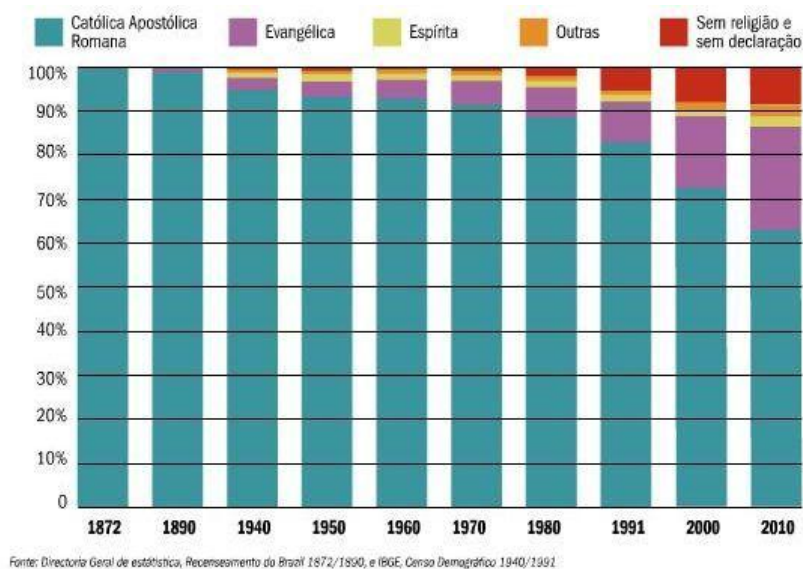
Por último, a prosperidade seria o dispositivo de ação que proporcionaria a busca pela religião: “*A prosperidade aparente funciona como um chamariz e atende aos anseios de ascensão.*” (BITTENCOURT, 2006, p. 28).

Sendo assim, o autor explica o papel social que o movimento evangélico pentecostal executa na sociedade brasileira, pois a tríade “cura, exorcismo e prosperidade” atuaria como uma solução através do sagrado para suprir a carência, por exemplo, na área da saúde, segurança social e também resolver as dificuldades econômicas que assolam o país. Isso explicaria o crescimento exponencial da religião evangélica ao longo do movimento pentecostal.

É importante frisar também que na atualidade os evangélicos formam uma das religiões com maior número de adeptos no país. Porém esse crescimento exponencial não surgiu da noite para o dia, ele alcançou representatividade numérica ao longo do século XX, no decorrer das ondas pentecostais mencionadas e, assim, a cara do campo religioso brasileiro foi mudando, tornando-se eclética, e não somente católica conforme a tradição histórica do país (CARREIRO, 2011).

O gráfico a seguir, retirado de uma reportagem do jornal O Globo, do ano de 2012, apresenta as mudanças no campo religioso no Brasil segundo os indicadores extraídos nos censos realizados pelo IBGE. Através dele podemos perceber nitidamente que dois fenômenos estão acontecendo no país e esses dados são interessantes para nos fazer pensar sobre a mudança do cenário religioso brasileiro: a) O número de fieis católicos vem regredindo ao longo dos anos, apesar de o Brasil ainda ser a nação com o maior número de adeptos ao catolicismo no mundo; b) Desde a década de 1940, identificamos um aumento considerável do número de adeptos das religiões evangélicas.

Gráfico 3 - Mudanças no Campo Religioso no Brasil.



Fonte –Retirado da reportagem do site <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>.

Na reportagem em questão, especialistas explicam o processo de mudança apresentado no gráfico e tecem comentários interessantes relacionados ao fenômeno. Um dos pontos colocados foi que antes do censo de 2010 o crescimento católico andava a passos lentos, mas agora já pode ser considerado como regressão do número de seus adeptos. Se em 1970, o percentual de católicos era de 91,9% no país, o censo de 2010 mostra uma queda de 8,2% chegando a um total de 64,6% da população pesquisada.

Em contrapartida, a religião em que o índice de adeptos aumentou fortemente ao longo dos anos é a evangélica e o período mencionado de maior crescimento foi relativo à terceira onda do movimento pentecostal no país (iniciado na década de 1970). Inclusive, o próprio movimento é mencionado como responsável por essas mudanças, em virtude de abraçar as

migrações de pessoas de baixo poder aquisitivo para as regiões metropolitanas, prática essa não realizada pela igreja católica. Nesse sentido, enquanto a igreja católica diminuiu o número de fiéis, a igreja evangélica teve um aumento exponencial (TEIXEIRA, 2006), saltando nos últimos 40 anos de 5,2% para 22,2% da população³⁸.

No próximo capítulo iniciamos a apresentação do campo religioso em Paracambi, enfocando a religião evangélica, partindo de uma pesquisa cujo método utilizado foi a cartografia. Então, nele focamos as informações coletadas no território, trazendo dados sobre a cidade até então inexistentes na literatura.

³⁸Reportagem do site <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em 16/03/2018.

Capítulo 3 O campo religioso em Paracambi

Iniciamos este capítulo apresentando o campo religioso da cidade de Paracambi-RJ. O texto foi construído partindo do viés bibliográfico e empírico, pois começamos percorrendo sobre a presença do catolicismo na cidade, conteúdo este extraído da literatura consultada, e terminamos o capítulo com os dados obtidos no processo cartográfico.

Quanto à pesquisa bibliográfica, os autores encontrados na literatura sobre a cidade e utilizados por nós para referenciar este trabalho (NATAL & NATAL, 1987; KELLER, 1997; RAMOS, 2004; CIAVATTA, 2007), não tiveram como enfoque de suas pesquisas o tema religião ou a religiosidade, eles analisaram o contexto histórico e social, com ênfase nas “Fábricas de tecidos” e a “Cultura Manicomial” implantada no lugar. No entanto, alguns deles tiveram seus objetos de estudos atravessados por aspectos religiosos e, por isso, contribuíram com algum material sobre o campo religioso.

Dentre os autores citados acima, o que contribuiu em demasia sobre o campo religioso em Paracambi foi o sociólogo Paulo Keller. No livro do sociólogo com título “Fábrica & Vila Operária: A vida Cotidiana dos Operários têxteis em Paracambi/RJ” (1997), ele dissertou sobre as experiências dos operários e citou o aspecto religioso, sobretudo, o catolicismo. Keller mencionou haver no território outras manifestações religiosas diferentes da cristã católica, porém devido à delimitação de seu objeto de pesquisa, ele acabou por não investigar esses demais segmentos³⁹.

Sobre a pesquisa empírica, trata-se de um mapeamento aos moldes cartográfico, realizado na cidade com o objetivo de compreender como está configurado o espaço geográfico religioso, assim como, identificar as principais denominações evangélicas, as mais antigas, os bairros mais frequentados pelos adeptos da religião evangélica, etc. Tal como Keller, identificamos outras manifestações religiosas na cidade, porém nos atemos às memórias dos cristãos evangélicos, nosso objeto de estudo.

No gráfico a seguir, ilustramos quantitativamente a presença dessas outras práticas religiosas mencionadas, assim como os evangélicos (IBGE, 2010).

³⁹ Transcrevemos a Nota (130) do livro de Paulo Keller sobre sua pesquisa e a religião: “No trabalho de campo, tomei conhecimento que era comum os rezadores na vila da Maria Cândida. Alguns dos rezadores professavam publicamente a fé católica, outros professavam o espiritismo. Nesta vila também funciona o terreiro de Umbanda do seu Celso do Rego desde a década de 1940, e foi legalizado em 1976 com o nome de Tenda Espírita Cabloca Jurema. Na vila da Brazil Industrial não obtive dados precisos sobre rezadores e os cultos afro-brasileiros, mas ambas as práticas eram comuns nos arredores das vilas como o terreiro do seu Aquilles em São José, e do Sebastião Carvoeiro no Saudoso. Apesar da hegemonia e do formalismo católico, era comum as famílias operárias recorrerem aos rezadores e aos terreiros de “macumba” (KELLER, 1997, p.75).

Tabela 1 – Religiões em Paracambi-RJ (IBGE 2010)

Religião	N	%
Candomblé	101	0%
Católica Apostólica Brasileira	23	0%
Católica Apostólica Romana	16.000	44%
Espírita	930	3%
Evangélica	16.930	47%
Umbanda	102	0%
Não determinada e múltiplo pertencimento	239	1%
Testemunhas de Jeová	600	2%
Tradições esotéricas	9	0%
Umbanda e Candomblé	203	1%
Outras religiões cristãs	956	3%
TOTAL	36093	100%

Analisando os dados, é importante esclarecer que adeptos do candomblé e da Umbanda costumemente se intitulam espíritas, por isso, o indicador (Candomblé-101 / Umbanda 102 / Umbanda e Candomblé-2013) pode não representar o percentual assinalado acima. Além disso, exceto esses segmentos (Umbanda e Candomblé) e (Tradições esotéricas-9), todas as demais são derivadas do cristianismo.

3.1 A presença Católica em Paracambi

A presença católica no território paracambiense pode ser identificada histórica e didaticamente em dois momentos. O primeiro em um período histórico mais longínquo, ainda durante o período do Brasil colonial, a partir da atuação eclesiástica dos padres jesuítas da Companhia de Jesus, na antiga Fazenda Nacional de Santa Cruz. O segundo momento deu-se pelo investimento industrial na região com a instalação da Fábrica de Tecidos Brasil industrial.

Sobre a atuação dos padres jesuítas (Companhia de Jesus), é importante explicar as motivações para a imigração deles para o continente americano e também seus primeiros passos ao chegar ao Brasil, pois esta congregação teve notória participação no processo colonizador, expandindo suas atividades para diversos lugares ao redor da nova colônia.

Desde o início do projeto colonizador português, o Brasil contou com a presença de grupos religiosos com a finalidade de implantar a cristandade no “Novo Mundo⁴⁰”. Nas primeiras décadas da colonização, a igreja católica enviou religiosos franciscanos e, após 1549, oficialmente, o primeiro grupo da Companhia de Jesus. É importante enfatizar que o plano de colonização religiosa do Brasil teve como característica a dependência à coroa lusitana, pois ela se aliou aos religiosos e definiu o rumo deles no território. Assim, o início do cristianismo no Brasil se caracteriza pela união entre Política e Religião, representado pelo Estado Português e a Igreja Católica (AZZI, 1983).

Em relação à Companhia de Jesus, segundo Shigunov Neto (2008), ela foi fundada em decorrência do avanço da Reforma Protestante na Europa e utilizada como um dos principais instrumentos da Contrarreforma na tentativa de suprimir o avanço do protestantismo. Sua atuação foi marcada pelo viés educacional de homens das “Novas Terras” descobertas pelos europeus – incluindo indígenas - e pela ação missionária focada na conversão à religião cristã católica.

Os padres jesuítas responsáveis pela Companhia de Jesus intentaram desenvolver no Brasil um “*imenso império temporal da Igreja Católica sob sua direção*” (PRADO JUNIOR, 2006, p. 48). Isso porque eles se aproximaram dos nativos (índios) de um modo que os outros colonos não conseguiram, inclusive, conquistando a confiança deles e colocando-os para trabalhar na organização do espaço físico utilizado por esses religiosos. Portanto, a atuação dos padres da Companhia de Jesus não foi ao todo uma missão tradicional para a colonização, ou seja, aquela realizada por meio da aproximação dos religiosos às populações indígenas para posteriormente seguir com avanço dos portugueses. Segundo Prado Junior (2006), a postura desses padres foi tão diferente que eles conseguiram organizar uma verdadeira empresa sistemática, conquistando parte do continente sul-americano - Uruguai, Paraguai até o Alto Amazonas - por meio do vínculo com os indígenas (PADRO JUNIOR, 2006).

Não há detalhes na literatura a respeito da experiência católica durante o período colonial na região de Paracambi (NATAL & NATAL, 1987; KELLER, 1997; RAMOS, 2004; CIAVATTA, 2007; GRULJOR, 2013). Natal & Natal (1987) compartilham fatos históricos a partir de 1800, porém não explora os dados levantados. Por este motivo, compreendemos a relevância de ampliarmos nosso olhar histórico a fim de contribuirmos no que tange aos conteúdos sobre o campo religioso da cidade antes do apogeu industrial têxtil. Assim, o

⁴⁰ Esse termo foi empregado pelos europeus para designar as terras encontradas no ocidente, especificamente, o continente Americano.

conteúdo apresentado a seguir é a junção de relatos encontrados nos trabalhos pesquisados, a fim de analisarmos o movimento do campo religioso do lugar como um processo de continuidade e não apenas como rupturas e mudanças.

A atuação dos padres jesuítas na região onde se localiza o município de Paracambi se deu através da Fazenda Nacional de Santa Cruz, que se constituiu como um vasto território abrangendo aldeias indígenas em torno da região sul-fluminense e costa verde no atual Estado do Rio de Janeiro (MOREIRA, 2005). Conforme Viana (2011), esta foi a mais importante propriedade dos padres da Companhia de Jesus no sul do Brasil.

O bairro de Santa Cruz (Rio de Janeiro), as cidades de Itaguaí, de Paracambi, de Nova Iguaçu, de Seropédica, de Vassouras, entre outras, surgiram da divisão territorial dessa fazenda, por isso, muitos desses lugares receberam nomes indígenas, como é o caso de Itaguaí e também nomes de santos católicos, como é o caso do bairro de Santa Cruz.

Atravessada pelo caminho que ligava o Rio de Janeiro a São Paulo e de base tipicamente rural, a fazenda Nacional de Santa Cruz tinha como atividade econômica a lavoura e a criação de gado. Para tornar-se autossustentável, a fazenda recebeu dos religiosos diversas melhorias, tais como: canais para escoamento de água, paredões, diques, pontes, etc. Apesar de ter forte agricultura, a principal fonte de receita da fazenda vinha de aluguéis de pastos para engordar gados trazidos de Minas Gerais e de São Paulo, inclusive, os padres jesuítas também foram criadores de gados, chegando a possuir um total de 11.000 cabeças de gado na região (VIANA, 2011).

Segundo Viana, a fazenda tinha em suas terras:

[...] igreja, vasta residência de sobrado, hospedaria, escola de rudimentos e catequese para meninos, hospital, cadeia e diversas oficinas de trabalho: ferraria, tecelagem, carpintaria, olaria, fábrica de cal, fábrica de farinha, descasca de arroz, curtume, engenhoca de aguardente, engenho de açúcar, (em construção), estaleiro onde se fabricavam canoas. [...] açougue, uma pescaria na Ilha d Pescaria.[...] utilizava-se principalmente de mão de obra escrava, como era comum na época... [...] Os Jesuítas teriam tido, de uma só vez, 1.500 escravos em Santa Cruz... (VIANA, 2011, p. 6).

Em decorrência dos objetivos da igreja na América, sobretudo no Brasil, os religiosos jesuítas lutaram contra os portugueses, a fim de manter sua hegemonia e o que vinha desenvolvendo no território colonial, acarretando entrave para a exploração da colônia pelos portugueses. Em resposta a isso, em 1755, o ministro Marquês de Pombal aboliu o poder local dos religiosos nas missões indígenas e o entregou a outros administradores sem vínculos eclesiásticos, ficando a cargo dos padres apenas as atividades religiosa/espirituais. Consequentemente, a decisão do ministro contribuiu para agravar o confronto direto entre os

religiosos e o Estado (português), o que resultou na expulsão dos padres jesuítas do território colonial em 1759.

Após a expulsão dos jesuítas em 1759, a Fazenda Nacional de Santa Cruz foi incorporada ao patrimônio Real, passando a ser administrada pelo Estado português, o que ocasionou a desorganização de toda estrutura desenvolvida até então pelos religiosos.

O segundo momento da presença católica na região situa-se no período de investimento na industrialização com início a partir de 1870. Referente a essa questão, identificamos que as fábricas de tecidos tornaram-se objetos de estudo mais explorados na literatura, em virtude do impacto social e urbanístico que o complexo fabril trouxe para a localidade, marcando a história e a literatura do lugar. Sobre essas pesquisas já realizadas, identificamos os seguintes objetivos: o interesse em conhecer mais sobre a história do lugar e o desenvolvimento econômico do território (KELLER, 1997; NATAL & NATAL, 1987; RAMOS, 2004), a cultura manicomial implantada no município (GULJOR, 2013) e a transformação de uma fábrica de tecido em lugar de conhecimento - Fábrica do Conhecimento – (CIAVATTA, 2007).

Conforme falamos no primeiro capítulo, as fábricas de tecidos em Paracambi configuram o padrão “Fábrica com vila operária”, modelo este em ascensão no Brasil do final do século XIX até meados do século XX. Nesse modelo, as fábricas disponibilizam aparatos institucionais a fim de facilitar a experiência dos funcionários no dia a dia e também proporcionar o acesso rápido ao local de trabalho, por isso a empresa fornecia a vila, o armazém, a capela, etc.

A experiência católica na vila operária da Brasil Industrial iniciou aos poucos e após a migração da população do povoado São Pedro e São Paulo para o povoado de Macacos (local de instalação da fábrica de tecidos e atual centro de Paracambi), quando os próprios operários sentiram a necessidade de ter uma igreja. Assim, a capela da Brasil Industrial foi construída no final do século XIX, por iniciativa conjunta da gerência da empresa e dos operários, tendo sido inaugurada em 06 de maio de 1880⁴¹.

Passado algum tempo, foi também instalada na cidade a fábrica de tecidos Maria Cândida (1924) no bairro da cascata, Keller (1997) relatou não ter localizado dados para

⁴¹ Conforme comentário publicado pelo Keller (1997, p.76), a capela da Fábrica Brasil Industrial foi construída utilizando mão de obra escrava. Essa Capela recebeu como padroeira Nossa Senhora da Conceição.

apontar o início as atividades ou construção da capela dessa empresa, relata apenas que teve ciência de atividades por volta da década de 1940⁴².

Em ambas as empresas, as capelas foram construídas muito próximo do portão de entrada e, apesar disso, havia uma diferença entre elas no que tange à localização e tamanho, pois enquanto na fábrica Maria Cândida a igreja ficava do lado de fora da empresa e era pequena; na Fabrika Brasil Industrial, a igreja ficava dentro do espaço fabril e era uma capela grande.

Podemos compreender o fortalecimento do catolicismo no complexo fabril de forma gradual, acompanhando o crescimento da empresa e a organização social do lugar, associado ao incentivo local da liderança das fábricas. Quanto a isso, podemos observar que as capelas eram locais de cunho religioso e também ambiente para estreitar laços entre o operariado e o patronato da empresa, que não limitava seu poder apenas no ambiente profissional, mas, também, influenciava o cotidiano dos funcionários em diversos âmbitos, inclusive religioso. Em razão disto, podemos destacar que as festas realizadas para os padroeiros das capelas, compunham o cabedal de atividades culturais existentes para os moradores da vila operária e era incentivadora, de certo modo, do trabalho infantil e da educação das crianças, pois para que as crianças da vila pudessem participar das festas religiosas havia como regra ser funcionário da fábrica e fazer parte da escola disponibilizada por ela (KELLER, 1997).

Religiosamente, os operários então festejavam em louvor a padroeira Nossa Senhora da Conceição e estabeleciam relacionamentos com a liderança da empresa, mantendo assim, um vínculo dúbio, como foi compreendida por Keller (1997). A religiosidade no ambiente fabril para este autor tinha aspecto ambíguo e contraditório, pois ao mesmo tempo em que legitimava a ordem vigente imposta pelo patronato da Cia Brasil Industrial, também servia de resistência e expressão de sentimento e da cultura dos operários (KELLER, 1997).

Para ilustrar a relação – festa religiosa católica (padroeira) e o vínculo entre os operários e o patronato, citamos os trechos abaixo publicados por Keller em seu livro:

[...] de véspera da festa, ele mandava nas salas, na seção, de máquina em máquina entregá dinheiro para o pessoal comprá doce na festa. Entendeu? E segunda-feira, no tempo dele dava segunda-feira. Tinha as festa de domingo e as festas ia até 2 horas da madrugada, 3 hora da madrugada, que queimava o quadro, que saia o especial que vinha do Rio. Então ele dava o dia de segunda-feira, quer dizer que no dia de segunda-feira o pessoal não trabalhava, mas ganhava... [...] O pessoal que ficaram ai falavam: Ihh! O Dominique Level era assim. Era o seu Leve, não falava Level não. Seu Level era bom, seu Level era isso (KELLER, 1997, p. 76).

⁴² O padroeiro dessa capela foi São José (KELLER, 1997).

Após a procissão, os festejos continuavam com o leilão, que tinha de tudo: gado, porco, galinha. Havia dois coretos: um era para o leilão operariado e o outro, para a banda de música. A banda de música tocava para o operariado dançar, no largo, em frente ao edifício da fábrica. Havia num outeiro, onde exibiam filmes, geralmente de Charles Chaplin, no momento em que a banda de música parava de tocar. Assim era intercalado: leilão, filmes e a banda de música. Esse era um momento de confraternização entre o operariado, a família gerencial e os diretores (ibid, p. 76).

Após a missa, começavam os festejos na rua (barraquinhas, leilões etc.). Na parte da tarde era organizada a procissão, formada principalmente por moças e crianças (KELLER, 1997, p. 78).

Imagem 2 - Procissão em homenagem a padroeira Nossa Senhora da Conceição. (Padroeira dos operários).



Fonte—Acervo de D. América, Paracambi, autor desconhecido, década de 1910 – Retirado de Ciavatta (2007).

Os diretores das fábricas de tecido, principalmente da Fábrica Brasil Industrial, direta ou indiretamente, organizavam o modo de vida na vila operária, oferecendo e administrando o comércio local, a educação, as atividades de lazer, as casas, os horários, regulando o comportamento dos moradores e funcionários como um todo. O controle rigoroso exercido pela liderança local, como na época do diretor Dr. Junqueira, nem sempre era considerado negativo, tendo em vista que a empresa era quem oferecia toda a estrutura de vida do operariado (KELLER, 1997; CIAVATTA, 2007).

A participação dos líderes das empresas têxteis nas festividades religiosas era notória, sobretudo, pelo viés econômico, visto que havia o incentivo deles para a realização desses eventos. Entretanto, esses diretores não professavam a fé católica, alguns deles, inclusive, eram ateus. Conjecturamos que o este incentivo às festas religiosas surge em decorrência das

necessidades religiosas do operariado da fábrica e também por interferência de suas esposas que eram católicas (KELLER, 1997).

Imagem 3 - Procissão de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da fábrica e dos operários da antiga Companhia têxtil Brasil industrial..



Fonte - Acervo Paulo Keller, autor desconhecido, sem data - Retirado de Ciavatta (2007)

Conforme salientamos anteriormente, dois antigos diretores da Fábrica Brasil Industrial são recorrentes na literatura pesquisada, são eles: Dominique Level e Dr. Junqueira. Segundo Ciavatta (2007), o antigo diretor Dominique Level foi um grande incentivador de esportes e festas na fábrica. Este diretor iniciou suas atividades na diretoria da empresa ainda em 1889, permanecendo por muitos anos a frente dela. Sua esposa era muito católica e segundo Zanella (2007) foi a pedido dela que construíram a capela de Nossa Senhora da Conceição próximo da entrada da fábrica (CIAVATTA, 2007). Por sua vez, Dr. Junqueira promovia a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição e sempre custeava maior parte do investimento na preparação dessa festa e, apesar de apoiar a organização dela, era ateu.

As festas em homenagem a padroeira Nossa Senhora da Conceição aconteciam anualmente no complexo operário da Brasil Industrial, sempre no dia 08 de dezembro e contava com a participação dos operários e diretoria da empresa. No entanto, além dessa festa, existiu também a festa do dia 01 de maio, em homenagem ao padroeiro dos operários São Jorge, proclamado em 1945. Essa festa, sem interferência da liderança e mobilização política dos operários contra a empresa, era organizada exclusivamente pelos funcionários da fábrica.

Como já mencionado neste trabalho, as fábricas de tecidos em Paracambi compartilhavam características semelhantes. Assim, na Fábrica do bairro Cascata, a Maria Cândida, a festa em homenagem ao padroeiro São José acontecia no mês de maio e, em tese, também seguia o mesmo modelo das festividades realizadas na Brasil Industrial, ou seja, a programação contava com as práticas religiosas e posteriormente as atividades festivas com brincadeiras, procissões, banda de música, etc.

É interessante frisar que por muito tempo a organização social em Paracambi se limitou ao ambiente fabril e a vila operária, por este motivo, as práticas religiosas legitimadas pela liderança da empresa e os operários aconteciam somente ali. No entanto, com a extensão do território para além do entorno da fábrica, a população foi se afastando aos poucos do ambiente fabril e assim construíram uma igreja católica conhecida como Igreja Matriz de São Pedro e São Paulo⁴³.

3.2 A Religião Evangélica em Paracambi

Na introdução deste trabalho, relatamos a ausência de pesquisas sobre os evangélicos na cidade de Paracambi e a importância de estudá-los, tendo em vista o indicador atual do último censo que aponta ser o segmento cristão evangélico o que possui maior número de adeptos na cidade (IBGE, 2010). Assim, relembramos que o primeiro passo de nossa investigação se deu pelo viés bibliográfico, pois desta forma eliminamos a possibilidade de não termos acesso a algum material publicado sobre os cristãos evangélicos da cidade.

Como resultado da pesquisa bibliográfica, a única referência encontrada sobre os evangélicos está no trabalho do sociólogo Paulo Keller (1997), pois além da experiência cristã católica, esse autor também reconhece a presença evangélica/protestante no território no início do século XX e narra de forma sucinta alguns conflitos envolvendo os cristãos católicos (operários da fábrica de tecido) com os cristãos evangélicos conhecidos na época como “Os Bíblias”. Keller cita em seu livro que o primeiro grupo protestante da cidade foi a Igreja Congregacional, tendo iniciado o trabalho no local em 1900. Segundo o autor, este grupo se envolveu conflituosamente com fieis cristãos católicos, moradores e operários das fábricas de tecidos, já no início do século XX, como podemos observar no trecho abaixo:

[...] Após o retorno à Vila Operária da Cascata, Os “Bíblias” encontraram a perseguição dos moradores da localidade: “arrombaram a casa, derramaram pixe e graxa sobre os bancos, cadeiras, etc. e ficaram espiando como continuariam sem

⁴³São Pedro e São Paulo é nome do primeiro povoado da cidade e tornou-se o padroeiro de Paracambi.

esses móveis, porém ficaram decepcionados quando viram as senhoras presentes assentadas, e os homens de pé”. Isto foi possível porque eles esqueceram de pixar os bancos por baixo, e os crentes colocaram os bancos uns sobre os outros (KELLER, 1997, p. 89).

Keller também relata que em 1910, o grupo de evangélicos da Igreja Congregacional, se envolveu novamente em conflito, porém, dessa vez, com a administração da Fábrica Brasil Industrial e não com moradores e operários da fábrica como mencionado anteriormente. O autor frisa:

Na década de 1910 houve conflito entre os congregacionais e a fábrica Brasil Industrial, quando este grupo protestante buscava a guarda do domingo, num período em que não havia descanso dominical para os operários. O trabalho aos domingos somente terminou após a greve dos operários em 1918 (KELLER, 1997, p. 90).

A prática religiosa evangélica diferente da católica não foi legitimada no contexto social fabril pelos líderes da Fábrica Brasil Industrial, assim como pelos operários. É exatamente por este motivo que surgem os conflitos citados acima. Segundo Keller (1997), a religião evangélica representava a desorganização da ordem já estabelecida pela gestão da empresa e assimilada pelos operários, por isso, ele diz: *“A prática protestante ameaçava a unidade do complexo, alicerçada pela moral católica”* (KELLER, 1997, p.90).

Aqui cabe uma reflexão sobre a ausência de informação acerca dos evangélicos em Paracambi, pois a única referência que existe são os conflitos mencionados por Keller (1997) citados acima, ou seja, sabe-se pouco em relação aos evangélicos e os únicos detalhes são os do início do século XX.

Essa ausência de informação se configura uma verdadeira lacuna mnêmica ou esquecimento dos evangélicos em Paracambi ao longo do século XX. Esse processo nos faz pensar também na narrativa oficial da cidade como sendo a história do lugar, ou seja, baseados em Halbwachs, seria os fatos vivenciados, compilados na memória e reproduzida ao longo do tempo (HALBWACHS, 1968/2006). Diferentemente da história, a memória social não pode ser compreendida como um conteúdo estático, mas sim, uma reconstrução do passado em constante interação com o presente. Por ela ser viva e se organizar através das correntes de pensamentos, é que novos conteúdos podem ser conhecidos e ganharem visibilidade.

Por esta razão, decidimos que uma das etapas de pesquisa se daria por um processo cartográfico como forma complementar as demais informações coletadas através das lembranças dos participantes da pesquisa. A decisão de trabalhar também com a cartografia

complementarmente foi devido a necessitava de compreendermos como se apresenta o campo religioso evangélico/protestante no espaço da cidade.

3.3 Cartografia do Campo Religioso evangélico em Paracambi

A cartografia é um conhecimento difundido na área das ciências sociais, principalmente na geografia, e tem por objetivo sistematizar representações geográficas de ambientes, documentos, fenômenos sociais e econômicos, etc. em formato que possibilite a análise de dados. Contemporaneamente, desde a década de 1990, para sermos mais precisos, práticas cartográficas sociais vêm sendo ampliadas por meio de experiências de mapeamento participativo (MONTEIRO, 2010). Assim, novas possibilidades de investigação têm convocado a Psicologia, enquanto ciência que estuda o ser humano em sua integralidade, a investir em pesquisa para análise psicossocial de ambientes.

O pesquisador que se utiliza da cartografia se envia para uma direção oposta ao conhecimento cartesiano, e isso não corrobora para a perda de cientificidade da técnica em si, porém propõe uma forma diferente de se compreender os processos sociais analisados. Assim, um evento pode ser interpretado cientificamente a partir de uma visão objetiva, isto é, não valorizando os vários elementos que dão sentidos as construções dos ambientes sociais ou pode ser vivenciado e experimentado coletivamente e, a partir disso, produzir conhecimento. A cartografia está pautada nesta segunda visão.

Zambenedetti e Silva dizem que a cartografia se dá “[...] instaurando um processo de experimentação contínua capaz de criar novas coordenadas de leitura da realidade [...]” (ZAMBENEDETTI, SILVA, p. 457). Neste sentido, ela propõe analisar os contextos de forma menos estática, mais volúvel, móvel, pois entende toda análise como correspondente ao que foi experimentado no momento pesquisado. É um mapa móvel, sem início, meio ou fim, a partir da troca e da percepção que o pesquisador tem, do afeto sentido ao se propor a cartografar (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015).

Compartilhar os dados obtidos nessa parte da pesquisa é interessante, pois ao mesmo tempo em que apresentamos de forma panorâmica as características observadas nos ambientes visitados, podemos também narrar nossa experiência pessoal ao longo do processo. Nesse sentido, o texto que segue é construído de relatos pessoais do pesquisador e de dados colhidos em campo.

Nossa prática cartográfica teve início no mês de julho de 2017 e se entendeu por seis meses, sendo concluída no mês de janeiro de 2018. Dentro deste período, tivemos momentos

de práticas intensas de pesquisa e, ao mesmo tempo, meses menos agitado. Essa diferença na intensidade da pesquisa se deu por diversos fatores, como, por exemplo, mudanças climáticas, tempo gasto aguardando contato em determinada instituição religiosa e disponibilidade do pesquisador nos dias possíveis para pesquisa (terça-feira, quinta-feira e domingo).

Iniciamos nosso processo cartográfico pautados na informação preliminar de que em Paracambi a primeira igreja evangélica a se instalar na cidade foi à denominação Congregacional e isso aconteceu em 1900, (KELLER, 1997). Partindo dessa premissa, demarcamos o templo Congregacional como ponto de referência para iniciarmos as atividades.

Essa escolha não tem relação com hipóteses que tínhamos sobre o fenômeno investigado, até porque, seguindo a concepção de uma cartografia enquanto rizoma, este não tem centro (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015), ou seja, independente do ponto que escolhêssemos para iniciar nossa cartografia o conhecimento produzido acabaria tendo o mesmo sentido. Todavia, o centro da cidade representava para nós o berço do movimento protestante evangélico no lugar, devido à primeira igreja da cidade, por isso o mapeamento partiu dali. Ademais, a escolha da igreja Congregacional como referência ocorreu devido a seu posicionamento geográfico, pois ela encontra-se exatamente no centro da cidade e próxima de várias instituições religiosas de outras denominações. Assim, partindo da rua Dr. Nilo Peçanha, nº 222, efetivamente, demos início ao desbravamento do mapa da cidade, percorrendo ruas e bairros, anotando templos, números de membros, data de início da igreja, ramificações, enfim, construindo conhecimento sobre o campo religioso evangélico do município de Paracambi.

Para nos locomovermos entre os bairros, utilizamos a motocicleta pessoal do pesquisador e já estando em cada bairro o percurso era realizado a pé. Dentro de alguns bairros, tivemos que nos locomover de moto em virtude da distância entre as instituições religiosas e por causa do tamanho territorial do bairro.

Então, nossa pesquisa se realizou com muita caminhada e com a descoberta de novos lugares no mapa, como ruas que nunca tínhamos andado antes, construindo um verdadeiro processo de experimentação contínua (ZAMBENEDETTI & SILVA, p. 457, 2011). Em cada rua sempre nos apresentávamos para as pessoas e questionávamos se ali ou em alguma rua próxima tinha uma igreja evangélica, assim íamos anotando no caderno todos os templos encontrados. Dessa forma, podemos afirmar que este processo cartográfico se deu por encontros com os moradores da cidade, evangélicos ou não, que nos ajudaram de esquina a

esquina a ampliarmos as informações que tínhamos. Também é oportuno salientar a presença de muito afeto, de empatia, de interesse e curiosidade das pessoas que nos recebiam e nos auxiliavam como podiam. Este é, sem sombra de dúvida, um resultado potente de muitos encontros ocorridos ao longo dos bairros visitados.

Curiosamente muitas vezes nossa prática ocorria à noite, a partir das 18h30, sempre as terças e quintas-feiras, pois era justamente nesses horários e dias que conseguíamos encontrar os membros das igrejas. Durante a semana no período diurno e vespertino, não encontrávamos ninguém nas instituições localizadas e nem moradores próximos aos locais.

Além das terças e quintas, o domingo também foi um dia muito utilizado para pesquisa, pois é dia em que normalmente as igrejas evangélicas têm atividades. Aos domingos, nossas visitas aconteciam a partir das 09h da manhã e ia até às 12h. No período da tarde, não tínhamos atividades de pesquisa, mas retornávamos por volta das 18h30, já à noite, onde também encontrávamos muitas igrejas abertas.

Em muitos momentos, tivemos que entrar nas instituições e aguardarmos o fim das atividades religiosas para conseguirmos falar com alguém que pudesse nos passar alguma informação. Aconteceu também de sermos chamados muitas vezes para assistirmos essas atividades e por uma questão de respeito e empatia com as pessoas que nos recebiam aceitamos o convite por diversas vezes.

Algo importante a ser ressaltado foi à dificuldade encontrada em muitas igrejas para conseguirmos informações sobre elas. O sentimento de desconfiança tomou conta de muitos dos que nos receberam, afirmando serem os dados solicitados uma informação que apenas o líder da instituição podia revelar. Isso aconteceu frequentemente e, inclusive, contribuiu para atrasar o cronograma estimado para a atividade.

Diante da situação acima, foi comum os pastores nos receberem e se assustarem quando ficavam sabendo quais dados eram solicitados na pesquisa, pois percebiam não configurar risco à instituição aos nos passar tais dados. As informações solicitadas nesses encontros foram: nome da denominação, data de fundação, número de membros (incluindo agregados fixos), endereço completo, nome do pastor da igreja, nome do entrevistado e um telefone de contato. Essas informações foram definidas, pois nosso intuito primário era identificar as congregações presentes no território, o início de suas atividades e como estavam espalhadas geograficamente.

Sobre o estranhamento sentido por muitas dessas pessoas que nos receberam, podemos entender como um comportamento natural em virtude não existir pesquisas sobre o tema.

Além do mais, muitas dessas entidades não têm registros de instituição religiosa, portanto havia na entrevista um receio do destino que tais informações pudessem ter ao nos serem passadas, pois isso poderia criar algum mal estar entre a instituição e órgão público/judicial. Por este motivo, não sinalizamos em nossa planilha as instituições que se encontram nessa situação.

Ainda acerca desse estranhamento, fomos obrigados a retornar as igrejas por diversas vezes. Houve ocasiões de ficarmos aguardando até o final do culto às 21h e recebermos a informação de que não seríamos atendidos naquele dia. Apesar de termos vivenciado muitos contratempos ao longo da pesquisa, também pudemos experimentar situações engraçadas, como, por exemplo, o fato de o pesquisador ter sido levado até o púlpito da igreja para explicar o que desejava na frente de todas as pessoas. Portanto, este processo aos moldes cartográficos, realmente nos possibilitou vivenciar conexões de redes, sem início, sem meio, sem fim, foi uma verdadeira caminhada direcionada pela motivação de conhecer mais sobre o lugar (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015).

3.3.1 Dados quantitativos da cartografia

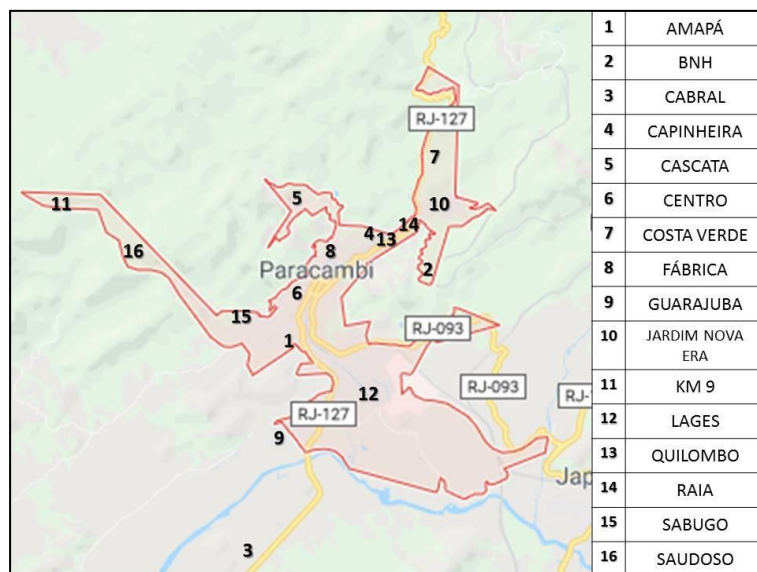
Com uma abrangência territorial de 190,949 km², um total de 47.124 habitantes, com estimativa para o ano de 2017 de 50.447 habitantes (IBGE, 2010) e densidade demográfica de 262,27 habitantes por km², a cidade de Paracambi-RJ pode ser considerada pequena segundo a classificação do IBGE (até 100 mil habitantes).

Esses 190,949 km² são distribuídos pelo total de 20 bairros que o município possui, sendo eles: Centro, Cascata, Fábrica, Raia, Quilombo, Capinheira, BNH (Cima – Baixo), Jardim Nova Era, Costa Verde, Bom Jardim, Lages, Guarajuba, Amapá, Sabugo, Cabral, Vila Nova (este bairro é também conhecido como Sabugo), Saudoso, KM 9, São José e Ramalho. Alguns bairros citados são mais distantes da região central da cidade, como é o caso dos quatro últimos enumerados.

Além dos bairros citados, é importante esclarecer existir sub-bairros. A decisão de contabilizá-los como sub-bairros e não como bairro se deve ao fato de eles terem surgido a partir de desmembramentos e a necessidade de caracterizar o lugar. Enquadra-se nesta condição os seguintes bairros e sub-bairros: Lages - (Vila São José, Vale da Conquista, Chacrinha, Mutirão), Quilombo – (Boqueirão), KM 9 – (Ponte Coberta), Guarajuba – (Loteamento novo), BNH – (de cima e de baixo).

Nosso processo cartográfico foi realizado em dezesseis bairros, ou seja, um total de 80% dos bairros do município. Na figura 2, apresentamos todos os bairros visitados. Os bairros Ramalho, São José e Bom Jardim representam os 20% não mapeados. Isso aconteceu em virtude da distância e do risco à nossa integridade física, por serem regiões com alto índice de violência.

Mapa 1 - Bairros da cidade de Paracambi visitado durante a cartografia.



Fonte – Arquivo pessoal do pesquisador.

Nosso processo cartográfico identificou um total de 114 instituições religiosas (Igrejas Evangélicas) na cidade. Este número se divide entre as várias denominações que compõem este segmento religioso, marcando, por conseguinte, suas características heterogêneas e homogêneas no lugar, e isso porque há unidade e dispersão no meio evangélico. As denominações evangélicas citadas neste trabalho foram organizadas de acordo com as instituições referenciadas pelo IBGE no último censo de 2010. Sendo assim, os grupos de igrejas missionárias e pentecostais, além das igrejas específicas que compõem cada um dos grupos, seguiram a mesma ordem indicada pelo IBGE.

A tabela 1 apresenta o percentual de igrejas identificadas na cidade separadas por bairros, independente de sua denominação. Existem quatro bairros com mais templos na cidade, sendo: Lages, Guarajuba, Sabugo e o Centro. Os bairros Lages, Sabugo e Guarajuba possuem em sua maioria templos pentecostais. Além disso, cabe frisar que Lages é o bairro com maior percentual de igrejas (39%) e ressaltamos ser este indicador resultado da amplitude do bairro, visto ser o maior bairro da cidade no que tange a território e a número populacional.

Tabela 2 - Percentual de Igrejas por Bairro

Igrejas por Bairro	N	%
Amapá	1	1%
BNH	3	3%
Cabral	1	1%
Capinheira	1	1%
Cascata	1	1%
Centro	12	11%
Costa Verde	2	2%
Fábrica	1	1%
Guarajuba	21	18%
Jardim Nova Era	6	5%
Km 9	1	1%
Lages	45	39%
Quilombo	2	2%
Raia	2	2%
Saudoso	0	0%
Sabugo	15	13%
TOTAL	114	100%

Na tabela 3, mostramos o percentual de igrejas com data de fundação anterior ao ano de 1970, consideradas as instituições mais antigas da cidade. Ao todo, localizamos 2 Presbiterianas (1953 - 1967), 1 Metodista (1954), 1 Congregacional (1898), 1 Batista (1945) e 5 Assembleias (1920 – 1960 (*2) – 1968 – 1955).

Tabela 3 - Denominações mais antigas

Denominações	N	%
Presbiteriana	2	20%
Metodista	1	10%
Congregacional	1	10%
Batista	1	10%
Assembleia	5	50%
TOTAL	10	100%

Apesar de a Igreja Congregacional ter sido a primeira denominação a se instalar em território paracambiense, sua presença se tornou tímida frente às denominações que chegaram posteriormente. Afirmamos isso baseados no número de igrejas Congregacionais existente na cidade atualmente.

Do mesmo modo, apontamos a Assembleia de Deus como tendo o maior número de templos espalhados no território de Paracambi, e isso corresponde ao indicador nacional. Este dado também vai ao encontro do gráfico anterior sobre as igrejas mais antigas, que também

aponta a Assembleia como a denominação com mais igrejas mesmo antes de 1970. O termo “outras” na tabela 3 refere-se a todas as igrejas que não se classificam como sendo do mesmo segmento que as demais igrejas citadas por extenso:

Tabela 4 - Percentual por Denominação

Denominação	N	%
Adventista	1	1%
Assembleia	49	43%
Batista	8	7%
Comunidade evangélica	1	1%
Congregacional	3	3%
Deus é amor	1	1%
Metodista	2	2%
Nova vida	2	2%
Presbiteriana	4	4%
Quadrangular	1	1%
Universal	2	2%
Outras	40	35%
TOTAL	114	100%

Mencionamos no capítulo anterior que as igrejas evangélicas se dividem em dois grupos: missionário e pentecostal. Nas três tabelas seguintes (5, 6 e 7), apresentamos o percentual de evangélicos presentes nesses dois grupos, assim como, as denominações que se destacam pela quantidade de templos espalhados na cidade em cada um dos grupos.

Tabela 5 - Percentual de Igrejas Missionárias e Pentecostais

Igrejas Missionárias e Pentecostais	N	%
Missionária	16	14%
Pentecostal	98	86%
TOTAL	114	100%

Tabela 6 - Percentual de Igreja Pentecostal

Igreja Pentecostal	N	%
Assembleia de deus	49	51%
Comunidade evangélica	1	1%
Deus é amor	1	1%
Nova vida	2	2%
Quadrangular	1	1%
Universal	2	2%
Outras	40	42%
TOTAL	96	100%

Tabela 7 - Percentual de Igreja Missionária

Igreja Missionária	N	%
Adventista	1	6%
Batista	8	44%
Congregacional	3	17%
Metodista	2	11%
Presbiteriana	4	22%
TOTAL	18	100%

De acordo com o levantamento cartográfico apresentado nas últimas tabelas, o segmento evangélico mais presente na cidade é o pentecostal e isso corresponde com as informações encontradas na literatura sobre o crescimento desse movimento no Brasil como um todo. Nesse segmento a Assembleia de Deus se destaca com 51% do total. Já no segmento missionário, a igreja com o mais templos é a igreja Batista com 44% do total de igrejas desse grupo (cf. tabela 7).

Destacando alguns pontos para reflexão, a seguir discutiremos aspectos relevantes para nosso estudo:

Como mencionado no capítulo 2, o campo religioso é formado por inúmeros segmentos religiosos, tais quais: Espiritismo, Catolicismo, Protestantismo/Evangélico, Umbanda, Candomblé, etc., ou seja, há um número imenso de manifestações religiosas que juntas formam o campo religioso nacional. No Brasil, essa pluralidade é bastante evidente por conta da laicidade do Estado que garante o direito a cada cidadão professar sua religião, seja ela qual for sem sofrer nenhum tipo de perseguição.

A formação do campo religioso ou dos campos religiosos, pois eles são muitos formando um grande campo, se dá de forma abstrata e simbólica, proporcionando sentido aos participantes que o compõe. Nessa perspectiva, um campo religioso não possui uma estrutura física propriamente dita, não é um templo religioso em si, mas todos os movimentos organizados socialmente lutando pela obtenção do poder simbólico e isso pode se incluir ambientes utilizados por religioso, como por exemplo, os templos.

A busca por poder simbólico é um aspecto relevante para os adeptos, pois as experiências religiosas em si podem ser compreendidas como subjetivas e expressas, segundo Bourdieu, por meio da linguagem, que é um mecanismo acessível a todos os integrantes dos grupos sociais que formam o campo. Além disso, a linguagem pode se concebida como um mecanismo que faz gerar sentido no campo religioso, por isso os cânticos litúrgicos e os dialetos utilizados pelos fieis (BOURDIEU, 2003).

As muitas faces de um campo podem ser identificadas ao observarmos as várias religiões espalhadas pelo mundo, pois todas elas formam o campo religioso. Assim, podemos dizer que o campo religioso é composto por expressões religiosas que se organizam de forma diferente, cada uma a seu modo, conforme características do credo em questão. Até dentro de um mesmo segmento religioso podem existir diferenças significativas nas práticas, como por exemplo, a religião evangélica que tem diversas denominações e cada uma com um aspecto físico e comportamental diferente.

Assim, seguindo a leitura de Pierre Bourdieu, podemos dizer que o campo religioso paracambiense na atualidade é tensionado pelo segmento evangélico, pois é quem detém o poder simbólico e tem em seu meio a liderança do movimento pentecostal, tal como ocorre a nível nacional. Os 16.930 agentes (sacerdotes, leigos, profetas) da religião evangélica da cidade, são responsáveis por disseminar costumes, hábitos, e impactarem o contexto cultural do lugar, seja no ambiente central do município, onde existe poder econômico acentuado, assim como, nos bairros periféricos, onde se encontram agentes com menor poder aquisitivo.

A prática de campo através da ação cartográfica cumpriu a missão de nos aproximar da configuração atual do campo religioso da cidade, proporcionando analisar e conhecer o aspecto ambiental, não nos limitarmos apenas ao indicador geral do último censo que aponta um número absoluto de adeptos da religião.

3.3.2 Dados qualitativos da cartografia

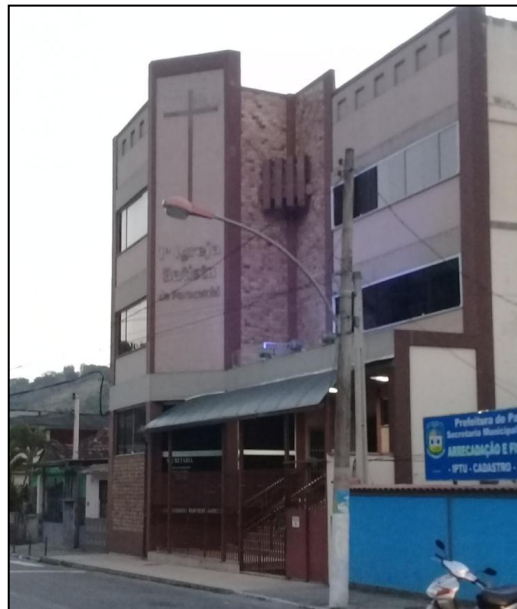
Partindo para um viés mais qualitativo, podemos mencionar como resultado da cartografia, que o segmento missionário é presente na região central da cidade por meio de igrejas tradicionais (históricas), como, por exemplo, a Igreja Congregacional, a primeira denominação a se instalar no lugar, a Igreja Batista e também a Igreja Metodista. Essas igrejas têm mais tempo de fundação no território e, caracteristicamente, exibem a aparência de instituições de grande porte e, na maioria das vezes, com arquitetura mais sofisticada. O mesmo ocorre com bairros próximos ao centro da cidade como é o caso do bairro Fábrica. As imagens abaixo ilustram as três igrejas citadas acima:

Imagem 4 – 1ª Igreja da Cidade – Igreja Congregacional de Paracambi-RJ. Fundada em 1898. Rua Dr. Nilo Peçanha, nº 222, Centro, Paracambi-RJ.



Fonte–Arquivo pessoal do pesquisador. Fotografia realizada durante a cartografia.

Imagem 5 - 1ª Igreja Batista em Paracambi - Fundada em 1945 - Rua Dr. Nilo Peçanha, nº 61 - Centro, Paracambi-RJ.



Fonte–Arquivo pessoal do pesquisador. Fotografia tirada durante a cartografia.

Imagem 6 - Igreja Metodista - Fundada em 1954 - Rua Dominique Level, nº 175, Centro, Paracambi-RJ.



Fonte—Arquivo pessoal do pesquisador – Fotografia tirada durante a cartografia.

Por sua vez, a região periférica do município exhibe ambientes diferentes dos encontrados na região central, muito porque alguns desses bairros são mais carentes de investimentos públicos, isto é, não possuem ruas asfaltadas, rede de tratamento de esgoto, dentre outras coisas. No entanto, a região periférica também se diferencia na aparência arquitetônica, visto que são mais presentes moradias e prédios menores e mais simples.

Além das características sinalizadas acima, a periferia também é marcada pela presença de instituições pentecostais. Então uma das denominações mais presentes é a Assembleia de Deus, assim como as demais instituições denominadas em nossa pesquisa como “outras”, seguindo a terminologia definida pelo IBGE.

Na história dos evangélicos no Brasil, como já mencionamos, a Assembleia de Deus, tais quais outras denominações pentecostais, tem como tradição trabalhar com pessoas da periferia, sendo assim, apesar de o município de Paracambi ter suas especificidades, a presença dessa denominação nas regiões periféricas da cidade acaba sendo característica compartilhada com demais locais do país, portanto não é aspecto singular do lugar.

Em relação às instituições “outras”, ressaltamos que em sua maioria essas igrejas são de pequeno porte, além de funcionarem em prédios ainda em construção, pois algumas igrejas não tinham portas e janelas, não eram pintadas por fora ou não possuíam muros separando-as das propriedades ao lado. Também é importante esclarecer que muitas dessas igrejas funcionam em lojas alugadas ou em varandas improvisadas nas casas dos fieis.

As imagens abaixo representam algumas das diversas instituições localizadas no território pesquisado. Como mencionado, a Assembleia de Deus é a denominação mais presente, por isso incluímos mais fotos dela.

Imagem 7 - Assembleia de Deus Alfa & Ômega - Fundada em 1995 - Rua Prefeito Hélio Ferreira, nº 874, Lages, Paracambi-RJ.



Fonte—Arquivo pessoal do pesquisador.

Imagem 8 - Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Rua Otto dos Santos, s/n, Lages, Paracambi-RJ.



Fonte – Arquivo pessoal do pesquisador.

Imagem 9 - Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Deus provera - Rua Almir Alves de Souza, nº 80, Lages, Paracambi-RJ.



Fonte—Arquivo pessoal do pesquisador.

Imagem 10 - Igreja Adventista da Promessa - Rua Dep. Romeu natal, nº 764, Lages, Paracambi-RJ.



Fonte—Arquivo pessoal do pesquisador.

Por fim, apesar de evangélicos-protestantes terem práticas diferentes, ou seja, se configurarem como grupos heterogêneos em alguns aspectos, eles são também homogêneos, porque formam juntos um agrupamento com mesmos ideais de fé contrastando com as ideias

e concepções religiosas de cunho católico, o segundo maior segmento religioso da cidade depois do evangélico. É importante frisar que a luta pelo poder dentro do campo religioso paracambiense não se dá apenas por conflitos entre evangélicos/protestantes e católicos, mas sim, também entre os próprios evangélicos, posto que cada denominação religiosa acaba por defender uma forma diferente de comungar a fé, assim como a visão que seus líderes têm sobre expansão da igreja. Sobre isso, podemos citar como exemplo as muitas instituições espalhadas como filiais de igrejas maiores e que se utilizam espaços alugados para seu funcionamento.

Ainda sobre as tensões no campo religioso da cidade, sobretudo, entre evangélicos e católicos, cogitamos que ambas os segmentos religiosos, ao longo do século XX, viveram em constante tensão tentando, cada um a seu modo, legitimar e se manter no topo da hierarquia do campo religioso na cidade. Essas lutas podem ter surgido com os primeiros conflitos já citados neste capítulo entre os evangélicos e os católicos, em que os evangélicos eram a minoria e os católicos, além de ser a maioria, tinham sua prática legitimada pelo contexto social/profissional do lugar.

Capítulo 4 Memórias dos Evangélicos em Paracambi

“Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes.”

Ecléa Bosi

Este capítulo, especificamente, se caracteriza pela análise de narrativas orais. Essas narrativas enquanto fragmentos de memórias, são organizadas e lapidadas para proporcionar visibilidade e sentido a realidade social pesquisada, no caso, aqui, o campo evangélico em Paracambi-RJ. Deste modo, ao trabalharmos com esse tipo de material de análise, para além de respondermos ao problema de pesquisa, ensejamos descortinar as experiências pessoais dos participantes e com isso dar vida ao conteúdo apresentado.

Sobre o trabalho com memória social, ainda que ele contribua para melhor compreensão de um contexto social, é importante esclarecer que seu objetivo não é construir uma verdade absoluta sobre os fatos, por exemplo, conceituar “quem são os evangélicos de Paracambi”. Todavia, partindo de cada depoimento, dos relatos narrados, enfim, das lembranças evocadas, ele traz uma reflexão acerca da configuração sociorreligiosa (campo religioso) do lugar e isso pode auxiliar novas pesquisas sobre as religiões no território.

Referente aos encontros com os interlocutores, quando iniciamos a pesquisa, pensávamos que seria fácil localizarmos pessoas dispostas a contribuir com o estudo. Primeiro, porque a cidade possui um número acentuado de pessoas professando a religião evangélica e, segundo, porque eu mesmo sigo essa religião, sendo membro de uma igreja da cidade. Na prática, esse pensamento não se concretizou. Na verdade, podemos afirmar ter sido até uma tarefa árdua conseguir reunir cinco participantes para a pesquisa e, refletindo sobre isso, cogitamos a existência de duas explicações: a) Como menciona Bosi: *“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”* (BOSI, 1993, p. 17). Concordamos com a autora de que a ação de rememorar é trabalho e isso implica disposição e disponibilidade dos envolvidos para contribuir com a pesquisa e com a ciência. Sempre que entrávamos em contato com os possíveis interlocutores, para ali já iniciarmos uma aproximação, explicávamos com detalhes nosso propósito, porém a maioria deles dizia estar muito atarefada e por isso não tinham disponibilidade. b) A segunda explicação para a dificuldade para obtenção das narrativas pode ser de caráter mais subjetivo dos interlocutores

no que tange à religião em si. O embate entre religião e ciência não é um fenômeno novo na sociedade. Historicamente, desde a antiguidade, os conflitos entre os que defendiam a fé e os que priorizavam a reflexão crítica sempre existiram, e na sociedade contemporânea, sobretudo no Brasil, percebemos o quanto essa divergência tem sido alvo de uma representativa “segregação” entre o que se produz através da ciência e o que é vivido intimamente com o sagrado.

Dessa forma, apesar das dificuldades, e, em meio às frustrações e persistências, iniciamos a pesquisa com o primeiro interprete e, partindo das indicações dele, conseguimos a segunda entrevista e os demais encontros sucessivamente. É oportuno esclarecer que os interlocutores indicaram mais de uma pessoa para participar da pesquisa. Assim, entre o encontro com o primeiro interlocutor e o segundo, várias pessoas foram convidadas a participarem do trabalho, porém, como relatado, a maioria não se disponibilizou.

Antes de iniciarmos a análise das memórias dos evangélicos de Paracambi, convém realizarmos uma apresentação dos interlocutores do nosso estudo. Além disso, é necessário reiterar que a concepção de história de vida empregada por nós se fundamenta em uma perspectiva temática (TINOCO, 2015), portanto o foco do conteúdo colhido em campo foram as memórias religiosas dos participantes e não vida deles como um todo.

4.1 Os interlocutores

As apresentações abaixo se configuram uma espécie de sinopse da história de vida de cada participante – interlocutor - e seguem a ordem cronológica em que as entrevistas foram realizadas. Esclarecemos também que os nomes de todos eles foram alterados por uma questão de sigilo, conforme acordado nas entrevistas e redigido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

➤ Heitor:

Nasceu em 1938, é membro da Igreja Evangélica Congregacional em Paracambi há 60 anos, onde exerce a função de presbítero. Atualmente é aposentado, mas profissionalmente trabalhou como barbeiro e também como operário na Fábrica de Tecidos Brasil Industrial. É viúvo e vive com sua filha em uma casa de fundos no centro da cidade de Paracambi. Estudou até a quarta série e se expressa muito bem. Em sua sala, ele coleciona diversos livros em grandes estantes de ferro, além de telas pintadas por ele e pela filha. Sua narrativa demonstrou

conhecimento aprofundado sobre a história da cidade, mas também um cansaço pelo trabalho de lembrar.

➤ **Elizabeth:**

Nasceu em 1955 em Paracambi, é membro da Igreja Evangélica Congregacional em Paracambi. Sempre foi moradora da cidade e cresceu em um lar evangélico, pois a mãe se converteu quando ainda jovem em uma igreja pequena. É casada, têm três filhas e quatro netos, três meninas e um menino, todos também evangélicos e membros da mesma igreja. É professora aposentada das séries iniciais no Estado do Rio de Janeiro. Na igreja, ela trabalha com educação infantil, ou seja, é professora de crianças, algo enfatizado por ela com muito apreço. Elizabeth nos recebeu na sala de sua casa, um ambiente muito organizado e acolhedor. De início, sua narrativa foi bastante cautelosa, pois manifestou não saber exatamente como descrever suas memórias e também demonstrou certo desconforto com o gravador, mas aos poucos foi se soltando, sentindo-se à vontade e trabalhou.

➤ **Aline:**

Nasceu em 1948, é professora aposentada do Estado do Rio de Janeiro. Ela ministrava aula para o ensino médio. É casada e tem três filhos, teve quatro irmãos, mas apenas três estão vivos. Mora no Centro de Paracambi desde criança. Sua infância, adolescência e juventude foram marcadas pela vivência na fé católica, inclusive, estudou em colégio de freira fora da cidade. Sua relação com a fé sempre foi dicotômica, pois a metade de sua família era católica e a outra evangélica. Converteu-se a religião evangélica há mais de 30 anos e sempre foi membro da mesma igreja, a Congregacional em Paracambi. Em sua narrativa relatou os conflitos vivenciados quando se converteu e decidiu se batizar na igreja, além das memórias que tem da cidade quando ela não era evangélica.

➤ **Francisco:**

Nasceu em 1962 na cidade do Rio de Janeiro. Mudou-se para Paracambi em outubro de 1989, ainda jovem para pastorear uma igreja. Nasceu e cresceu em um lar evangélico, pois toda sua família por parte de pai é envolvida com a religião evangélica, inclusive, menciona que seus familiares por parte de pai são os primeiros evangélicos de uma área entre a Paraíba e Pernambuco no Nordeste. Intitulou-se um predestinado por conta de sua história de vida relacionada à religião evangélica. Cresceu ouvindo histórias bíblicas, e a própria Bíblia foi o primeiro presente que ganhou dos pais quando nasceu. Atualmente é pastor evangélico em

Paracambi, trabalha com o que ele chama de “pastoreio de pastores” e é também funcionário público da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Ao longo do encontro mencionou ter realizado algumas pesquisas no passado sobre a história da cidade.

➤ **Natanael:**

Nasceu em 1949, e é viúvo. É natural de Alegre, cidade do Estado do Espírito Santo e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1969. De família humilde, com total de seis filhos, sendo ele e cinco irmãs, sua vinda para a cidade do Rio foi para ganhar dinheiro e fazer o registro civil das irmãs. O contato com a religião se deu quando ainda criança. Oriundo de família espírita onde foi batizado quando criança, com dois anos de idade olhou para o nascente do sol e se questionou sobre o que devia fazer para Deus gostar dele. Com nove anos de idade começou a ler a bíblia por conta própria e aos doze anos se batizou na Igreja Presbiteriana. Desde 1980 é pastor evangélico de uma Assembleia de Deus.

4.2 Histórias de Vida dos Evangélicos de Paracambi

Ao transcrevermos e analisarmos as entrevistas, identificamos dois pontos de saturação principais nas narrativas dos intérpretes, quais sejam: “O início na vida religiosa” e a “Vida como evangélico”. Seguindo como premissa a orientação de Bosi (1993) de que o depoimento oral necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas, definimos que esses dois recortes temporais iriam nortear nossa análise. Para melhor organizá-los, didaticamente, estabelecemos quatro categorias analíticas dos conteúdos mnêmicos. Assim, na fase chamada de “Início na vida religiosa” criamos a categoria *Conversão e Batismo* e na fase “A vida como evangélico” criamos as categorias *Atividades na igreja (ministério)*, *Experiências místicas* e *o Movimento Paracambi Para Cristo*.

Essas categorias definidas, grosso modo, ajudaram-nos a analisar as experiências de vida dos interlocutores e pretendem circunscrever o que é vivenciado socialmente no campo religioso paracambiense porque as lembranças pessoais se interligam às memórias coletivas, pois delas fazem parte (HALBWACHS, 1968/2006). Assim, partindo da perspectiva em Halbwachs, sobre as teorizações de uma memória social em detrimento de uma memória individual, este trabalho se baseia no pressuposto de que os conteúdos rememorados são sociais, porquanto as lembranças são evocadas a partir do que é experienciado nesses grupos.

Entretanto, as categorias apresentadas se constituem a partir de um conglomerado de lembranças de interlocutores que não interagem entre si. Jedlowski (2000) conceitua esse tipo

de conteúdo como memórias comuns (SÁ, 2015). Segundo Sá, as memórias comuns não chegam a ser memórias coletivas conforme a designação de Halbwachs, pois elas dizem respeito ao que os participantes vivenciaram e se recordam, porém sem a existência de discussão e elaboração coletiva. Apesar disso, elas existem e fazem parte da construção da memória social enquanto teoria social, pois também são lembranças atravessadas pelo grupo social.

Por sua vez, esses fragmentos de memórias podem ser concebidos não somente como memórias comuns, mas também como memórias subterrâneas na perspectiva de Michael Pollak (1989). Em Pollak encontramos uma perspectiva construtivista e a ideia de memórias em disputas, ou seja, é a constituição de uma memória em detrimento de outra. São memórias que se estabelecem no poder, por isso são hegemônicas, ou lembranças confinadas ao silêncio, por isso, conceituadas por ele como memórias subterrâneas.

Destarte, as memórias evocadas aqui pelos interpretes são memórias comuns e subterrâneas. São comuns, porque os conteúdos evocados foram vivenciados pelo grupo, apesar de não tê-los elaborados em interação coletiva. E são subterrâneas, porque surgem como memórias até hoje desconhecidas na literatura da cidade, portanto é uma memória que se contrasta com a memória existente até então, a hegemônica, que faz luz a história das fábricas de tecidos e a religião católica.

Sobre essa classificação de memórias, reiteramos o que Sá destaca: “[...] *as categorias esboçadas não são mutuamente excludentes*” (SÁ, 2015, p. 341). Então é importante esclarecer que apesar de enfatizarmos ser o conteúdo rememorado um tipo específico de memória, não podemos excluir os demais tipos citados neste trabalho, pois o campo de estudo em memória social é amplo e cada classificação de memória se atravessa, de modo que a memória social acaba sendo a união dessas classificações de memórias.

A seguir apresentamos alguns fragmentos dessas narrativas que fazem alusão a essa vivência social dos interlocutores, ou seja, essas memórias comuns e subterrâneas recordadas a partir da família, de amigos, enfim, de grupos.

O interlocutor Natanael, por exemplo, ao nos contar sua experiência precoce com a fé, lembra-se do pai que era espírita conversando com ele sobre o pecado de adultério, assunto muito discutido no meio evangélico.

Então quando eu tinha a média de oito aninhos eu fui à noite com meu pai tratar do porco na servia. No chiqueiro meu pai olhou pra mim, eu estava a sua direita, e falou: “O adultério é pecado”. Nós somos em seis irmãos, eu sou homem e sou o mais velho.

Por sua vez, Aline interpreta que os tios ao proporcionarem contato com a religião evangélica, eles estavam demonstrando cuidado para com ela. Além disso, relata também a forma como seu pai encarava a questão.

A gente foi criada assim, mas a igreja evangélica, a congregacional, meus tios e avós da parte da minha mãe eram dali, e eles tinham cuidado, quando vinham missionários, quando vinham alguém fazer trabalho com criança, eles levavam a gente, hoje é evangelização isso. Meu pai não queria isso.

O mesmo aconteceu com Elizabeth ao narrar sobre a educação na igreja e referir-se às filhas e duas professoras do departamento infantil.

As minhas filhas foram muito privilegiadas porque elas tiveram uma infância e uma adolescência muito boa na igreja. A Sueli Tatagiba era a coordenadora das crianças, nossa a Sueli era de uma dedicação assim, eu já trabalhei com a Sueli. Depois veio a Anne, ela era seminarista, era de Niterói e fez estágio aqui, e aí elas pegaram esse tempo de Anne, então participaram de tudo.

Esse modo de recordar através do coletivo foi explicado por Maurice Halbwachs, pois o autor disse que “*não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, mas ninguém pode lembrar realmente a não ser em sociedade* (HALBWACHS, 2006, p. 23)”. Portanto, apesar de ser pessoal a memória é também social, pois é construída socialmente por meio de interações e de experiências compartilhadas ao longo da vida.

Partindo desse pressuposto, compreendemos os conteúdos mnêmicos dos interlocutores como sendo parte da memória social dos evangélicos de Paracambi, pois eles compõem o campo religioso da cidade, logo, suas memórias são construções dessa sociedade.

4.3 O início na vida religiosa

O ato de fazer parte de uma determinada religião implica, na maioria das vezes, mudanças bruscas na vida do sujeito, pois normalmente cada segmento religioso tem práticas, dogmas, crenças, ritos, etc., e elas passam a fazer parte do cotidiano de seus adeptos. No meio evangélico, até mesmo o ato de “orar” conhecido como “falar com Deus”, mesmo sendo uma prática particular de cada devoto, pode ser compreendido como uma prática diferente para o sujeito que acabara de se converter.

Falando especificamente do início na vida religiosa do crente evangélico, contemporaneamente no pentecostalismo, segundo Mafra (1994), a inserção na religião da-se pela adesão como um processo gradual. Isso significa que a intenção é o crente ir se adaptando à nova crença de forma palatável por meio, por exemplo, da autoanálise, e assim ir mudando seus hábitos e comportamentos de modo que ele possa se “*sentir bem*” (MAFRA, 1994, p. 45). Essa característica do movimento pentecostal acaba por romper com a tradição

evangélica de mudanças bruscas no comportamento e isso corrobora para a heterogeneidade no meio evangélico do país.

Podemos considerar a inserção de um crente na religião evangélica como sendo um evento complexo, subjetivo e caricaturado. Longe de querermos naturalizar ou rotular a experiência religiosa evangélica, percebemos no senso comum “ideias pré-concebidas” sobre o que vem a ser um evangélico, como por exemplo: ler a bíblia diariamente, não falar palavrão, relacionar seu sucesso como resultado da provisão divina, ser uma pessoa calma, manter bons relacionamentos, etc. A própria conversão é entendida no senso comum, muitas vezes, como sendo decorrente de algum comportamento inadequado. Assim, quando se ouve falar na conversão de alguém à religião evangélica, o processo é sempre atribuído à necessidade de mudança no repertório comportamental em decorrência do desajuste deste para com o que é aceito socialmente.

Ainda sobre a inserção na vida religiosa, dois fenômenos podem ser elencados por nós como sendo partes indissociáveis deste processo: a Conversão e o Batismo. Esses dois momentos distintos na vida do cristão evangélico possuem importância e simbolismo forte para ele. Podemos dizer que a conversão na religião evangélica se dá pela crença nas histórias bíblicas relacionando-as com a vida, isto é, o fiel encara essas histórias como verdade e atribui a elas um sentido prático em sua vida. Já o batismo, este seria o ato manifesto desse encontro com o sentido percebido no ritual de conversão.

É importante esclarecer que, em ambos os momentos, na conversão ou no batismo, mudanças acontecem para o adepto em sua forma de ser e se colocar na sociedade. A seguir tratamos desses dois fenômenos, a partir de fragmentos das narrativas dos interlocutores evangélicos moradores de Paracambi.

a) Conversão e Batismo

Natanael nos revela que sua experiência com o sagrado se iniciou quando ele tinha dois anos, ou seja, com essa idade havia nele a curiosidade de saber como Deus poderia gostar dele, provavelmente, como uma forma de compreender a existência de Deus.

A minha história, eu com dois aninhos de idade olhei para o nascente do sol à tarde e o pensamento que veio à minha cabeça foi: Como fazer pra Deus gostar de mim? Com dois aninhos.

De acordo com seu relato, o contato com a religião cristã se deu quando ele ainda era criança, porém tempos depois da experiência acima. Foi aos nove anos de idade que ele

comprou um exemplar da bíblia sagrada e iniciou seus estudos sobre essa religião: *“Com nove anos eu fui sozinho no comércio lá no patrimônio e comprei uma bíblia, eu fui estudando a bíblia, desde os nove anos de idade”*.

É oportuno esclarecer que Natanael não vem de família evangélica, mas sim, espírita: *“A minha família era toda de origem espírita, e eu quando criança fui batizado no centro espírita e essa ligação minha com Deus se deu automaticamente, porque eu não tive o incentivo de meus pais porque eles eram espíritas”*.

Este relato é importante para compreendermos a relação desse interlocutor com sua fé, pois embora ele não nos tenha afirmado que o Deus pelo qual ele desejava ser amado fosse o Deus cristão, a todo o momento deixou transparecer isso. Também é interessante acrescentar que o relato tenta transmitir a ideia do sobrenatural, uma experiência mística agindo em sua infância para que ele tivesse esse contato com a divindade.

A necessidade de Natanael em esclarecer sobre a origem religiosa de sua família, no caso sendo espírita, nos faz conjecturar serem tais religiões diferentes no modo pelo qual elas são praticadas, o que pode influenciar seus adeptos no cotidiano. Para Freitas (2014), a conversão seria: *“... o sentido de “mudanças”, “transformação” tanto no nível de ideias como no nível de práticas”* (FREITAS, 2014, p. 94). Assim, ao conceber a conversão de Natanael na infância é possível conjecturar as possíveis mudanças em sua vida em virtude de tal decisão.

O processo de conversão nas religiões evangélicas é encarado como parte fundamental da fé⁴⁴. Tanto que é costume dos fieis protestantes atribuírem a esse momento doses generosas de afeto e relatarem um misticismo ao processo em si. Eles propagam sua conversão através da imagem de uma mudança necessária e como um presente enviado de Deus, assim como fez Natanael.

Aline, diferentemente de Natanael, cresceu em um ambiente religioso heterogêneo, tendo o seu processo de conversão à religião evangélica atravessado sua vida familiar, que, por sua vez, era predominantemente católica. Portanto, suas memórias são permeadas de situações envolvendo ambas as religiões e a família: *“Metade da minha família é evangélica por parte de mãe e a outra metade por parte de pai é católica”*.

Dessa maneira, ela sempre teve contato com a religião evangélica, embora não a professasse. A tradição católica advinda da família de seu pai teve peso muito forte em sua

⁴⁴ Acreditamos que em quase todas as religiões haja um processo subjetivo de conversão. No entanto, não discutimos sobre a questão em virtude do tema do trabalho ser focado nos protestante-evangélicos.

constituição religiosa, tanto é que o catolicismo foi presente em sua vida durante um espaço longo de tempo. Aline foi membro ativo, ou seja, participante da igreja católica da cidade de Paracambi.

A gente foi criado assim, catecismo, primeira comunhão. [...] Mas era prática, mas prática mesmo de frequentar essa igreja católica, de estudar em colégio de freira fora. Eu frequentava essa igreja aqui, era o Padre Gugliano, foi padre não sei quantos anos. Quando eu nasci ele era padre, eu cresci e fiquei moça e ele que era padre.

Na narrativa de Aline, podemos perceber como a religião católica era presente em sua vida, pois além de adepta ao catolicismo junto com sua família, ela foi estudante de um colégio religioso católico fora da cidade.

Referente ao padre supracitado, ele tomou posse como pároco da Igreja Católica de São Pedro e São Paulo em 26 de agosto de 1940, em substituição ao Monsenhor João Musch que prestava assistência religiosa à localidade na época (KELLER, 1997).

Essa interlocutora fala também sobre a fé fervorosa do pai ao catolicismo e a participação dele nas festas religiosas. Em torno da década de 1950 a 1970, havia na cidade um número maior⁴⁵ de adeptos ao cristianismo católico e, conseqüentemente, a existência de muitas festas religiosas de cunho católico, como é o caso da festa dos padroeiros São Pedro e São Paulo⁴⁶.

Meu pai era muito católico, de estar junto, e naquela época tinham muitas festas. A festa de São Pedro e São Paulo era uma festança, não é como hoje, tinha leilão, nossa era uma festa fantástica. Eles eram padroeiros da cidade, então era a festa que envolvia, era a maior festa da cidade era São Pedro e São Paulo

São Pedro e São Paulo, consoante sinalizamos anteriormente, são considerados santos padroeiros da cidade de Paracambi pela igreja católica até a presente data. Em homenagem a eles, uma vez ao ano, ocorre uma festa em frente à paróquia localizada no centro da cidade. É interessante abrirmos um parêntese referente ao relato de Aline sobre a festa dos padroeiros, para enfatizar que essa menção reafirma a característica contemporânea da cidade como um local com transformações ao longo dos anos no campo religioso.

Apesar de Aline ter sido adepta ao catolicismo por muitos anos, como observamos nas narrativas anteriores assim como Natanael, em determinado momento, ela se converteu a

⁴⁵ Mais a frente detalharemos mais esta informação a partir das narrativas de outro interprete.

⁴⁶ No primeiro capítulo relatamos a existências de festividades religiosas na cidade desde o tempo da antiga Fábrica Brasil Industrial. No entanto, a festa dos padroeiros São Pedro e São Paulo não, embora não fosse a única festa religiosa do segmento católico, antes do aumento expressivo dos evangélicos, ela representava a fase de mudança na história do lugar, tendo em vista que o contexto social se desprende do ambiente fabril aonde ocorriam as festas religiosas, passando então a se viver para além das demarcações da fábrica.

religião evangélica e mudou de igreja e também de alguns hábitos, como o fato de conhecer mais sobre as histórias bíblicas.

A vida toda que eu me lembre como gente tinha essa relação de ser católica praticante, a família toda lá, mas de ter essa outra parte que se preocupava. A gente nem entendia o que estava acontecendo, agora eu entendo, a história do evangelismo, do amor de Deus, porque o católico agora ele está conhecendo um pouco a bíblia, naquela época eu não tinha noção de bíblia.

A conversão de Aline se deu quando ela já era adulta, diferentemente do interlocutor Natanael. Ela narra uma experiência com o avô para explicar o momento em que decidiu seguir a religião evangélica e seria esta também uma experiência mística.

Não tinha conflito, o conflito só surgiu quando eu me converti, porque aí eu já era maior, tinha 30 anos eu acho, foi quando meu avô que ficou demente [...]. [...] estava maluquinho, então eu vi ele orando, ele falava: “Jesus, me leva Jesus”. Aí eu pensei esse homem está totalmente demente, mas não esquece. Foi ali que eu me converti.[...] Eu falei comigo mesmo “é esse Jesus que eu quero”.[...] aí começou a revolução na minha vida.

Concernente à conversão, Freitas menciona pautado em Gomes (2011, p. ‘158): “*O termo conversão é utilizado também para caracterizar a entrada em uma nova religião, capaz de transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua relação com a realidade e o mundo*” (FREITAS, 2014, p. 94). Ao referir-se a sua conversão como “o momento do início da revolução em sua vida”, acreditamos que Aline estivesse enfatizando as consequências surgidas após o ato, sobretudo, as mudanças pessoais referentes à cosmovisão e a relação da realidade e o mundo, mencionada por Freitas.

Destarte, a experiência de Aline, sobretudo, seu relato referente à “revolução em sua vida”, vai ao encontro da literatura que compreende a inserção em uma religião como um processo subjetivo, tendo em vista os impactos que a experiência desempenha no modo de ver a si mesmo e nas alterações comportamentais. Diferentemente de uma adesão, a conversão altera o jeito de funcionar do fiel, que passa a ter outros costumes e encarar muitas atividades da vida de outra forma, marcando esse acontecimento como um divisor de águas em sua vida, é um “antes e depois da conversão” (FREITAS, 2014).

Sendo assim, converter-se a uma religião implica ter seu modo de vida atravessado por uma nova cultura, novos costumes, regras, e novos hábitos de sociabilidade. É um processo que envolve espiritualidade e religiosidade, uma vez que a conversão pode ser interpretada como uma experiência individual de busca pelo sagrado e, ao mesmo tempo, uma transformação no modo de ser do sujeito, culminando em mudança na forma como ele encara

o mundo, assim como por novos hábitos que passam a fazer parte de seu cotidiano, como, por exemplo, frequentar templos religiosos.

A narrativa sobre o processo de conversão dessa interlocutora também reforça o caráter social da memória segundo Halbwachs, uma vez que, ao lembrar-se da experiência ela não se limitou a falar de si, mas sim, recorreu a uma segunda pessoa, no caso seu avô em estado de adoecimento, para reforçar o conteúdo evocado (HALBWACHS, 2006).

Diferentemente ao interlocutor Natanael e, em certa medida também a Aline, Elizabeth narra sua experiência: *“Eu nasci num lar evangélico. Minha mãe sempre foi evangélica e sempre nos levou pra igreja, sempre assisti escola dominical, então graças a Deus eu nunca me afastei dos caminhos do Senhor”*.

Apesar de ter crescido em meio a uma família já religiosa no segmento evangélico e isso ser diferente da experiência de Natanael e de Aline, podemos observar a semelhança na experiência deles no que se refere à conversão, pois Elizabeth também menciona ter passado por esse momento em sua vida quando ela tinha onze anos de idade:

Eu cresci nesse evangelho e me converti aos onze, doze anos, foi quando eu tomei minha decisão, eu tinha onze ou doze anos, num acampamento Ebenezer lá em Pedra de Guaratiba-RJ, foi quando eu fiz minha decisão.

Parecida com a experiência de Elizabeth, Francisco relata também ter vindo de família evangélica:

Eu, na verdade, venho de uma família evangélica, se existe predestinação eu sou um deles, um dos predestinados, porque antes mesmo de eu nascer meu pai já orava por mim no ventre da minha mãe e pedia a Deus que eu fosse um pastor.

Uma diferença no relato de Francisco para o de Elizabeth é o fato de ele ter sido filho de pastor. Segundo Francisco, seu pai liderava igreja no nordeste e desde muito cedo houve a torcida dele por meio da fé (oração), para que o filho seguisse sua prática religiosa.

Ele orava e já consagrava porque meu pai liderava igreja naquele tempo, ele e toda família por parte dele, toda a linhagem por parte de pai é de pessoas que abriram igrejas, são inclusive, os primeiros evangélicos em determinada área do Nordeste, ali em entre Paraíba e Pernambuco, numa zona de caatinga.

Assim como os demais interlocutores, Francisco também relata um momento específico para sua conversão:

Então nessa de descobrir o que tinha de bom na igreja eu descobri que existia Deus, então foi quando eu tive realmente meu encontro com Deus, foi minha decisão, minha declaração, isso foi sozinho de joelhos na minha casa por causa desses sonhos que eu te falei [...].

Analisando as experiências acerca da conversão, percebemos esse fenômeno como um acontecimento comum às pessoas que se dizem adeptas ao protestantismo, independente de terem tido ou não contato com ele ao longo da vida, como é o caso de Elizabeth e Francisco. Isso esclarece que se tornar evangélico é uma escolha pessoal. Dizemos pessoal e não individual, pois o termo individual remete à ideia de um ser único, com peculiaridade, distante de influência externa em sua constituição. Já o termo pessoal, este aceita a noção individualizada e ao mesmo tempo compreende também o coletivo, portanto, a existência de uma constituição social.

É oportuno refletirmos referente à idade em que ocorrem as conversões no campo evangélico da cidade, pois de acordo com os relatos dos interlocutores, identificamos não haver um momento específico na vida (idade) para que tal processo aconteça. No caso dos nossos interlocutores, a faixa etária em que ocorreram as conversões foi heterogênea, pois três deles relataram ter vivenciado o momento no final da terceira infância ou início da adolescência, e apenas uma participante relatou ter se convertido na fase adulta, aos 30 anos. Como podemos observar, são fases distintas da vida e apesar disso, todos demonstraram a importância pessoal e simbólica do acontecimento para si.

Segundo Mafra (2001), a década de 1990 representou o aumento no número de crentes⁴⁷ no país e no Rio de Janeiro, especificamente, em pesquisa realizada em 1994, 70% dos fiéis evangélicos não nasceram e nem foram criados em lar evangélico. Apesar de esses dados não coadunarem com a realidade dos interlocutores de nossa pesquisa, em vista que apenas um deles se converteu na fase adulta, é interessante incluí-los aqui para ratificar o estado de grandes mudanças do segmento religioso pesquisado.

Outra característica interessante do processo de conversão é a expressão “decidir seguir a Cristo” usada como sinônimo para o termo “conversão”. O uso dessa expressão ratifica a ideia de um processo fruto de uma escolha pessoal, assim como, é também utilizada para a experiência do batismo, o que transmite um atravessamento pessoal entre se converter e se batizar para os adeptos da religião evangélica.

Referente ao processo do batismo, ele possui a mesma característica que o processo de conversão, isto é, se refere a um processo decorrente de uma decisão pessoal. Todavia, enquanto a conversão é uma das primeiras experiências religiosas do fiel e tem aspecto mais

⁴⁷ Este termo é utilizado no senso comum para referir-se aos adeptos da religião evangélica-protestante. É oportuno citar que os próprios evangélicos se intitulam crentes e, por isso, também utilizamos essa palavra ao longo do texto.

místico, o batismo se configura o ato de anunciar publicamente a decisão tomada, por isso possui um simbolismo à parte.

Encontramos na Bíblia Sagrada, no livro de Mateus, capítulo 3, versículo 13, o seguinte texto: “*Então Jesus veio da Galileia ao Jordão para ser Batizado por João*” (A Bíblia Sagrada, 1993). Esse trecho do livro de Mateus, que remete à conduta de Jesus Cristo e posteriormente também de seus discípulos, motiva os adeptos da religião evangélica a assumirem o batismo como uma prática, muitas vezes, necessária para que eles se tornem membros de alguma igreja evangélica. É oportuno salientar ser o batismo também uma prática cristã católica, portanto não exclusiva do segmento evangélico.

Além de o batismo configurar um mecanismo pelo qual a plena participação do fiel como membro na comunidade religiosa é permitida, ele garante a sua integração em grupos internos que realizam atividades inerentes e exclusivas da denominação, como, por exemplo, tomar a santa ceia, participar da equipe de jovens, do ministério de louvor, de encontro de casais, da escola bíblica dominical, etc.

Natanael nos conta que ao longo de sua trajetória como evangélico, após o batismo, ele participou de diversas atividades na igreja: “*Me batizei na Igreja Presbiteriana com doze anos, fiz parte de toda programação da igreja, da escola dominical*”.

Por sua vez, no relato de Elizabeth, podemos ver o batismo como um momento decisivo, pois mesmo depois de sua conversão, ela deixa transparecer existir uma dúvida entre estar ou não na igreja. Assim, o ato de se batizar pode ter contribuído para reafirmar sua escolha pela religião ou ter reforçado alguns comportamentos derivados do meio evangélico. Ela diz:

Eu nunca saí, nunca frequentei nada do que a gente chama de mundo secular, mas era meio voada. Mas realmente nunca saí dos caminhos do Senhor e aos dezessete ou dezoito anos eu me batizei na Igreja Evangélica Congregacional em Paracambi, onde permaneço até hoje.

Entretanto, para Aline, o batismo ficou marcado não apenas por ser uma experiência religiosa, mas também porque sua escolha não foi aceita por seu pai, um homem religioso fundamentalmente católico. Dessa maneira, podemos observar que a participação dela na religião evangélica representou um ato de coragem e de resistência frente aos seus familiares.

Aí eu comecei a ler a bíblia e me deu muita vontade de ir, eu comecei a ir na escola dominical, eu ia na escola 09h e depois ia na missa, isso em segredo pro meu pai não se aborrecer. Por aí, aí um dia eu cheguei em casa e ele disse “o que é isso?” eu respondi que uma abelha havia me picado, ele disse assim “bem feito, quem manda se enfiar aonde não deve”. Aquilo me deu um certo alívio porque pelo menos agora já sabia. (...) Isso que eu contei foi em 1979 - 1980, eu queria me batizar, mas como

eu podia me batizar escondido? No final de 1980 me deu vontade de batizar mesmo, de ir com tudo porque eu já não estava mais indo pra igreja católica.

É notória a preocupação de Aline com a aceitação do pai católico sobre seu batismo: *“No dia do meu batizado eu ainda falei com ele e perguntei se queria ir e ele disse: “eu não falei pra você que eu não quero saber disso, você não conte comigo”. Foi assim”*.

É possível que muitos adeptos ao se converterem e decidirem se batizar na religião evangélica passem pelo mesmo dilema de Aline. Isso porque ao declarar uma nova fé seria como se o sujeito estivesse publicamente rompendo com um grupo e indo para outro. É como o pressuposto da memória em coletiva, ela está viva enquanto estamos conectados a determinados grupos (HALBWACHS, 2006). Então ao me tornar membro de uma nova comunidade, eu deixo para trás tudo o que se passou, esqueço tudo para viver uma nova vida.

Outro aspecto interessante sobre os interlocutores é o fato de a conversão e o batismo deles ter ocorrido dentro ou fora da cidade. E o que isso significa? Ao longo do trabalho de rememoração, percebemos que Elizabeth, Aline e Heitor se converteram e se batizaram enquanto moradores da cidade de Paracambi. Já Francisco e Natanael, vivenciaram ambos essa experiência em outros lugares. Natanael se converteu quando ainda morava no Estado do Espírito Santo e Francisco se converteu quando morava na cidade do Rio de Janeiro.

Refletir sobre os locais de conversão e batismo dos interlocutores é relevante para nossa pesquisa, pois nos ajuda a pensar sobre os possíveis fatores para o “aumento dos evangélicos em Paracambi”. Isso porque o crescimento de adeptos da religião evangélica na cidade pode ser consequência de novas conversões e batismo, assim como, pela migração de pessoas. Natanael quando questionado sobre este assunto nos respondeu:

[...] teve uma convenção na Bahia em que os pastores tiveram a ideia de criar dez mil campos de trabalho, ou seja, dez mil novos pastores presidentes, ou seja, desse trabalho aconteceu o Alfa e Ômega (Sua igreja).

A fala de Natanael é interessante para nos fazer pensar sobre o processo de expansão da religião evangélica paracambiense, mas não como um acontecimento isolado do restante do país, pois, na verdade, o aumento de adeptos a essa religião tem crescido de forma bastante veloz em âmbito nacional e isso a torna democrática frente às muitas formas de se “constituir enquanto religião evangélica”. Todavia, o relato do interlocutor pode fazer referência ao que a historiografia protestante chama de “Cruzada Nacional de Evangelização” (CNE⁴⁸), evento ocorrido na década de 1950, sendo considerado um momento de impacto para o pentecostalismo até então tradicional, improvisado e simples (MAFRA, 2001).

⁴⁸ Sigla criada por nós para referenciar o movimento Cruzada Nacional de Evangelização.

Mafra (2001) compreende a CNE como um evento relevante de mudança da primeira para a segunda onda do pentecostalismo iniciado em torno da década de 1950, conforme a classificação de Freston (1994).

A Cruzada aconteceu em decorrência de uma campanha realizada por dois missionários americanos chamados Harold Edwin Willians e Raymond Boatright. Os missionários posteriormente ao evento tornaram-se líderes da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular.

Inovando em relação à manifestação do Espírito Santo, esses dois pastores deixaram o improviso típico da primeira onda do pentecostalismo, para utilizarem a informalidade como forma de impactar aos fieis. Além disso, eles inovaram na organização dos cultos e lugares de realização deles (tendas de lona), e realizaram a campanha (Cruzada Nacional de Evangelização) em vários estados do país: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás e Amazonas (MAFRA, 2001).

Segundo Freston: “*A intenção inicial era de uma cruzada não denominacional. Mas não deu certo: muitos pastores se opunham aos métodos e à mensagem, e havia um abismo entre o estilo das reuniões e os cultos normais das igrejas*” (FRESTON, 1994, p. 112). Um dos missionários americanos era *ex-cowboy* de cinema e se apresentava nos cultos vestido a caráter e tocando guitarra elétrica. A irreverência e as ideias defendidas foram as responsáveis pela não aceitação na comunidade evangélica da época.

Ainda sobre o relato de Natanael, podemos recorrer a Mendonça (2005) ao dizer que a Cruzada Nacional de Evangelização foi um movimento religioso que alcançou todo o país, atingiu as igrejas tradicionais, bem como as igrejas pentecostais clássicas e muitos pastores fundaram novas igrejas influenciados pelas ideias difundidas pelo movimento (MENDONÇA, 2005, p. 61). Os impactos da Cruzada foi sentido não somente em seu início na década de 1950, mas ao longo do tempo em virtude de o movimento ter se estruturado em uma nova denominação, a Igreja Evangélica Quadrangular - IEQ.

Referente à falta de coesão geográfica entre o relato do interprete e os Estados alcançados pela Cruzada como aponta a historiografia e listado por nós anteriormente, é importante compreender que quando se fala de memória social, segundo Halbwachs (2006), são as repercussões e não os acontecimentos em si que constituem a memória do povo que passa pelo evento. Além disso, ele menciona: “*Cada grupo localmente definido tem sua própria memória e uma representação só dele de seu tempo*” (HALBWACHS, 2006, p. 130).

Retornando a discutir sobre os fatores que contribuíram para o aumento do número de adeptos da religião evangélica na cidade, Aline comenta:

O aumento eu acho que alguns líderes são de fora, mas eu acho que é povo de Paracambi mesmo, talvez numa necessidade maior de contato com Deus mais efetivo, porque na igreja católica não tem isso, não sei agora.

Aline compartilha o que para ela seria o real motivo desse processo de mudança, a necessidade de as pessoas terem acesso a algo mais subjetivo, mais pessoal, algo que fosse menos ritualístico e mais sentimental, grosso modo, menos racional e mais relacional. Dessa forma, ela explica sua experiência quando ainda católica e o que encontrou na religião evangélica. Veja o relato:

Mas era muito ritual, muita liturgia, mas não tem calor sabe, e agora eles estão buscando isso e no evangelho tem, se bem que existe também agora um grupo que fugiu do evangelho, infelizmente né. Mas as pessoas estão buscando alguma coisa mais real, que fale ao coração, que seja mais concreto, mais real, que simplesmente ir lá no domingo, conhecer, porque antes ninguém tinha conhecimento da bíblia, tinha de tradição litúrgica e até de algumas histórias.

Além desse aspecto relacional apontado por Aline, ela fala também de uma mudança no comportamento da igreja que proporciona aumento de fiéis não só em Paracambi, mas no Brasil inteiro.

Apareceu outra coisa que, além de ter esse contato real com a palavra consciente, tem a forma como a igreja evangélica age em relação à visitação, do cuidado, são grupos menores né, essa vida em comunidade é muito real.

Segundo Aline, a forma de a igreja agir após a conversão proporciona esse aumento de fiéis, pois a cada novo convertido, novas pessoas têm a possibilidade de ingressarem na instituição em virtude do interesse em compartilhar esse aspecto “relacional com Deus” e com o outro, ou seja, pessoas próximas ou não, com seus familiares, etc. Esse processo contribui para o crescimento da religião.

Os convertidos que se convertem de verdade eles se interessam pelos amigos, pela família, e aí começa internalizar uma transformação e aí as pessoas veem e dizem “realmente né” e decidem ir, isso atrai, e acho que aqui foi muito disso.

Quando questionado sobre a relação entre o crescimento da religião e o índice de desempregados na cidade a partir dos fechamentos das fábricas e também a abertura dos hospitais, ou seja, da relação econômica com a expansão da religião evangélica Natanael disse:

Tem também, querendo ou não um pastor quando abre um trabalho ele vai passar a viver naquele trabalho. [...] As pessoas na hora do aperto do desemprego eles vão pedir a Deus e bate numa porta que ora, e a bíblia diz “quem pede recebe e quem busca acha”.

Assim, ele entende que o aumento de templos proporciona grosso modo trabalho para os pastores, assim como o comportamento devoto se fortalece em momentos de crise econômica. Também sobre o crescimento da religião na cidade, na visão de Elizabeth, em Paracambi o aumento se deu pelo convertimento de moradores da cidade. Ela diz: *“Eu acho que as pessoas convertidas aqui eram gente daqui mesmo [...]”*.

Ademais, Elizabeth diz que a divisão interna em igrejas grandes também contribui para isso. Ela cita o caso de sua igreja para exemplificar:

Nossa igreja já teve época de ter dois cultos lotados. Um culto começava às seis e outro às nove e os dois cultos lotados, do pastor às vezes pedir pra pessoas que estavam no primeiro culto deixarem o templo, porque tinham pessoas que a sede, a vontade, porque o culto era tão bom que a pessoa não queria ir, não queria ir embora. Nossa igreja já teve essa época do “boom”, então teve a divisão do pastor Elias [...].Então novas igrejas, novas pessoas iam sendo evangelizadas, então imagina da nossa igreja, surgiu a igreja do pastor Elias. O Valdir foi pra igreja do pastor Elias e depois saiu e montou a igreja dele lá a Koynonia. Então não sei o que aconteceu lá que fechou a igreja do pasto Valdir, então Antonio que era pastor no Valdir tá agora aqui na igreja aqui. Então as ramificações vão aumentando, então eu acho que é isso que acontece, às vezes, nas divisões a gente fica triste, mas é isso que acontece.

Do mesmo modo que Elizabeth, Natanael também faz compartilha a essa ideia ao falar: *“Na rebelião quando eu não concordo com você eu abro um novo trabalho e esse foi um dos motivos que aumentou bastante o número de igrejas”*.

Neste sentido, quando alguém sai de uma denominação religiosa evangélica por fatores diversos e abre outro templo, está contribuindo para o aumento da religião.

4.4 A vida como evangélico

Neste tópico dissertamos sobre “a vida como evangélico” para os interlocutores, tendo como ponto de referência os três pontos de saturação já apresentado: “Atividades na igreja (ministério)”, “Experiências míticas” e o “Movimento Paracambi Para Cristo”.

4.4.1 Atividades na igreja

Faz parte do costume evangélico incentivar a participação de seus membros nas várias atividades da igreja logo após a conversão e o batismo. Muitas dessas tarefas têm relação com o credo em si, pois envolve a ação de cultuar a Jesus Cristo durante as reuniões nos templos. Entretanto, algumas dessas tarefas são inerentes à organização da comunidade religiosa, como, por exemplo, vigiar quem entra e quem sai do templo, dar aulas aos domingos, auxiliar na organização da igreja, etc.

Na atualidade essa prática de participar de alguma atividade na organização religiosa é chamada de “Ministério”. Então, esse ministério pode ser amplo e diverso e é visto como uma missão ou dever de cada cristão que deseja seguir a fé. Trata-se de uma contribuição pessoal de cada um para com a comunidade em que frequenta, assim como, uma retribuição às bênçãos espirituais. Além disso, internamente os fieis compreendem o ministério como um dever de cada adepto a fim de colaborar com o avanço da religião e ele acaba sendo uma forma de conexão desse fiel com a fé em si, pois, assim, ele deixa de ser mero expectador para fazer parte das atividades organizadas pela comunidade.

Normalmente, aos domingos, as igrejas evangélicas realizam o que eles chamam de Escola Bíblia Dominical, funcionando exatamente como um local para estudo, a EBD tem o intuito de instruir os membros da comunidade religiosa nas histórias narradas na Bíblia Sagrada. Essa escola também contribui para o reforço da sociabilidade entre os membros.

A Escola Bíblia Dominical ou EBD geralmente é dividida em classes, tendo como indicador para essa classificação a idade e ou grupos com objetivos afins, como o grupo de casais, por exemplo. Os instrutores dessa escola são membros da própria igreja, assim como relata Elizabeth: *“Eu também trabalho hoje lá com criança, coisa que não é muito normal, uma senhora, uma idosa de 62 anos, é que eu tenho 62 anos e continuo trabalhando com as crianças. Eu amo trabalhar com as crianças”*.

Essas classes de EBD são variadas, ou seja, além da classe de crianças como a relatada por Elizabeth, existem também as classes de casais, a classe dos jovens (solteiros ou casados), dos adolescentes, das irmãs (em algumas igrejas mulheres mais velhas), a classe dos homens, etc. Não existe uma regra quanto à formação dessas classes na EBD, cada igreja define como organiza sua escola, inclusive, quanto aos horários de funcionamento e o tempo de duração, além dos conteúdos e materiais trabalhados nas aulas.

Elizabeth também nos contou ter trabalhado como tesoureira e cantar na igreja:

Teve um período em que eu fui tesoureira na igreja então eu tinha que ter um contato mais próximo com ele. O tesoureiro toma conta do dinheiro da igreja, mas é tudo registrado, tudo anotado, qualquer saída de 01 real tinha recibo. Tudo tinha recibo e quando escapulia alguma coisa, o presidente do patrimônio que na época era o Sr Osvaldo, pai do pastor Osvaldo, então ele me chamava e exigia que tinha que ter, era muita exigência e tudo controlado.

Pelo o que podemos observar do relato de Elizabeth, não existe uma exigência para que cada membro participe de uma tarefa apenas. Então, conforme sua disposição e disponibilidade, assim como talento, ele pode exercer mais de uma atividade na igreja ou exercê-las em momento diferentes.

Natanael e Francisco seguiram atividades diferentes de Elizabeth, o ministério de ambos foi o pastoreio de rebanhos, ou seja, eles tornaram-se líderes de pessoas. No entanto, algo diferenciou as experiências de ambos os pastores, pois enquanto Natanael iniciou sua vida ministerial na fase adulta, Francisco teve o início ainda adolescente. Segundo Natanael:

Em 1976 eu me casei e fui consagrado a diácono da igreja. Em 1978, eu fui presbítero da igreja. Em 1980, eu fiz seminário e fui consagrado a pastor e aí segui minha Carreira ministerial, eu congregava aqui na rua Deputado Romeu Natal. Depois me mandaram pastorear, já como titular, na Assembleia de Deus do bairro Guarajuba e assim prossegui.

Identificamos que Natanael também chama de ministério a abertura de uma nova instituição religiosa: *“Quando foi em 1995, chegou o momento e um desejo da parte de Deus de fundar um ministério, aí que fundou o ministério Alfa e Ômega, que até então não tinha esse nome ainda, nós fundamos o trabalho pra tocar”*.

No segmento evangélico, sobretudo pentecostal, é muito comum as igrejas receberem um nome denominacional seguido de um codinome chamado de ministério. Assim, muitas igrejas chamam-se, por exemplo, Assembleia de Deus – Ministério Chama Viva, ou Igreja da Graça – Ministério de Jesus, como a igreja pastoreada por Natanael “Igreja Assembleia de Deus – Ministério Alfa e Ômega”.

Não há uma classificação homogênea para esses codinomes ministeriais, bem como, para os próprios nomes das instituições evangélicas. Quanto a isso, citamos no capítulo três as nomenclaturas definidas pelo IBGE para identificação e compreensão da religião evangélica no Brasil.

Francisco teve sua adolescência marcada pelas atividades dentro da igreja. Sua primeira participação como palestrante, ou como é costumeiramente conhecido no meio evangélico “o preletor” foi aos 13 anos.

[...] as coisas na minha vida aconteceram muito cedo porque com 13 anos eu já estava liderando alguma coisa na igreja, os adolescentes, já comecei a trabalhar com crianças, participava de um grupo chamado “equipe novidade de vida”, onde pela primeira vez eu preguei em uma igreja fora, eu tinha 13 pra 14 anos, foi a primeira vez que eu preguei na vida, hoje eu estou com 55, e a minha vida evangélica para o senhor em termo de ministérios começou ali.

Ressaltamos que, assim como Elizabeth, Francisco não teve apenas uma atividade como ministério, como podemos observar ele pregava, participava de grupos e “trabalhava com crianças” – esse termo “trabalhar com crianças” pode ter significado amplo, como, por exemplo, desde ministrar aulas na EBD a evangelização nas ruas.

O início de seu trabalho como pastor em Paracambi também não foi sua primeira experiência como podemos observar no relato abaixo: “[...] *Aqui para Paracambi eu vim em 89, então já tinha pastoreado antes, já tinha passado por outras igrejas, enfim, já com alguma experiência e estou em Paracambi desde 89*”.

É interessante observarmos que todos os interlocutores executam alguma atividade específica dentro da igreja ou participam de um grupo homogêneo em alguns atributos. Além disso, falam sobre os ministérios (atividades) demonstrando muita empolgação e/ou sempre atribuindo a Deus os resultados alcançados ou referindo-se a ele como sendo o responsável para tal, sobre isso no próximo tópico iremos discutir. Nesses termos, as igrejas evangélicas se organizam ativamente por meio de atividades diversas e por grupos com características comuns, sendo esses processos motivados por meio da fé. É possível que essa forma de estrutura social das igrejas contribua para a manutenção e ampliação de suas ações na sociedade, não somente em Paracambi, mas no país como um todo.

4.4.2 Experiências místicas

De acordo com o dicionário Michaelis (2018) a palavra mística significa: “*Tratado a respeito das coisas divinas ou espirituais*”; “*ideias, princípios, valores, etc. que despertam no indivíduo aceitação incondicional, devotamento: A mística democrática*”. Sendo assim, grosso modo, podemos dizer que experiências místicas envolvem vivência com a espiritualidade.

Por este motivo, novamente nos valem do conceito de espiritualidade para discutirmos a cerca do tema “experiências místicas”. Isso porque relembramos que espiritualidade é uma experiência subjetiva e não possui vínculo com uma religião específica, ela se constitui por meio da busca do sentido da vida, e pode não ser alcançada através do divino (KOENING, 2012). Portanto, vivenciar a espiritualidade é, acima de tudo, se conectar com algo interior que potencialize ou que faz o sujeito se motivar em busca de algo. Também é relevante acrescentar que se a espiritualidade se volta mais para as experiências pessoais de fé, ela não se relaciona diretamente com o que compreendemos como religião institucionalizada, apesar de também poder ser alcançada nesses ambientes.

Do mesmo modo, podemos refletir também sobre os conteúdos mnêmicos do ponto de saturação as “experiências místicas” a partir do viés dos próprios evangélicos, tendo como referência o modo pelo qual os fieis pentecostais expressam sua fé. O movimento religioso pentecostal é caracterizado pela presença do “espírito santo” e também o “fenômeno de

glossolalia” – falar em línguas -e ambas as práticas são heterogêneas e envolvem muito “mistério” e a crença no “agir de Deus”.

A vivência de fé no pentecostalismo se estrutura mais por aspectos emocionais que os aspectos racionais de seus adeptos. Referente a isso, a análise racionalista da tradição cristã tem chamado essa característica emocional religiosa como atributo das experiências místicas, assim como, a rotula como sendo uma ilegitimidade da verdadeira experiência religiosa (MARIZ, 1995).

Não é nosso intuito discutir a veracidade da experiência religiosa nos cultos⁴⁹ evangélicos, sobretudo os pentecostais, pois, se assim fizermos, estaremos valorando a prática e anulando seu aspecto subjetivo já mencionado aqui. No entanto, por este motivo, é importante afirmar existir teologia até mesmo onde as práticas religiosas possam transparecer serem de difícil compreensão ou até mesmo possuir caráter pessoal e simbólico, como é o caso dos cultos evangélicos pentecostais.

Referente às narrativas de nossos interlocutores, muitas delas relacionam-se à espiritualidade e fazem alusão à provisão divina, a resolução de questões pessoais, bem como são utilizadas para reverenciar a Deus e narrar suas vivências com a fé. Aline, ao nos descrever como fez para contar ao pai sobre a decisão de se batizar, compartilhou uma de suas primeiras experiências místicas como evangélica:

Um dia eu cheguei no tio Humberto e disse que queria me batizar, mas por causa do meu pai eu queria um conselho. [...] Aí eu vim pra casa e comecei a orar, eu nem sabia orar direito, mas foi a primeira vez que Deus falou comigo, diretamente, objetivamente. Deus falou comigo no salmo 09: “o senhor ouviu meu clamor, ele já ouviu minha oração”, aí eu fui falar com ele e sentei com ele lá em Muriqui, numa casa de praia alugada, aí eu contei “pai está acontecendo assim, eu quero me batizar [...]”.

Neste relato, identificamos o que para nós configura uma experiência mística que seria o “falar com Deus”, ratificando a proximidade religiosa mencionada por ela ao longo da entrevista. Mafra (2011) menciona que o cristianismo rompeu com a ideia de continuidade com o divino a partir de Jesus, pois com o sacrifício D’ele os crentes passaram a ter um Deus perfeito, completo em si mesmo e ao mesmo tempo próximo, relacionando-se com eles, falando, inclusive, com os fieis.

⁴⁹ O conceito de culto neste trabalho é empregado para referir-se a todas as experiências religiosas dos evangélicos, tanto as grupais como as pessoais.

Natanael também revelou sua espiritualidade ao falar cronologicamente sobre detalhes de seu ministério como pastor na Assembleia de Deus, além de falar sobre seu batismo com o “Espírito Santo”:

[...] Em 1975, eu fui batizado com o Espírito Santo. [...] Quando foi agora em 1995, chegou o momento e um desejo da parte de Deus de fundar um ministério, aí que fundou o ministério Alfa e Ômega, que até então não tinham esse nome ainda, nós fundamos o trabalho pra tocar.

Percebemos como Natanael atribuiu a Deus a motivação para a abertura de uma nova igreja. É como se para ele houvesse mais legitimidade nessa motivação se ela partisse de uma provisão ou resposta divina, ou seja, da experiência dele com Deus, do que se fosse uma vontade puramente humana.

Francisco, por sua vez, nos relata algumas de suas vivências espirituais na cidade falando sobre uma dificuldade existente na época na área da saúde infantil.

Também fomos a alguns centros espíritas que faziam trabalhos com crianças naqueles lugares, não vou citar nomes e lugares por questão de ética, e tivemos esse tipo de confrontação espiritual não contra as pessoas, porque amamos as pessoas e respeitamos a religião de cada um, mas contra entidades que faziam esse tipo de coisa [...].Aconteceu também que na própria igreja em que eu pastoreava algumas crianças morreram e aí também precisamos orar no hospital que era chamado de Prontonil, onde também aconteciam algumas coisas que não eram boas.

Para Francisco, a religião era um dos fatores que impulsionava essa problemática na saúde infantil do município, por isso ele e outros crentes se juntavam para realizar atos de fé em prol da “libertação” da cidade. É oportuno salientar que, segundo Bittencourt Filho (1994), a terceira onda do pentecostalismo, ou conforme é conhecido o Pentecostalismo Autônomo, é marcada pela tríade: cura, exorcismo e prosperidade. Quanto a isso e correlacionando a narrativa de Francisco, é notória que sua postura de busca por libertação da cidade vem ao encontro dessa base pentecostal enfática para o exorcismo de pessoas e também lugares.

Ainda sobre este tema, Francisco relata os atos sobrenaturais envolvendo um conjunto de mais ou menos quinze pessoas, dias antes e durante a subida de um monte – um morro - da cidade.

Isso foi em 1992 e eu cheguei em 1989. Pois bem, esse grupo, pequeno grupo de no máximo quinze pessoas, subiu ao monte, nós já havíamos orado antes e coisas sobrenaturais foram acontecendo mesmo antes de subirmos a esse monte, por exemplo, alguns avistando anjos, conversando com anjos e tudo mais. Resumindo, lá no alto nós ouvimos e vimos coisas assim tremendas da parte de Deus e ouvimos então Deus falando que queria fazer algo extraordinário, especial nesta cidade e inclusive uma conquista espiritual aqui para esta cidade.

No relato acima, identificamos o misticismo que o interlocutor chamou de “coisas sobrenaturais”. Este termo empregado logo após a expressão “já havíamos orado” conota a relação mística da experiência para o grupo e, assim como no relato de Aline, percebemos uma ênfase no relacionamento com Deus, sendo a fala utilizada como recurso de mediação.

Ademais, o relato de Francisco não fala somente do misticismo por citar os aspectos sobrenaturais, mas, também, o hábito dos crentes de subirem ao topo de morros– montes na linguagem utilizada por eles - para orar. Esse hábito não é novo, desde a igreja primitiva os fieis já subiam os montes para orar e, na atualidade, isso acontece como uma forma de imitação do comportamento de Jesus Cristo, além do simbolismo atribuído ao fato de estarem mais próximos do céu, logo, mais próximo de Deus. Subir ao monte também garante a ausência da interferência da vida cotidiana, chamada por muitos de “vida mundana” (barulhos de carros, pessoas, fábricas, boates, etc.) o que atrapalharia a conexão entre os crentes e o Espírito Santo.

Quando o crente se relacionar com o Espírito Santo, ele passa a se perceber em uma vida dualística, ou seja, vive uma intensa batalha espiritual, tendo seus comportamentos, seus pensamentos e decisões sempre pesando para o lado “certo” dessa batalha, o que representa o bem (MAFRA, 2011).

É interessante frisar que ao rememorar esses acontecimentos no dia da entrevista Francisco demonstrou tamanha empolgação que chegou a aumentar seu tom de voz para dar ênfase a narrativa. Assim, nossa percepção sobre o evento foi que, para além de ele representar uma resposta divina ou mais uma vivência no relacionamento desses crentes com Deus, o misticismo envolvido confirma o “agir de Deus” para com a cidade e reforça para o próprio interlocutor sua crença nas manifestações sobrenaturais de sua religião.

4.4.3 Movimento Paracambi Para Cristo

Imagem 11 - Arte visual do Movimento Paracambi Para Cristo.



Fonte - Arquivo cedido por Leonardo Lopes.

Desde o começo das entrevistas uma das perguntas que mais nos movia para a tarefa de colher memórias era identificar quais os fatores contribuíram para o aumento dos fiéis evangélicos na cidade de Paracambi. Este era nosso principal objetivo, pois não existe nada publicado sobre a questão em meios científicos.

Pensando sobre isso e pautados no último censo (2010), já sabíamos que esse segmento religioso era o mais presente numericamente no município. No entanto, para além de entendermos que o protestantismo na cidade vinha crescendo tal como acontecia em todo o Brasil, pensávamos que em Paracambi pudesse ter algum detalhe que explicasse melhor esse fenômeno em seu território. Por esse motivo, nossa decisão por trabalhar com memória foi certa desde o início, pois sabíamos que somente através do movimento mnêmico de pessoas do lugar poderíamos ter acesso a conteúdo que a memória tradicional, aquela que é transcrita em livros e que tornar-se história (LE GOFF, 1990), não nos falaria.

Como mencionamos no início deste trabalho, as perguntas utilizadas nos encontros com os interpretes foram pautadas nos objetivos específicos da pesquisa. Entretanto, elas só eram utilizadas quando percebíamos o participante comentando algo que julgássemos não relacionar-se com alguma questão da pesquisa, do contrário, a narrativa do interlocutor se dava de forma livre, explorando assim tudo o que vinha a mente sobre o tema inicial “a vida religiosa em Paracambi”.

Em todos os encontros, um ponto de saturação ficou muito evidente para nós nas memórias dos participantes. Ocorreu em Paracambi, no período pesquisado, entre as décadas

de 1970 aos anos 2000, um movimento chamado “Paracambi Para Cristo” (PPC⁵⁰). Mas, o que foi exatamente o “Paracambi para Cristo”? Segundo relato dos entrevistados, o Paracambi Para Cristo foi um movimento de evangelização que uniu várias igrejas da cidade em prol da conversão de pessoas à religião evangélica. Ele se iniciou a partir de uma Associação de Igrejas Evangélicas fundada na cidade e foi a partir dessa Associação que surgiu a motivação para expandir a Igreja Evangélica no lugar.

Antes de iniciar o movimento PPC na cidade de Paracambi, o contexto religioso já se encontrava em profunda transformação no território. Segundo Natanael, na década de 1970, acontecia entre os evangélicos da cidade um festival de música evangélica organizado por pastores:

[...] nós tivemos no passado um festival de musica evangélica em que a música tinha que ser inédita, eu participei do movimento, eu cantei uns dois hinos não tive nem classificação, mas tive a participação. Então tinha isso aí que era um calendário aqui na nossa cidade em 1972, 1975 pra cá que teve esse festival de música evangélica e quem começou com isso foi o pastor Guarin. Ele criou uma diretoria, as pessoas se escreviam e ganhavam prêmio, quem ganhasse em primeiro lugar, segundo e até terceiro lugar. Então, a música tinha que ser inédita, aí fazia a música, gravava na fita k7 porque era naquela época, e os músicos não cobravam nada, você ia corrigir minha música e não cobrava nada era de graça, então fazia tudo direitinho, era a música inédita, eu cantava, ensaiava, e no dia marcado, porque tinha um calendário né, apresentava. Eu participei de uns dois festivais, era anual e antes do movimento Paracambi Para Cristo, aí depois entrou o “Paracambi Para Cristo” e foi tomando conta de tudo, e aí desapareceu o festival de música evangélica.

Imaginamos que o Festival de Músicas Evangélicas tenha sido uma entre várias atividades ocorridas nas décadas de 1970 e 1980, antes de a cidade se movimentar com o “Paracambi Para Cristo”. *“Ah, houve na década de 1980, mais ou menos, um movimento Associação Evangélica “Paracambi Para Cristo””*.

No final do encontro, Heitor nos contou sobre o movimento PPC, e fez questão de explicar ter sido o movimento a consequência de uma Associação Evangélica criada na cidade. O interlocutor também informa que essa Associação não teve continuidade, pois um dos empecilhos para seu desenvolvimento foi a falta de unidade das igrejas na época. *“Ah, a associação evangélicas das igrejas de Paracambi começou, mas foi na verdade um fogo de palha porque nós percebemos essa dificuldade na integração”*.

Pelo relato deste interlocutor, o *slogan* “Paracambi Para Cristo” surgiu após a criação dessa Associação das igrejas evangélicas e, posteriormente, foi sendo utilizado no PPC e também no evento atual chamado Semana Evangélica.

⁵⁰ PPC – Sigla criada por nós para nos referimos ao movimento religioso “Paracambi Para Cristo”.

O slogan “Paracambi pra Cristo” surgiu depois dessa associação, porque ela foi “natimorta”, nasceu e morreu. Mas o espírito que levou a Igreja Congregacional e a Igreja Batista, que foram as duas que começaram a idealizar este projeto, essa ideia prevaleceu pelo sentido apenas de evangelizar, mas aí não ligava a uma associação de igrejas. As igrejas passaram a fazer um trabalho de evangelização “Paracambi para Cristo”, eles iam nos bairros. Foi uma coisa muito boa [...].

O Movimento PPC teve repercussão no campo religioso da cidade possivelmente pelos resultados alcançados referentes às conversões das pessoas na época. Ao narrar suas lembranças, Aline fala sobre isso: *“Esse movimento começou na década de 1980, entre a década de 1980 e 1990. Foi um movimento bem grande e que deu efeito”*.

Como podemos observar em relação à data de início do movimento, cada interlocutor menciona uma em específico. Entretanto, Francisco diz que o PPC teve início na década de 1990, por intermédio dele enquanto ainda pastor da Igreja Comunidade Congregacional Crescendo em Cristo: *“Nós começamos o movimento “Paracambi Para Cristo” exatamente no dia 02 de janeiro de 1992”*.

Por sua vez, há dois fragmentos de memória referente a essa data em questão, pois segundo Elizabeth o movimento foi uma atividade de sua igreja, ou seja, a Igreja Congregacional em Paracambi, sendo esta a denominação evangélica mais antiga da cidade fundada em 1898. Ela diz: *“Era coisa da nossa igreja, ele (O Dilan⁵¹) comandava e ia aos poucos chamando as outras igrejas aí depois o pastor Jocimar também [...]”*.

As informações compartilhadas por Francisco e Elizabeth referentes ao início do PPC não podem ser interpretadas como desencontro de narrativas mnêmicas em relação ao fato histórico em si, pois quando trabalhamos com memórias, sabemos que a noção temporal de cada recordador acaba sendo distinta, pois rememorar significa trabalhar em prol da reconstrução de detalhes do que foi importante para o sujeito, é o que surge em sua memória em decorrência da experiência coletiva, porém com seu olhar atual. Além disso, é pertinente esclarecer que a Igreja Evangélica Congregacional em Paracambi criou em 1980 a Igreja Comunidade Congregacional Crescendo em Cristo, ao qual Francisco foi pastor na década de 1990. Dessa forma, no período relatado por ele ambas as instituições formavam um único grupo religioso.

Ainda sobre o desencontro dos conteúdos mnêmicos, podemos nos valer do que disse Ericeira (2005), pois trabalhar com memórias é lidar com lacunas e vaivéns de pensamentos, o que explica, em parte, as ideias desencontradas entre os interlocutores. Ademais, Celso Sá

⁵¹ Ao longo de nossa pesquisa tentamos localizar essa pessoa mencionada por Elizabeth, porém não obtivemos sucesso.

(2005) teoriza que a memória social não segue uma lógica linear e tampouco racional. Nessa ótica, para compreensão dos fatos memorados, sempre levamos em consideração a interpretação subjetiva dos conteúdos e ao mesmo tempo os encontros que eles proporcionam em cada narrativa.

Neste ponto da análise, chamamos a atenção para o fato de o “Festival de Música Evangélica”, a “Associação das Igrejas Evangélicas de Paracambi” e o “Movimento Paracambi Para Cristo” terem surgido após a emancipação territorial do município. Esse é um dado interessante e nos faz recordar do capítulo um, onde falamos sobre a municipalidade de Paracambi ter acontecido apenas em 1960. Tornar-se um município emancipado trouxe inúmeras mudanças para a região, posto que o desmembramento do território (Vassouras – Itaguaí) contribuiu para o crescimento da cidade e o enfraquecimento da influência até então vigente na vila da fábrica de tecidos. Segundo Keller (1997), conforme já frisamos, o surgimento do poder local municipal, a venda das residências da vila operária, e a fundação do sindicato oficial da categoria, colaborou para o declínio do Complexo Fábrica com Vila Operária (KELLER, 1997).

É oportuno elucidar que o enfraquecimento da vila operária e a expansão territorial podem ter proporcionado também transformações na constituição do campo religioso, pois dessa forma, com o fim da vila operária, a vida cotidiana da população ganhou novo sentido à medida que deixou de depender exclusivamente dos aparatos institucionais oferecidos pela organização fabril, passando, aos poucos, a ter mais liberdade, inclusive, religiosa.

Assim, concomitante a essas mudanças territoriais e sociais no lugar, o campo religiosoda cidade passa a se constituir de outra forma, ou seja, a cidade que tinha poucas igrejas evangélicas e somente atividades religiosas voltadas para o segmento cristão católico⁵², aos poucos passa a conviver com número maior de igrejas evangélica-protestantes e a receber participação delas no cenário regional da cidade.

Segundo Natanael:

Aqui em Paracambi tinham poucas igrejas (evangélicas). Na época em que chegamos aqui, a partir de 1971, foi quando eu ingressei na Assembleia de Deus, nós só tínhamos uma igreja lá do outro lado da estação e tinha um ponto de pregação

⁵² Chamamos de atividades religiosas todos os eventos sociais com envolvimento direto ou indireto de religiosos ou de alguma religião, como, por exemplo, cerimônia de posse de cargo político, festa em homenagem a Santos Católicos, eventos abertos à comunidade em feriados nacionais, inauguração de novos espaços para prestação de serviços públicos, etc. De modo geral, podemos afirmar que realizar atividades religiosas com foco no cristianismo católico foi uma característica do comportamento religioso paracambiense do final do século XIX e início do século XX, e ele não difere do comportamento nacional devido ao contexto histórico do país.

no bairro Guarajuba que hoje é uma igreja. Em Paracambi agora eu não sei nem contar quantas igrejas têm. Aqui em Lages, pra contarmos quantas igrejas têm, vamos ter que pegar um caderno pra começar anotar e é capaz de você achar mais de 150 se bobearmos.

Entre o período pesquisado (1970-2000), Paracambi enfrentou alterações na constituição do campo religioso e, como verificamos acima na fala de Natanael, no lugar havia poucas igrejas evangélicas na época. O aumento no número de templos evangélicos na cidade pode ter acontecido de forma gradativa, tendo ponto de partida ou talvez o momento em que o processo tornou-se mais evidente, a década de 1960, após a emancipação do território. Assim, o cenário religioso ganhou outra face, em virtude da disputa pelo poder simbólico religioso.

Quanto a esse poder simbólico, é necessário compreender que o campo religioso está sempre em constante disputa entre os que o formam (BOURDIEU, 2003). Assim, as várias religiões se enfrentam de modos diversos para legitimar-se como uma prática verdadeira ou ideal. A religião evangélica não fica fora desse embate, por isso, apesar de ela ter se mantido durante décadas em Paracambi como uma prática subversiva ou sem legitimação pelos os que detinham o poder (KELLER, 1997), ela conseguiu lutar com outras religiões, como por exemplo, o catolicismo, para se estabelecer no lugar.

Ao identificarmos as décadas de 1970 e 1980 como sendo um período com poucas igrejas evangélicas na cidade, isso nos ajuda compreender e conjecturar que os conflitos mencionados por Keller (1997) do início do século XX, entre católicos e protestantes, como não sendo suficientes para impactar maciçamente o cenário religioso da cidade. Por esse motivo, concebemos a década de 1970 como sendo o período em que transformações mais acentuadas surgiram na sociedade paracambiense, incluindo aí as mudanças no campo religioso.

O movimento PPC foi significativo para esse aumento exponencial de fieis evangélicos em Paracambi. Ele não significou uma nova forma de fazer cultos ou atividades religiosas, ou seja, ele não reinventou a roda, mas foi uma forma estratégica utilizada para alcançar mais pessoas e, conseqüentemente, começar a proliferar conversões.

[...] não sei se você lembra daquele movimento “Paracambi pra Cristo”, então, que coisa linda que foi aquilo né, não tinham tantas igrejas como tem hoje. Começou na Congregacional de Lages, Batista, a Congregacional aqui, algumas Assembleias, eu sei que envolveu todo um movimento e fomos pra rua e fomos fazer caminhada pra Cristo, Paracambi mudou.

Neste relato de Aline, fica clara sua visão positiva referente os resultados do PPC, ao finalizar seu comentário com a expressão “Paracambi mudou”. Outro ponto interessante sobre

o PPC foi a forma como ele se estruturou, pois conforme essa mesma interlocutora fala: “*envolveu todo um movimento*”, ou seja, se constituiu por meio da união de muitas igrejas locais. Talvez seja por isso que recordar-se do movimento foi emocionante para Aline, pois ela vivenciou essas mudanças, fez parte dessas atividades e viu as transformações na cidade em decorrência do referido movimento.

Antes de essas mudanças se tornarem notórias no campo religioso local, a igreja católica, consoante já sinalizado, era quem detinha o poder simbólico do campo religioso paracambiense. Isso pode ser reforçado, quando Aline diz que antes do aumento das igrejas evangélicas existia na cidade somente as festas religiosas católicas. Veja:

[...]Porque no passado, antes da igreja evangélica passar a ter essa representação tão grande, era a católica que era chamada pra fazer missa, as festas da igreja católica eram as festas da cidade, São Pedro e São Paulo aqui, Nossa Senhora da Conceição lá na fábrica, que era uma festa, nossa me lembro das bandas de músicas, era uma coisa fantásticas, atraía muita gente, por que realmente evangélicos eram poucos, era um número pequeno não tinha expressão. (Aline)

Sobre a união das igrejas evangélicas da cidade por causa do PPC, Aline relata:

Na década 1980 as igrejas se uniram pra irem pra rua, pra caminhada, a gente ia pra praça. [...] A igreja de um modo geral saiu de dentro das quatro paredes, se apresentou e foi uma coisa muito linda e houve realmente uma visibilidade de crescimento evangélico na cidade.

Com a adesão das várias denominações evangélicas em prol do objetivo de expandir a igreja na cidade (aumentar o número de adeptos), essas instituições se posicionaram de forma diferente no lugar, deixando a manutenção de seus hábitos costumeiros (cultos duas vezes durante a semana, cultos aos domingos, retiro espiritual de carnaval, etc.) para vivenciar um novo momento na conjuntura social religiosa da cidade.

Natanael nos conta que o movimento uniu o povo evangélico e isso representa força para o segmento religioso. Além disso, o PPC despertou muitas pessoas para iniciarem atividades como religiosas.

É porque juntava o povo né, juntava o povo pra unir o povo também, porque se você não tem o povo unido você não tem força. [...] Ah, contribuiu sim, contribuiu sim, ajudou muito, porque despertou a mente de muitas pessoas, pra você ter uma ideia, eu não vou citar nomes, pessoas que trabalhavam com a gente que era lá do outro lado da estação, irmão jovem da época, entrou para esse movimento e viraram pastores também.

Essa mesma união que fez os evangélicos se expandirem na cidade nem sempre foi colocada em prática, como nos fala Heitor, a Associação Evangélica das Igrejas só não foi à frente por falta dessa integração eclesial da época.

Ah, a Associação Evangélicas das Igrejas de Paracambi. Começou, mas foi na verdade um fogo de palha, porque nós percebemos essa dificuldade na integração. Então essa questão da desunião, eu entendo que o evangelho tem que unir as pessoas. Unir na diversidade. Unidos na diversidade!

O movimento PPC com objetivo de evangelização da cidade contribuiu para a união entre as várias denominações do segmento evangélico-protestantes da cidade e, conseqüentemente, tornou-se um dispositivo de mudança na estrutura social do campo religioso. Essa união pode ter representado a força do protestantismo para a conquista da liderança no campo religioso, ou seja, o domínio do poder simbólico disponível socialmente no campo (BOURDIEU, 2003). Referente a isso Aline nos diz: *“Foi a época do movimento do evangelismo, antes dessa época não tinha esse movimento aqui de unir todas as igrejas, não que eu conheça”*.

Partindo dos conteúdos mnêmicos dos interpretes, compreendemos o movimento Paracambi Para Cristo como uma estratégia de evangelização utilizada pela igreja e que impactou a dinâmica social religiosa da cidade. Participar do movimento fez a igreja sair das quatro paredes, ou seja, retirar-se dos templos e isso a ajudou expandir numericamente. O objetivo foi abraçar a cidade como um lugar de “domínio protestante”, e isso se baseava em uma visão místico-teológica como podemos observar nos relatos abaixo de Aline e Francisco:

O movimento “Paracambi para Cristo” fazia evangelização, passeata, eles subiam os lugares para ver se tinha alguma coisa que trouxesse maldição para a igreja. Lugares onde no passado pudesse ter acontecido alguma coisa que espiritualmente prejudicava a cidade. Então eles iam, tinham um mapa, foi uma coisa muito séria.

Francisco: *“Foi uma experiência sobrenatural, marcante e nos impulsionou a começarmos um trabalho de conquista territorial para Cristo”*.

Apesar de enfatizarmos os impactos do Paracambi Para Cristo na estrutura do campo religioso paracambiense, não podemos dizer que antes dele não havia crescimento da religião evangélica na cidade, como afirma Francisco:

[...] não é que não houvesse nenhum crescimento evangélico antes de 1992, havia sim tanto que a Congregacional de Paracambi abriu a congregacional de Lages, mas foi uma igreja né? A Assembleia de Deus também abriu algumas igrejas evangélicas já naquele tempo, como foi o caso aqui de Lages, ter aberto no Guarajuba, ter aberto também no Sabugo, abriu uma Assembleia de Deus lá em cima também na Cascata, mas era algo pontual e eminentemente denominacional. Igrejas muito pequenas também que não tinham assim um aflorar de memberships de pessoas se decidindo, etc.

Todavia, foi com o movimento PPC que número dos adeptos tornou-se exponencial. Francisco evidenciando o misticismo próprio de sua fé, diz que o aumento de fieis na cidade foi consequência do avivamento proporcionado por Deus ao lugar.

Com esse avivamento que Deus trouxe para a cidade, então nós vimos novamente um boom de pessoas evangelizadas e pessoas sendo transformadas, tanto que nossa cidade passou de perto de 12 ou 13% de uma população considerada evangélica, para uma estimativa do próprio IBGE 48 a 49% de cristãos evangélicos nominais. Isto é, não frequentadores de igreja ou membros de igrejas, mas que se dizem evangélicos. Essa foi uma mudança extraordinária ao longo desses anos e isso tem sim a ver com o trabalho de oração, unidade, união e a ação da igreja na cidade, inclusive, junto a governo e secretarias, com a ideia de que igreja tem que estar na rua em todo o lugar e ali estar abençoando as pessoas.

Nas lembranças acima sobre os resultados do PPC, Francisco fala do envolvimento do poder público no movimento religioso e, quanto a isso, Natanael também comentou em meio a suas lembranças sobre o movimento:

Aqui já tivemos também o movimento “Paracambi para Cristo”, que por um lado foi bonito, mas por outro lado foi política, é poder, porque quem comanda o tal do movimento para os políticos ele é o cara né, e é isso que o homem gosta, de poder. Então o Paracambi Para Cristo tem uma parte boa, mas tem aqueles que tiraram proveito do movimento, como todos os tipos de movimentos têm aqueles que tiram proveito né.

A foto abaixo serve para ratificar a lembrança do envolvimento do poder governamental com as ações religiosas na época do movimento PPC. Apenas ressaltando, antes do apogeu evangélico-protestante em Paracambi este tipo de acontecimento era realizado apenas pela igreja católica, sem participação de nenhuma outra religião. Então, essa imagem nos faz lembrar não somente o envolvimento evangélico e a liderança política, mas também o passado do campo religioso da cidade em si.

Imagem 12 - Ex-prefeito André Ceciliano recebendo a chave simbólica da cidade por pastores evangélicos.



Fonte: Arquivo cedido por Leonardo Lopes. (Ano 2000).

Referente às atividades e estratégias utilizadas pelo PPC, após as entrevistas, percebemos que elas eram lembradas pelo seu teor de organização, alegria e seriedade no trabalho desenvolvido. Era tudo estrategicamente organizado. A igreja incentivou seus adeptos a investirem na conversão da cidade e isso se deu em detalhes. Eles solicitavam autorização da prefeitura para saírem às ruas, pintavam o *slogan* do movimento em locais de visibilidade, como por exemplo, muros e morros da cidade e faixas de campos de futebol, faziam atos proféticos e cultos em prol do domínio religioso no lugar. Sobre isso Elizabeth relata:

Aqui em Paracambi as coisas mudaram na igreja, tivemos um movimento “Paracambi Pra Cristo” e quem começou foi o Dilan, neto da Zilá, que agora está na igreja do pastor Elias. Eu sempre me lembro que ele era muito animado, participava de passeatas na rua aí, com carro, a polícia vinha e abria espaço pra gente, porque pra sair tinha que ter autorização, então a gente saía. Eu lembro muito do Dilan com aquela animação toda. Sabe ali onde era a antiga Caixa Econômica, ali perto do sinal? Agora não dá pra ver, porque tem um prédio ali você não vê muito, mas ele escreveu ali “Paracambi pra Cristo”. Alugaram aqueles negócios dos campos, no tupi, aquelas faixas, era muito animada aquela época e quem comandava era o Dilan.

A foto a seguir também do PPC, podemos observar, as pessoas saíam às ruas portando bandeiras, com camisetas referenciando o *slogan* do movimento, fazendo imposição de mãos simbolizando momentos de oração, etc. Também é notória a diversidade de adeptos na marcha, pois iam adultos, crianças, idosos, homens ou mulheres, bem como, se movimentavam a pé, de bicicletas ou de carro.

Imagem 13 - Evento do Movimento Paracambi Para Cristo.



Fonte - Arquivo cedido por Leonardo Lopes (Sem data).

Em comparação com a foto anterior, a imagem a seguir é mais recente e se refere a uma ação do movimento organizada no ano de 2005 e chamada de Marcha Para Jesus. Assim

como as atividades mais antigas, a Marcha Para Jesus também seguia o mesmo padrão, ou seja, as pessoas saíam às ruas com faixas, bandeiras, trio elétrico, bexigas de ar, e tudo o mais para chamar atenção da população.

Imagem 14 - Marcha Para Jesus



Fonte - Arquivo cedido por Leonardo Lopes (Ano de 2005).

Sobre essas duas fotos apresentadas do Paracambi Para Cristo e a Marcha Para Jesus, e os relatos do interlocutor Francisco referente às orações na antiga fábrica de tecidos, pensamos que não há memória social que não aconteça em determinado espaço geográfico (HALBWACHS, 2006). Assim, os espaços físicos tornam-se lugares de memórias para os grupos que por eles passam. Segundo Halbwachs: “*Não há nada surpreendente em que as lembranças de um grupo religioso lhes seja traídas pela visão de determinados lugares, determinadas localizações ou certas disposições dos objetos*” (HALBWACHS, 2006, p. 182).

Conjecturamos que os participantes desses eventos em Paracambi nunca se esquecerão deles se passarem pelos mesmos lugares, isto é, as ruas em que carregavam as faixas do PPC e ou os lugares onde experimentavam momentos de oração com teor fortemente emocional, contribuem para o simbolismo religioso que proporcionam aos grupos se recordarem com mais eficácia o que foi vivenciado no lugar.

Retomando a reflexão sobre o PPC, o intuito do movimento era despertar a cidade para a “verdade” bíblica, por isso, mensagens eram colocadas em lugares de grande visibilidade para informar e lembrar as pessoas da cidade e dos que passavam por ela do

contexto de fé presente no lugar. A imagem a seguir demonstra essa proposta, pois não foi em apenas um local que esse tipo de frase foi exposta. Na verdade, muitos morros da cidade tinham esses escritos, do mesmo jeito que faixas eram penduradas no centro da cidade.

Imagem 15 - Mensagem bíblica escrita em local de grande visibilidade na cidade (morro).



Fonte - Arquivo cedido por Leonardo Lopes (Sem data).

No tópico anterior discutimos sobre as experiências místicas e aqui analisando o movimento “Paracambi Para Cristo” também nos deparamos com lembranças que evidenciam o teor místico na experiência dos evangélicos junto ao movimento em questão. No relato de Francisco, é possível perceber o quanto a experiência narrada é importante para ele, pois faz alusão ao movimento como se fosse uma missão enviada por Deus. Apenas ressaltando, conforme mencionamos, a espiritualidade proporciona a busca pelo sentido da vida (KOENING, 2012) e a narrativa de Francisco transmite essa ideia a nós, como vemos a seguir:

Pois bem, esse grupo, pequeno grupo de no máximo 15 pessoas, subiu ao monte, nós já havíamos orado antes e coisas sobrenaturais foram acontecendo mesmo antes de subirmos a esse monte, por exemplo, alguns avistando anjos, conversando com anjos e tudo mais. Resumindo, lá no alto nós ouvimos e vimos coisas assim tremendas da parte de Deus e ouvimos então Deus falando que queria fazer algo extraordinário, especial nesta cidade e inclusive uma conquista espiritual aqui para esta cidade. Dali então surgiu o grito de guerra “Para a glória do pai, em nome do filho e pelo poder do Espírito” que era uma espécie de ordem de Deus aos anjos, usando a nós para dar a ordem a anjos para atuar na cidade e a partir daí começaram as orientações sobre conquista espiritual para essa cidade. Deus permitiu e quis me chamar para estar a

frente desse movimento, eu diria até essa missão, na qual eu fiquei durante muitos anos e ainda permaneço hoje não exatamente com esse nome, mas tantos anos depois ainda tenho atuação junto a igrejas, a pastores na visão da conquista espiritual da cidade.

Outrossim, Francisco, que atuou frente ao PPC, explicou em tópicos quais eram os objetivos do movimento:

- 01: Buscar unidade e união entre as igrejas evangélicas;
- 02: Procurar aproximar também pastores e cuidar desses pastores, apascentar esses pastores, que é um trabalho que eu comecei a fazer em 1994, o “Paracambi para Cristo” começou em 1992 e em 1994 e 1995 a gente começou um trabalho que a gente chamou de pastoreio de pastores;
- 03: Nosso foco era levantar orações, intercessões de igrejas para clamar e orar pela cidade então nós saíamos pelas ruas, fazíamos Marcha Para Jesus, íamos aos lugares principais da cidade, quer governamental, quer ponto espiritual da cidade, por isso fizemos na época o mapeamento espiritual, então buscamos levantar intercessores;
- 04: Preparar pessoas e igrejas para batalha espiritual, isso é, guerra no nível estratégico, não contra pessoas, mas contra entidades espirituais do mal, então começamos fazer uma série de estudos bíblicos e preparo das pessoas para isso e assim fizemos congressos, seminários, etc.;
- 05: Nos organizarmos de maneira formal e assim então surgiu a instituição chamada “Ministério disse Jesus” que existe ainda até hoje, depois surgiu a AMEP (Aliança de Ministros Evangélicos de Paracambi), depois veio IEUP (Igrejas Evangélicas Unidas em Paracambi), mais recentemente IMEUP (Igrejas Evangélicas e Ministros Unidos em Paracambi), então fomos institucionalizando esse trabalho também.

A partir deste relato, entendemos ter existido uma série de ações funcionando simultaneamente com o mesmo propósito. Percebam que o primeiro objetivo citado por Francisco, o de “unir as igrejas”, foi um ponto lembrado por todos os interlocutores nas entrevistas. Além disso, o movimento também tinha como foco a prática mística da “batalha espiritual”, característica da terceira onda do pentecostalismo brasileiro.

Referente à ênfase da terceira onda do pentecostalismo Freston (1994) diz: “[...] a terceira é a libertação, pelo exorcismo, da possessão maligna relacionada com os cultos mediúnicos” (FRESTON, 1994, p.139). Assim, o fato de os evangélicos realizarem mapeamento espiritual da cidade, visitarem locais considerados amaldiçoados, cultos proféticos, etc. vai ao encontro do que a literatura discute sobre o comportamento da terceira onda do pentecostalismo, também conhecido como neopentecostal. Francisco nos revela:

Como a fábrica (Fábrica de Tecidos Brasil Industrial) deixou de funcionar por muitos anos e ficou ali deserta e pessoas contavam histórias fantasmagóricas daquele lugar eu e um grupo começamos a orar naquele lugar, até o dia que junto ao prefeito da época resolvemos orar, evangélicos juntos com o governo para quebrar maldições naquele lugar, para abençoar aquele lugar, para voltar a funcionar e ter vida. Lembro que foi num dia 20 de novembro, em dia de comemoração de Zumbi e fizemos o que chamamos de ato profético que foi juntar negros e brancos para pedirem perdão uns aos outros por todas as atrocidades que haviam sido cometidas naquele lugar contra escravos e que ainda influenciavam na vida social da cidade e também na igreja, já que naquela época nós havíamos feito uma pesquisa para observarmos quantos negros havia nas igrejas evangélicas e chegamos a uma

constatação, pra mim na época quase que absurda, que eram menos de 10 por cento de negros nas igrejas evangélicas ou nas principais igrejas evangélicas naquele tempo aqui na cidade de Paracambi.

A interlocutora Aline também explica as práticas do movimento referente à batalha espiritual para quebra de maldição e libertação do lugar:

Então eles iam, tinham um mapa, foi uma coisa muito séria. Era pra conhecer a história da cidade pra ver se havia alguma coisa na cidade que trouxe maldição. Mas foi uma época também em que se levou muito em conta essa coisa de maldição e agora olhando bem a gente entende que em Jesus a maldição toda acabou. Isso maldição pra você, pra sua vida, mas maldição para um lugar, uma cidade pode acontecer. Então teve mapeamento disso, eles iam a uns lugares pra orar, então foi uma coisa assim: a gente pode ter feito muito coisa errada, mas tudo no desejo de acertar, que Deus realmente dominasse a cidade e tudo foi feito nesse objetivo. Foi tudo com muita autenticidade, muita fé, com ingenuidade, acho que foi isso no caso e tanto que Deus abençoou porque houve uma mudança pro bem, as pessoas sentiram que era uma voz geral falando com todo mundo de que Jesus é o senhor.

Essa interlocutora também disse que quando as pessoas de fora chegavam à cidade percebiam uma diferença no lugar, como se houvesse algo sobrenatural transmitindo paz. Essa sensação relatada por essas pessoas Aline atribui a Deus.

As pessoas entravam em Paracambi, quem não morava aqui, eu me lembro de falar de quando entravam no Cabral que a estrada mudava, o ambiente mudava, que ao entrar em Paracambi o ambiente mudava e eu sempre falava que era o poder de Deus.

Aqui é importante abrimos um parêntese para esclarecer que existe na cidade até os dias atuais, um evento evangélico de periodicidade anual chamado “Semana Evangélica”. Vale salientar que ao longo da pesquisa nos chamou atenção o fato de o *slogan* utilizado pela Semana Evangélica ser o mesmo dado ao movimento iniciado na década de 1980 “Paracambi Para Cristo”. Esse detalhe e as lembranças dos interpretes nos fizeram compreender que a partir dos anos 2000 a Semana Evangélica foi incorporada como uma ação do movimento Paracambi Para Cristo. Apesar de na atualidade o PPC não ser organizado como antes, a Semana Evangélica passou a fazer parte do calendário anual de eventos da cidade, organizado pelo governo municipal através da secretaria de Cultura e Turismo.

Imagem 16 - Folder de divulgação do Evento Semana Evangélica de 2018.



Fonte – Imagem publicada nas redes sociais da prefeitura de Paracambi – Arquivo pessoal do pesquisador.

Sobre a relação do movimento “Paracambi Para Cristo” e o evento “Semana Evangélica”, Aline nos diz:

Eu não sei se há ligação direta entre o movimento “Paracambi para Cristo” e a “Semana Evangélica na Cidade”, mas eu acho que tem sim. Era a festa da cidade, então tinha shows e tudo, como a igreja evangélica cresceu muito, virou um número significativo, expressivo, eles faziam antes de tudo essa semana, que agora acho que não tem mais.

Francisco nos conta que a partir dessa abertura, em torno de 1997, sua igreja deixou de realizar o retiro espiritual de carnaval⁵³ para evangelizar a cidade e oferecer algumas ações durante esse feriado.

[...] E aí nós fazíamos trabalho durante o carnaval, e ao invés de sairmos para retiro a gente fazia trabalho no Brizolão. Nós montávamos barracas nas praças aonde havia carnaval e nosso pessoal ia para o desfile de carnaval, nosso pessoal evangélico, para orar pelas pessoas, aconselhar as pessoas, ajudar pessoas ali que, às vezes, tinham saído de casa e tinham dificuldades de voltar para suas famílias, e a gente montava barracas pra orar pelas pessoas também, fazer medição de pressão, etc. Então fazíamos um trabalho espiritual e social e veio daí então a ideia da Semana Evangélica que foi também com esse prefeito, e a primeira dela foi realizada no ano de 2000.

A parceria entre governo municipal e as igrejas evangélicas proporcionou o começo do evento Semana Evangélica como sendo oficial na cidade. Iniciado nos anos 2000, assim como a organização do PPC, esse evento também foi desenhado para que algumas ações fossem

⁵³ Culturalmente muitas igrejas evangélicas têm o hábito de no feriado de carnaval realizar o que é chamado de “retiro espiritual”.

praticadas além dos shows que acontecem no horário noturno. Nos programas da Semana Evangélica já se incluiu: passeatas, exposições, vigílias de consagração, palestras e cursos, entrevistas públicas, ceias de comunhão, atividades para crianças, vendas em barracas, torneios esportivos, atos de culto com autoridades, encontros de pastores, clamores de intercessão a favor da cidade, e as efusivas apresentações musicais. Dentre os artistas gospel que já participaram do evento podemos citar: Jaime Kemp, Banda Quatro por Um, Novo Som, Fernandinho, Ludmila Ferber, Alda Célia, Asaph Borba, Fernanda Brum, Rose Nascimento, Cláudio Claro, Marcos Góes, Vanderlei Cardoso, etc..

Nas imagens a seguir apresentamos partes da proposta do projeto “Semana da Comunhão Cristã” que deu origem ao evento “Semana Evangélica”. É interessante explicar que esses documentos eram apresentados e discutidos entre os representantes das igrejas evangélicas da cidade com o prefeito da época, além dos demais colaboradores da prefeitura.

Imagem 17 - E-mail: Proposta do Evento Semana da Comunhão Cristã.

I - SÚMULA

Com subsídio público e patrocínio privado, em convênio com a FUNCAP, e coordenado por organização ou entidade(s) supra-denominacional, devidamente legalizada(s), que represente(m) os evangélicos da cidade, fazer realizar PROGRAMA mínimo de dois dias, denominado “Semana da Comunhão Cristã”, uma vez por ano, opcionalmente coincidindo com o período de férias escolares, em espaços públicos ou contratados, praças ou logradouros, que possibilite a interação de evangélicos cristãos – principalmente, no afã de: atrair público ao município e divulgá-lo, em conjunto com a propagação da fé cristã, incrementando a confraternização, estimulando a arrecadação e consumo comercial, e apoiando a devoção, através da exposição da história do cristianismo na cidade, de visita aos principais “pontos religiosos”, geográficos, culturais e sociais, também realização de gincana(s), torneios de várias modalidades esportivas, serviços de alimentação por concessão de barracas particulares, ainda a apresentação de músicas, teatro e coreografias “gospel”, simpósio ou seminários pertinentes, Ceia-do-Senhor comunitária, bem como atividades para crianças, reunião de anciãos, encontro de famílias, exibição de filmes, etc.

Fonte - Material cedido por Eduardo Lopes. (Ano 2000).

A proposta da “Semana da Comunhão Cristã” foi o pontapé inicial para o início da Semana Evangélica e, como verificamos na imagem acima, ela representava mais que apenasum evento religioso, a ideia por de trás da criação da programação era instituir uma nova atividade que funcionasse quase como uma atração turística para a cidade. Como podemos observar, o autor do texto propõe que a festa possibilite o aumento de pessoas no município, bem como que houvesse incentivo ao consumo comercial.

Por sua vez, a imagem abaixo diferentemente da anterior, trata-se do planejamento do evento já referenciado como Semana Evangélica, no ano de 2001.

Imagem 18 - Planejamento Semana Evangélica de 2001.

PLANEJAMENTO "SEMANA EVANGÉLICA" # DEZ/01
[favor analisar e levar modificações para possível reunião às 10 h de 18/out]

SUGESTÃO DE PROGRAMA

TEMPO	09 / Dom.	10 / Seg.	11 / Ter.	12 / Qua.	13 / Qui.	14 / Sex.	15 / Sáb.
DIURNO	MARCHA DA BÍBLIA	Plantão Oração e Aconselh	City Tour Espirit + Vídeo	Abertura Exposição Cristã	Seminá- rios e barracas	Especial Crianças ?	Gincana e/ou Torneio(s)
NOTUR/	Permuta Intercâmb Igrejas	FILME ?	Teatro e Coreogr Especial	Louvor e Coreogr/ só local	Música e Mensagem Conv\Contr	Música e Mensagem Conv\Contr	Música e Mensagem Conv\Contrat

Fonte - Arquivo/texto cedido por Leonardo Lopes (Ano de 2001).

Um dado interessante identificado na imagem é duração do evento que era de uma semana, ou seja, isso o tornava a maior festa da cidade, inclusive, com duração mais extensa que a festa do aniversário do município que possuía duração de quatro dias. Na atualidade, como pudemos observar no *folder* de divulgação da Semana Evangélica de 2018, a quantidade de dias do evento foi reduzida para apenas dois dias.

Diante do que foi apresentado e discutido neste capítulo, podemos reconhecer que a experiência de conversão e o batismo, assim como o misticismo, já são comportamentos e práticas comumente difundidas em relação aos evangélicos/protestantes no país.

Sendo assim, de forma particular, a existência do movimento Paracambi Para Cristo foi o conteúdo de memória social que mais se diferencia do que houve, grosso modo, do processo de expansão da religião evangélica a nível nacional. Essa distinção aqui é colocada, pois no contexto regional de Paracambi todas as atividades e organização dos adeptos a essa religião na época, proporcionou que essa religião tivesse visibilidade e se destacasse em relação às demais práticas religiosas locais.

Considerações finais

Este trabalho se baseia teoricamente no fenômeno psicossocial da memória social. Para Ecléa Bosi (1993), quando concluímos um trabalho de memória social, não devemos submetê-lo a exame ou desmontá-lo como um relógio, mas sim, rememorar o que foi realizado ao longo da pesquisa a fim de auxiliar outros investigadores (BOSI, 1993, p. 50). Assim, sugerimos que para melhor assimilar o que propomos empreender ao longo deste estudo, é preciso entendê-lo como uma *gestalt*⁵⁴, ao invés de procurar um sentido nas segmentações dos capítulos ou tópicos.

Não obstante, esclarecemos que com esta pesquisa desejávamos compreender quais os fatores contribuíram para o aumento exponencial de adeptos no segmento religioso evangélico em Paracambi-RJ, haja vista não existir textos científicos enfocando este problema de pesquisa. Conjuntamente, pensávamos que tal processo havia se dado em decorrência de questões econômicas do lugar o que, de certo modo se confirma, se analisarmos que o campo religioso na época, a nível nacional, estava passando por transformações, sobretudo por causa do crescimento do pentecostalismo.

Pensamos que as vicissitudes das memórias por meio de seus vaivéns de pensamentos configuram os dados aqui apresentados *um olhar* sobre o fenômeno em questão e não um resultado conclusivo acerca do que acontece na realidade social do campo religioso em Paracambi. Por este motivo, explicamos que as memórias evocadas pelos interlocutores reafirmam características discutidas no senso comum sobre os evangélicos-protestantes, ao mesmo tempo em que explica aspectos estritamente regionais e inéditos, do ponto de vista científico, referente ao campo religioso paracambiense.

Essas memórias evocadas, a partir de uma análise qualitativa, podem indicar novos significados para o então campo religioso da cidade. Isso porque até os atuais dias encontramos na literatura referências apenas da religião cristã católica, como se a memória da cidade reconhecesse apenas esse segmento religioso presente em sua história.

Assim, partindo da perspectiva de uma memória subterrânea (Pollak, 1989), ou seja, memórias de grupos minoritários ou dominados, dando voz aos seguidores da religião evangélica da cidade, apontamos que as memórias evocadas pelos interlocutores nos revela dois grandes temas, a saber: O início na vida religiosa e A vida como evangélico.

⁵⁴Gestalt é uma linha teórica da Psicologia e, grosso modo, defende o pressuposto que para se compreender as partes é necessário, antes de tudo, compreender o todo.

No primeiro tema, identificamos a categoria conversão e batismo e no segundo tema ‘Atividades na igreja’, experiências místicas’ e o ‘movimento Paracambi Para Cristo’. Analisando essas categorias, podemos expressar de modo geral que elas fazem parte do “padrão” cultural/comportamental da maioria dos cristãos evangélicos do país. A exceção está no Movimento Paracambi Para Cristo, pois este sim configura vivência particular dos evangélicos da cidade, ou seja, foi um fenômeno local.

Então, exemplificando, podemos enfatizar que orar, se converter, se batizar, realizar atividades nas igrejas, são costumeiramente experiências que vêm à tona nos relatos que referenciam esse segmento religioso. Dessa maneira, apesar das especificidades de cada sujeito, grosso modo, as práticas religiosas acabam por fazerem parte da coletividade daquilo que se vivencia na religião evangélica como um todo.

Por sua vez, este universo de práticas cristãs evangélicas rememoradas pelos participantes foi ampliado com as narrativas referente ao movimento PPC. De acordo com o que foi lembrado nos encontros, essa categoria sem dúvida nos permite presumir a coexistência entre os acontecimentos nacionais no segmento religioso evangélico e o que aconteceu na cidade de Paracambi no período pesquisado (1970-2000).

Dessa forma, afirmamos ser o campo religioso paracambiense resultado da expansão religiosa que ganhou força no país a partir da segunda onda do pentecostalismo. O movimento Paracambi Para Cristo foi consequência de uma realidade sociorreligiosa já em transformação. Entretanto, em uma esfera local, como é o caso de Paracambi, ele representou mudanças profundas no campo religioso.

Especificamente sobre a hipótese do fator econômico como coadjuvante no processo de expansão da religião evangélica na cidade, Freston (1994) menciona que o crescimento da terceira onda do pentecostalismo surge em um momento de bastante dificuldade no país, em que as pessoas viam na fé uma alternativa para suprir suas necessidades básicas. Até hoje as igrejas da terceira onda pentecostal, como por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, tem um discurso pautado na “teologia da prosperidade”, muito em voga no período histórico englobado por nosso estudo.

É importante enfatizar que em torno da década de 1970, o mercado de trabalho na região de Paracambi também vivenciou uma crise de bastante impacto (GULJOR, 2013) e isso pode ter contribuído para a procura de uma religião que fornecesse amparo, um relacionamento mais íntimo (como mencionou uma das interlocutoras), a partir de um Deus que, inclusive, supria necessidades financeiras.

Também é interessante acrescentar que sendo a cidade de Paracambi um território urbano, podemos conjecturar que esses ambientes (urbanos) não se diferenciam religiosamente do contexto nacional urbano, visto que os dados colhidos na pesquisa cartográfica foram ao encontro dos indicadores nacionais. Além disso, supomos também que o avanço da religião evangélica em Paracambi caminhou paralelamente ao processo de urbanização do município, tendo em vista, que durante o período de predominância de ambientes rurais no território era a religião católica o segmento religioso com maior número de adeptos. Sendo assim, a religião evangélica em Paracambi acompanhou a expansão territorial da cidade em decorrência do movimento urbano, no processo que culminou na urbanização do lugar.

Retornando ao movimento Paracambi Para Cristo, além de ele ter contribuído relativo à união das denominações evangélicas existentes no espaço da cidade, a união na diversidade de igrejas, ele também representou toda uma organização religiosa e eclesiástica em torno de um projeto de conversão da população da cidade. Assim, com as particularidades advindas desse movimento, as camadas sociais da cidade tiveram acesso a uma nova religião que vinha ao encontro de suas necessidades pessoais.

Sendo assim, presumimos que as mudanças no cenário do campo religioso da cidade em questão já estava em voga no período pesquisado por nós neste trabalho, porém, o movimento PPC tornou-se um dispositivo de ampliação para tais mudanças e isso repercutiu no número de participantes desse segmento religioso, fazendo da religião evangélica o segmento religioso com maior número de seguidores no território.

Referências Bibliográficas

ALVES, R. **O que é Religião?** São Paulo, Edições Loyola, 1999.

AZZI, R. (Org.). **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

BITENCOURT FILHO, J. Remédio amargo. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). **Nem Anjos, Nem Demônios** – Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P. 24-33.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos.** São Paulo: Companhia das letras, 1994.

_____. **A pesquisa em memória social.** Psicologia USP, S. Paulo, v4 n.1/2, p.227 – 284, 1993.

_____. **O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** Perspectiva: São Paulo, 1974.

CAMPOS, L. Os protestantes tradicionais e seus demônios: uma reflexão sobre o diabo como personificação do mal e sua influência nos mecanismos de estigmatização, acusação e intolerância presentes na retórica religiosa brasileira. In Carreiro, G. (Org.), **Religiões e Religiosidade no Maranhão.** São Paulo: EDUFMA, 2011.

CAMURÇA, M. A. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: TEIXEIRA, F. (Org.). **As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. P. 35-48.

Censo – 2010 - INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paracambi/panorama>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

CIAVATTA, M. **Memórias e temporalidades do trabalho e da educação.** Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ, 2007.

DEGADO DE CARVALHO, C. **História da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secret. Mun. De Cultura, Dep. Geral de Doc. E inf. Cultural, 1990.

DEGANI-CARNEIRO, F. **Psicólogos evangélicos: interseção entre religiosidade e atuação profissional em Psicologia no Brasil.** 2013, 135f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

DELEUZE, G. **“Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”.** Conversações 1972-1990. RJ: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DURKHEIM, É. **Las formas elementares de La vida religiosa**. Buenos Aires: Schapire S.R.T., 1963.

_____. **As formas elementares da religião: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____., 1858-1917. **Fato social e divisão do trabalho**. São Paulo: Ática, 2011.

ERICEIRA, R. C. dos S. **Haja Deus: A Flor do Samba no Carnaval de Atenas Brasileira**. São Luis: Fundação Municipal de Cultura, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREITAS, D. de; HOLANDA, A. F. Conversão religiosa: buscando significados na religião. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 93-105, 2014.

FRESTON, P. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). **Nem Anjos, Nem Demônios – interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P. 67-99.

FROELICH, J. M.; MONTEIRO, R. C.; DOS SANTOS ERICEIRA, Ronald Clay. Processos de Rurbanização Contemporânea – o transporte de tração animal em cidades de médio porte: um estudo de caso. **Interações (Campo Grande)**, [S.l.], p. 157-169, maio 2017. Disponível em: <<http://www.interacoes.ucdb.br/article/view/1536>>. Acesso em: 02jul. 2018.

GOMES, N. S.; FARINA, M.; DAL FORNO, Dal Forno. Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos. **Revista de Psicologia da IMED**, P. 107-112, 2014.

GORDAR, J. e DOBELEI, V. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contracapa livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GULJOR, A. P. F. **O fechamento do hospital psiquiátrico e o processo de desinstitucionalização no município de Paracambi: Um estudo de caso**. 2013, 356f. Tese (Doutorado em Ciências – Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. (Original publicado em 1968).

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia de letras, 1995. (Original publicado em 1936).

JACÓ-VILELA, A. M. Concepções de Pessoa e a emergência do Indivíduo Moderno. **Interações** (Universidade de São Marcos), São Paulo, P. 11-39, 2001.

- KELLER, P. **Fábrica & Vila Operária: a vida cotidiana dos operários têxteis em Paracambi/RJ**. Engenheiro Paulo de Frontin, RJ. Solo Ribeiro, 1997.
- KOENIG, H. **Medicina, religião e saúde: O encontro da ciência e da espiritualidade**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LÉONARD, E. G. **O protestantismo brasileiro – estudo de eclesiologia e história social (1963)**. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- MAFRA, C. O problema da formação do 'cinturão pentecostal' em uma metrópole da América do Sul. **Interseções (UERJ)**, v. 13, p. 136-152, 2011.
- MAFRA, C. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.
- MATTOS, A. S. **Breve história do protestantismo no Brasil**, 2010. Disponível em: <www.mackenzie.br>. Acesso em 05 de abr. 2016.
- MENDONÇA, A. G. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: TEIXEIRA, F (Org.). **As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. P. 89-110.
- _____. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, n.67, p. 48-67, 01 nov. 2005.
- MONTAGNER, M. Â.; MONTAGNER, Maria Inez. A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura. **Tempus - Actas de Saúde Coletiva - Antropologia e Sociologia da Saúde: novas tendências**, 2010. Disponível em: <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/979/0>>. Acesso em jul 2018.
- MONTEIRO, R. C. **Mapeamentos Participativos: ensaio crítico na perspectiva da Percepção/Cognição do Ambiente**, 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT5-626-605-20100822212335.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2018.
- MORAES, N. A. Memória Social: Solidariedade orgânica e disputa de sentido. In GORDAR, Jô e DOBELEI, Vera (Org.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contracapa livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- MOREIRA, G. A. C. “Uma família no Império do Brasil: Os Cardoso de Itaguaí (Um estudo sobre economia e poder)”. 2005, 217f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2005. MOURA, M. L. SEIDI de. **Projetos de Pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.
- MOURA, M. L. S. **Projetos de Pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: EDUAERJ, 2005.
- NATAL, C. R. N.; NATAL, Gilson. **História de Paracambi: 1800 a 1987**. Rio de Janeiro: Guavira, 1987.

NAIFF, L. M.; SA, C. P. De mãe para filha, o legado da exclusão social: um estudo de memórias autobiográficas. **Memorandu**, v13, p. 88-99. 2007.

QUEIROZ, M. I. P.. Relatos Oraís: do “indizível” ao “ dizível” . in: SIMSON, Olga Moraes Von. **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: vértice, 1988.

RAMOS, A. (Org.). **Paracambi**: a história que o povo conta. Rio de Janeiro. Fábrica de livro, 2004.

REGIS, V. M.; FONSECA, T. M. G. Cartografias: Estratégias de produção de conhecimento. **Fractal, Rev. Psicol.** v. 24-n.2, p. 271-286. 2012.

RIBEIRO, A. C. **Protestantismo de imigração**: Chegada e Orientação Teológica. Revista Atualidade Teológica. Ano XII nº 28, 2008.

ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

SA, C. P. **Memória, Imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

_____. **Sobre o campo de estudo da memória social**: uma perspectiva psicossocial. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol.20, n.2, pp.290-295, 2007.

_____. **Estudo de Psicologia Social** – Historia, Comportamento, Representações e Memória. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

SANTOS, L. A. O gospel, a prosperidade e o poder: Uma análise da presença da religião evangélica no espaço público maranhense (1960-2010). In Carreiro, G. S. (Org.), **Religiões & religiosidades no Maranhão**. São Luis – EDUFMA, 2011.

SANTOS, M. S. dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 20, p. 60-70, Aug. 2002 .

SHIGUNOV NETO, A; MACIEL, L. S. B. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro**: algumas discussões. *Educar*, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Editora UFPR.

SILVIA, Y.G.; COELHO, L.D.; CAMPOS, R. C. A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para difusão do cristianismo. **Sacrilegens**, Juiz de Fora,v.9,n.1,p.165-176,jan-jun/2012.

SOUSA, B O. Historiografia do Protestantismo no Brasil: Percursos e Perspectivas. **Revista Mosaico**, v. 5, n. 2, p. 171-179, jul./dez. 2012.

SOUSA, S. M. N.. **Mulher e folia**: a participação das mulheres nos bailes de máscaras do carnaval em São Luis, nos anos de 1950 a 1960. São Luis: Plano Editorial SECMA/Lithograf, 1998.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: Percalços de uma pesquisa(dora?). **Ver. Esc. EnfermagemUSP**; 37(2): P:119-26, 2003. Disponível em:<<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/207.pdf>>. Acesso em dez 2016.

STADTLER, H. Conversão ao pentecostalismo e alterações cognitivas e de identidade. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, v.2, p. 112-135, 2002. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2002/p_stadtl.pdf>. Acesso em fev 2018.

TEIXEIRA, F. MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TENÓRIO, F.: ‘A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito’. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 9 (1): 25-59, jan.-abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-59702002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em ago 2017.

TINOCO, R. **História de vida: Um método Qualitativo de investigação**. 2004. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0349.pdf>>. Acesso em out 2016.

VERDETE, C. **História da Igreja Católica: Das origens até o Cisma do Oriente (1054)**. Vol.1. São Paulo: Paulus, 2009.

VIANA, S. B. R.. **A Fazenda de Santa Cruz e a Crise do Sistema Colonial (1790-1815)**. (2011).

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014

WEBER, M. **A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Ciaret, 2001. (Original publicado em 1904).

ZAMBENEDETTI, G. SILVA, R. A. N. Cartografia e genealogia: Aproximações e possíveis para a pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia e Sociedade**; 23 (3): p: 454-463, 2011.

ZANDONAI, J. C.r. **Renascença e História da Ciência: Uma análise comparativa de tendências historiográficas e a contribuição de Antonio Beltrán**. São Paulo, 2016. 136p. (dissertação de mestrado).

Referências Online

Reportagem do site O Globo “Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>>. Acesso em abr 2016.

Reportagem do site Veja. “O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em mar 2018.

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>. Acesso em abr 2016.

http://populacao.net.br/populacao-paracambi_rj.html. Acesso em mai 2016.

<http://baixadafacil.com.br/historia-da-baixada>. Acesso em ago 2016.

<http://valedocafe.com.br/>. Acesso em ago2017.

<http://ibge.gov.br> (censo 2010). Acesso em mai de 2016.

<http://cpaj.mackenzie.br/historiadaigreja/pagina.php?id=284>. Acesso em out 2016.

<http://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/reforma-protestante/a-reforma-protestante-do-seculo-xvi/>. Acesso em jun de 2018.

<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/as-8-maiores-religoes-do-mundo/>. Acesso em jun de 2018.

<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em mai 2018.

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/religi%C3%A3o/>. Acesso em mai 2018.

ANEXOS

Anexo I - Termo Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

Objetivo do estudo: O objetivo deste estudo é através de histórias de vida compreender como a religião evangélica tornou-se hegemônica na cidade de Paracambi, no final do século XX, especificamente nos anos de 1970 a 2000.

Sobre a participação no estudo e confidencialidade: A pessoa entrevistada tem o direito de interromper a entrevista sempre que desejar. A informação coletada será utilizada somente para fins acadêmicos desta pesquisa.

Local, procedimentos e período de participação: O local e data da entrevista deve ser definido em comum acordo entre o entrevistado e o pesquisador, desde que o ambiente não comprometa a realização da pesquisa, como, por exemplo, locais com muito barulho. A narrativa do participante se dará de forma livre no tema proposto e o entrevistador interferirá somente nos casos onde o participante fugir o assunto de interesse da pesquisa. Toda entrevista será gravada por um aparelho eletrônico e o seu conteúdo será transcrito para posterior análise do pesquisador. O período de realização das entrevistas compreenderá os meses de abril a setembro de 2017.

Riscos: Rememorar questões do passado pode despertar nos participantes desconforto e comportamento emotivo. Todavia, cabe ressaltar que o método utilizado não compromete a integridade física ou psíquica dos colaboradores.

Benefícios: Contribuir com a pesquisa científica ampliando a quantidade de conteúdos produzidos sobre o campo religioso, sobretudo, no contexto regional da cidade de Paracambi. Os resultados da investigação não trazem benefícios financeiros aos entrevistados.

Normas da pesquisa e direitos dos participantes: A participação é voluntária e a pessoa entrevistada pode desistir de participar em qualquer momento da pesquisa, sem qualquer prejuízo para si mesma. A identidade do entrevistado será mantida em sigilo e só será revelada em caso de o mesmo permitir. A informação obtida neste estudo será usada somente para propósitos da pesquisa. Toda a informação será codificada e o nome da pessoa entrevistada não estará conectado com as suas respostas, salvo com prévia autorização. Os registros, fitas, imagens, áudios e todos os outros materiais relevantes serão mantidos trancados nos arquivos do PPGPSI - UFRRJ e somente pessoas autorizadas terão acesso.

Dúvidas e reclamações: A pesquisa será realizada para o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da UFRRJ. O pesquisador, mestrando do PPGPSI, Maicon da Silva Moreira está disponível para responder a quaisquer dúvidas que os participantes possam ter no seguinte telefone (021) 98676-9967.

Eu li, compreendi e concordo com o texto acima que me foi apresentado pelo mestrando Maicon da Silva Moreira, e com minha assinatura autorizo a utilização das informações nos estudos do mestrando.

Nome Completo da Pessoa Entrevistada

Assinatura da Pessoa Entrevistada

Paracambi, ____ de _____ de 20__.

**Anexo II - Parecer do Comitê de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- UFRRJ:**




SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / COMEP

Protocolo N° 855/2016

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado "*A memória social da religião evangélica em Paracambi, entre os anos de 1970 a 2000*" sob a responsabilidade do Prof. Ronald Clay dos Santos Ericeira, do Departamento de Psicologia, Instituto de Educação, processo 23083.10957/2016-62, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 02/03/2017.


Jairo Pinheiro da Silva
Pro-Reitor Adjunto de
Pesquisa e Pós-Graduação
Metr. SIAPE 1109555
UFRRJ

Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva
Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação

Anexo III – As Histórias de Vida dos Evangélicos de Paracambi:

Heitor...

Eu nasci em 1938, e sou membro da Congregacional há 60 anos. Fiquei 20 poucos anos na igreja de Aguada, em Engenheiro Paulo de Frontin, agora estou aqui na congregacional de Paracambi de novo.

Quanto à questão religiosa do protestantismo em Paracambi, é o seguinte. Eu vou informar a você algumas informações que eu conheço. Já que estamos no ano em que a cristandade vai celebrar 500 anos da Reforma Religiosa do século XVI, são 500 anos, então é muito importante essas considerações aqui.

Em relação ao Brasil de um modo geral, e partindo do princípio que o cristianismo hoje está dividido em três grupos que são fundamentais na vivência doutrinária, social e religiosa de um modo geral. Então nós temos a Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja Católica Ortodoxa e a Igreja Protestante. A Igreja Protestante tem essa imensa variação de denominações que vai desde as fundamentais que são os Batistas, os Presbiterianos, os Congregacionais, os Metodistas. Tem também a Igreja Luterana que prevalece muito forte no sul do Brasil por causa da imigração europeia para lá, com alemãs, ingleses e tudo mais. Então, o que acontece é que a América descoberta, a América do Norte teve uma dupla penetração evangélica através do grupo protestante. A América foi descoberta em 1498, 1492, não me lembro bem. E logo chegou aquele grupo de evangélicos lá associados para envolver a formação da nação e fugindo de perseguições políticas e tudo mais. E um grupo católico também para investir em evangelização daquela região.

Na América Central e América do Sul, a presença católica romana foi muito grande e se desenvolveu porque Portugal e Espanha tinham o predomínio da administração religiosa católica romana, então eles começaram a desenvolver aqui e vieram grupos evangélicos, por exemplo, em 1555, na invasão francesa, no Rio de Janeiro, muitos huguenotes vieram pra cá. Em 1620 a 1653, foi a invasão holandesa, com Maurício de Nassau. Então vieram holandeses protestantes, outros protestantes alemães, franceses, tudo mais, e um grupo grande de judeus que após aquele período de 30 e poucos anos foram expulsos, e esse grande grupo de judeus que foram expulsos aqui foram para os Estados Unidos e lá eles se juntaram em Nova Amsterdã, que hoje é a cidade de Nova Iorque.

Muito bem. Então, muitos protestantes vieram até 1855, mas eles eram expulsos e não conseguiram estabelecer um trabalho protestante, uma igreja protestante. Mas, em 1855, um

casal Robert Reid Kalley, era médico, veio com a esposa, uma segunda esposa porque ele era viúvo, ele foi casado novamente com a senhora Kalley. Eles chegaram aqui no dia 10 de maio de 1855, no Rio de Janeiro. Eles subiram a serra e se estabeleceram em Petrópolis, e começou a desenvolver o trabalho dele lá evangelístico.

No dia 19 de agosto de 1855, ele realizou uma primeira escola dominical com grupo de cinco crianças relacionados à família, eram conhecidos deles e eles estudaram o livro do profeta Jonas. Isso aí marcou de forma muito especial a presença protestante o Brasil. E aquele trabalho ali depois ele desceu para o centro do Rio e organizou uma igreja, a primeira Igreja Congregacional do Brasil, que está localizada lá no carneirinho, ali no centro. Depois de tempo ela funcionou em outras áreas, mas eles fixaram ali e está ali até hoje, perto da Central do Brasil. A segunda foi organizada em Recife, Pernambuco, alguns anos depois, e aí o trabalho foi se desenvolvendo.

Então, em relação à Paracambi, aconteceu o seguinte. Um grupo de missionários foi para aquela área ali de Fontes do Ribeirão das águas, aonde tem a usina hidrelétrica, em Ponte Coberta. A partir disso, eles desenvolveram um trabalho em Passa Três, acho que atualmente é do município de Piraí, eu não sei exatamente. Então aqueles missionários trabalharam ali e foram até São Jose do Bom Jardim, antiga Cacaria, e lá eles estabeleceram um trabalho lá. E meus avós, principalmente meu avó paterno, Joaquim Pereira Ramalho, ele foi tomar conhecimento e se converteu ele e parte da família e outras famílias também. Tinha a família Ávila, família Correia, família Souza, Silva, e família Pereira. E essas famílias, eles foram não expulsos de lá, mas aquelas propriedades foram indenizadas pela Companhia Light, por causa da construção da represa da usina elétrica de Fontes. E daquele grupo alguns foram para a região de Campo Grande, de Bangu e meus avós se converteram lá e depois vieram pra cá com os filhos. E dos filhos uns foram para Paulo de Frontin, e outros foram para São Paulo e outros para o Rio e se espalharam.

Meu pai Antonio Ramalho e minha mãe vieram aqui pra Paracambi em 1928, por aí. Então, esse grupo que vieram de lá eles foram sendo evangelizado por missionários que passavam aqui e o primeiro registro histórico da presença evangélica aqui na região, protestante, foi em 1867, quando um missionário desceu de São Paulo pela linha férrea, porque a estrada de ferro na época Central do Brasil já estava funcionando com um par de linhas em 1863, já estava funcionando. Foi uma obra na época muito importante, na época uma obra de expansão, de comunicação, pelas linhas ferras extraordinárias. Aí esse missionário que estava indo para o Rio de Janeiro e desembarcou na região de Palmeira da

Serra, Paulo de Frontin, que naquela época se não me falha a memória era denominada aquela região ali Soliedad de Rodeio, depois ficou Rodeio e agora é a cidade de Paulo De Frontin.

Esse missionário já estava realizando um trabalho, ele se converteu lá em São Paulo, é o José Manuel da Conceição ele nasceu em 1822, e ele se converteu e desenvolveu um trabalho aqui, especialmente, no Vale do Paraíba, porque com a construção da estrada de ferro Central do Brasil, essa linha chegou até São Paulo e o Vale do Paraíba foi beneficiado com essa linha férrea, e ele desenvolveu um trabalho missionário lá e em uma dessas ocasiões que ele veio ao Rio de Janeiro ele parou em Palmeira da Serra. Não foi o trabalho aquela atividade que você pode dizer “oh, que maravilha”, mas ele deixou a semente. Ele era presbiteriano tradicional.

O presbiterianismo no Brasil foi estabelecido em caráter oficial em 1889, porque até então os presbiterianos que tinham vindo dos Estados Unidos da América, da Europa, sofreram aquele impacto de perseguição, mas a partir de 1859, então, foi estabelecida a denominação presbiteriana e se espalhou no Brasil. Eles têm igrejas nos movimentos, em várias cidades no Brasil. O presbiterianismo prima muito pela educação teológica. Isso é muito importante. A Mackenzie em São Paulo é presbiteriana.

Então, parou lá, ficou uns dias lá e plantou a semente e ela foi se desenvolvendo. Isso em 1868, e gradativamente outros evangélicos foram chegando, crentes foram chegando ali. Aí no final do século XIX, por volta de 1898, por aí, a presença desses irmãos foi aumentando porque muitos foram se convertendo e daí que gerou a primeira igreja evangélica aqui e Paracambi, a Igreja Evangélica Congregacional de Paracambi. Inclusive, sábado dia 29 de setembro, celebramos 105 de organização eclesiástica. Então, a partir desse ano a igreja congregacional marcou a presença como igreja local. E, até essa organização, muitos desses irmãos que foram sendo convertidos e um grupo maior foi exatamente lá em Engenho da Serra, ligado a Palmeira da Serra, e eles desceram e organizaram lá na Cascata um grupo que desceu e organizou uma congregação, um templo, aqui em Paracambi.

Os descendentes das famílias Ávila, família Pereira, família Tavares, família Ramalho, eles vieram e aqui agregados a Paracambi e aí que a Fábrica Brasil Industrial, como a fábrica da Cascata, tem muito a ver com essa formação dos dois Distritos, o de Vassouras que era do lado do Rio pra cá, o Sétimo Distrito de Vassouras, e o Terceiro Distrito de Itaguaí do Rio pra lá. Em agosto de 1960, foi unir e formando o município, a comarca de Paracambi.

O local aqui começou com a denominação de Macacos, depois passou um período como Taireté e Paracambi. Paracambi do lado de lá e Taireté do lado de cá e depois se uniu os dois distritos pra formar o município de Paracambi.

Então esses fatos foram sendo desenvolvidos e, aí como eu disse, a fábrica tem muito a ver porque a companhia Brasil Industrial ela foi organizada no dia 08 de setembro de 1871. Aí certamente são dados que você já tem aí. Essa organização, essa companhia adquirindo aquela propriedade começou a construir aquele prédio imenso que felizmente o governo federal assumiu, por que se não poderia até já ter sido destruído. Aquilo é um patrimônio nacional porque eu tive informações de que essa foi a primeira fábrica de tecidos construída no Brasil. Na verdade, a segunda, porque a primeira foi no Rio Grande do Sul, depois essa aqui. E o Imperador D. Pedro II, em suas visitas que ele fazia em Vassouras, no Vale do Café, duas vezes passou pra ver aqui a construção da fábrica e tudo mais e nesse interim começaram então as tais perseguições porque houve um confronto entre a liderança católica romana contra os princípios protestantes que defendiam em sua totalidade todos os princípios morais e espirituais da bíblia. Isso gerou um confronto muito forte e a Igreja Congregacional na Cascata foi perseguida, muitos foram apedrejados e ocasião em que o salão do culto eles picharam os bancos, sujaram tudo de graxa para que as pessoas não pudessem sentar. Essa perseguição se agravou a ponto de um dos membros da igreja ir a Niterói porque aquela época a capital do Estado era em Niterói, e pedir garantias para que a igreja pudesse continuar. Isso em 1914, 1918, mais ou menos por essa época aqui. Aí, em 1945 foi organizada a primeira Igreja Batista em Paracambi que gerou em Lages uma, Guarajuba acho que já tem duas. A Assembleia de Deus veio depois desenvolvendo um trabalho, a Presbiteriana, a Metodista e agora esse segmento todo chamado de neopentecostais com um grupo aqui ou ali e outro lá.

As mais chamadas tradicionais instaladas aqui foram a Congregacional, a Batista, a Metodista e a Assembleia de Deus que é aquela que, na maioria das vezes, gerou esse neopentecostalismo com vários segmentos com algumas diferenças doutrinárias de usos e costumes.

Um dado muito importante que facilitou a permanência, não somente do doutor Kalley, mas do congregacionalismo que ele estabeleceu, mas também posteriores a ele foi o fato da amizade que ele conservou com o Imperador Pedro II. Embora a história oficial não registre, o Imperador Pedro II era um leitor assíduo da Bíblia. E essa amizade dele com doutor Kalley facilitou a permanência desse grupo protestante que veio desenvolver. Então isso aí é muito importante, esse detalhe dessa amizade.

Kalley chegou aqui no Brasil no final do século XIX e morreu em 1887, porque ele já era idoso, ele não viu né, o que aconteceu nesse tempo posterior a esse período de 1800 e alguma coisa até o início do século XX, e essa coisa toda. Agora, muitos daquela época que eram contemporâneos dele, não somente participaram ativamente no desenvolvimento do trabalho como viram, tiveram a satisfação, a alegria de ver desenvolvido o trabalho.

Na época anterior a construção da Fábrica de Tecidos Brasil Industrial, o que aconteceu foi dois fatos que marcaram muito essa região aqui. A construção da Fábrica Brasil Industrial e a construção da Usina lá de fontes. E naquela época a linha férrea de Japeri vinha até Paracambi e ali em Lages da Central havia um bifurcação que ia até Fontes, quando o material foi conduzido pra lá em linha férrea. As famosas Marias fumaças. A estrada do nove conduzia o material até o Fontes na parte de baixo pra depois ser levado pra cima, na construção da barragem.

Seria muito bom se você conseguisse ir até o Fontes, inclusive, para entrevistar pessoas, funcionários, para conhecer algo mais sobre a construção porque ela foi construída a primeira e depois a segunda subterrânea e hoje é mantida pela água do Paraíba que é bombeado por uma região de Pirai e é conduzida, tem muitos reservatórios, até determinado ponto em que desce com aquela tubulação pra gerar. São oito turbinas na usina subterrânea.

Em 1967, houve aquela catástrofe lá. Foi uma coisa horrível. Só na região de Cacaria desapareceu, desapareceu, mais de 40 pessoas que foram engolidas por toda aquela avalanche. Ali na subida da Serra das Araras. Tem muitas casas, máquinas carros, cadáveres, tudo soterrado ali, não foi mexido. Foi uma catástrofe porque foi abrangente, chegou até ali em Lages, no bairro Guarajuba. Muitas pessoas mortas e casas destruídas, e também ela se estendeu até o Mazomba, no município de Itaguaí. O fenômeno aconteceu nas serras, uma série de trombas d'águas, uma coisa nunca registrada nessa região. Semelhante ao que aconteceu lá em Friburgo que faz parte de Teresópolis.

Então, aquele fato ali, voltando à Brasil Industrial e à Usina de Fontes, proporcionou essa movimentação de pessoas vindas pra cá atraídas pelo mercado de trabalho. E aquela construção, eu me lembro da construção da usina subterrânea, eu estive lá visitando uma prima nossa que morava lá com a família e era uma movimentação de máquinas, de gente, uma coisa extraordinária a construção daquela usina subterrânea. Então, essas duas construções, a Brasil Industrial e a usina de Fontes, trouxe realmente, atraiu pra aqui muita gente.

Em relação a Brasil Industrial, o progresso maior aconteceu na indústria a partir da Segunda Guerra Mundial porque naquela época a Europa e os Estados Unidos concentraram toda a sua produção no produto bélico e isso deu margem para as indústrias aqui do Brasil que era a Nova América, a Bangu, e a Fábrica de Paracambi, todas produzindo para exportar e neste período houve um progresso muito grande. Nessa época, durante o período da Guerra, o gerente da Brasil Industrial era o sócio maior, era o Doutor Antonio Botelho Junqueira. Esse dado você tem da história. Esse período proporcionou um crescimento muito grande, a construção de imóveis, a habitações dos profissionais, inclusive, ele o doutor Junqueira era mineiro, então ele trouxe de Minas muita gente, famílias, pra se alojar aqui e trabalhar na Brasil Industrial. Alguns deles se prepararam plenamente aqui e foram para a Bangu, pra Nova América desenvolver. Em Deodoro também tinha uma fábrica. Foi uma movimentação muito grande, inclusive, um detalhe interessante, que as pessoas que começavam suas atividades aqui eles tinham qualidade profissional em conhecida e destacada nas fábricas em que eles foram trabalhar posteriormente, que era Bangu, Nova América (América Fabril) e outras mais.

A vinda dos mineiros, até antes do Botelho Junqueira, as pessoas eram atraídas pelo trabalho aqui. Você sabe que o Estado de Minas sempre foi muito católico Apostólico Romano, muito tradicionais, muito conservadores, e eles trouxeram esse tradicionalismo esse processo aqui para Paracambi. Isso foi que gerou àquelas crises circunstanciais. Essas crises não duraram muito tempo não, inclusive, depois da Segunda Guerra Mundial, o próprio comportamento da Igreja Católica, eles aperfeiçoaram o sistema chamado de evangelização. Você sabe como historiador e também como estudante de História, e eu também, que era dura a coisa para quem abandonassem o catolicismo na Europa, na América e em outros lugares também aonde prevalecia o predomínio católico romano. Mas, a partir da Segunda Guerra Mundial, as coisas começaram a mudar porque a democracia como sistema de governo começou a se estabelecer no mundo. Se você ver hoje os governos autoritários são pouco. Você vê o regime imperialista, monarquia, por exemplo, na Espanha, ele manda, mas não é um sistema ditatorial, ele manda, mas é dentro de um sistema democrático. A Rainha Elizabeth, também, grosso modo, não manda nada, mas a presença, atuação, é marcante no governo. Você ver a Suécia, o rei não manda nada, e outros países aí aonde permanece o sistema Monárquico, mas a realidade a democracia está se estabelecendo, está dominando a área administrativa política no mundo. Inclusive, biblicamente, isso tem uma influência extraordinária, partindo lá do lado doutrinário das últimas coisas que aconteceriam no mundo.

A democracia, esse sistema de governo, ele futuramente é quem vai eleger o anticristo que vai dominar no grande período da tribulação. Então isso é o que a gente vê nesses aspectos na vida política e administrativa do mundo, essas mudanças que vão facilitar no futuro a escolha do anticristo para dominar o mundo. Isso é uma questão doutrinária, escatológica muito complexa, aonde há vários segmentos, várias pendências, uma disputa muita grande entre os teólogos em relação a esses fenômenos, mas é marcante essa realidade do predomínio da democracia nos governos do mundo atual.

Nessa questão democrática, nessa queda que autoritarismo romano experimentou após guerra, veio facilitar a liberdade de culto. O Brasil é um país chamado de Laico, então umbandista, espiritualista, protestante, budista, juanita, tem liberdade, não são perseguidos. O que outrora, especialmente, no início do século XIX até meados do século XIX, ou meados do século XX, você sabe que a Primeira Guerra Mundial de 14 a 18 e a Segunda Guerra Mundial 39 a 45, ela mudou toda a face social econômica, política, administrativa e até espiritual religiosa no mundo. Foi uma guinada muito grande onde surgiram países divididos, formações administrativas diferentes de até então prevalecendo e toda essa mexida geral foi como que colocasse os países dentro de uma grande máquina e fizesse ali uma liquidação, liquidificaram igual liquidificador quando você coloca as frutas e bate tudo ali. Então, o que sobrou após guerra deu início ao mundo social, político, econômico, religioso, social, ético, comportamental dos dias atuais. Por exemplo, eu fui barbeiro durante poucos anos e no final da década de 50, 58 eu abandonei e fui me preparar pra ser alfaiate e quando eu estava quase completando meu aprendizado eu consegui uma vaga para a Brasil Industrial. Eu já era convertido nessa época porque eu me converti jovem. Meus avós e meus pais se converteram lá em Cacaria e participaram de um grupo lá na Cacaria. A Igreja Congregacional tem, inclusive, um segmento lá hoje, pequeno, mas está ligado de forma direta e indireta no certo espaço àquela origem evangélica em Cacaria.

Bom, então, quando eu deixei a atividade de barbeiro e iniciei na Brasil industrial, no início da década de 60, o que aconteceu, você sabe bem essa questão social né. De 1945 a 1960 são quinze anos. Essa geração que nasceu na década de 1940, na década de 60 estava na adolescência. Estavam com 14, 15, 16, 17, o que estava surgindo naquela época era a revolução “paz e amor” dos Beatles. Houve uma guinada muito grande no comportamento daquela geração jovem, adolescentes e jovens de 30 anos por aí. Eles eram cabeludos, inclusive, pouco tempo depois que eu deixei minha atividade de barbeiro, muitos barbeiros de Paracambi tiveram que deixar a profissão porque ninguém cortava cabelo. Eram só os idosos

naquela época, como a população não era tão grande, então muitos deles falavam: “a meninada não está cortando cabelo e nem fazendo a barba” e eles pra sobreviver, não todos, mas muitos deles mudaram de atividades. Não estou querendo dizer que todos, que não ficou nenhuma barbearia em funcionamento, mas houve um impacto negativo muito grande. Até que depois de 1980, por aí, mudou e agora temos essa nova moda que está marcando época também.

Embora a congregacional seja a primeira igreja evangélica da cidade ela não é forte numericamente, aqui no centro de Paracambi só existe a primeira igreja congregacional. Sábado teve batismo para ser recepcionar novos membros na igreja, mas aqui só tem essa. A comunidade de Lages, não pertence a nossa chamada UIECB. É Comunidade Evangélica, não sei se permanece Comunidade Congregacional, há muito tempo não tenho conhecimento. Agora na cidade de Frontin temos uma Igreja que é do Gualter. Na década de 60 tivemos uma igreja congregacional que foi organizada pela igreja de Paracambi e em Nilópolis, cerca de 80 e poucos anos passado, nasceu uma igreja congregacional fruto indireto da igreja congregacional de Paracambi. Em São João da Serra, Minas, também foi organizada uma igreja congregacional a partir do trabalho missionário da igreja congregacional de Paracambi e também tem em Juiz de fora um trabalho congregacional que está ligado a congregacional de Paracambi.

Aconteceu em Paracambi conversões, muitas conversões aqui. É interessante que muitos que se converteram no trabalho aqui se mudaram pra Nilópolis e lá desenvolveram também um trabalho congregacional. E outros que foram pro Rio, outros que foram pra outros lugares, como pra Bangu. Em Bangu tem uma igreja congregacional muito forte. É provável que muitos que haviam se convertido no trabalho em Cacaria e em Paracambi indo pra lá continuaram desenvolvendo um trabalho evangélico.

- Existe alguma relação com o fechamento da Fábrica Brasil Industrial e o abertura do Hospital Casa de Saúde Doutor Eiras, com essa questão religiosa na cidade?

Apenas na questão numérica porque aonde há mais pessoas há mais condições de desenvolver comércio, cultura de um modo geral, carnaval. Na época da Brasil, na época do apogeu, era àquela coisa, muita gente vinha de fora pra participar do carnaval de Paracambi. Aí essa questão, com a presença humana fazia com que desenvolvesse esse comportamento religioso, social, econômico, porque muitos se estabeleceram por causa do comercio pra atender as pessoas e ganhar dinheiro. Agora, um detalhe importante, antes que eu me esqueça aqui, o declínio da industria têxtil ela só aconteceu a partir de 1980, por aí, por causa da

política federal facilitando a importação de produtos da China, Tawan, toda aquela região que vinha a centavos e deu uma incompatibilidade para a indústria brasileira fazer frente aquela, aquela disputa.

Pra você ver a Brasil industrial olhando pra essa questão econômica, eu estou falando de Paracambi, nós tínhamos a Fábrica Brasil Industrial e a Fábrica da Cascata. A cascata prevaleceu durante muito tempo por causa da fabricação daquele veludo, da bebida, aquela coisa toda que era importada para os Estados Unidos, aquele saquinho e a malharia. A malharia no Brasil não sofreu um impacto tão forte como o tecido chamado trama e urdimento, a malharia ainda conseguiu respirar um pouco. Agora, a parti da década de 80, pra você ver a, Othon Bezerra de Mello, porque a companhia têxtil Brasil Industrial ela permaneceu até 1964 por aí, quando Othon Bezerra de Mello comprou a parte do Doutor Antonio Botelho Junqueira e depois ele também comprou a parte dos outros acionistas e transformou a Brasil Industrial em Othon Bezerra de Mello. Então essa Othon Bezerra de Mello eles possuíram cinco fábricas de tecidos. Uma em Corvelo, duas no nordeste, uma em Magé e aqui em Paracambi. Nessa guinada negativa do comercio têxtil no Brasil a Othon Bezerra de Mello sofreu um impacto tremendo, eles fecharam todas as fábricas.

No inicio de 1980, o Othon Bezerra de Mello venderam essa parte aqui pra HFPinto, que era fabricante em Petrópolis, e ele era também atacadista. Eles fabricavam e vendia, não tinha produtos chamados atravessadores, eles fabricavam e vendiam diretamente para o comercio. Mas também sofreu com o impacto e acabou cessando aqui, parou literalmente e posterior depois um tempo do fechamento aqui veio parar em Petrópolis também. Então esse detalhe é muito importante.

Outro detalhe interessante aqui de Paracambi, foi a presença da Lanari, aquela siderúrgica ali também começando na década de 50. Teve um período de crescimento atraindo pessoas de Minas, também, e de outras partes como de São Paulo e estabeleceu aqui. Mas segundo a boca comum do povo um processo de roubo administrativo aqui de Paracambi motivou o doutor Amaro e resolveu a fechar e a firma faliu e foi uma miséria tremenda muitos empregados passando fome. O que não aconteceu com a Brasil Industrial porque ela foi enfraquecendo, enfraquecendo, enfraquecendo, e eles foram sendo demitidos e ganhando a indenização, como foi o meu caso. Um ano antes da minha aposentadoria, nesse processo, eu fui demitido e tive que pagar o tempo que faltava pra ter a minha aposentadoria. Muitas pessoas aqui fizeram isso e outras foram para outros lugares, mas sem perspectivas porque o merecido têxtil estava prejudicado aqui e prejudicado em todos os lugares e alguns tiveram

que mudar de atividades, pessoas que sofreram do impacto negativo da economia de forma muito grande por causa desse processo.

Então eu observo aqui, a Lanari veio a minha cabeça agora, a Brasil Industrial, Light e Doutor Eiras, foram centros de geração de empregos nessa região que em 1960 se transformou na cidade de Paracambi.

- Então você entende que a religião se fortaleceu mais por causa do impacto da consequência dessas mudanças para as pessoas?

Exatamente, as igrejas desenvolvendo trabalhos evangelísticos, eu me lembro. Esse ano não foi feito, mas a nossa igreja congregacional... haviam dois períodos muito especiais para evangelização local com atividades no tempo com pregadores, mensageiros que eram convidados, homens capacitados para o evangelismo e o doutrinamento das pessoas e tudo mais. Então o período de evangelismo dentro da igreja, final de setembro e o período chamado de páscoa ou semana santa é um período em que as pessoas estão mais sensibilizadas sobre a morte de Jesus e tudo mais. Então a igreja desenvolvia trabalhos evangelísticos e que rendiam muitas conversões. Havia época em que tinha 10, 12, 15 pessoas que se decidiam e depois eram preparadas, doutrinadas.

Esse período da década de 50 prá cá foi quando eu comecei a participar na igreja, então foi desenvolvido muito esse trabalho, inclusive, gerando pessoas, capacitando-as para serem pastores, missionários, e professores. Éh, professores no seminário, nós tivemos aqui um dentro da igreja congregacional em Paracambi, como na batista, metodista, e daqui saíram para o seminário para se preparem para o que chamamos de obreiros, pastores professores e missionários.

A palavra missionário destaca aqueles que saem do lugar e vão para outra cidade para desenvolverem o trabalho evangelístico. E a igreja aqui, por exemplo, economicamente ajuda um casal de missionários lá em Roraima, ajuda um casal que foi pra África, eles voltaram se prepararam e vão voltar pra África no final desse mês. A Luciana e o Romão, eles vão voltar pra África. Temos a Andreia e a filhinha dela no Maépe.

- Maépe fica aonde?

Maépe fica acho que no Pará. Não, não tenho certeza. Mas também temos o Levi e a família que estão na Turquia. Eles nem podem receber informações nossas sendo eles tratados de missionários. Lá eles são como que estudantes, universitários, uma coisa desse tipo. Temos também um casal que pertence a Jocum, segmento de jovem, esse casal vai dirigir um trabalho em São Cristóvão em Sergipe.

- Seria a marina e o Elber?

Sim, Marina e Elber. Marina é minha sobrinha neta. Temos também o Moães que é um pastor congregacional lá em Londrina no Paraná. Está organizando a igreja lá que está se desenvolvendo. Londrina é uma cidade grande.

- Da década de 70 pra cá o que o senhor se lembra de interessante sobre a religião evangélica aqui?

Eu acho que de um modo geral entre as igrejas foi o despertamento missionário de angariar recursos econômicos para sustentar aqueles que se disponham a ir pra fora de Paracambi, como é o caso do Romão e Luciana fora do Brasil e do Levi e família também.

- O senhor acha que foi uma característica da congregacional ou todas as igrejas passaram a viver isso?

Não, outras igrejas também porque nessa visão universal, a igreja assembleia de Deus mantém missionários na polônia. A missionária lá casou-se com um polonês e eles vieram a Paracambi. Ela sempre teve uma ligação, uma amizade muito grande com uma sobrinha minha, filha do meu irmão Moises Ramalho, a Ana Maria professora aposentada. Esse casal veio a Paracambi e eu tive o privilégio de conhecer e abraçar aquele polonês convertido. E você sabe que a polônia é muito católica Romana. O catolicismo lá é muito forte. Tanto é que o Papa João Paulo II ele era polonês e ele desenvolveu um trabalho muito grande naquele aspecto que nós estávamos falando sobre as mudanças comportamentais no catolicismo em relação à outras religiões que é um processo de econômico. Um só Deus pra quê tantas religiões? Então esse movimento está crescendo e é também importante com respeito ao futuro escatologicamente falando, a gente vai pra outra área muito, muito grande e necessita de espaço. Na década de 40 pra cá de 1940 pra cá houve esse destaque de enviar obreiros para o trabalho evangelístico.

- Maicon: Bom, acho que vou parar por aqui, já tem 1h02min de áudio, mas o que eu vou fazer, vou digitar tudo isso e vou ler e reler várias coisas. Se eu achar que alguma coisa não ficou clara ou algum detalhe que eu achar que não ficou claro ou que você não falou, porque agora não veio né, o senhor não lembrou, aí eu marco de novo um novo momento pra gente conversar. Aí a gente conversa sobre outras coisas. EU gostaria de saber mais sobre evangelização também.

Ah, houve na década de 1980, mais ou menos, um movimento Associação Evangélica “Paracambi para Cristo”.

- Maicon: Começou na década de 80? Porque esse é *slogan* da “semana evangélica”.

Eles sofreram alguns impactos negativos porque infelizmente nós evangélicos fracassamos na falta da manutenção da unidade. A unidade na diversidade. E houve uma época em que surgiu e eu participei da... é... deixa eu ver o título... deixa eu ver se me lembro, foi na década de 1980. Ah, a associação evangélicas das igrejas de Paracambi começou, mas foi na verdade um fogo de palha porque nós percebemos essa dificuldade na integração. Infelizmente, nosso meio existe uma disputa orgulhosa, presunçosa de muitos líderes. Por exemplo, pastor batista... houve uma época em que, por exemplo, tinha uma igreja batista em Paracambi e outra em Lages, a igreja que estivesse celebrando a ceia aqueles irmãos da outra não tinham o direito de participar da ceia. Eles interpretavam que a igreja era local, familiar, não tinha ninguém de fora e outras igrejas não davam a ceia. Se chegasse em uma determinada igreja não tinha direito de tomar a ceia. Nós congregacionais sempre fomos abertos a essa coisa. Se você é membro da igreja batista, você fica à vontade se você vai tomar ou não a ceia. Então se você é presbiteriano, assembleia de Deus... Deixávamos a critérios do julgamento pessoal, mas outras igrejas estabeleciam métodos rigorosíssimos e isso eu não aceito pelo sentido da hora de evangelizar. Se nós vamos evangelizar nós não vamos falar que a igreja Batista é melhor, que a presbiteriana é melhor, que a metodista é a melhor, que a congregacional é a melhor, não. Nós vamos mostrar que só Jesus pode transformar, regenerar, salvar o homem. Até hoje permanece... você sabe da existência do Manain. Até hoje nós contribuimos com o que podemos e eu tomei conhecimento em uma daquelas reuniões, no Manain, que mais pessoas foram pedir ajuda em determinada igreja forte aqui m Paracambi. Por uma questão ética não vou falar o nome. Eles negaram dizendo: “não tinham conhecimento, não tomamos parte nisso”.

Olha, se o Manain está ali para restaurar pessoas para famílias e para a sociedade e para levá-los ao conhecimento e a decisão por cristo. Como não vou ajudar como denominação? Se não houvesse esse espírito o Manain poderia ter uma propriedade com recursos maiores abrangendo um número maior para esses infelizes que estão aí. Muitos deles vão pra lá e são recuperados, muitos voltam pra lama, mas aí é uma questão do indivíduo. Eles não ficam acorrentados lá dentro, eles ficam sob o regime administrativo e sob atendimento psicológico, atendimento médico e atendimento evangelístico. Agora se ele não aceita, se ele não quer, muitas vezes, muitos deles lá dizem já estar bem e em condições e saem e voltam tudo pra lama. Mas aí PE problema do indivíduo, mas isso não significa que nós não podemos ajudar.

As igrejas se elas ajudassem essa missão... a Congregacional ajuda, a Batista ajuda, não sei outras denominações. O que eu sei é que a congregacional e a batista ajudam na manutenção daquele trabalho ali.

Então essa questão da desunião, eu entendo que o evangelho tem que unir as pessoas. Unir na diversidade. Unidos na diversidade! Não é todo mundo pensando da mesma maneira. Eu não posso exigir que determinada, obrigar que você tenha a mesma linha de pensamento, de interpretação, de visão da vida, das coisas. E, se, biblicamente o sujeito vai pro seminário e recebe lá instruções a partir de princípios estabelecidos pelos teólogos que fogem a base bíblica, esse seminário não vale nada e esse obreiro vai ser um perigo na comunidade em que ele vai ministrar porque ele vai ministrar coisas dos homens contrariando as coisas de Deus porque a bíblia está aí ela é imutável.

Se não me falha a memória essa associação ocorreu no final da década de 1980 ou no início da década de 1990, não sei muito bem. O slogan “Paracambi pra Cristo” surgiu depois dessa associação porque essa associação foi “natimorta”, nasceu e morreu. Mas o espírito que levou a igreja congregacional e a igreja batista, que foram as duas que começaram a idealizar este projeto, essa ideia prevaleceu pelo sentido apenas de evangelizar, mas aí não ligada a uma associação de igrejas. As igrejas passaram a fazer um trabalho de evangelização “Paracambi para Cristo”, eles iam nos bairros. Foi uma coisa muito boa, mas depois também...

- Esse slogan eu identifiquei como sendo da semana evangélica, evento que ocorre todo ano. Eu não sabia que ele já havia sido utilizado na década de 1980 ou 1990.

Foi naquela época que começou. O passo inicial foi essa ideia da associação das igrejas evangélicas. Mas o espírito que moveu aquela ideia prevaleceu depois nesse movimento “Paracambi para Cristo” que também envolveu todas as igrejas. Algumas delas, a batista... a congregação batista é muito forte no processo de evangelização do ensino e organização de igrejas. Pra você ver, a igreja de Paracambi foi organizada em 1945 e ela tem atualmente, fruto dela, em Lages, em Guarajuba, em Guarajuba tem duas, e tem lá no Bom Jardim, e tem aqui a comunidade batista ativa em Nova Era, lá no Costa, que está desenvolvendo um trabalho muito bom com o pastor Marcos. Então ela tem uma ideia extensionista de gerar igrejas. Um a igreja cresceu. Tem um grupo lá no Costa, um grupo grande de irmãos lá que vinham para o culto aqui na batista de Paracambi, ali logo, logo, eles perceberam que havia já a possibilidade de adquirir uma propriedade e formar uma igreja, a

comunidade batista ativa de Jardim Nova era. Então é a visão extensionista de crescimento espiritual.

Elizabeth...

Meu nome é Elizabeth Rodrigues, eu sou casada, tenho três filhas e quatro netos. Sou filha de Jonas José Rodrigues e minha mãe Nádia da Costa Rodrigues.

Eu nasci num lar evangélico, minha mãe sempre foi evangélica e sempre nos levou pra igreja, sempre assisti escola dominical, então graças a Deus eu nunca me afastei dos caminhos do senhor. Na minha adolescência, eu quase resvanei os pés, mas Deus não permitiu que isso acontecesse.

Eu cresci nesse evangelho e me converti aos onze, doze anos, foi quando eu tomei minha decisão, eu tinha onze ou doze anos, num acampamento Ebenezer lá em Pedra de Guaratiba, foi quando eu fiz minha decisão. Mas, depois eu ainda fiquei meio lá e cá. Eu nunca saí, nunca frequentei nada do que a gente chama de mundo secular, mas era meio voadora. Mas realmente nunca saí dos caminhos do Senhor e aos dezessete ou dezoito anos eu me batizei na Igreja Evangélica Congregacional em Paracambi, onde permaneço até hoje. Eu nunca me afastei, eu me casei lá, minhas três filhas foram apresentadas lá, meus netos foram apresentados lá, então eu tenho uma história com a Igreja Congregacional em Paracambi. Eu também trabalho hoje lá com criança, coisa que não é muito normal uma senhora, uma idosa de 62 anos, é que eu tenho 62 anos e continuo trabalhando com as minhas crianças. Eu amo trabalhar com as crianças.

Eu sou nascida e criada em Paracambi, nunca sai dessa área aqui do Sabugo, sempre no Sabugo. Aliás, quando eu nasci minha morava na Cascata, na subida da Cascata, mas logo depois quando eu tinha oito meses minha mãe se mudou para o Sabugo e eu morei ali no senhor Levi perto do Val Verde e depois mudei pra aqui e depois que eu casei eu mudei pra cá, onde eu estou morando agora.

Tem 55 anos que minha mãe se mudou para cá. Ela era evangélica, ela se converteu acho que ela era solteira ainda porque eu lembro que ela me contava que a mãe dela era muito católica e que um padre visitava a família e ela ficava escutando o padre falar e ele falava: “- A bíblia é um livro muito bom, mas não deixa ela ler não”. Aí a mãe dela tinha a bíblia católica, mas escondia para ela não ler aí a minha mãe quando aprendeu a ler, ela lia muito pouco porque estudou só três anos, mas ela teve muita curiosidade aí ela catava a bíblia escondida da mãe dela e lia, aí depois dessa época minha mãe que é de Minas, lá de Itaperuna,

Muriaé, sei lá, não sei quando ela veio pra Paracambi, mas ela começou a ler e teve muita curiosidade e começou a se agradar da bíblia e não seguir mais o catolicismo aí teve o contato com uma senhora evangélica, ela até morreu há pouco tempo ela é lá de Seropédica a irmã Áuria, a irmã Áuria falou do evangelho pra ela que se converteu e nos criou.

Minha mãe sempre foi da congregacional, mas a princípio era mais um trabalho de casa, ela nunca foi de outra igreja não, sempre foi da congregacional. O pastor era Otávio de Oliveira, foi com ele quem ela se batizou, fez o casamento dela também. Eu já conheci o pastor Euni, pastor Otávio eu também conheci, pastor Mauro Ramalho, pastor Papine, Zé Fancias, todos foram meus pastores. Pastor Myron histórico também. O pastor Mauro Ramalho eu era criança, ele e irmão do Sr. Humberto, eu era criança pré-adolescente, e ele era nosso pasto aqui.

Quem me batizou foi o pastor Zé Fancias. Foi ele quem me batizou, me casou. Minhas filhas quem já apresentou foi o pastor Myron.

Quando eu era criança tinham poucas igrejas aqui na cidade, eu lembro que tinha Batista, Assembleia de Deus matriz, Metodista, Presbiteriana, mas não tinha esse monte de igrejas como tem agora não. Rapidinho começou a ramificar e cresceu muito. Aqui em Paracambi tem muito igreja né. Até a gente fala assim: pelo número de igreja evangélica era pra ter mais evangélico. Tem bastante evangélico, mas pelo número de igreja evangélica era pra ter um número maior de pessoas evangélicas.

Na igreja antigamente era muito diferente, a gente não podia usar calça comprida, não podia bater palma, tinha umas exigências assim sabe, depois foi mudando. Eu lembro que minha irmã Dora foi uma das primeiras a usar calça comprida na igreja, não por rebeldia, a gente foi pedir pelo primeiro caso pra usar calça jeans por causa da escola, uniforme pra estudar, de aluna. Aí nos fomos, era o pastor Myron, pedir autorização pra usar fora da igreja. Aí ele disse: ao pode usar. Aí a gente só usava saia... aí eu lembro que uma vez nós fomos na Pedra de Guaratiba, aí eu fui e pedi o pastor para usar a calça comprida, era pra gente ficar à vontade né, era uma festa do abrigo lá em Pedra de Guaratiba. Naquela época saiam vários ônibus. Nossa igreja ia toda pra lá, a assembleia de deus ia e levava dois três ônibus. O aniversário do abrigo era 21 de abril, ainda tem e ele é da congregacional, abrigo evangélico da Pedra de Guaratiba é da denominação congregacional. Ele é próximo no do seminário congregacional, praticamente no mesmo terreno, de um lado é o seminário e do outro lado é o abrigo. Dia 07 de setembro é o dia do seminário, então aí a gente ia nas duas festas, mas a ênfase maior era no dia 21 de abril mas dia 07 de setembro a gente ia também. Aí, eu lembro

que a primeira vez que eu usei calça comprida foi assim porque não podia aí depois foi liberando.

Nessa festa tinha torneira, futebol, muita barraquinha e tudo o que vendia lá ia pro abrigo e dia 07 de setembro era pro Seminário. Tudo o que era arrecadado era pra eles lá. Nossa igreja eu não lembro se botava barraca, mas eu acho que sim. Nossa igreja era muito ativa nessa festa, depois as coisas foram mudando tal, hoje as pessoas quase nem vai. Meu marido sempre fala: Elizabeth vai a Pedra mais não? Lá é um momento muito bom você reencontrava muita gente, vem igreja de todos os lugares, não sei se vinha congregacional do Brasil inteiro acho que não, mas do Rio vinha, era muito bom.

A organização para saída aqui da cidade nossa igreja realizava, era seu Moises Ramalho quem organizava, irmão do Sr. Humberto que é irmão do pastor Mauro Ramalho. Era ele quem comandava, arrumava ônibus, na época a empresa chamava acho que Pedro Antonio, aí ele quem comandava. Tinham duas senhoras, duas irmãs lá da assembleia de deus que também fazia, elas arrumavam lá na Assembleia de Deus, às vezes a gente se juntava e ia gente no nosso ônibus da igreja deles porque não tinham lugar. Ia pelo menos uns 05 ônibus daqui lotados só da nossa igreja (Congregacional), fora das outras igrejas. Aquilo ali ficava um fervor, depois pra sair lá da Pedra era uma complicação eu era muito ônibus. Apesar de o espaço lá ser muito grande, era muita barraca, os ônibus paravam a cidade. Nossa igreja era muito ativa, muito ativa mesmo, agora não tem, nem eu mesmo nunca mais voltei lá, não tem mais movimento nenhum.

O pastor Mauro foi muito envolvido aqui, mas o pastor Myron ele não teve uma passagem só aqui na igreja. Ele veio quando ele tinha os filhos pequenos, aí depois ele foi embora, ele voltou, então o pastor Myron não teve uma passagem só, acho que ele teve duas ou três passagens aqui na igreja e duas eu tenho certeza porque foi na minha época. Ele foi pra Curitiba aí depois ele voltou, mas eu acho que ele teve mais de duas passagens. O pastor Myron era muito querido, era muito especial na vida da igreja, na vida do congregacionalismo. O pastor Myron, agora que eu fui lá na Erika eu encontrei com um pastor lá e uma coisa interessante aqui da nossa igreja é que nós somos considerados como igreja celeiro porque nossa igreja já mandou gente para muitos lugares né. Nós temos o Renato da tia Aimê lá em Curitiba, agora o Helber estava em Curitiba e agora está em Sergipe, tem a Luciana que agora está no Brasil, mas já foi pra África e ainda vai voltar. Esse senhor, esse pastor que eu conheci lá na Bahia eu falei que era de Paracambi, do pastor Myron, aí ele disse: eu já ouvi falar muito do pastor Myron. Ele não conheceu o pastor

Myron, mas já ouviu falar muito. Então o pastor Myron era assim né, é uma figura histórica no congregacionalismo. Aí eu disse que tive o prazer de ser pastoreado e ser ativa na igreja na época que o pastor Myron era pastor aqui.

Teve um período em que eu fui tesoureira na igreja então eu tinha que ter um contato mais próximo com ele. O tesoureiro toma conta do dinheiro da igreja, mas é tudo registrado, tudo anotado, qualquer saída de 01 real tinha recibo. Tudo tinha recibo e quando escapulia alguma coisa, o presidente do patrimônio que na época era o Sr Osvaldo, pai do pastor Osvaldo, então ele me chamava e exigia que tinha que ter, era muita exigência e tudo controlado. Eu fui tesoureira mais de um ano, era um trabalho muito difícil porque era muita despesa né, zelador, compras, obras, e o Sr Osvaldo que era presidente do patrimônio, ele era bem ativo, então tinha bastante obra, mas não obra superfaturada (risos) era tudo muito organizado. Então eu já tive essa experiência e já passei por tesoureira, superintendente eu nunca fui porque nunca gostei de falar lá na frente não, nunca fui pregadora não tenho esse dom, minha irmã Dora tem, embora ela seja mais tímida e fale muito menos que eu ela prega. Eu procuro, na medida do possível porque a gente não é perfeito, mas a gente tenta pregar com a vida, agora trabalho com criança, eu prego com criança e não adulto.

Eu trabalho com criança desde que eu era solteira, eu já tenho 41 anos de casada. Eu acho que agora a gente tem mais investimento, mas eu acho que o envolvimento das crianças antes, até mesmo na época das minhas filhas, era um envolvimento maior, sinceramente os pais tinham mais compromisso. Quando você ia fazer um trabalho você podia contar com um grupo grande, pelo menos sentia um grupo de apoio, sempre tinha uns assim mais desligados, mas tinha um grupo de apoio. As minhas filhas foram muito privilegiadas porque elas tiveram uma infância e uma adolescência muito boa na igreja. A Sueli Tatagiba era a coordenadora das crianças, nossa a Sueli era de uma dedicação assim, eu já trabalhei com a Sueli. Depois veio a Anne, ela era seminarista, era de Niterói e fez estágio aqui, e aí elas pegaram esse tempo de Anne, então participaram de tudo. Graças a Deus, hoje, todas as três envolvidas, Janine fazendo a mesma coisa que eu faço, coordenadora de criança, trabalhando com criança, tem gente que se afasta e ela não, a Janine trabalha a semana inteira com criança na CNEC aqui e na CENEC de Japeri e no Rodrigues Alves e quando chega domingo é envolvida com crianças na igreja e com prazer, vai e faz. Joyce agora tem ensaiado as crianças do grupo “Escolhidos pra louvar” ela agora assumiu, então assim vai passando. Graças a Deus estamos aí. Eu canto lá na igreja também

Aqui na cidade muita gente trabalhou na fábrica, eu nunca trabalhei lá, mas minha mãe e minhas irmãs Marlene e Dora, elas trabalharam. Minha mãe trabalhou lá na Cascata e trabalhou na Brasil Industrial também. Minhas irmãs trabalharam na Brasil Industrial, eu na época menina leva almoço pra elas, foi meu primeiro ganha pão, meu primeiro dinheirinho eu levava almoço pra minhas irmãs, então tinham outras pessoas e eu enchia a bicicleta de bolsinha e levava e ganhava um trocadinho com esse trabalho de levar almoço pra elas. Mas eu nunca trabalhei, minhas irmãs não queriam que eu trabalhasse elas achavam que o trabalho lá na Brasil Industrial um trabalho muito pesado. Minha Irma mais velha já morreu, ela sempre dizia que não queria que eu trabalhasse lá. Ela me dava vestido, me dava as coisas pra eu não precisar trabalhar, aí eu nunca trabalhei na fabrica não. Aí eu primeiro fazia esse serviço, depois eu fui ser manicure por muitos anos de muita gente em Paracambi, aí veio o normal, curso normal em Paracambi, porque não tinha aqui, veio de fora, aí o João Alcides criou o primeiro curso normal em Paracambi no CENEC. Foi o primeiro curso normal que teve aqui, a nossa turma foi a primeira turma do curso de normal aqui. Aí minha irmã que já estava não sei quantos anos sem estudar voltou a estudar, minha irmã Marlene, ai ela foi a primeira turma de normal que se formou e depois vieram outras. Ai logo depois falaram que tínhamos que levar o documento pra poder fazer a prova pro Estado, aí saímos da formatura correndo agilizando porque tinha que ter o nada consta, mais não sei o que... uma burocracia e estava tudo muito próximo aí fiz a prova e no primeiro concurso que eu fiz em preparação nenhuma, só mesmo com o curso normal, eu imagino que devia ser mais fácil, aí eu passei e comecei a trabalhar em 1977, eu me formei em 1976 e comecei a trabalhar em 1977. Estou aposentada, estou nessa penúria aí do nosso atual governador né, hoje é 24 de outubro e eu ainda não recebi o salário de setembro, mas tudo bem estamos aguardando.

A primeira escola que eu trabalhei foi na Cascata. Trabalhei lá durante 08 anos, quando foi em 1975, o ano em que a Joyce nasceu, eu vim trabalhar no Rodrigues Alves. Eu fiz um cursinho de, eu não fiz faculdade, eu fiz um cursinho adicional ai eu podia dar aula de história pra quinta e sexta série e naquela época tinha moral e cívica, podia dar história, geografia e moral e cívica. Esse curso não era uma licenciatura, era um curso adicional que podia dar aula só nessas séries, aí um grupo grande fez e eu estava trabalhando na Cascata e desci para o grupo porque uma professora se aposentou, eu estava com um medo e aí eu dava aula pra supletivo pra adulto, vim com um medo, mas me aposentei aqui embaixo.

Aqui em Paracambi as coisas mudaram na igreja, tivemos um movimento “Paracambi Pra Cristo” e quem começou foi o Dilan, neto da Zilá, que agora está na igreja do pastor Elias.

Eu sempre me lembro que ele era muito animado, participava de passeatas na rua aí, com carro, a polícia vinha e abria espaço pra gente, porque pra sair tinha que ter autorização, então a gente saía. Eu lembro muito do Dilan com aquela animação toda. Sabe ali onde era a antiga Caixa econômica, ali perto do sinal? Agora não dá pra ver porque tem um prédio ali você não vê muito, mas ele escreveu ali “Paracambi pra Cristo”. Alugaram aqueles negócios dos campos, no tupi, aquelas faixas, era muito animado aquela época e quem comandava era o Dilan. Era coisa da nossa igreja, ele comandava e ia aos poucos chamando as outras igrejas aí depois o pastor Jocimar também, aí é que começou o negócio da Semana Evangélica. A Semana Evangélica acho que começou no governo do André, acho que foi estipulado, aí começou a ministrar a Semana evangélica. Teve uma época em que o pastor Osvaldo estava na diretoria, mas ele não se adaptou com essa coisa de prefeitura essa mistura assim.

Quando minhas filhas eram crianças a gente fazia muitos passeios. Teve uma época em que a gente, a Sueli trabalhava na prefeitura então a gente pedia carro na prefeitura pra gente sair com as crianças. Uma vez a gente foi lá no Coroadó com as crianças no caminhão do lixo. Era caminhão de caçamba, eles lavaram e nós colocamos as crianças. Acho que se fosse agora eles não deixavam. A prefeitura emprestava caminhão pra levar as coisas pra retiro, se eu procurar eu vou até achar, tem foto até de uma vez o Myron no mesmo dia do retiro assim as pessoas colocando as coisas no caminhão, era caminhão de lixo também eles lavavam e a gente usava emprestado.

Nossa igreja nunca, nem quando tinha candidato, a gente tinha alguns candidatos, mas a nossa igreja nunca misturou as coisas. Uma vez alguém falou assim: era direito nosso, era direito não da igreja, mas nosso como cidade, então eles emprestavam. Até quando eu acho que começaram a querer essa troca de favores com voto, acho que foi na época do pastor Myron, ele orientou que a gente parasse de pedir, “a gente dá nosso jeito, dá nosso jeito de alugar pra gente não ter esse comprometimento”. Então, graças a Deus, esse comprometimento da Igreja evangélica congregacional a gente não tem, pastor nenhum aceitou. Pastor nenhum deu púlpito pra candidato. Eu acho isso muito bom. Eu uma vez eu vi na rua as pessoas comentando, até debochando, porque uma certa igreja tinha um candidato lá dentro e um outro candidato, aquele candidato era evangélico, e o candidato da macumba tinha mais voto, eles falavam que da igreja eles conseguiam. Na nossa igreja isso não tem, sempre manteve os pastores, o Osvaldo, o Myron, todos os pastores que passaram em nossa igreja eles nunca permitiram essa coisa com a política. Sempre teve, mas agora não tem candidato na política, ah, tem o Julio que foi candidato a vice prefeito. Ele pediu nada, depois

que ele ganhou ele pediu pra orar a Deus pela vitória, mas o pastor nunca deu o microfone pra ele pedir voto, mesmo sendo membro lá da igreja. Eu acho que ele continua sem ficar pedindo, ele não tem coragem de pedir.

Agora eu não tenho participado de coisas na rua não, tem gente que faz, eu não tenho feito não. Eu lembro que a gente quando as gente saia às vezes no domingo a tarde pra entregar folheto, bater nas portas, as pessoas reclamavam, elas ficavam muito irritadas “dia de domingo dia da gente descansar esse povo fica perturbando a gente dentro de casa né, eu lembro até de uma senhora que era minha amiga, amiga não era conhecida, ela era minha cliente eu era manicure dela aí um dia ela falou “em pleno domingo, não sei o quê...” “mas é a função que a gente tem se você não quer abrir a porta você não atende mas a gente tá cumprindo o ide de Jesus”. Então tinha gente que aceitava, abria a porta e à noite ia na igreja. Agora eu acho que o trabalho desse tipo está mais devagar.

- Sobre o crescimento da religião evangélica na cidade, o que você acha que poderia ter ajudado?

Eu acho que as pessoas convertidas aqui eram gente daqui mesmo, por exemplo, na nossa igreja não sei se você pegou esse tempo de a gente ter dois cultos. Nossa igreja já teve época de ter dois cultos lotados um culto começava as seis e outro as nove e os dois cultos lotados, do pastor às vezes pedir pras pessoas que estavam no primeiro culto deixarem o templo, porque tinham pessoas que a sede, a vontade, porque o culto era tão bom que a pessoa não queria ir, não queria ir embora. Tinha gente que gostava porque ia no primeiro culto e ficava a vontade, saía ia pra pracinha e fazia alguma coisa diferente. Nossa igreja já teve essa época do “boom”, então teve a divisão do pastor Elias, ai depois que teve a divisão do pastor Elias ficam coisas ruins na gente, sabe aquele versículo que diz que “todas as coisas cooperam para aqueles que amam a Deus”? Então novas igrejas, novas pessoas iam sendo evangelizadas, então imagina da nossa igreja, surgiu a igreja do pastor Elias. O Valdir foi pra igreja do pastor Elias e depois saiu e montou a igreja dele lá a Koynonia. Então não sei o que aconteceu lá que fechou a igreja do pasto Valdir, então Antonio que era pastor no Valdir tá agora aqui na igreja aqui. Então as ramificações vão aumentando, então eu acho que é isso que acontece, às vezes, nas divisões a gente fica triste, mas é isso que acontece. Então, a princípio, foi uma coisa muito ruim, mas depois passa, foi a mesma coisa quando o pastor Osvaldo saiu, deu também uma, muita gente saiu. Eu dou graças a deus que as pessoas saem mais não se perdem, minha preocupação é as pessoas se perderem, mas eles se fixam em

outros lugares e às vezes até abrem outras igrejas. Eu estava falando sobre nossa igreja ser celeiro, nossa igreja tem muita gente esparramada no Brasil inteiro, e até no mundo.

Nossa igreja agora não tem tanto, mas já teve muita gente no seminário e tem muita igreja que saiu da nossa, acho que em Nilópolis a igreja também foi então tem muita igreja filha aqui de Paracambi, mas a nossa igreja foi um celeiro de pastores e vai ramificando as igrejas né. Ela tem lá seus percalços, mas aonde é que não tem né? Tem seus problemas, mas graças a Deus ele tem mantido firme. Eu fiquei muito feliz com o Helber que agora foi abrir uma JOCUM lá em Sergipe. Eu fico muito feliz porque volta e meio eu faço lista das crianças que passaram por mim e fico muito feliz de ver o Helber, o Robson foi minha criança, O Rafael eu acho que até tenho uma mensagem no celular, uma vez ele deu um testemunho na igreja e falou assim: que se a gente não prega com a palavra a agente prega com a vida. O Rafael disse que uma vez eu passei com as minhas filhas e ele era criança ou adolescente e ele falou com um coleguinha dele “um dia eu quero seguir a igreja do jeito que essa dona ai segue porque eu acho legal o jeito que ela faz, levas as filhas, que não seu o que”. Eu nunca soube disso e há pouco tempo ele falou isso na igreja, acho que a Jaqueline passou com o Lafaiete, eles já namoravam eu acho. O Rafael era coleguinha ou só nasceu perto com o Demétrius meu sobrinho, aí eu fiquei muito contente quando ele falou isso porque a gente às vezes nem sabe que está... é isso, e graças a Deus ele agora é pastor, ele não foi minha criança não porque eu faço isso né “fulano foi minha criança, sicrano foi minha criança” (risos).

Aline...

Meu nome é Aline. Eu nasci em 1948 e tenho quatro irmãos, agora três porque um morreu. Eu fui professora por muitos anos, agora estou aposentada, eu dei aula pro Estado no ensino médio.

Metade da minha família é evangélica por parte de mãe e a outra metade por parte de pai é católica. Eu fui criada como católica, batizada, praticante, de coração de gostar. Então a gente foi criada assim, na igreja católica.

A gente sempre morou aqui, naquela casa que você foi antes de vir aqui. A gente foi criado assim, catecismo, primeira comunhão. Principalmente as duas mais velhas, foram criadas ali mesmo na igreja, os outros tiveram mais enfraquecida essa relação com a fé. Mas era prática, mas prática mesmo de frequentar essa igreja católica, de estudar em colégio de

freira fora. Eu frequentava essa igreja aqui, era o padre Gugliano⁵⁵, foi padre aqui não sei quantos anos. Quando eu nasci era ele o padre, eu cresci e fiquei moça e ele que era o padre. Não sei mesmo quantos anos ele passou aqui.

Meu pai era muito católico, de está junto e naquela época tinham muitas festas. A festa de São Pedro e São Paulo era uma festança, não é como hoje, tinha leilão, nossa era uma festa fantástica. Eles eram padroeiros da cidade então era a festa que envolvia, era a maior festa da cidade era São Pedro e São Paulo. Antigamente não era cidade pertencia metade a Vassouras e metade a Itaguaí.

A gente foi criada assim, mas a igreja evangélica, a congregacional, meus tios e avós da parte da minha mãe eram dali, e eles tinham cuidado, quando vinham missionários, quando vinham alguém fazer trabalho com criança, eles levavam a gente, hoje é evangelização isso. Meu pai não queria isso. A gente ouvia muitas histórias, às vezes, chegavam seminaristas, meu tio levava os seminaristas lá em casa e contavam histórias, eu lembro muito disso.

A vida toda que eu me lembre como gente tinha essa relação de ser católica praticante, a família toda lá, mas de ter essa outra parte que se preocupava. A gente nem entendia o que estava acontecendo, agora eu entendo, a história do evangelismo, do amor de Deus, porque o católico agora ele está conhecendo um pouco a bíblia, naquela época eu não tinha noção de bíblia. Era o catecismo, eu não tinha noção. Então aqui tinham aquelas histórias bíblicas contadas no flanelógrafo, eu me lembro muito disso e a gente tinha essa relação coma família de cá que era evangélica. Eram histórias da bíblia contadas por seminaristas evangélicos que meu tio levava ou trazia as crianças na igreja, no aniversário de alguém, quando meu tio tomou posse porque ele se tornou pastor, a família toda ia lá.

Não tinha conflito, o conflito só surgiu quando eu me converti porque aí eu já era maior, tinha 30 anos eu acho, foi quando meu avó que ficou demente, quando não conhece as pessoas direitos, então um dia eu sentei ao lado dele na cama e ele assim não sabia aonde estava, a minha mãe que era filha ele achava que era namorada dele, estava maluquinho, então eu vi ele orando, ele falava: “Jesus, me leva Jesus”. Aí eu pensei esse homem está totalmente demente, mas não esquece. Foi ali que eu me converti. Eu falei comigo mesmo “é esse Jesus que eu quero”. Eu já tinha dois filhos, a mais velha estava se preparando para fazer a primeira comunhão, aí começou a revolução na minha vida e aí eu comecei vi aqui e na igreja católica, nas missas porque eu entendi que eu não tinha que trocar de religião, como a maioria entende

⁵⁵ Padre citado por Keller no livro “Fábrica & Vila Operária”.

né, e aí teve uma missa que eu fui eles tinham um folheto no mimeografo, acho que ainda é, vem tudo prontinho ali, vem da diocese de Nova Iguaçu, estudei em Nova Iguaçu no colégio de freira. Aí um dia eu guardei e tinha lá a meditação falando sobre a volta de Jesus e dizendo que as pessoas simples esperam que Jesus volte em pessoa, mas que não é assim que ele volta todo dia na pessoa do irmão. Ai eu pensei: “ué, tem uma coisa estranha aqui porque eu leio lá que ele promete que volta, uma volta real, uma segunda vinda”, aí eu falei “não dá” aí deu deixei de ir. Aí eu comecei a ler a bíblia e me deu muita vontade de ir, eu comecei a ir na escola dominical, eu ia na escola 09h e depois ia na missa, isso em segredo pro meu pai não se aborrecer. Por aí, aí um dia eu cheguei em casa e ele disse “o que é isso?” eu respondi que uma abelha havia me picado, ele disse assim “bem feito, quem manda se enfiar aonde não deve”. Aquilo me deu um certo alívio porque pelo menos agora já sabia.

Isso que eu contei foi em 1979, 1980, eu queria me batizar, mas como eu podia me batizar, escondido? No final de 1980 me deu vontade de batizar mesmo, de ir com tudo porque eu já não estava mais indo pra igreja católica, a Débora fez a primeira comunhão, mas ela ia lá e tinha um grupo chamado de perseverança das crianças do catecismo, mas ela vinha comigo também e eu deixei, não falei nada, aí um dia ela chegou pra mim e disse “mãe eu não quero ir mais lá eu quero ficar aqui”, aí foi assim. O Renato era menino ainda e começou a vir aqui.

Um dia eu cheguei no tio Humberto e disse que queria me batizar, mas por causa do meu pai eu queria um conselho. Ele me disse que isso era uma coisa que eu que tinha que saber. Aí eu vim pra casa e comecei a orar, eu nem sabia orar direito, mas foi a primeira vez que Deus falou comigo, diretamente, objetivamente. Deus falou comigo no salmo 09: “o senhor ouviu meu clamor, ele já ouviu minha oração”, ai eu fui falar com ele e sentei com ele lá em Muriqui, numa casa de praia alugada, aí eu contei “pai está acontecendo assim, eu quero me batizar...” ele me disse “pra mim você já era batizada, crismada, não precisa de nada disso”. Ai ele falou que eu nunca tinha feito nada de errado e que só não era pra eu contar com ele. Aí eu me batizei, a brabeza foi passando. No dia do meu batizado eu ainda falei com ele e perguntei se queria ir e ele disse “eu não falei pra você que eu não quero saber disso, você não conte comigo”. Foi assim.

Depois de um tempo veio a minha irmã e os filhos dela, a minha mãe, porque quando ela era criança foi criada ali, mas se casou com ele. Ele também foi amolecendo o coração aí quando ele estava bem doente o pastor Myron, que era muito amigo da família, falou com ele e a gente percebe que houve uma transformação. Aí foi assim, daí pra frente a coisas ficaram

assim, desde 1980 de lá pra cá estamos assim. Minha família, meus filhos, meus sobrinhos, meu irmão mais velho não chegou a participar, mas creio que teve uma conversão porque ele chegou a envolver junto da família. Então minha família foi se encontrando com Jesus de verdade né, aos poucos, sem religião, porque tem gente que pode pensar que a gente mudou de religião e não houve isso, foi um encontro real com Jesus que é a religião. Tanto que meu filho é pastor, minha filha é pastora, Marina e Elber missionários, está todo mundo envolvido com a obra.

Então a história foi essa, eu fui criada como Paracambi, criada como católica e depois mudei, hoje a maioria é evangélica. A igreja católica realmente minguou muito, mas ela está tomando um rumo diferente, eu sei por que minha sogra é católica, foi difícil isso no início pra mim também, mas passou hoje está tudo na paz.

- Sobre a quantidade de evangélicos na cidade, você acha que aconteceu como você, as pessoas foram se convertendo ou elas vieram de fora e número de evangélico na cidade foi aumentando?

O aumento eu acho que alguns líderes são de fora, mas eu acho que é povo de Paracambi mesmo, talvez numa necessidade maior de contato com Deus mais efetivo, porque na igreja católica não tem isso, não sei agora. Mas era muito ritual, muita liturgia, mas não tem calor sabe, e agora eles estão buscando isso e no evangelho tem, se bem que existe também agora um grupo que fugiu do evangelho, infelizmente né. Mas as pessoas estão buscando alguma coisa mais real, que fale ao coração, que seja mais concreto, mais real, que simplesmente ir lá no domingo, conhecer, porque antes ninguém tinha conhecimento da bíblia, tinha de tradição liturgia e até de algumas histórias. Jesus vai voltar para os que estão em gênesis, os que estão esperando ele, e não todo dia na figura de um irmão, não, não é isso que a palavra fala pra nós. Então isso me chocou porque eu queria ficar, eu queria ser crente, mas sem mudar, mas isso me choco, fica difícil. Muita gente saiu de lá buscando encontrar a verdade.

- Você, por exemplo, falando mesmo da cidade, aqui teve alguma coisa que se somou a isso? Como uma dificuldade, a cidade tem uma história de muita dificuldade de emprego, por exemplo...

Essa necessidade de uma coisa real na sua vida e que a tradição e a liturgia não te dá. Apareceu outra coisa que, além de ter esse contato real com a palavra consciente, tem a forma como a igreja evangélica age em relação à visitação, do cuidado, são grupos menores né, essa vida em comunidade é muito real. Os convertidos que se convertem de verdade eles se

interessam pelos amigos, pela família, e aí começa internalizar uma transformação e aí as pessoas veem e dizem “realmente né” e decidem ir, isso atrai, e acho que aqui foi muito disso. Atualmente, atrai muito também a história de promessas que Jesus dá, que Deus faz, infelizmente está tendo isso e não é em Paracambi é geral. Aqui antigamente tinha muitas igrejas tradicionais: congregacional, batista, assembleia de deus, que não tem essa característica, mas já essas novas. Então quando vai um, a família vai, então atende a sua necessidade. Essa comunhão que você precisa porque ali a gente aprende a ter tanto amor com deus porque com o padre você precisa ir até ele e ele que faz a ponte. Então aqui você vai, você torna Deus íntimo teu, torna Deus como pai e Deus criou a gente pra isso, pra ter esse contato real, diário. Então, eu acho que isso fez essa revolução em Paracambi, como fez essa revolução no Brasil inteiro.

Na época que eu me converti tinham poucas igrejas evangélicas, o evangelho modifica a vida da gente, ele transforma a vida, a cidade está dormindo. Você vê, essa cidade tinha um carnaval mais lindo e maravilhoso da região, todo mundo vinha pra cá. Mas aí o carnaval na época que eu era criança era uma coisa de família, ingênua, aí depois aquilo foi ganhando a rua e não sei se você lembra daquele movimento “Paracambi Pra Cristo”, então, que coisa linda que foi aquilo né, não tinham tantas igrejas como tem hoje. Começou na Congregacional de Lages, Batista, a Congregacional aqui, algumas Assembleias, eu sei que envolveu todo um movimento e fomos pra rua e fomos fazer caminhada pra Cristo, Paracambi mudou. Carnaval acabou, confusão, Paracambi era declarada pra Cristo, as pessoas iam pro monte né, e aquilo aconteceu. Esse movimento começou na década de 1980, entre a década de 1980 e 1990. Foi um movimento bem grande e que deu efeito. As pessoas entravam em Paracambi, quem não morava aqui, eu me lembro de falar de quando entravam no Cabral que a estrada mudava, o ambiente mudava, que ao entrar em Paracambi o ambiente mudava e eu sempre falava que era o poder de deus. Foi a época do movimento do evangelismo, antes dessa época não tinha esse movimento aqui de unir todas as igrejas, não que eu conheça.

Na década 1980 as igrejas se uniram pra irem pra rua, pra caminhada, a gente ia pra praça. A igreja de um modo geral saiu de dentro das quatro paredes, se apresentou e foi uma coisa muito linda e houve realmente uma visibilidade de crescimento evangélico na cidade.

Agora, recentemente no século XXI, a gente está vendo um número muito grande crente na igreja. Mas antes e no início a gente saía domingo, na rua você só via crente jovem, adolescentes, cada um ia pra um lugar, ia visitar, ia fazer evangelização, era um movimento assim que eu não vejo hoje. Era tanta gente na igreja que no início dos anos 2000 a gente

chegou comprar aquele prédio ali, porque aqui não tinha mais jeito. Houve até um estudo pra vê se dava pra ampliar mais o templo, mas não dava porque não tinha estrutura pra abrir, pensou-se de colocar um telão lá atrás, foi aquela época em que as pessoas ficavam nas janelas. Quer dizer, também a gente não quer que fique todo mundo no mesmo lugar, só que eu não sei o que aconteceu, eram dois cultos e não tinha lugar. Mas não dá pra tentar explicar o tempo, a igreja é dele, ele tem todo o domínio, mas a gente vê uma diferença realmente agora na busca dele.

- Existe relação entre o movimento Paracambi Para Cristo e esse evento evangélico mais recente da cidade? Esse que acontece perto da festa de aniversário da cidade.

Eu não sei se há ligação direta entre o movimento “Paracambi para Cristo” e a “Semana Evangélica na Cidade”, mas eu acho que tem sim. Era a festa da cidade, então tinha shows e tudo, como a igreja evangélica cresceu muito, virou um número significativo, expressivo, eles faziam antes de tudo essa semana, que agora acho que não tem mais. Eu acho que tem tudo a ver com esse crescimento sim. Porque no passado, antes da igreja evangélica passar a ter essa representação tão grande, era a católica que era chamada pra fazer missa, as festa da igreja católica eram as festas da cidade, São Pedro e São Paulo aqui, Nossa Senhora da Conceição lá na fábrica, que era uma festa, nossa me lembro das bandas de músicas, era uma coisa fantásticas, atraía muita gente, por que realmente evangélicos eram poucos, era um número pequeno não tinha expressão. Hoje isso tudo aconteceu porque cresceu, qualquer bairro de Paracambi que você for tem uma igreja evangélica e mais de uma e mais de uma denominação. Isso é bom porque uma comunidade grande com 5.000 pessoas é difícil né, por isso eles fazem célula. No Brasil de modo geral a igreja evangélica ganhou muita força.

Eu acho que aquele carnaval daquele modelo que tinha antigamente aquilo acabou porque as pessoas mudaram. Existia baile, tinha o cassino, e não existe mais isso, nem desfile na avenida dos operários tem mais. Eu acho que o povo quando chega essa época vai passear, os jovens não têm mais interesse. Não há interesse, não há gosto das famílias, porque o carnaval de antigamente era de família. Eu lembro que meus irmãos participavam muito daqueles blocos: Arrupia e Centapua. Então eram as famílias que iam, quando eu era criança tinham blocos, as pessoas se fantasiavam, os homens se vestiam de mulher, mas era organizado, as famílias que iam. Eu acho que tem tudo a ver com essa mudança na religião. Existe uma visão de que o carnaval é uma coisa assim né, eu que conheci o carnaval antes, não era isso tudo, naquela época não era.

O movimento “Paracambi Para Cristo” fazia evangelização, passeata, eles subiam os lugares para ver se tinha alguma coisa que trouxesse maldição para a igreja. Lugares onde no passado pudesse ter acontecido alguma coisa que espiritualmente prejudicava a cidade. Então eles iam, tinham um mapa, foi uma coisa muito séria. Era pra conhecer a história da cidade pra ver se havia alguma coisa na cidade que trouxe maldição. Mas foi uma época também em que se levou muito em conta essa coisa de maldição e agora olhando bem a gente entende que em Jesus a maldição toda acabou. Isso maldição pra você, pra sua vida, mas maldição para um lugar, uma cidade pode acontecer. Então teve mapeamento disso, eles iam a uns lugares pra orar, então foi uma coisa assim: a gente pode ter feito muito coisa errada, mas tudo no desejo de acertar, que Deus realmente dominasse a cidade e tudo foi feito nesse objetivo. Foi tudo com muita autenticidade, muita fé, com ingenuidade, acho que foi isso no caso e tanto que Deus abençoou porque houve uma mudança pro bem, as pessoas sentiram que era uma voz geral falando com todo mundo de que Jesus é o senhor.

Agora a gente não tem nem muita coragem de ir às praças, tem um menino que abriu uma hamburgueria ali, aí um dia, era até aniversário da igreja, nós fomos à praça ficou tomada por família, o dono ficou feliz porque a praça foi tomada por família e ele fotografou. A gente precisa ir pra gente poder estar naquele meio com as pessoas. A igreja então se recolheu. Mas você sabe que as coisas começaram aparecer aqui depois que ela se recolheu, porque o espaço ocupado está ocupado, se você desocupa ele fica vazio. Como eu te falei, a igreja ia pra rua, a igreja fazia evangelismo, então como houve recuo talvez pelo medo, eu não sei o que veio primeiro, se primeiro veio o medo e a igreja recuou ou se a igreja recuou e depois veio o medo, eu não sei. Mas a verdade é essa, que a gente ficou meio que sem condições de ir pra praça, pra rua né, essa nossa praça aqui em frente tem um grupo ali de moradores de rua que às vezes você tem que ter muito cuidado, tem que trancar tudo porque tentam. Você acolhe, muitos foram acolhidos e depois descobre que estão fazendo coisas erradas e é até perigoso. Tem uns ali que cismaram que são flanelinhas teve uma irmã que um dia desses encostou o carro e um deles falou que ela só poderia tirar o carro se ela pagasse ele porque ele tomou conta dele, aí ela ficou com medo e foi chamar alguém para ir com ela tirar o carro. Como eles estão ali eles se aproveitam. A igreja devia fazer um movimento em relação a isso porque a igreja acaba perdendo a coragem e perdendo atitude.

Uma coisa que atualmente está acontecendo é que a igreja evangélica está afastando um pouco as pessoas... e, quando as coisas forem feitas da forma como deve ser feita, vai continuar atraindo as pessoas porque nós temos essa carência e quando conta com Ele de

verdade há transformação. Então o que realmente aconteceu foi essa dificuldade que nós conquistamos e não estamos sabendo conduzir. Quando alguém questiona se eu sou evangélica, eu digo que sou cristã. Aí os evangélicos ainda resolveram participar da política olha o que foi acontecer, mas eu creio, diante de Deus, que vai chegar a hora em que ser separado o joio do trigo, a palavra mesmo fala né, é na hora dele, no tempo dele. Ah, uma coisa que eu ia falar da palavra de Jesus “o amor por si multiplica, a iniquidade esfriaria o amor de quase todos”. É quase, e eu peço a Deus pra ficar nesse quase, peço a ele pra não deixar esfriar porque as coisas estão ruins, as coisas vão ficando tão banal que não mexe com seu coração. A gente tem medo do outro. A gente afasta, não temos aquele amor de ir até o outro, mas sabendo o que vai fazer. A iniquidade iria aumentar tanto, nossa como eu entendo isso com tanta clareza, você vê tanto que aquilo fica natural. Não dói mais quando um sofre... Eu fico assim “meu Deus isso tem que fazer a gente chorar” a gente não pode ficar ouvindo “ah, é mais um não sei nem quem é, nunca vi”. É isso que está acontecendo, ficou banal. A iniquidade aumentou tanto que o amor da gente vai esfriando. A igreja devia se antecipar e não deixar o amor esfriar. Se a igreja não cumprir isso ninguém vai cumprir porque o espírito de Deus está na igreja.

Francisco...

Meu nome é Francisco, também conhecido como Fran por muitos anos. Eu nasci em 1962, no hospital de Bonsucesso no Rio de Janeiro, bairro onde morei por muito tempo também, por muitos anos.

Além de direito e jornalismo que eu iniciei e não terminei, também comecei fonoaudiologia sem terminar, comecei pedagogia sem terminar (risos)... Isso na federal né, porque eu estudava na federal antes de eu ir fazer direito e jornalismo. Enfim, então na verdade eu sou formado em letras (português/literatura) pela UFF e também bacharel em teologia pelo STCRJ – Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. Também fiz parte de espanhol ali no fundão no Rio, mas também não terminei e o último curso que eu fiz e tranquei foi fonoaudiologia ano passado. É porque eu gostava e gosto de estudar para adquirir conhecimento e não necessariamente pra me formar pra ter uma profissão. Eu acho que a mente da gente precisa sempre estar ocupada.

Vim para a cidade de Paracambi para pastorear em Lages em 1989, outubro de 1989. Com atuação aqui evangélica e depois também inserção social junto ao governo. Fiz pesquisas não científicas sobre o crescimento do evangelho nesta cidade e também sobre as

influências religiosas na cidade, não somente dos evangélicos, mas também dos católicos e espíritas.

Eu, na verdade, venho de uma família evangélica, se existe predestinação eu sou um deles, um dos predestinados porque antes mesmo de eu nascer meu pai já orava por mim no ventre da minha mãe e pedia a Deus que eu fosse um pastor. Ele orava e já consagrava porque meu pai liderava igreja naquele tempo, ele e toda família por parte dele, toda a linhagem por parte de pai é de pessoas que abriram igrejas, são inclusive os primeiros evangélicos em determinada área do nordeste, ali em entre Paraíba e Pernambuco, numa zona de caatinga. Meu avô pai do meu pai foi o primeiro a construir igreja evangélica naquele tempo, a minha irmã foi a primeira crente de toda aquela região, então talvez seja uma coisa assim divina né, então quando eu nasci meu pai já orava pra eu ser pastor e o primeiro presente que eu recebi ao invés de ser uma mamadeira, que os meus pais sempre foram contra, eles me deram uma bíblia. Eu guardo essa bíblia até hoje, desde 27 de abril de 1962.

Fui para o seminário com 17 anos de idade, com 16, minha decisão mesmo por cristo foi por volta dos meus 11, 12 anos de idade, foram dois sonhos que eu tive, eu não conhecia de bíblia nem escatologia nem nada, mas foram os dois sonhos que eu tive que me despertou para eu me entregar a Jesus. Eu tinha alguns problemas pessoais, psicológicos devido à separação dos meus pais, etc. apesar de muito novo eu pensava em muitas coisas negativas e ruins, como, por exemplo, tentei me suicidar já nessa idade, perto de 12 anos, tinha pesadelos horríveis matando família, então eram coisas bem ruins na minha cabeça. Eu não gostava de igreja, eu tinha raiva dos evangélicos porque meu pai me levava meio à força para a igreja, então eu fiquei com raiva disso e ele era muito quadrado, quebrava meus brinquedos pipas, piões, bolas de gude, dominó, porque ele dizia que tudo era do diabo. Ele tinha a mania de me puxar a orelha e o castigo que ele me dava, isso era um castigo pra ele, ele me colocava pra ler a bíblia quando ele chegava do trabalho. Então isso me trouxe uma ojeriza de igreja de tudo, mas quando eu estava nessa fase bem negativa, com muitas raivas dos meus pais e tendo esses sonhos eu pensei: na igreja deve ter alguma coisa de bom porque tem tanta gente que vai pra igreja, meus colegas e tudo e eu não tinha descoberto o que tinha de bom e bem na igreja. Ah, eu tinha raiva da igreja também porque devido à separação dos meus pais o meu pai foi muito perseguido pelos evangélicos daquela época porque não se admitia um líder de igreja separado, nem existia divórcio, no caso desquitado e assim como perseguiram meu pai também acabaram perseguindo a mim falando coisas indevidas, enfim. Então nessa de descobrir o que tinha de bom na igreja eu descobri que existia Deus, então foi quando eu tive

realmente meu encontro com Deus, foi minha decisão, minha declaração, isso foi sozinho de joelhos na minha casa por causa desses sonhos que eu te falei e as coisas na minha vida aconteceram muito cedo porque com 13 anos eu já estava liderando alguma coisa na igreja, os adolescentes, já comecei a trabalhar com crianças, participava de um grupo chamado “equipe novidade de vida” onde pela primeira vez eu preguei em uma igreja fora, eu tinha 13 pra 14 anos, foi a primeira vez que eu preguei na vida, hoje eu estou com 55, e a minha vida evangélica para o senhor em termo de ministérios começou ali. Com 17 eu fui para o seminário, com 16 eu atendi ao chamado divino num trabalho feito por um grupo chamado APEC – Aliança pró-evangelização das crianças, eu tinha feito esse curso e me convidaram para ser obreiro da APEC, eu achei que não e no ano seguinte com 17 eu fui para o seminário, já que eu estava terminando o segundo Grau, terminei de certa forma cedo para aquele tempo, e eu fui então para o seminário no mesmo ano eu também fui para a primeira faculdade que foi Letras lá na UFF. Aqui para Paracambi eu vim em 89, então já tinha pastoreado antes, já tinha passado por outras igrejas, enfim, já com alguma experiência e estou em Paracambi desde 89. Ao fazer 25 na congregacional crescendo em cristo eu fui jubilado devido a outros fatores lá de gestão e dificuldade lá e então saí de lá e hoje eu dou apoio a comunidade evangélica novos amigos que funciona em Jacarepaguá e também aqui em Lages e continuo meu trabalho com pastores, meu trabalho aqui na cidade é até quando Deus disser pra sair daqui e me apontar um outro lugar e eu tenho orado por isso.

O evangelho nessa região aqui começou na verdade em Vassouras, com a igreja Congregacional, fruto da primeira igreja evangélica do Brasil que é chamada de Igreja Evangélica Fluminense que fica no centro do Rio, e essas pessoas resolveram fazer um trabalho evangélico aqui nessa região quando ainda essa região pertencia à Vassouras, cidade imperial. Esse trabalho evangélico foi feito no local chamado cascata. Ali foi um trabalho muito importante porque deu origem a primeira igreja evangélica nesta região que veio a ser Paracambi no tempo em que era chamada de Taireté.

Por que também foi importante esse trabalho ali no local chamado Cascata? Porque já naquele tempo houve uma marca dolorosa para essa região devido a um trauma social que foi uma explosão de uma fábrica de bebidas que ocorreu ali naquela região lá no alto da Cascata e em decorrência disso da explosão, dos prejuízos, etc. o dono dessa fábrica veio a cometer suicídio. Aquela região veio a ficar conhecido como um local tenebroso de dificuldades, um lugar onde outras pessoas viram a se suicidar e anos mais tarde veio também a ter um hospital psiquiátrico, onde grandes mazelas aconteciam e havia uma opressão social, psíquica e

psicológica da sociedade devido a este lugar, então este bairro ficou conhecido por este ponto negativo e também devido a uns desarranjos financeiros de empresas que se colocaram ali, então veio a ser considerado um lugar até mesmo amaldiçoado. Então com pesquisas assim do lugar a gente foi fazendo levantamento sobre os porquês a sociedade paracambiense se comportar determinada maneira e que influenciava a religião teria nesse comportamento. Por exemplo, além dessa história que citei nós temos o histórico de separação e divisão e falta de entrelaçamento entre moradores que são do cento de Paracambi com aqueles moradores do bairro chamado Lages e do bairro Guarajuba. Essa divisão é histórica até porque Paracambi era dividida antes de ser Paracambi a cerca de 50 anos ou 55 anos, por causa da divisão entre Vassouras e Itaguaí, essa divisão social que também era econômico, financeira, devido a Vassouras ser cidade Imperial isso também refletiu e reflete até hoje no meio evangélico no meio da igreja. Então até hoje nós vemos dificuldades e evangélicos de Paracambi se relacionarem bem com evangélicos de Lages e Guarajuba e isso vem dessa divisão histórica.

Percebemos também na cidade há um tempo que havia muitas mortes de crianças de maneira inexplicáveis, então fomos pesquisar informações sociais sobre as crianças e influências religiosas. Observamos através das pesquisas e de conversas também com pessoas ligadas à fábrica, a antiga Fábrica Brasil Industrial, com pessoas descendentes de escravos, ali na área em que foi um Quilombo na área onde foi um cemitério dos escravos, e também lá onde se chamavam de senzala, onde hoje é conhecido como olaria, e soubemos não somente das coisas ruins que eram feitas contra os escravos, em termos de torturas e maus tratos, mas também do que era feito com as crianças. Soubemos de histórias de abusos sexuais, de abusos e violências contra crianças e isso trouxe influências muito negativas sobre a nossa cidade.

Em decorrência dessa pesquisa também descobrimos pessoas que faziam aborto e ofertavam os fetos as determinadas entidades religiosas, e descobrimos também os lugares onde eram feitos os enterros desses fetos depois e também daqueles fetos que não eram consagradas as entidades. Entendemos então que havia um fio, uma veia, uma vertente histórica religiosa que vem desde esses tempos dos escravos.

Como a fábrica deixou de funcionar por muitos anos e ficou ali deserta e pessoas contavam histórias fantasmagóricas daquele lugar eu e um grupo começamos a orar naquele lugar, até o dia que junto ao prefeito da época resolvemos orar, evangélicos juntos com o governo para quebrar maldições naquele lugar, para abençoar aquele lugar, para voltar a funcionar e ter vida. Lembro que foi num dia 20 de novembro, em dia de comemoração de Zumbi e fizemos o que chamamos de ato profético que foi juntar negros e brancos para

pedirem perdão uns aos outros por todas as atrocidades que haviam sido cometidas naquele lugar contra escravos e que ainda influenciavam na vida social da cidade e também na igreja, já que naquela época nós havíamos feito uma pesquisa para observarmos quantos negros havia nas igrejas evangélicas e chegamos a uma constatação, pra mim na época quase que absurda, que eram menos de 10 por cento de negros nas igrejas evangélicas ou nas principais igrejas evangélicas naquele tempo aqui na cidade de Paracambi.

Depois que fizemos aquele levantamento todo sobre morte de crianças, abusos etc. eu estava falando do dia 20 de novembro onde houve reconciliação, pedido de perdão e o histórico começou a mudar ali. Também fomos alguns centros espíritas que faziam trabalhos com crianças naqueles lugares, não vou citar nomes e lugares por questão de ética, e tivemos esse tipo de confrontação espiritual não contra as pessoas porque amamos as pessoas e respeitamos a religião de cada um, mas contra entidades que faziam esse tipo de coisa. Aconteceu também que na própria igreja em que eu pastoreava algumas crianças morreram e ai também precisamos orar no hospital que era chamado de Prontonil onde também aconteciam algumas coisas que não eram boas. Paracambi então era, se não me falha a memória, o primeiro município, chegou a ser o primeiro município com maior índice de mortalidade infantil de todo o Estado do Rio de Janeiro e depois de todo esse trabalho e oração e uma ação conjunta também com o governo nós chegamos a ficar em segundo lugar com menos mortes de crianças aqui no município então foi uma grande vitória. E também aquelas ideias fantasmagóricas e percepções eu existiam lá na fábrica acabaram e depois então a antiga Fábrica Brasil Industrial passou abrigar outra fábrica de tecidos e vidros para carros e depois então veio a faculdade, cursos técnicos etc. como ainda existe até hoje como resultado da benção de Deus e ação evangélica junto ao governo. Ressalto ainda pra fechar essa parte da história que houve a visita do Imperador D. Pedro naquele tempo de inauguração da Brasil Industrial e nós tivemos o privilégio e a honra a reinauguração do lugar, hoje centro de estudos, de termos a presença do Presidente da República na época que nos visitou.

Nós começamos o movimento “Paracambi para Cristo” exatamente no dia 02 de janeiro de 1992. Foi uma experiência sobrenatural, marcante e nos impulsionou a começarmos um trabalho de conquista territorial para Cristo. Então, em 1992, um grupo subiu um monte aqui mesmo em Paracambi, era chamado de monte da caixa d’água, na ida entre o Amapá e o Sabugo, e nós tínhamos recebido alguns avisos divinos de que Deus queria falar algo muito importante, algo muito interessante e alguns atos sobrenaturais foram acontecendo previamente antes dessa data confirmando que haveria algo especial para aquela noite.

Naquele tempo eu não acreditava muito nessas coisas eu era bem cético, mas entendi que Deus estava falando e querendo mostrar algumas coisas. Isso foi em 1992 e eu cheguei em 1989. Pois bem, esse grupo, pequeno grupo de no máximo 15 pessoas, subiu ao monte, nós já havíamos orado antes e coisas sobrenaturais foram acontecendo mesmo antes de subirmos a esse monte, por exemplo, alguns avistando anjos. conversando com anjos e tudo mais. Resumindo, lá no alto nós ouvimos e vimos coisas assim tremendas da parte de Deus e ouvimos então Deus falando que queria fazer algo extraordinário, especial nesta cidade e inclusive uma conquista espiritual aqui para esta cidade. Dali então surgiu o grito de guerra “Para a glória do pai, em nome do filho e pelo poder do espírito” que era uma espécie de ordem de Deus aos anjos usando a nós para dar a ordem a anjos para atuar na cidade e a partir daí começaram as orientações sobre conquista espiritual para essa cidade. Deus permitiu e quis me chamar para estar a frente desse movimento, eu diria até essa missão, na qual eu fiquei durante muito anos e ainda permaneço hoje não exatamente com esse nome, mas tantos anos depois ainda tenho atuação junto a igrejas, a pastores na visão da conquista espiritual da cidade.

As ações do movimento começaram com algumas vertentes e alguns focos principais. Número 01: buscar unidade e união entre as igrejas evangélicas; Número 02: procurar aproximar também pastores e cuidar desses pastores, apascentar esses pastores, que é um trabalho que eu comecei a fazer em 1994, o “Paracambi para Cristo” começou em 1992 e em 1994 e 1995 a gente começou um trabalho que a gente chamou de pastoreio de pastores; Número 03: Nosso foco era levantar orações, intercessões de igrejas para clamar e orar pela cidade então nós saíamos pelas ruas, fazíamos marcha para Jesus, íamos aos lugares principais da cidade, quer governamental quer ponto espiritual da cidade, por isso, fizemos na época o mapeamento espiritual, então buscamos levantar intercessores; O 04 passo foi: preparar pessoas e igrejas para batalha espiritual, isso é, guerra no nível estratégico, não contra pessoas, mas contra entidades espirituais do mal, então começamos fazer uma série de estudos bíblicos e preparo das pessoas para isso e assim fizemos congressos, seminários, etc. O ponto 05 foi: Nos organizarmos de maneira formal e assim então surgiu a instituição chamada “Ministério disse Jesus” que existe ainda até hoje, depois surgiu a AMEP (Aliança de Ministros Evangélicos de Paracambi), depois veio IEUP (Igrejas Evangélicas Unidas em Paracambi), mais recentemente IMEUP (Igrejas Evangélicas e Ministros Unidos em Paracambi), então fomos institucionalizando esse trabalho também. Algumas diretorias se passaram, algumas pessoas ficaram em evidências ao longo desses anos todos através desse

trabalho e o ponto foi a institucionalização. Depois partimos para o crescimento das igrejas em si, então houve crescimento assim fabuloso com que nós chamamos de “avivamento”, eu lembro que na época eram as minhas pesquisas lá na década de 1990, Paracambi tinha perto de 60 igrejas, não chegava a 60 era em torno de 56, 58 mais ou menos, do meu cadastro meu levantamento, e poucos anos depois nós já havíamos chegado à 100 cento e poucas igrejas e a estimativa hoje é que se tenha em igrejas em geral não só as formais as institucionais, mas a abertura de pontos evangélicos também nós tenhamos perto de 160 trabalhos aqui numa cidade que tem quase 55.000 habitantes.

As igrejas que marcaram história aqui na cidade e foram consideradas igrejas exponenciais foi a Congregacional porque foi a primeira igreja aqui, a segunda foi a Assembleia de Deus que como em todo o Brasil foi a que mais cresceu, a que tem mais igrejas chamadas filiais ou o nome que você queira dar. Historicamente veio depois Batista e Presbiteriana e depois Metodista e essas igrejas são expoentes aqui. A Nova vida que tem 30 anos, fez 30 anos agora em 2017, 30 anos aqui na cidade, também uma igreja já com um história aqui na cidade que também fez e faz a diferença em nossa cidade eu diria que essas igrejas são exponenciais aqui em Paracambi.

A Congregacional que eu citei é a primeira que está lá no centro da cidade, a Assembleia de Deus é chamada de matriz que também está ali perto do centro onde antes era o hospital evangélico que foi, inclusive, uma instituição oriunda de ações da liderança dessa Assembleia de Deus que depois infelizmente tomou outro rumo, houve uma separação houve alguns problemas também que na vale citar e mencionar aqui e houve esse rompimento. A Batista principal também está ali em frente a prefeitura da nossa cidade em Paracambi, então coloco aí como a terceira igreja. A Metodista principal também está no centro então todas as igrejas principais começaram ali no centro. A Nova Vida também começou ali na subida do bairro chamado Barreira e hoje está ali perto do Cassino.

Um dado curioso também e histórico é que o Deputado que organizou esta cidade, que buscou e trabalhou pela emancipação da cidade Paracambi era um Deputado evangélico. O nome dele Dazio Coimbra e ele atuou por muitos mandatos na câmara federal, na assembleia em Brasília e ele foi quem trabalhou para organizar esse Município aqui chamado de Paracambi. Então observe que Paracambi tem um histórico né evangélico, muito antes de ser Paracambi e existir a cidade devido a primeira igreja dessa região ter sido evangélica, na verdade a segunda igreja não foi evangélica foi católica lá no Mario Belo em Santa Luzia.

Então nós temos todo esse histórico marcado por evangélicos tanto antes da criação do município, quando na criação do município por esse deputado.

– Francisco, esse movimento que vocês organizaram em 1992 o “Paracambi Para Cristo”, você acha que isso somou para a questão da evangelização da cidade, o aumento, crescimento talvez da população protestante aqui?

Ah, fez uma influencia direta, fazendo parte do propósito de Deus. Não por nós mesmos ou por sabedoria humana, estratégias nossa, ou porque descobrimos a pólvora e inventamos a roda, nada disso, já havia um propósito de Deus e ele levantou pessoas para agirem assim, tanto que desde o início, desde essa data que eu te falei 02 de janeiro 1992, ficou muito claro que as coisas aconteceriam nesta cidade a partir de uma igreja unida, de uma igreja que se entrelaçava. Então, sempre tivemos na memória que não era coisa nem de uma pessoa ou de Jocimar Patrício, e muito menos de uma igreja, a igreja que eu pastoreava era a Congregacional de Lages que veio a se tornar Comunidade Congregacional Crescendo em Cristo, então não era de uma denominação, de uma igreja, de um pastor e nem de uma liderança isolada, mas era de Deus através de seu povo nesta cidade. Até hoje as igrejas que se engajam nessa visão são igrejas que tendem a prosperar, a crescer, e a se estabelecer pelo simples fato de estarem fazendo aquilo que Deus falou para ser feito.

– Antes desse movimento, até mesmo pelo que você falou sobre a divisão da cidade entre Itaguaí e vassouras, essa cisão histórica e o fato de a população do centro não ter ou não conseguir uma aproximação com o pessoal de Lages, você acha que esse movimento contribuiu para unir as igrejas e transformar esse processo um pouco mais homogêneo, foi isso?

Ajudou, mas não resolveu, nós ainda temos esse problema que é mais que espiritual ou evangélico, é uma questão mesmo social, mas ajudou bastante porque temos igrejas de Lages que se unem a de Paracambi e vise e versa nesse afã. Ontem mesmo, hoje é 16 de dezembro de 2017, dia 15 nós tivemos uma mini vigília em favor da cidade, como fazemos todos os meses uma mini vigília para intercedermos pela cidade e havia ali algumas igrejas representadas e alguns pastores, poucos, mas tivemos eu e mais 12. Ali tivemos pessoas do Guarajuba, Lages, Centro de Paracambi, unidos ali e também ali do Sabugo da entrada do Sabugo, não lembro de mais agora de um outro bairro. Ah sim, tínhamos pessoas do Bom Jardim e pastor do Bom Jardim. Então, antes isso seria muito difícil, mas isso acontece devido à visão sobre unidade e comunhão por um bem comum visando o reino de Deus e visando bênçãos para a cidade.

Respondendo ainda outra parte de sua colocação, não é que não houvesse nenhum crescimento evangélico antes de 1992, havia sim tanto que a Congregacional de Paracambi abriu a congregacional de Lages, mas foi uma igreja né? A Assembleia de Deus também abriu também algumas igrejas evangélicas já naquele tempo, como foi o caso aqui de Lages, ter aberto no Guarajuba, ter aberto também no Sabugo, abriu uma Assembleia de Deus lá em cima também na Cascata, mas era algo pontual e eminentemente denominacional. Igrejas muito pequenas também que não tinham assim um aflorar de memberships de pessoas se decidindo, etc. Com esse avivamento que Deus trouxe para a cidade, então nós vimos novamente um boom de pessoas evangelizadas e pessoas sendo transformadas, tanto que nossa cidade passou de perto de 12 ou 13% de uma população considerada evangélica, para uma estimativa do próprio IBGE 48 a 49% de cristãos evangélicos nominais. Isto é, não frequentadores de igreja ou membros de igrejas, mas que se dizem evangélicos. Essa foi uma mudança extraordinária ao longo desses anos e isso tem sim a ver com o trabalho de oração, unidade, união e a ação da igreja na cidade, inclusive, junto a governo secretarias, com a ideia de que igreja tem que estar na rua em todo o lugar e ali estar abençoando as pessoas.

– Então houve apoio do governo, uma parceria?

Algumas ações sim, houve uma parceria em relação ao governo notadamente em dois mandatos de um determinado prefeito. Não sei se eu posso ficar citando nome, no caso do AndreCeciliano, no caso foi o governo, a administração mais profícua e mais aberta a ações do evangelho. Mas, que tipo de parceria era essa? É que as portas foram abertas para que nós pudséssemos atuar nas escolas, nas secretarias do governo, nos movimentos sociais de ação social, de recolhimento de alimentação, por exemplo, as igrejas faziam e entregavam na secretaria de ação social, apoio a trabalhos feitos com jovens naquela época no projeto Florescer, com jovens em recuperação devido a delinquência que havia cometido, então a igreja estava presente em todas essas facetas sociais orando, aconselhando, montando digamos que plantão, por exemplo, em escolas para conversar com alunos, para conversar com pais, estabelecer ali paz entendimento. Fizemos isso também algumas vezes na delegacia, então haviam pessoas que iam na delegacia e pediam para orar e fazer intervenção espiritual junto aos presos. Estávamos presentes no DCMUM, nas festividades e celebrações do exercito sempre havia um pastor lá orando, abençoando, visitando o comandante ajudando no que fosse possível a tropa, então era a igreja enraizada na sociedade e o governo nos abriu portas para isso. Um dos pontos principais dessa parceria governo e evangélicos foi a chamada “Semana Evangélica” que começou no ano 2000, no governo anterior se não me

falha a memória em 1997 ou 1998, houve um trabalho evangélico que eu me lembro e ter sido o primeiro trabalho evangélico juntando igrejas assim de várias denominações é eu não me lembro o título do trabalho, a faixa, mas foi feito ali em um determinado governo que abriu para isso a secretaria de cultura fez isso. E aí nós fazíamos trabalho durante o carnaval, e ao invés de sairmos para retiro a gente fazia trabalho no Brizolão, nós montávamos barracas nas praças aonde havia carnaval e nosso pessoal ia para o desfile de carnaval, nosso pessoal evangélico, para orar pelas pessoas, aconselhar as pessoas, ajudar pessoas ali que, às vezes, tinham saído de casa e tinham dificuldades de voltar para suas famílias, e a gente montava barracas pra orar pelas pessoas também, fazer medição de pressão, etc. Então fazíamos um trabalho espiritual e social e veio daí então a ideia da Semana Evangélica que foi também com esse prefeito, e a primeira dela foi realizada no ano de 2000. Houve um ano que não teve Semana Evangélica e esse ano foi feita a 16ª Semana Evangélica, ainda que aos trancos e barrancos, por dificuldades advindas da atual gestão governamental na prefeitura.

– Antes de ter essa parceria com o governo, como funcionava a participação da igreja, a igreja católica era mais presente nas ações sociais?

Sim, havia isso sim e acabou acontecendo esse tipo de transição. Não que a igreja católica não tenha mais esse tipo de atuação, até porque a igreja católica recebe benefícios do governo municipal pra realização de algumas festividades tais como a festa de São Pedro e São Paulo e também no período da Semana Santa forrar o chão com aqueles tapetes multi coloridos e muito bonitos por sinais, etc., mas foi havendo mesmo uma transição, não só porque os evangélicos começaram assumindo também essa postura e essa colocação, mas também porque os próprios católicos foram se equidistando desse tipo de atuação. Porém eu lembro de várias vezes nós termos feito trabalhos em conjunto, evangélicos e católicos, lembro, por exemplo, de uma atuação muito interessante que a gente fazia no dia 02 de novembro, dia de finados, se fazia lá em cima um missa, lá em cima eu digo o cemitério oficial aqui no município, e se fazia ali, por exemplo, um trabalho em conjunto. Em algumas atividades também como inaugurações governamentais também um padre estava ali presente e eu e algum outro pastor também estávamos presentes, depois isso acabou ficando mais mesmos com os evangélicos.

Um trabalho superinteressante que vale a pena também mencionar foi a parceria com o governo municipal em que participaram tanto católicos quanto espíritas, foi a criação do ensino religioso aqui no município. Não lembro agora a data, mas posso passar pra você depois quando começou o ensino religioso no município. Nós fizemos reuniões com

representações das religiões principais das cidades, no caso evangélicos, católicos e espíritas, e fizemos um trabalho muito lindo com base em módulos para o ensino religioso no município e isso funcionou por um bom tempo de uma maneira bem eficiente, eficaz de uma maneira bem interessante. Depois acabaram modificando a grade curricular do ensino religioso em parte por força de lei e nos últimos anos de tem tentado transformar o ensino religioso novamente naquele velho ensino de moral e cívica e cidadania e nós já em reunião também com o novo governo que entrou recentemente já apresentamos e formalizamos uma proposta de, digamos assim, ressocialização do ensino religioso a fim de que possa alcançar mais família, entendimento, respeito, civilidade, e outros pontos mais interessantes com cunho religioso e base bíblica sim, mas não exatamente ensino religioso e estamos chamando esse trabalho de ensino de vida, que é a proposta que nós deixamos na secretaria de educação do governo municipal.

– Francisco me diz o seguinte, você acha que os cristãos aqui de Paracambi eles seriam cristãos novos convertidos ou pessoas que vieram de fora?

Paracambi historicamente foi formada basicamente por mineiros, disso eu não tenho nenhuma sombra de dúvida, mas essa entre aspas “mineirice”, não influenciou tanto no crescimento do evangelho, pelo contrário, o mineiro, é muito reservado e tradicionalmente muito católico criou “N” barreiras no início para o desenvolvimento do evangelho aqui, eu mesmo conheço pessoas que sofreram perseguições dentro de casa, expulsos do próprio lar pelo fato de se decidirem pelo evangelho. Ainda hoje eu conheço pessoas que sofrem determinadas perseguições e dificuldades por parte de alguns católicos roxos, como se diz na gíria católico roxo né, pelo fato de serem evangélicos ou por estarei se decidindo, visitando uma igreja. O que influenciou na cidade em relação a crescimento do evangélico não foi exatamente a questão de números, pessoas vindos de fora do evangelho pra cá, não, o que influenciou foi uma visão do que deve ser ou deveria ser uma igreja e como essa igreja deve atuar no seu território e na sua cidade, isso sim veio de fora, não é de Paracambi. Tanto que eu sou uma pessoa que vim do Rio, já vim pra cá com ideias que Deus já havia trabalhado na minha vida, encontrei pessoas e até hoje encontro choques enormes contra determinadas mudanças que nós entendemos que a igreja precisa ter, então há um conservadorismo muito forte aqui na nossa cidade ainda e isso atrapalha. Então não foram as pessoas que mudaram, mas sim algumas ideias que vieram do senhor pra cá é que mudaram. Uma outra curiosidade de quando eu vim morar aqui é que veio um casal que organizou o que é hoje o principal, um dos principais centros espíritas aqui da cidade que é o centro espírita do areal. A família

Mirandeli veio da Ilha do Governador, pra Paracambi, por uma coincidência ou não, em 89 quando o senhor me trouxe aqui para esta cidade. Estou me referindo a isso porque antes o principal centro espírita era do chamado pai de ó, que era do senhor Deodato que ficava lá em cima em São José e tinha um trabalho forte também aqui perto da Luminosos com o pessoal da família Caravana, não sei se você pode citar nomes, talvez não deva, e depois veio como emergente esse centro do areal que hoje junto com o centro da dona Isa são os dois centros espíritas, inclusive, com linhas diferentes no espiritismo aqui na cidade.

Natanael...

Meu nome é Natanael, e eu sou de 25/12/1949. A minha história eu com dois aninhos de idade olhei para o nascente do sol à tarde e o pensamento que veio à minha cabeça foi: Como fazer pra Deus gostar de mim? Com dois aninhos...

Eu tenho cinco irmãs, são todas evangélicas. A minha família era toda de origem espírita, e eu quando criança fui batizado no centro espírita e essa ligação minha com Deus se deu automaticamente porque eu não tive o incentivo de meus pais porque eles eram espíritas.

Eu desde criança queria fazer Deus gostar de mim, com nove anos comecei a ler bíblia, eu fui o primeiro da minha família a ir pra igreja. Mesmo na igreja presbiteriana eu levei minha família todinha, eles foram e ficaram congregando na presbiteriana aqui, mas todo mundo na igreja. Hoje na minha família todo mundo é evangélico, eu tenho uma irmã congregando comigo e os outros estão na congregacional e numa igreja vizinha aqui de um pastor vizinho, então a minha família toda é evangélica. Não foi aquela coisa de os pais levarem, foi chamado por Deus mesmo.

Então quando eu tinha a media de oito aninhos eu fui à noite com meu pai tratar do porco na servia, no chiqueiro, meu pai olhou pra mim, eu estava a sua direita, e falou: o adultério é pecado. Nós somos em seis irmãos, eu sou homem e sou mais velho. Aí eu comecei pensar como criança: porque meu pai falou isso comigo? Bom, deve ser porque eu sou o único filho homem. Isso aí foi quando eu estava no Sul do Espírito Santo no município de Alegre, que eu nasci lá. Aí quando eu estava com nove anos nós mudamos para o norte capixaba, norte do Espírito Santo, no rio doce, com nove anos mudei pra lá com a família. Com nove anos eu fui sozinho no comercio lá no patrimônio e comprei uma bíblia, eu fui estudando a bíblia desde os nove anos de idade. Me batizei na Igreja Presbiteriana com doze anos, fiz parte de toda programação da igreja, da escola dominical.

Em 1969, mudamos para o Rio, viemos pro Rio e moramos uma semana na Gonzaga Bastos, em Vila Isabel, depois voltei pro Norte outra vez pra ganhar dinheiro e fazer os registros das minhas irmãs, eu mesmo fiz e retornei pra cá outra vez e fiquei morando em Benfica, na rua Leopoldo Bulhões. Dali eu vim aqui pra Paracambi. Eu cheguei aqui em Paracambi em 1970, eu tinha 20 anos mais ou menos.

A minha família todinha foi pra presbiteriana, mas eu não quis ir, aí acabei indo pra Assembleia. Aí eu comecei a me reunir na assembleia, me matriculei na escola dominical, fui batizado nas águas por imersão em 31/01/1971. Em 1975, eu fui batizado com o espírito santo. Em 1976, eu me casei e fui consagrado a diácono da igreja. Em 1978, eu fui a presbítero da igreja. Em 1980, eu fiz seminário e fui consagrado a pastor e aí segui minha carreira ministerial, eu congregava aqui na rua Deputado Romeu Natal. Depois me mandaram pastorear, já como titular, na assembleia de deus do bairro Guarajuba e assim prossegui. Quando foi agora em 1995, chegou o momento e um desejo da parte de Deus de fundar um ministério, aí que fundou o ministério Alfa e Ômega, que até então não tinham esse nome ainda, nós fundamos o trabalho pra tocar.

Esse trabalho do Alfa e Ômega começou no Guarajuba. Um dia nós passamos nessa estrada aqui cheios de preocupação na cabeça, eu procurava um lugar alto pra orar, em um monte, debaixo de uma arvore, pra eu orar e pedir a Deus pra me dar paciência e entendimento e acabei chegando na rua São Paulo, número 50 ou 52, no bairro da Guarajuba próximo a maçonaria, na casa da senhora Benedita, e ali conversando com ela e o filho dela, ela vai e explica também o desejo dela de eu abrir um trabalho na casa dela porque ela tinha o prazer de ver o filho dela do meu lado participando do culto. Assim conversamos e iniciou o pensamento sobre o ministério Alfa e Ômega. Começamos o trabalho lá e eu abri o ponto de

pregação. O pastor de onde eu congregava me deu autonomia pra eu ficar nesse ponto de pregação e dali nós prosseguimos.

Quando foi em 1997, aí pegamos aqui esse prédio que era da antiga Restauração, na Av. Prefeito Helioferreira, nº 723, no bairro de Lages, KM 01. Da estação ferroviária aqui dá um quilômetro, por isso, aqui se chama quilômetro um. Então em 1997, começamos o trabalho e compramos isso aqui com muita dificuldade, nós quando viemos do ponto de pregação pra cá nós éramos oito pessoas apenas. Aí com essas oito pessoas compramos isso aqui, alugamos eu digo, pagamos 300 reais de aluguel, vendia quentinha, vendia salgadinho pra pagar o aluguel e 04 mês depois fizemos uma planilha pra comprar o imóvel. Compramos isso aqui por 35.000 reais quando o salário era 90 reais, isso já em 1997. Aí fizemos o registro do trabalho com CNPJ e tudo e viemos caminhando até agora.

O trabalho Deus abençoou e no ano 2000 a gente acabou de pagar essa conta. A planilha que nós fizemos para pagar isso aqui eu dei 5.000 parcelado na época, vendi um ar condicionado, foi o que eu pude vender, meus pertences eu vendi pra pagar pra dar entrada. Depois fizemos 12 prestações de 700,00, mais 12 prestações de 1300,00 e no ano 2000 nós terminamos de pagar. Foi mais 04 ou 05 de 1500,00 ou 1600,00, uma média assim, aí acabamos de pagar isso aqui já no ano de 2000. Acabamos de pagar e a minha esposa ficou doente, minha esposa Joselita Vieira Braga, ficou doente com câncer e um ano depois ela morreu, mas já tínhamos acabado de pagar isso aqui. Com a morte dela eu não quis me casar outra vez, passei a aproveitar meu tempo fazendo a obra missionária. Então eu tocava o trabalho aqui e sai abrindo trabalho. Eu abri trabalho em Angra dos Reis, abri trabalho em Resende, abrimos trabalho em Mesquita, então eu visitava essas igrejas, estabelecia obreiros nesses pontos de pregação nessas cidades e eu tocava as sedes aqui e fazia visitas periódicas nos pontos de pregação. Aí nosso trabalho foi crescendo, chegou até o ponto em que hoje nós já estamos com dois trabalhos na cidade de Viçosa, dois trabalhos em Cabo Frio, temos dois trabalhos com terrenos próprios em Angra dos Reis nos bairros de Maçoaba e no bairro da Capiteira dois e eu hoje não estou mais morando direto aqui em Paracambi, eu fico um mês aqui e dois no norte capixaba, aonde eu com nove anos de idade comprei a bíblia, e hoje eu estou lá evangelizando. Hoje eu já comprei um terreninho lá e construímos um salãozinho e agora eu moro lá e fico dois meses evangelizando e um mês aqui que eu sou pastor presidente. Aqui eu faço reunião com os obreiros e volto pra lá para cuidar do meu trabalho lá. Essa é a nossa trajetória até hoje.

- Aqui tem muitas igrejas em todos os bairros, o que o senhor acha que aconteceu para ocorrer esse aumento exponencial de igrejas evangélicas?

Olha isso aí a partir do ministério Alfa e Ômega, teve uma convenção na Bahia em que os pastores tiveram a ideia de criar dez mil campos de trabalho, ou seja, dez mil pastores presidentes, ou seja, desse trabalho aconteceu o ministério Alfa e Ômega. Com o movimento pentecostal que até então era mais Assembleia de Deus, mas como começou tinha gente da Casa da Bênção e eles faziam trabalho também. O movimento pentecostal fazia os trabalhos de libertação, aquelas campanhas tá, então aí começou e cada um fazia, criava um ponto de pregação aqui, outro criava um ponto de pregação ali, às vezes, acontecia de um pastor rebelar contra o outro. Na rebelião quando eu não concordo com você eu abro um novo trabalho e esse foi um dos motivos que aumentou bastante o número de igrejas. À primeira vista, para o homem, a gente até poderia pensar que isso estava errado, mas é um plano de Deus crescer e multiplicar. Que um gosta de ficar em uma igreja que é mais rígida, mas tem outro que gosta de uma igreja que não cobra tanto, mais flexível e esse é um dos motivos que aumentou muito os trabalhos, de igrejas. Algumas coisas até não funcionam bem porque muitas pessoas se intitulam pastores despreparados, não fazem um seminário, não tem capricho de leitura bíblica, não é só um pastor que faz um seminário faz um trabalho certo, mas ele tem que ter compromisso com a bíblia. A bíblia é nosso modelo de fé e prática.

- Então o senhor acha que a expansão aqui se deu por causa do movimento que estava acontecendo no Brasil?

Isso, expansão e crescimento, aproveitando a nossa democracia com liberdade de culto religioso e esse é um dos motivos de expandir muito, mas não só aqui em Paracambi no Rio de Janeiro, mas no país inteiro. Por exemplo, na cidade onde eu moro, lá no norte capixaba, na cidade é Vira Pavão, lá, por exemplo, tem uma assembleia fora a nossa, tem uma igreja batista, tem igreja cristã, é um lugar pequeno, a nossa população deve ter uns 200 habitantes na cidadezinha lá e tem esse monte de igreja, mais a nossa igreja do ministério Alfa e Ômega. A lei do nosso país nos dá direito né, então é um dos motivos que o evangelho cresce por causa dessa liberdade.

- O senhor acha que tem também relação com a questão da cidade ter vivenciado muito desemprego, fechamento das fábricas abertura e fechamentos do Hospital Dr. Eiras?

Entrevistado: Tem também, querendo ou não um pastor quando abre um trabalho ele vai passar a viver naquele trabalho. Não sou contra quem vive do salário da igreja, não é o meu caso, eu sou aposentado com uma pensão e eu não tenho salário da igreja, mas tenho pastores

assalariados. Tem uns que tem salário maior e outros a ajuda de custo é tirada da própria renda que dá uma porcentagem de 10% para ajudar a manutenção dos pastores. A bíblia diz que o obreiro deve viver do seu salário, aproveitando disso aí muitos, infelizmente, se aproveitam pra ter uma vida mais confortável. As pessoas na hora do aperto do desemprego eles vão pedir a Deus e bate numa porta que ora, e a bíblia diz “quem pede recebe e quem busca acha”. Eu por exemplo, sempre fui dizimista, porque o dízimo é bíblico, então eu sempre fui dizimista, eu nunca tive o problema de desemprego, eu entregava um emprego e ia pra outro. Eu sou um dos poucos que trabalhou umas 03 vezes no grupo Gerdau, eu saía e eles chamavam outra vez. Então as pessoas vão e pedem, busca na oração e Deus atende. Aqui mesmo as quintas-feiras nós temos o trabalho de campanha, o que vem de gente aqui trazendo a carteira e pedindo oração e daqui a pouco eles voltam dizendo: “Óh, vim aqui pedir oração e Jesus abriu a porta de emprego”, tem a ver sim, as igrejas buscam e na bíblia diz o que se pede recebe.

Aqui em Paracambi tinham poucas igrejas (evangélicas). Na época em que chegamos aqui, a partir de 1971, foi quando eu ingressei na Assembleia de Deus, nós só tínhamos uma igreja lá do outro lado da estação e tinha um ponto de pregação no bairro Guarajuba que hoje é uma igreja. Então tinham esses pontos de pregação na casa do irmão fulano, irmão beltrano, era cheio de pontos de pregação, igreja formada mesmo só tinha lá para o outro lado da linha. Então de tempo em tempo a gente ia pra Paracambi pras festas, os cultos de doutrinas, na igreja matriz onde era o hospital evangélico, aí com o passar do tempo foi criado, aonde era ponto de pregação passou a ser uma congregação. Eu lembro que tinha lá na Jane Marques a primeira, depois tinha um ponto de pregação aqui na rua Deputado Romeu Natal que a gente chama de rua 10 também, lá no Guarajuba era rua são Sebastião hoje é rua Agostinho Valério de Souza já é igreja. A assembleia de Deus também tinha uma coisa de fazer igreja na última rua e no final da última rua, então hoje a igreja está no centro porque foi comprovando em volta e foi crescendo a população. Então de lá virou uma igreja também e tinham outros pontos de pregação que depois não conseguiram, no banco de areia era um ponto de pregação, na época tinha só uma assembleia do campo do Agostinho Valério, antes só tinha Batista, presbiteriana, congregacional e a igreja cristã, isso em 1969, quando eu mudei pra cá só tinham essas igrejas. Óh, só tinha a igreja batista perto do hospital de Lages, na época era o pastor Arantes, tinha congregacional indo ali para o lado da Chacrinha por dentro atrás do banco Itaú parece, tinha a igreja cristã ai depois do Xavier. A igreja presbiteriana não tinha e depois de 1969 é que ela começou com um culto num ponto de pregação e compraram um

terreno e fizeram a igreja presbiteriana. Antes da década de 1970 só tinha uma assembleia matriz e as igrejas do centro só. Tinha a do Agostinho Valério de Souza, tinha a metodista aonde quando a gente está saindo de Paracambi a gente passa na frente dela, tinha a congregacional no jardim em Paracambi, só tinham essas igrejas e a igreja católica na época em Paracambi.

Em Paracambi agora eu não sei nem contar quantas igrejas têm, só em Paracambi. Aqui em Lages, pra nós falarmos de quantas igrejas têm nós vamos ter que pegar um caderno pra começar anotar e é capaz de você achar mais de 150 se bobearmos. Aqui já tivemos também o movimento “Paracambi para Cristo”, que por um lado foi bonito, mas por outro lado foi política, é poder, porque quem comanda o tal do movimento para os políticos ele é o cara né, e é isso que o homem gosta, de poder. Então o Paracambi Para Cristo tem uma parte boa, mas tem aqueles que tiraram proveito do movimento, como todos os tipos de movimentos têm aqueles que tiram proveito né. Uma associação de morador, um Paracambi Para Cristo, como nós tivemos no passado um festival de música evangélica em que a música tinha que ser inédita, eu participei do movimento, eu cantei uns dois hinos não tive nem classificação, mas tive a participação. Então tinha isso aí que era um calendário aqui na nossa cidade em 1972, 1975 pra cá que teve esse festival de música evangélica e quem começou com isso foi o pastor Guarin. Ele criou uma diretoria, a pessoas se inscreviam e ganhava prêmio, quem ganhasse em primeiro lugar, segundo e até o terceiro lugar. Então, a música tinha que ser inédita, aí fazia a música, gravava na fita k7 porque era naquela época, e os músicos não cobravam nada, você ia corrigir minha música e não cobrava nada era de graça, então fazia tudo direitinho, era a música inédita, eu cantava, ensaiava, e no dia marcado, porque tinha um calendário né, apresentava. Eu participei de uns dois festivais, era anual e antes do movimento Paracambi Para Cristo, aí depois entrou o “Paracambi Para Cristo” e foi tomando conta de tudo, e aí desapareceu o festival de música evangélica.

- E o que o “Paracambi para Cristo” tinha de positivo?

É porque juntava o povo né, juntava o povo pra unir o povo também, porque se você não tem o povo unido você não tem força. Para você ter o povo junto, tipo uma associação, e essa pessoa que presidia o Paracambi para Cristo ele tinha um poder já né, um respeito político e mais aquela coisa de união das pessoas né.

- E o senhor acha que esse movimento contribuiu para o aumento dos evangélicos na cidade?

Ah, contribuiu sim, contribuiu sim, ajudou muito. Porque despertou a mente de muitas pessoas, pra você ter uma ideia, eu não vou citar nomes, pessoas que trabalhavam com a gente que era lá do outro lado da estação, irmão jovem da época, entrou para esse movimento e viraram pastores também. Eu não sei se estão pastoreando, mas eles foram pregar, se formaram incentivados também por esse movimento. E é aquilo que eu volto a dizer, pode ser que não concorda muito com o ritual da Assembleia e tal aí foram lá para o lado da Congregacional, porque a maior força do “Paracambi para Cristo” era do pessoal lá da Congregacional, era mais de lá, é isso.